



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA**

**DIOGO GONZAGA TORRES NETO**

**A Ética Protestante e o Espírito da Amazônia: Os escritos, pensamento e obra  
missionária adventista de Leo B. Halliwell**



**Manaus – AM  
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA**

**DIOGO GONZAGA TORRES NETO**

**A Ética Protestante e o Espírito da Amazônia: Os escritos, pensamento e obra missionária adventista de Leo B. Halliwell**

Tese de doutorado apresentada aos membros da Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas para obtenção do título de doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa 1: Sistemas simbólicos e manifestações socioculturais, sob a orientação da Professora Doutora Iraildes Caldas Torres.

**Manaus – AM  
2019**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

T693é Torres Neto, Diogo Gonzaga  
A Ética Protestante e o Espírito da Amazônia : Os escritos,  
pensamento e obra missionária adventista de Leo B. Halliwell /  
Diogo Gonzaga Torres Neto. 2019  
2011 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Iraíldes Caldas Torres  
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -  
Universidade Federal do Amazonas.

1. Halliwell. 2. Sociologia missionária. 3. Antropologia. 4. Religião.  
5. Literatura Menor. I. Torres, Iraíldes Caldas II. Universidade  
Federal do Amazonas III. Título

## **DIOGO GONZAGA TORRES NETO**

### **A Ética Protestante e o Espírito da Amazônia: Os escritos, pensamento e obra adventista de Leo B. Halliwell**

Tese de doutorado apresentada aos membros da Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas para obtenção do título de doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa 1: Sistemas simbólicos e manifestações socioculturais, sob a orientação da Professora Doutora Iraildes Caldas Torres.

Aprovado em 04 de Julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA, tendo decidido aceitar a tese, passou à arguição pública do doutorando. Encerrados os trabalhos, os examinadores expressaram o seguintes parecer.

**Profa. Dra. Iraildes Caldas Torres**  
Universidade Federal do Amazonas  
***Parecer: APROVADO***

**Prof. Dra. Rosa Ester Rossini**  
Universidade de São Paulo  
***Parecer: APROVADO***

**Prof. Dr. Ricardo Gonçalves Castro**  
Instituto de Teologia, Pastoral e Ensino Superior da Amazônia  
Faculdade Salesiana Dom Bosco  
***Parecer: APROVADO***

**Prof. Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas**  
Universidade Federal do Amazonas  
***Parecer: APROVADO***

**Prof. Dr. Odenei Ribeiro de Souza**  
Universidade Federal do Amazonas  
***Parecer: APROVADO***

**Parecer Final:** *A banca examinadora considera a relevância do tema, aprova a tese e recomenda revisão cuidadosa de aspectos formais.*

Dedico esta tese à minha esposa Lindsay e aos meus filhos Yoseph e Hadassa. Pessoas importantíssimas de minha vida.

Dedico *in memoriam* aos mestres da vida  
Irineu de Carvalho (IAAI),  
Aristonildo Chagas (UFAM)  
Joana D'Arc Ribeiro (INPA).  
Verdadeiros missionários  
que marcaram minha trajetória.

## AGRADECIMENTOS

Este é um dos momentos que eu tenho receio de cometer injustiça. O momento de agradecer é um momento em que assumimos que temos uma eterna dívida, que não pode ser paga ainda que sejam nossos maiores esforços em retribuir.

Agradeço a Deus, o *Logos* que estava no *arché*, criador do *cosmos* e da *physis*, estava com D'us e era D'us (Deus, Jesus, Espírito Santo, Tupana, Allah, YHWH), por ter me permitido estar com vida e saúde, por ter me dado ânimo para enfrentar muitas adversidades, enfermidades decorrentes do estresse doutoral e limitações físicas decorrentes de acidente e da tristeza profunda. Obrigado pela superação aos acidentes automobilístico, a saber: primeiro com a minha pessoa no início do doutorado e agora no final, a minha esposa, enfim foram apenas perdas materiais.

Agradeço a minha família, em destaque minha esposa Lindsay que é meu apoio emocional, meu refúgio em meio ao temporal, o amor da minha vida, a melhor página de minha biografia. Suportou minha ausência e carregou sozinha o fardo do lar para que eu pudesse estudar na cidade de Manaus e sempre ter proporcionado à nossa casa um lar aprazível juntamente com meus filhos Yoseph e Hadassa Torres que aguentaram a distância, a saudade e minha ausência quando queriam brincar. Destaco que quando outrora iniciei o doutorado eram crianças e agora são pré-adolescentes. Perdoem o papai;

Um agradecimento especial eu devo a Profa. Dra. Iraildes Torres que me aceitou como orientando, mesmo eu tendo inúmeras limitações. Obrigado pelas orientações e todas as vezes que abristes sua casa e seus acervos para eu melhorar minha escrita. Muito obrigado por ter aberto mão de seus momentos de descanso e de nunca ter desistido de mim. Com eterno apreço;

Aos meus sogros pelo suporte logístico, financeiro e residencial durante o período de disciplinas, reuniões do Gepos e Eventos na UFAM. Minha sogra Risoleide que ajudou minha esposa e foi uma segunda mãe nesse período de pesquisa, maldito seja aquele que fala mal da sogra;

Aos meus cunhados Sérgio Júnior e sua esposa Karla, Denny Mesquita e Adriana. Em especial ao Erick Rodrigo, meu consultor de cultura pop pós-moderna na Amazônia, por me representar muitas vezes junto à UFAM em virtude da distância geográfica entre Cacoal-RO e Manaus-AM;

Ao meu primo Celso Torres, amigo mais chegado que o irmão, ele foi a primeira pessoa que me instruiu no caminho dos eventos acadêmicos, ele é uma figura e juntos já irritamos muitas faculdades com nossas aulas e palestras. Com apreço;

Ao casal de primos Dina e Anibal Torres que me suportaram muitas vezes minhas “visitas”, registro meu eterno agradecimento pelas caronas e ajudas no trânsito manauara, por ter-me deixado em casa são e salvo muitas vezes. Agradeço ainda pelo apoio espiritual e fraternal e pelo exemplo desmedido que demonstraram em caridade cristã;

Aos meus pais Luiz Sydney dos Santos Torres e Anildes Araújo de Castro Torres pelo privilégio de me conceder os estudos e hoje ser eu o primeiro de toda a família, a ser submetido a avaliação pública de tese doutoral. Obrigado pelo suporte financeiro, pelos almoços improvisados quando eu chegava sem avisar, pelos momentos de descanso em casa paternal. Agradeço minha mãe que segurou minha mão por quilômetros até chegar à escola. Ao meu pai que me ensinou a honestidade e a prosseguir nos estudos;

Aos professores missionários do Instituto Adventista Agro-Industrial que me conduziram na primeira colação profissional em Técnico em Agricultura. Agradeço ainda a todos os professores que passaram em minha vida, das graduações de Administração e Filosofia, do Mestrado e agora do Doutorado;

Ao pastor Josafá da Silva Oliveira, diretor do Centro de Pesquisa Ellen G. White e diretor do Centro da Memória Adventista e Museu Leo Halliwell, da Faculdade Adventista da Amazônia - FAAMA, na cidade de Benevides, no Estado do Pará. Registro o meu muito obrigado pela cortesia e recepção cristã, agradeço ainda pelo acesso ao acervo do museu, à lancha Luzeiro I, aos documentos e fotografias que ilustram boa parte dessa pesquisa, e aos dados e escritos que ajudaram a confirmar nossas informações;

A AAmAR nas pessoas do Wiglife Saraiva presidente da IASD no Amazonas e Roraima, e da Fazenda Centenário, berço do adventismo no Amazonas. Obrigado pela disponibilidade dos funcionários da AAmAR que prontamente me atenderam.

Registro ainda minha gratidão ao pastor Marcelo Miranda, o tuxaua espiritual da comunidade Sahu-Apé, que nos disponibilizou a última entrevista com a Tuxaua Baku. Obrigado pelas informações e pela oportunidade de me receber em seu escritório na cidade de Porto Velho. Agradeço pelas orações e conselhos, por ter disponibilizado seu acervo etnológico pessoal e outras informações de tradição oral sobre Halliwell;

Aos amigos do doutorado que deixam saudades nas aulas e na correria dos trabalhos de equipes. Obrigado por terem acreditado nos *escritos interdisciplinares* que publicamos no Brasil e no exterior, além de outras coletâneas. Obrigado pela honra de tê-los como amigos;

Aos amigos e amigas do GEPOS pela alegria, companheirismo e acima de tudo a troca de experiência científica e de vida. Aprendi muito, já não sou mais o mesmo depois de cinco formações e diversas reuniões e eventos com vocês.

Agradeço a pesquisadora Viviane Rocha que ajudou na intermediação, não mediu esforços para ajudar, scanear, imprimir e revisar a formatação fez toda a rede para que esse momento fosse possível. Meu eterno apreço e gratidão.

Aos amigos que me socorreram com seus acervos e assessoria científica: Dra. Shirley Cintra e seu esposo pela disponibilização do acervo sobre a Amazônia. Agradeço ainda os momentos de análise e discussão científica dos trabalhos e artigos publicados. Ao Dr. Yomarley Holanda pelo apoio na metodologia histórica, análise do discurso da criatividade nos trabalhos de equipe.

Ao colega Rooney que contribui com a bibliografia complementar, pelas inúmeras vezes que me assessorou e intermediou quando pedia a comunicação.

A Alessandra que ajudou no escaneamento das correções a ponto de eu receber em tempo real as observações a serem consideradas.

À minha universidade UFAM que me ensinou tudo e proporcionou o início do magistério, como professor substituto, e agora estou professor na UNIR. Obrigado UFAM pelas duas graduações, pelas especializações, pelo Mestrado e agora o Doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, que me proporcionou durante quatro anos um mundo de informações e possibilidades através das pesquisas, cursos e acervos e um corpo docente de notáveis da Amazônia.

Muito obrigado!

**Diogo Torres**

“Quem salva uma vida salva o mundo inteiro”  
**Talmude**

## RESUMO

Este estudo assume o propósito de verificar em que sentido a presença de Leo B. Halliwell na Amazônia é revestida de propósitos de expansão da fé protestante, sob os nexos do capital, tendo por estratégia a assistência social de saúde aos povos tradicionais da região. Os missionários protestantes da Amazônia saem da clandestinidade em 1810, mas somente em 1824 chegam as primeiras missões à região. Os adventistas do sétimo dia (IASD), chegam tardiamente, quase cem anos depois dos compatriotas americanos, evangelizando inicialmente através da colportagem. Somente em 1928 que a missão adventista na Amazônia ganha vigor com a chegada do casal Jessie e Leo B. Halliwell, que atuaram na área geográfica que envolve a região norte e nordeste do Brasil, cujas experiências geraram dois livros em inglês. Por meio de uma interpretação do texto de Halliwell dentro do seu contexto histórico à maneira de Ricoeur, discutimos os feitos desse viajante, apontando vários pontos de conexão com os saberes amazônicos. O trabalho de campo foi realizado nas cidades de Manaus e Belém, onde está localizado o Museu Leo Halliwell. Os dados secundários por meio de cotejamento, concentrado em dois livros de Halliwell, publicados em língua inglesa, cujos os relatos serviram como dados de campo, fundamentais à nossa pesquisa, que seguiu o método da hermenêutica. Dentre os múltiplos aspectos constatados ficou claro que os escritos de Halliwell possuem ligação com temas universais da humanidade como é o caso dos registros dos mitos dos povos tradicionais, práticas tradicionais de cura, a *protopraxis* da cura do corpo para receber a mensagem do evangelho cristão dentre outros. Trata-se de um viajante humanista que registra a prática missionária adventista, através da criação da lancha Luzeiro I, para levar saúde às pessoas ao longo das margens do rio Amazonas. Após 30 anos de Amazônia, o casal Halliwell pensava e sonhava em língua portuguesa, seus costumes haviam mudado, o evangelismo tornou-se secundário, o bem estar social das pessoas era muito importante. O congresso nacional brasileiro em 1959, outorgou ao casal Leo e Jessie Halliwell a Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul, e hoje a Amazônia é a região com mais membros do adventismo do sétimo dia no mundo.

**Palavra-Chave:** Halliwell, Sociologia missionária, Antropologia da religião, Literatura menor

## ABSTRACT

This study assumes the purpose of verifying in what sense the presence of Leo B. Halliwell in the Amazon is lined with purposes of expansion of the Protestant faith, under the nexus of the capital, with the strategy of social health care to the traditional peoples of the region. The Protestant missionaries of the Amazon came out of hiding in 1810, but it was only in 1824 that the first missions arrived in the region. Seventh-day Adventists (SDA) arrive late, almost a hundred years after their American compatriots, evangelizing initially through canvassing. It was only in 1928 that the Adventist mission in the Amazon came into force with the arrival of the couple Jessie and Leo B. Halliwell, who worked in the geographical area that surrounds the north and northeast of Brazil, whose experiences generated two books in English. Through an interpretation of Halliwell's text within its historical context in the manner of Ricoeur, we discuss the achievements of this traveler by pointing out various points of connection with the Amazonian knowledge. Fieldwork was carried out in the cities of Manaus and Belém, where Leo Halliwell Museum is located. The secondary data by means of collating, concentrated on two books by Halliwell, published in English, whose reports served as field data, fundamental to our research, which followed the method of hermeneutics. Among the manifold aspects it has become clear that Halliwell's writings are connected with the universal themes of humanity, such as the records of the myths of traditional peoples, traditional practices of healing, the protopraxis of healing the body to receive the message of the Christian gospel from among others. He is a humanist traveler who records Adventist missionary practice through the creation of the Luzeiro I boat to bring health to people along the banks of the Amazon River. After 30 years of Amazonia, the Halliwell couple thought and dreamed in Portuguese, their customs had changed, evangelism became secondary, the social welfare of the people was very important. The Brazilian national congress in 1959 awarded the couple Leo and Jessie Halliwell the awarded with Medal Order of the Southern Cross, and today the Amazon is the region with the most members of Seventh-day Adventism in all the world.

**Keyword:** L.B. Halliwell, Missionary Sociology, Anthropology of Religion, Minor Literature

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** Mapa do País das Amazonas e Brasil. 1705
- Figura 2** Cerâmica Marajoara. Museu do Forte do Presépio. Belém, 2018.
- Figura 3** Vista de Mauritsstat (Cidade Maurícia atual Recife) em 1645.
- Figura 4** As guianas
- Figura 5** Guinas Inglesa, Francesa, Holandesa e Portuguesa.
- Figura 6** Aldeia Aruaque, nação indígena nativa da atual Guiana Francesa e Suriname (esquerda). Estrutura da moradia aruaque (direita)
- Figura 7** Barco missionário “The Morning Star” no Rio Mississipi, pilotado por James Edson White.
- Figura 8A** 8A. Morning Star, 1905. 8B Morning Star e os negros - Pintura de Harry Anderson (1906-1996).
- 8B** Morning Star Pintura de Harry Anderson
- Figura 9** Chegada do vapor Morning Star, o mesmo tornou-se centro da igreja. of church work for Blacks.
- Figura 10** Morning Star (Estrela D’Alva) – 1895, primeiro barco missionário adventista e também primeira escola adventista em 1895.
- Figura 11** Uma tumba solitária. *In* Del Roraima al Orinoco. p.121. 1923
- Figura 12** Hans Mayr e Mercedes (Johana Luise Bräuer), Recém-casados.
- Figura 13** André Gedrath, no dia em que foi solto, 1931.
- Figura 14** o 2ª barco missionário adventista construída em 1930: O mensageiro
- Figura 15** Colportor Pedro Kettle e sua esposa Nair em viagem de Colportagem pelo rio Purus
- Figura 16** Embarcações do Amazonas e do Rio Madeira coberta, batelão, igarité, montaria.
- Figura 17** Benjamim, fabricado em 1905 (USA), aguarda desde 1995 o retorno às águas como restaurante flutuante.
- Figura 18** Navio a vapor Justo Chermont. Fabricado em 1895 na Inglaterra, conduziu Ferreira de Castro (A Selva) em sua viagem pela Amazônia em 1911 e participou de filmes, miniséries e documentários.
- Figura 19** Inauguração da Lancha Luzeiro, 4 de julho de 1931.

- Figura 20** Viaje inaugural da Luzeiro, 4 de julho de 1931.
- Figura 21** Luzeiro I no Museu Leo Halliwell
- Figura 22** Mapa da América do Sul dividido segundo a ótica missiológica da IASD, indicando a geografia de atuação para implantação da Igreja Adventista na América do Sul, ou a Divisão Sulamericana.
- Figura 23** Luzeiro I, construída em 1931 para serviços médico-missionários na Amazônia.
- Figura 24** Relógio Municipal de Manaus, importado da Suíça e implantado em 1927.
- Figura 25** Casal Leo e Jessie Halliwell, na despedida em 1958
- Figura 26** Luzeiro I, 1931
- Figura 27 A** Hospital Adventista de Manaus  
**27 B** Hospital Adventista de Belém.
- Figura 28** Luzeiro XXVIII, Parceria do Hospital Adventista de Manaus e Consulado do Japão
- Figura 29** Primeira injeção aplicada na Luzeiro.
- Figura 30** Bebê de cinco meses no colo da Sra. Jessie Halliwell, único sobrevivente na casa dos mortos
- Figura 31** No canto inferior direito, criança de 10 anos como única sobrevivente da epidemia malária, dentro a família estava morta.
- Figura 32** Jessie Halliwell ao lado da última de seis crianças da casa
- Figura 33** Os novos missionários e a Luzeiro II ao lado da Luzeiro I
- Figura 34** Parada das lanchas Luzeiros I a IV com os novos missionários
- Figura 35** Jessie Halliwell aplicando injeção em paciente
- Figura 36** Comunidade de adventista da Amazônia
- Figura 37** Fitzcarraldo e a Victrola
- Figura 38** Querino, o índio que aceitou a Jesus como seu salvador após ouvir a música “Jesus Salva
- Figura 39** Tuxaua Sateré-Mawé que solicitou ao Pr. Leo Halliwell a instalação de uma escola em sua aldeia.
- Figura 40** Matriarca Tereza Silva (Esquerda) e Tuxaua Baku (direita), clã Gavião
- Figura 41** Em 1927, estabelecimento do coração da Amazônia como alvo missionário da IASD para o século XX
- Figura 42** Em 2019 a janela 10/40 (em vermelho) como alvo missionário para século XXI

- Figura 43** Líderes do Clube de Desbravadores Pioneiros do Marco, nas ruínas da primeira igreja adventista do Norte do Brasil fundada pelo casal Halliwell.
- Figura 44** Manaus: a casa da cobra
- Figura 45** Cobra-Canoa ou Canoa de Transformação, mito Dessana
- Figura 46** Cobra Canoa na versão Tukano
- Figura 47** Representação da Cobra-grande do mito Tukano. Rio Uaupés, Amazonas
- Figura 48** Casal Halliwell em palestra apresenta a pele da sucuri (*Eunectes murinus*)
- Figura 49** Iara. A Amazônia no fabulário e na arte. Arte de Gastão de Bettencourt
- Figura 50** Mística Marajoara
- Figura 51** Leo e Jessie Halliwell em atendimento médico no período de cheia
- Figura 52** Cigarra (Hemiptera)
- Figura 53** O guaraná
- Figura 54** Representação carnavalesca do *Sehayporil*: Nessa arte de da lenda do guaraná associando com a narrativa judaica-cristã pela Escola Virtual Amazônica - EVA.
- Figura 55** Cuia Sagrada contendo o Sakpó feita pela etnia Sateré-Mawé
- Figura 56** Leo e Jessie Halliwell se despedem da Luzeiro
- Figura 57** Pastor Walter Streithrost sucessor de Leo B. Halliwell
- Figura 58** Luzeiro II
- Figura 59** Luzeiro III
- Figura 60** Luminar II
- Figura 61** Pioneira I
- Figura 62** Luzeiro do Araguaia
- Figura 63** Samaritana
- Figura 64** Luzeiro do Sul
- Figura 65** Luzeiro V
- Figura 66** Luzeiro XXVI
- Figura 67** Luzeiro XXVIII
- Figura 68** Luzeiro 2000
- Figura 69** Luzeiro XXIX
- Figura 70** Luzeiro da Amazônia I e Cataramã – Luzeiro da Amazônia II
- Figura 71** Luzeiro III

- Figura 72** Casal Halliwell à direita, sendo notificados pelo Dr. E.M Berger à esquerda que seriam que o Brasil lhes havia outorgado a Ordem do Cruzeiro do Sul pelos trabalhos humanitários ao longo do Rio Amazonas e seus 37 anos de missões no Brasil
- Figura 73** Jessie e Leo Halliwell usando no peito a medalha da Ordem do Cruzeiro do Sul e recebendo a diplomação das mãos do Dr. Paulo Monteiro de Lima.
- Figura 74** Jessie Halliwell cuidando de infecção de ouvido.
- Figura 75** Última foto de Leo e Jessie Halliwell (de chapéus) no Brasil
- Figura 76** Avião Leo Halliwell. Rio Amazonas, 1964?

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

- Tabela 1 Crescimento Missionário na Amazônia brasileira.
- Tabela 2 Último Relatório de Halliwell (1954)
- Quadro 1 Principais doenças e procedimentos tradicionais registrados por Halliwell.
- Quadro 2 Medicamentos e procedimentos utilizados no início do projeto Luzeiro.
- Quadro 3 Lanchas médico-missionárias inspiradas na Luzeiro.
- Quadro 4 Algumas lanchas do Projeto Luzeiro e Projeto Luzeiro da Amazônia.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAMAR – Missão Associação Amazônia Roraima  
ACEAM – Missão Associação Central Amazonas  
ADRA – Agência de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais  
AM – Estado do Amazonas  
ASA – Assistência Social Adventista  
ASuR – Missão Associação Sul de Rondônia  
ASVAM – Assistência Social Voluntária da Amazônia  
CAB – Colégio Adventista Brasileiro  
CPB – Casa Publicadora Brasileira  
DAS – Seventh-Day Adventists  
DSA – Missão Divisão Sul Americana  
GC – General Conference  
HM – Home Missionary  
IAAI – Instituto Adventista Agro-Industrial  
IASD – Igreja Adventista do Sétimo Dia  
INPA – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia  
PA – Estado do Pará  
RA – Revista Adventista  
RH – Review and Herald  
SESP - Serviço Especial de Saúde Pública  
SPI – Serviço de Proteção ao Índio.  
SUS – Sistema Único de Saúde  
TI – Terra Indígena.  
UFAM – Universidade Federal do Amazonas  
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora  
UFPA – Universidade Federal do Pará  
UNB – União Norte Brasileira  
UNIR – Fundação Universidade Federal de Rondônia  
UNoB – Missão União Noroeste Brasileira  
USP – Universidade de São Paulo  
ZFM – Zona Franca de Manaus.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>CAPÍTULO I – LABIRINTO DE SELVA E ÁGUA: APRESENTANDO O CAMPO DA PESQUISA</b> .....	26
1.1 Um breve sobrevoo sobre a Amazônia .....	26
1.2 As primeiras embarcações: do rio Mississipi para o rio Amazonas .....	41
1.3 Luzeiro: Uma síntese do saber naval amazônico .....	55
<b>CAPÍTULO II – LEO B. HALLIWELL: UM MISSIONÁRIO DO SÉCULO XX</b> ....	69
2.1 Leo Blair Halliwell: Um norte americano na Amazônia .....	69
2.2 Leo B. Halliwell e as viagens missionárias assistencialistas pelos rios .....	77
2.3 A lancha Luzeiro I e as assistências médico-missionárias nos rios da Amazônia. ....	83
<b>CAPÍTULO III – O CORPO, A CORPOREIDADE E A CORPORACÃO: UMA VISÃO HOLÍSTICA DA ALMA</b> .....	98
3.1 O corpo e a mensagem adventista.....	98
3.2 As gentes da Amazônia .....	116
3.3 Da cura do corpo a corporação .....	132
<b>CAPÍTULO IV – AS ENTRELINHAS DO ENCANTO: OS SONS DO CANTO AOS MEANDROS DO CONTO</b> .....	139
4.1 Os seres encantados e os mistérios: facetas do sobrenatural amazônico ....	139
4.2 O canto e o conto da floresta .....	153
4.3 A conversão de Halliwell e o legado das águas .....	162
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	178
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	182
<b>ANEXOS</b> .....	190

## INTRODUÇÃO

O tema sobre as narrativas protestante na Amazônia no trecho fluvial especificamente entre Manaus até Belém, é um vasto campo de pesquisa no âmbito da formação do pensamento social na Amazônia. As primeiras informações sobre o Novo Mundo incluindo a Amazônia foram elaboradas em forma de crônicas, listas ou relatórios que eram escritos por religiosos do catolicismo que era a religião oficial do ocidente, até surgirem outras religiões com a reforma protestante de 1517 e posteriormente o reconhecimento dessas religiões. É, pois, no limiar do século XX que outras religiões de matrizes cristãs, entre elas o protestantismo estendeu suas ações na Amazônia. O protestantismo na Amazônia é pouco visibilizado nos escritos sobre a formação social da Amazônia, em razão talvez, da hegemonia católica que estabeleceu historicamente nos escritos de viajantes. Os adventistas fazem parte de uma nova geração de crentes, com novas identidades que assumiram um propósito de evangelizar em outros países, incluindo a Amazônia que possuía autonomia econômica e comercial, em virtude da economia gomífera do lucro trazido pela hévea e da abertura dos portos a todas as nações amigas.

Esta pesquisa assume o propósito de verificar a emergência do adventismo na Amazônia, tomando por base com a ação social protagonizado por Leo B. Halliwell, estrangeiro norte americano que realiza o projeto de consolidação do protestantismo adventista na região, sob os auspícios da expansão capitalista na região. Busca-se estabelecer um diálogo interdisciplinar entre a filosofia, sociologia e antropologia para melhor desenvolvimento da reflexão empreendida.

O nosso interesse pelo tema se dá em virtude do censo demográfico ter comprovado o fato de ser a região norte do Brasil o local que mais possui adventistas do sétimo dia no mundo, mais que a localidade de origem nos Estados Unidos, possuindo inúmeros templos, escolas e hospitais. Um segundo aspecto que chama a atenção é que a presença dos adventistas na Amazônia geraram escritos e narrativas passíveis de estudos e análises na academia, pois Leo Halliwell e sua esposa a enfermeira Jessie Halliwell, foram os únicos protestantes a receberem a medalha comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul, por seus relevantes serviços de assistência e promoção à saúde durante 30 anos de missão na Amazônia.

Discorrer sobre a presença de missões protestantes na Amazônia supõe que visualizemos o cenário da história da arte desse tempo, como ponto de partida de nossa pesquisa! Dentre os protestantes de missão que primeiro se destaca é a Igreja Metodista que por primeiro se instalou oficialmente na região Norte brasileira, seguido das instalações das missões batistas na Amazônia que, à maneira dos metodistas e presbiterianos, espalhavam a bíblia e a pregação em busca de novos conversos.

As missões adventistas buscaram realizar ação de saúde básica às populações “carentes” da Amazônia profunda, antes de espalhar a bíblia e o pastoreio das almas. Esse tema da evangelização da fé cristã protestante e sua expansão na Amazônia é pouco explorado e pode ser concedido pela via da perspectiva “Menor”, proposto por Deleuze e Guattari (2007), que é aquela prática que assume sua marginalidade em relação aos papéis que uma minoria assume numa língua maior que é modificada “por um forte coeficiente de desterritorialização” (Ibidem, p.25 ).

Os escritos de Halliwell sob a perspectiva “menor” assume o realismo na literatura, não só por descrever a realidade de forma verossímil e engajada, mas por ser em si mesma uma prática social que intervém na realidade de forma concreta. Mesmo o autor Obtendo a comenda “Ordem do Cruzeiro do Sul” (reconhecimento máximo de um estrangeiro pelo Estado brasileiro), seus livros possuem caráter menor é aquela prática minoritária, que faz emergir o índio, o caboclo/ribeirinho, os mitos e as gentes das cidades amazônicas, ou seja, “é a voz de quem fala fora do lugar ou de quem aceita e assume o não-lugar com seu deserto” (Ibidem, p. 28,29)

Santos (2000) ao se referir a uma sociologia das ausências, considera possível elucidar certos temas que ficaram na sombra ou que foram silenciados no curso da história. É também esse mesmo autor que fala em uma sociologia das emergências, na qual as vozes são ouvidas, os registros aparecem, os corpos tomam formas, o mudo passa a falar, o invisível transcende aos nossos olhos. Conforme salienta Elias (2000), as pessoas estão ligadas umas às outras de várias formas como se fossem elos invisíveis, mutáveis e adaptáveis, ou seja, tão fortes como os elos de uma cadeia ou grilhões, mas flexíveis e invisíveis, mutáveis e adaptáveis ou seja e ainda tão fortes como o ferros de uma algema que é uma

relação de poder tais elos pois, pois são mais elásticas, mais variáveis, porém não menos reais e menos fortes (ELIAS, 2000, p.23).

A religião como um todo reserva um espaço à discussão do transcendental, do sagrado, numa tentativa de desenvolver esses temas em campos tênues, mas que dá sentido o sentido da vida, por isso ela tem um papel importante na vida das pessoas. A religião possui o sentido de religar o sujeito com a divindade, com o transcendente. Ela proporciona chegar até o Eterno, para usufruir do bem-estar espiritual, o bálsamo e alívio para a alma.

A religião é, antes de mais nada, uma doutrina da unidade: a figura de Deus que em sua realidade superior se apresenta uno, na posição de Criador, Senhor e fim último do universo e do ser humano no universo. É um método de unificação que se legitima por ser um caminho sacramental, um elemento que possibilita a salvação, com seus signos, motivações espirituais (GEERTZ, 1978: 104-105).

A religiosidade humana é um aspecto intrínseco do ser humano, pois não existem comunidades/sociedades desprovidas de religião e cultura. Ao examinar o efeito de um grupo religioso sobre o espaço geográfico da Amazônia, estuda-se a sua cosmovisão que se opõe ao pensamento colonial. O primado ontológico social da religião em Durkheim (2003, p.211), é primaz para compreendermos os povos amazônicos, pois “não existe religião que não seja uma cosmologia ao mesmo tempo que uma especulação sobre o divino”. O autor, introduz aqui na sua época, a originalidade das representações (coletivas e concretas), abrindo caminho para os estudos do imaginário coletivo, pois a religião é criação coletiva, não há religião individual. A religião é a imagem da sociedade, ela é idealizada, mas se não tiver suas raízes fincadas na realidade, não resistiria ao tempo e se tornaria irreal, caduca.

A pesquisa na universidade brasileira tem avançado no que concerne aos estudos do protestantismo, principalmente no grupo de estudos da religião e cultura na USP e do curso de Ciência da Religião da graduação ao doutorado da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF; nas universidades confessionais como a Pontifícia Universidade Católica – PUC, universidades metodistas, presbiterianas e adventistas. Também nas universidades da região Norte como a Universidade Federal de Roraima – UFRR, Universidade Federal do Pará – UFPA, Universidade

Federal do Amazonas – UFAM e outras, há um importante trabalho voltado para a pesquisa de campo, em que o fenômeno religioso é estudado nas festas, nos ritos e nos mitos, mostrando-se uma riqueza cultural, envolvendo o imaginário e as representações do simbólico local, como constructo universal.

Ao longo dos anos os primeiros convertidos à religião adventista no Amazonas deram-se entre a família Michiles e os indígenas Sateré-Mawé no município de Maués, no Amazonas. Há que se destacar que já foram estudados junto ao PPGSCA os temas envolvendo a Eunice Michiles, a primeira senadora do Brasil, e a Zelinda da Silva Freitas, a Tuxaua Baku, neta do guerreiro Quirino, e que foi influente liderança Tuxaua junto aos Sateré-Mawé. Essa indígena foi batizada por Leo B. Halliwell, objeto deste estudo.

Estudamos a Amazônia nos escritos de Halliwell e as relações complexas da religião protestante em tema “menor”, no sentido deleuze-guattariano, não medindo competição com os grandes viajantes e imortais que o antecederam. Apresentamos o viajante Leo B. Halliwell como uma voz em favor das populações tradicionais no contexto da assistência à saúde, cujos esforços foram reconhecidos pelo congresso brasileiro que concedeu a Halliwell e sua esposa a medalha da Ordem do Cruzeiro do Sul.

Da experiência de Halliwell de trinta e sete anos de serviço missionário, trinta foram dedicados ao trabalho pioneiro da lancha médico-missionária Luzeiro I, que navegou pelos “labirintos, misto de selva e água”. A Amazônia descrita por Halliwell nesses trinta anos, iniciados em meados de 1928 e finalizados com sua passagem de comando da Luzeiro em 1958, inspirou o surgimento de duas obras autorais. A primeira, publicada em Nashville, no ano de 1945, a qual segue a metodologia de relatórios missionários, que lembram um pouco os diários de campo feitos por antropólogos. Nesses escritos o autor mostra as diversidades de situações vividas do missionário junto aos povos da Amazônia. A segunda obra, *Light in the Jungle*, publicada em New York em 1959, um ano após o retorno para os Estados Unidos, retrata um Halliwell mais experiente, não mais na Amazônia fisicamente, mas da Amazônia contida na saudade, cujos ribeirinhos carecem de ajuda. Em outras palavras, trata-se mais de um livro de memórias, carregadas de desafios, aventuras e curiosidades, para que, se possível, pudesse incendiar o espírito e o amor dos jovens para com os semelhantes, incentivando assim novos voluntários

para os serviços missionários. O casal Halliwell, por essa ocasião, não ficou sozinho entre os rios da Amazônia; seu exemplo inspirou a vinda de mais voluntários, e logo já havia uma frota de lanchas, com pastores, médicos e outros profissionais. Em 1979, a editora Casa Publicadora Brasileira lança o livro intitulado Leo Halliwell na Amazônia, de autoria da missionária Olga S. Streithorst, que foi testemunha ocular das viagens do casal Halliwell, além de ter recebido a importante missão de dar continuidade aos trabalhos médico-missionários junto às populações da Amazônia, por ocasião da aposentadoria do casal e seu conseqüente retorno aos Estados Unidos.

Este estudo assumiu o aporte metodológico da abordagem interdisciplinar, assumindo um processo de ir e vir das questões abordadas, privilegiando o tratamento qualitativo no confronto dos dados com a teoria, sem, contudo, excluir os aspectos quantitativos. O trabalho de campo foi realizado na cidade de Manaus e Belém, onde ocorreu a ação missionária de Leo B. Halliwell. Visitamos dois antigos pólos missionários dos adventistas, um na cidade de Manaus (AM) e outro na cidade de Belém (PA), onde buscamos conhecer os portos e estruturas históricas indicadas nas em suas obras. Constatamos alguns vestígios dos traços culturais da presença de Halliwell na Amazônia, tais como fotografias feitas pelo próprio Halliwell, encontradas nos arquivos locais e espalhados nas antigas missões em Belém e guardadas no museu Leo B. Halliwell onde acessamos o acervo da igreja adventista no museu e Centro da Memória Adventista em Belém, momento em que obtivemos informações sobre o missionário em estudo quando ele singrava os rios amazônicos.

Os dados qualitativos foram fornecidos por dois livros de Halliwell escrito em Língua inglesa. Os dados quantitativos históricos foram retirados de periódicos, relatórios e registros oficiais da igreja adventista. Esses dados foram coletados através de redes de informações. Também tivemos o acesso a midiateca no escritório de Estatística geral da IASD nos Estados Unidos.

A pesquisa concentrou-se num exercício hermenêutico com a finalidade de analisarmos as interpretações sobre a Amazônia escritas em Dois livros publicados por Leo B. Halliwell nos Estados Unidos. Fizemos análise de relatos que devem ser entendidos em seu contexto e não podem ser considerados como verdade absoluta, uma vez que se trata de uma visão de mundo particular num momento histórico

difícil da epidemia da malária na Amazônia. O trabalho encontra-se seccionado em quatro capítulos didaticamente articulados.

O primeiro capítulo apresenta o campo da pesquisa começando por um breve sobrevoo sobre a Amazônia e alguns elementos que se põem no âmbito da formação social desta região, sobretudo no aspecto religioso. Situamos os adventistas norte americanos no seu contexto histórico e sua autoclassificação e classificação ascética, como seita ante aos demais evangélicos. Os adventistas desenvolvem uma teologia de missão à frente de seu tempo, adotando uma metodologia de evangelização entre as minorias levando a instrução numa mão e a saúde na outra, sem impor a cultura norte-americana aos povos evangelizados.

O segundo capítulo concentra a análise na chegada dos Halliwells, suas diferenças culturais e visão colonialista norte americana, situando as viagens missionárias assistencialistas aos povos tradicionais da Amazônia, realizadas por meio da lancha Luzeiro. Descreve sua chegada na Bahia e o destaque que Halliwell dá à sua esposa Jessie no trabalho de enfermagem, em forma de assistencialismo aos moradores do “beiradão”, do Amazonas, através da lancha Luzeiro. O terceiro capítulo traz o tema do corpo e a corporeidade no pensamento adventista, dando destaque às gentes da Amazônia e a cura do corpo. As ideias sobre os povos da região servem como recurso comunicativo aos anglófonos para a instalação da corporação, primeiro nos municípios interioranos dos Estados de Belém e Amazonas.

O quarto capítulo discute os sistemas simbólicos, mostrando a representação de mundo dos povos tradicionais através dos contos e a cosmovisão ribeirinha: as lendas contadas pelos tuxauas, seus enfrentamentos as feras e os costumes da Amazônia. Apresenta as conversões de comunidades indígenas em especial os Sateré-Mawé, ao mesmo tempo em que analisa polifonia da floresta no âmbito da comunicação mostrando a necessidade de sabermos interpretar os sons e o silêncio das vozes da Amazônia. Discutimos a “conversão” de Halliwell como um segundo nascimento em virtude dos 30 anos de missão na Amazônia. Apresentamos o legado e influência da lancha luzeiro para com outras regiões brasileiras, sua continuidade e o reconhecimento do governo brasileiro ao casal Halliwell condecorando-os com a Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul

Por fim, deve-se reconhecer que esta pesquisa assume fundamental importância aos estudos da temática da formação do pensamento social da Amazônia, que historicamente, vem se pondo no cenário científico. Trata-se de um documento que poderá contribuir para a reconstrução da história do protestantismo na região, sob a ótica do adventismo do sétimo dia que, aos poucos, começa a entrar nos anais da ciência.

# CAPÍTULO I

## LABIRINTO DE SELVA E ÁGUA: APRESENTANDO O CAMPO DA PESQUISA

*Por intermédio das navegações, amplia-se o mundo conhecido. Descortinam-se novas terras, novos povos, há desenvolvimento do comércio marítimo, das trocas, não apenas trocas materiais, mas também culturais.*  
**Edgar Morin**

### 1.1 Um breve sobrevoo na Amazônia

Discorrer sobre a Amazônia por meio das narrativas e memórias registradas de pessoas que nela viveram ou navegaram pelos seus rios, sempre foi um dos grandes desafios hermenêuticos da palavra escrita daqueles que navegaram na Amazônia. Toda e qualquer forma de categorizações da Amazônia, conforme a concepção de Deleuze e Guattari (2012), poderiam atender uma perspectiva rizomática, menos fechada e rígida. Um olhar protosulta físico, sem perder a sua tradicionalidade, incluindo aquilo que ela tem de mistério e que não compreendemos. Chamamos a atenção para seu caule metafísico submerso que cresce e se modifica em suas dimensões indefinidas e incompreendidas na sua totalidade, de acordo com Deleuze e Guattari (2012. Vol. I p.16-17)

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas”.

O saber histórico registrado nas narrativas sobre o testemunho do outro, de acordo com Ricoeur (2008, p.166), não é tido por muitos como uma ciência propriamente dita, mas uma forma de saber, principalmente para eventos que não se repetem como a história, e de percepções relativas como um conhecimento de fé, um constructo forte. Percebemos que alguns relatos registrados sob o olhar do

estrangeiro religioso sobre a Amazônia, tornaram-se fonte histórica e que ainda hoje influenciam de alguma forma o imaginário social.

A maioria da literatura<sup>1</sup> acadêmica ao se referir sobre a Amazônia, concebe-a no espaço como um Bioma ou uma região entrecortadas por rios que formam o imenso rio Amazonas<sup>2</sup> que, junto com seus afluentes é visto como a última página do gênese a ser escrito, como sugere Euclides da Cunha (2009, v. 1, pp. 595)

Tais apreciações não são difíceis de se sentir a priori quando se navega sobre a maior reserva de água doce do planeta. Sua vista com mais de 2.000 metros de altitude lembra um enorme tapete verde às vezes rasgado por linhas (estradas) que mais lembram a forma de uma espinha de peixe. É a maior região geográfica do continente sul-americano, composto por um vale gigantesco conhecido como selva amazônica (com elevadas precipitações pluviométricas). Estima-se uma área de 6,5Km<sup>2</sup> que abrange na atualidade oito países: Brasil, Peru, Colômbia, Equador, Bolívia, Venezuela, Suriname e Guiana. A maior parte da Amazônia está no Brasil e no Peru. Escrever e descrever essa Amazônia tentando poupar os superlativos e em termos geográficos, não é uma tarefa fácil. O rio Amazonas, por exemplo, atualmente é o maior rio do mundo, tanto em extensão quanto em volume de água que vai desde os Andes peruanos até o desembocar no Oceano Atlântico.

As narrativas apresentam a Amazônia como um lugar de muita chuva, terreno pantanoso e inúmeros rios. Cavalgar nesse cenário era totalmente impossível, quase dez meses depois de diversas tentativas ainda estavam nos rios (Rio Napo), já tinham perdidos todos os índios escravizados em Quito. Orellana oferece-se para descer o rio em busca de comida com cinquenta e oze homens sob o seu comando, O cronista Frei Gaspar de Carvajal<sup>3</sup>. Em 1541 completou sua travessia.

---

<sup>1</sup> Como os trabalhos de Haffer (1969) e Wetterberger et al. (1976) que coloca como área de endemismo.

<sup>2</sup> Com 6.992,06 Km de extensão, tendo a nascente do rio Apurímac (cordilheira dos Andes) como seu ponto inicial (INPE, 2008) .

<sup>3</sup> Foi graças ao seu relato que se inaugura o imaginário amazônico de forma semiótica, quer por seus exageros narrativos, como os animais da fauna que eram mais comum a África.



Figura 01 – Mapa do País das Amazonas e Brasil. 1705  
 Fonte: adaptado pelo autor de ROIG (2019).

Nos anos que se sucederam, principalmente após a narrativa de Carvajal ganhar popularidade na Europa, muitos exploradores vieram atrás do *El dorado* ou do País das Amazonas, ou ainda o País da Canela, sem contar as riquezas não registradas. Outras expedições foram realizadas e o grande rio tornou possível tais expedições na região amazônica. Carvajal descreve na sua crônica, que na província de Machiafaro apresenta que às margens dos rios haviam milhares de pessoas, algumas ilhas bem povoadas, ricamente férteis e cheias de alimentos, tal como podemos perceber:

Fomos caminhando por esta terra e senhorio de Omágua mais de cem léguas, ao cabo das quais chegamos a outra terra de outro senhor, chamado Paguana, que tem muita gente e muito pacífica, pois chegamos, no princípio de sua província, a um povoado de mais de duas léguas de comprimento, aonde os índios nos esperavam em suas casas, sem fazer mal nem dano, antes nos davam do que tinham. Desse povoado seguiam muitos caminhos para o interior, porque o senhor não reside à beira do rio. (Carvajal, 1941: 48,49)<sup>4</sup>.

Tais expedições eram acompanhadas pela Igreja Católica, tanto que os sacerdotes eram seus respectivos escrivães. Durante o século XV era uma profissão acrônica era uma profissão voltada exclusivamente para clero que registravam nascimentos, casamentos, óbitos e confirmações. Ou seja, a presença da escrita

<sup>4</sup> Padre Carvajal, citação traduzida por Melo-Leitão, edição de 1941.

advinda do clero porque exigia-se garantia da veracidade dos fatos oficializados nas cartas dos descobrimentos, principalmente das primeiras expedições na Amazônia<sup>5</sup>.

De acordo com Porro (1993, p.115), após as expedições espanholas as suas respectivas crônicas foram espalhadas pela Europa, fato que conferem aos espanhóis os feitos das descobertas e os direitos de posse sobre a Amazônia. No afã de novas descobertas, novas expedições em busca do ouro, prata e canela, foram realizadas no sentido de explorar a Amazônia, todavia pelos franceses Pedro de Ursua e Lopo de Aguirre, Alfonso Xaintogeois. Por onde observa ainda o autor, por onde passaram os cronistas eles mesmos registraram os artefatos (Figura 2), principalmente as sofisticadas cerâmicas da foz do Amazonas, principalmente das ilhas. Vejamos:

Merece reflexão o fato de Carvajal fazer essa descrição elogiosa da cerâmica modelada e pintada justamente ao atravessar a foz do Amazonas, região onde se desenvolveu uma das mais elaboradas tradições cerâmicas do continente. Na verdade, a fase Aruã da cerâmica arqueológica de Marajó, Caviana e Mexiana, contemporânea do início da colonização não parece estar esteticamente à altura da descrição de Carvajal [...]. Mas é significativo que o cronista, que já observara a excelente cerâmica policrômica do rio Solimões, volte a tratar do assunto, bem como das cuias pintadas, ao percorrer a região que mais se destacara, no passado, por esse tipo de artefatos”. PORRO, 1993; p.73



Figura 02 – Cerâmica Marajoara. Museu do Forte do Presépio. Belém, 2018.  
Foto de campo: Diogo Gonzaga Torres Neto. Belém-PA, 2018.

<sup>5</sup>DREHER, Martin N. A igreja latino-Americana no contexto mundial. 3ª.ed. Editora Sinodal: São Leopoldo, 1999.

As narrativas predominantemente dos grandes viajantes citados anteriormente, justamente além de suas matrizes religiosas, advindos de reinos luso-hispânicos que, durante os séculos XVI e XVII predominaram nas rotas comerciais conhecidos como as rotas da seda e as grandes navegações. Contribuíram para as primeiras ideias sobre o novo mundo, chegando a afirmar que havia chegado o reino de Deus e “um novo céu e uma nova terra”<sup>6</sup> e para a Amazônia enviou-se missionários<sup>7</sup>.

Com o advento da máquina de imprensa<sup>8</sup> em 1455 mediante a impressão da Bíblia e outros livros, ocorreu o aceleração da difusão do conhecimento escrito e da informação, diminuindo o monopólio do saber junto ao clero. Alguns pensadores contrários às práticas regulares do clero romano como Pedro Valdes (1140-1217)<sup>9</sup>, John Wycliffe (1325-1384)<sup>10</sup>, John Huss (1372-1415)<sup>11</sup>, Jerônimo Savonarola (1452-1498)<sup>12</sup>, Erasmo de Roterdã (1466-1536)<sup>13</sup>, com exceção de Valdes e Wycliffe, os

---

<sup>6</sup> Apocalipse XXI:1. Ideia também está no livro *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda.

<sup>7</sup> Schaan (2000) Cerâmica marajoara.

<sup>8</sup> A máquina de imprensa foi considerado o invento mais importante do segundo milênio. Podendo suas páginas serem acessada virtualmente junto a Harry Ranson Center / The University of Texas at Austin.

<sup>9</sup> Pierre Vaudès (ou Vaux), ou Pedro Valdo, foi um rico comerciante de Lyon que em 1176 teve contato com uma tradução do Novo Testamento e decidiu abandonar todos os seus bens, ficando apenas com o necessário para o sustento de sua família. Valdo continuou suas pregações pela região para que os cristão voltassem à fé original tendo a Bíblia como única regra de fé e prática. Traduziu a Bíblia para o dialeto franco-provençal, sendo excomungado em 1184. Seus discípulos ficaram conhecidos como “Pobres de Espíritos” Mais tarde após sua morte a Igreja valdense associou-se à Reforma protestante em 1532.

<sup>10</sup> Sacerdote Inglês e professor da Oxford University. Foi perseguido por suas ideias, mas morreu em virtude de enfermidade. Anos depois de sua morte foi condenado como herege e seus ossos foram exumados e queimados. Os seguidores de Wycliffe foram chamado de “Os Lolardos”, pois valorizavam a Bíblia como única regra de fé e prática.

<sup>11</sup> Sacerdote na antiga Boêmia e professor da Universidade de Praga. Apregoava dizendo, praga que a igreja deveria ser mais semelhante à Cristo. Morreu queimado em 1415 cantando salmos, antes de morrer profetizou que hoje matavam um ganso (*Huss* em boêmio antigo), mas em cem anos um cisne levantaria voe a Igreja Romana não o alcançaria. Os seguidores de Huss ficaram conhecidos como os Irmãos Boêmios e mais tardes como os Irmãos Morávios, ou simplesmente Morávios.

<sup>12</sup> Padre dominicano que antes de antes de se incorporar ao clero estudou medicina e filosofia, renunciou o mundo e devotou-se a ordem agostiniana. Ficou conhecido por suas profecias e escritos que clamavam por uma reforma do clero ainda no século XV. Em seu *Compedium Revelationum* que o rei francês Carlos VII seria um tipo de “Ciro” e quando a França invadiu a Itália, essas profecias e seus escritos pré-refomadores ganharam forças e popularidade. Foi excomungado em 1497, morreu enforcado e seu corpo foi incinerado em 25 de maio de 1498.

<sup>13</sup> Publicou a versão grega do Novo Testamento o que gerou críticas a versão latina oficial (Vulgata).

demais foram martirizados pelo clero em cerimônia pública. Seus protestos contra a teologia e as práticas igreja, ganharam forças através da pena de Martinho Lutero (1483-1546), que em 1517, pregou na porta da catedral de Wintenberg suas 95 teses sobre a justificação pela fé (Sola Fide) e a salvação pela graça (Sola Gratia), sem o intermédio da igreja romana, apenas a Bíblia (Sola Scriptura) como única regra de fé, como uma reação a venda de indulgências e outros abusos cometidos pela igreja romana, . Com o advento de uma igreja nova que seguia a Bíblia e protestava acerca dos ensinamentos da igreja romana, ganhou espaço junto aos diversos seguidores dos pré-reformadores, cujas ideias ganharam também apoio político. Nascia a teologia reformada (ou Protestantes, ganhando diversos nomes, sendo o Luteranismo a mais conhecida <sup>14</sup>), que se espalhou pelos reinos da Alemanha, Dinamarca, Suécia, Finlândia, Letônia, Estônia e Islândia e agora o emergente Novo Mundo e região da Amazônia.

Destaca-se que o Novo Mundo não estava preparado para os velhos habitantes europeus e também o paraíso amazônico não estava vazio. Existia de acordo com as narrativas e estudos historiográficos um conjunto de sociedades hierarquizadas, de alta densidade demográfica, com tecnologia suficiente para produção agrícola, caça, pesca, produção de cerâmica e armamentos, embora a história tenham-os registrado como selvagens, seres humanos imperfeitos, inferiores, e, na melhor das descrições, como bárbaros (não católicos)<sup>15</sup>.

O Novo Mundo, passaria a ser palco dessa conquista por espaço acompanhado por uma nova interpretação das Escrituras, juntamente com a liberdade de expressão, ensino público. Com a teologia reformada e os Estados Protestantes começando a prosperar ora pelo excedente de produção, ora pelo livre comércio que era tido como uma benção divina, eles ameaçavam a soberania católica. A busca por novos produtos e uma rota mais rápida e segura com o Oriente, traçaria o rumo do poder na Europa entre os seguidores da teologia reformada e os da teologia romana, entre os reinos daqueles que foram coroados pelo Papa e dos outros reis que tinham uma origem divina e não necessitavam mais

---

<sup>14</sup> Protestante deriva do latim *protestari* que remete à declaração pública de protestos dos príncipes eleitores que aderiram a reforma a partir das 95 teses de Lutero. Nos estudos sobre protestantismos tem sido consenso acadêmico a designação sempre no plural em virtude da diversidade teológicas e peculiaridades históricas. Ver RUARK (2014).

<sup>15</sup> MATOS, Gláucio C. G. . Ethos e figurações na Hinterlandia Amazônica.. Manaus: Editora Valer/Fapeam, 2015.

de um intermediário para ter o perdão de Deus. O domínio político e religioso (regular e secular) passava pelas rotas marítimas, tanto que em 1545 o Concílio de Trento estabelece a Contra-Reforma dentro do romantismo, enquanto o novo mundo estava dividido pelo Tratado de Tordesilhas.

Com o advento da Contra-reforma Católica, obteve apoio dos reinos europeus de Aragão e Castela em virtude da diminuição dos católicos nominais por causa da expansão protestante europeia. A América e sua população natural, seriam o novo convertido ao romantismo através da civilidade junto à sociedade ibérica, e no plano espiritual, o clero salvaria a alma, e Estado ocuparia suas terras cheias de especiarias e claro seus metais preciosos como a prata e o ouro.

Os protestantismos atravessaram o oceano em virtude do avanço das perseguições instauradas pelos tribunais de inquisição em nome de uma Contra-reforma por ocasião da ascensão de reis favoráveis à causa católica. Isto fez com que a América antes dividida pelo tratado de Tordesilhas entre dois reinos católicos, seja alvo de investidas dos ingleses, franceses e holandeses. No litoral brasileiro os “cristãos novos” católicos que eram na prática judeus fugitivos ou sentenciados da inquisição Luso-espanhola, prosperavam e quando os jesuítas chegaram e conseguiram transferir seus negócios e famílias para as colônias do norte da América, estabelecendo-se na região de ocupação anglo-neerlandesa chamada de Manhattan<sup>16</sup>.

No Brasil, os franceses protestantes (huguenotes) tentam fundar a França Antártida<sup>17</sup> mediante a Expedição *Villegaignon* e os holandeses, com o apoio da Companhia Holandesas das Índias Ocidentais<sup>18</sup>. Na pessoa de Maurício de Nassau, a Holanda passa a reformar a região mais próspera da Capitania de Pernambuco para fazer a Nova Holanda. A Nova Holanda foi bastante tolerante com as diferenças religiosas, foi em Recife que os judeus fugidos da inquisição a fundaram

---

<sup>16</sup> Colônia originalmente holandesa (1625) de matriz protestante, tornando-se a Nova Amsterdã sob a influência da *Companhia Holandesa das Índias Ocidentais*, em 1625. estabelecida pelo tratado de Breda em 1667.

<sup>17</sup> Com a ascensão de Luiz XIV, houve perseguições as comunidade protestantes francesas (*dragonnades*). Em 1555, os huguenotes (calvinistas e outros membros protestantes) procuraram criar um refúgio na colônia de Guanabara. Cabe destacar que o próprio Jean Calvino (1509-1564) concordou com a ideia (REILY, 2003).

<sup>18</sup> Doravante Companhia das Índias.

a primeira sinagoga da América<sup>19</sup> e foram erguidos 22 templos da Igreja Cristã Reformada, enviaram seis índios convertidos para a Europa com a finalidade de aprender a nova fé e futuramente traduzir a Bíblia para o Tupi.

O holandês Maurício de Nassau urbanizou as ruas, praças e jardins de uma parte de Recife, as mudanças foram tão influentes que a chamaram de *Mauritsstat* (Cidade Maurícia), mas as perdas constantes de açúcar para os corsários pagos pela coroa inglesa, minaram o interesse dos colonos protestantes, sem contar com a resistência luso-brasileira as mudanças e cobranças de dívidas. Isto fez com que os investidores holandeses se retirassem para uma região onde já estavam prosperando os judeus sefarditas (do Brasil), mas fazendo com que a coroa portuguesa (já separada da Espanha nesse período<sup>20</sup>) pagasse uma indenização pelo tempo e pelas benfeitorias realizadas no litoral brasileiro, uma vez que os holandeses ocuparam a região inicialmente com o consentimento português. De forma oficial registrou-se que os holandeses foram expulsos do Brasil em virtude de uma revolta popular por causa dos altos impostos instaurados após a saída de Nassau, o que culminou em 1654 com a saída dos últimos holandeses da região<sup>21</sup> e fortalecendo o sentimento nacionalista.

O século XVIII é praticamente o século da inquisição no Brasil, pois foi proibida a imigração, sendo aceito apenas membros do clero ou a serviço da igreja e da coroa. Levaria 150 anos para que oficialmente o Brasil português permitisse um culto protestante, o que ocorreu com o advento da família real ao Brasil e a abertura dos portos, conseqüentemente mediante proteção e relação comercial inglesa ante às tropas napoleônicas.

Com a indenização recebida, os holandeses buscaram um novo local no Novo Mundo. Juntamente com os judeus sefarditas e outras iniciativas coloniais de matriz protestante, encontraram na bem sucedida colônia norte americana o apoio que

---

<sup>19</sup> A Kahal Zur Israel (ישראל צור קהל) ou Rochedo de Israel foi a primeira Sinagoga da América, foi inaugurada em 1637 e funcionou até 1654, com a “expulsão” dos holandeses, os judeus fugiram em 16 navios alguns voltaram para Amsterdã e outros foram para a atual Nova York. Permaneceu fechada por 347 anos em virtude da intolerância religiosa do império português e reabriu suas portas em 3 de Dezembro de 2001 (RAMOS, 2005)

<sup>20</sup> A União Ibérica chega ao fim em 1640, ficando o reino de Portugal sob a Dinastia dos Braganças, sendo seu primeiro rei D. João IV.

necessitavam. Agora fariam parte história da Nova Amsterdã (atual Nova York), oficialmente adquirida por Pierre Minuit por 60 florins<sup>22</sup>.

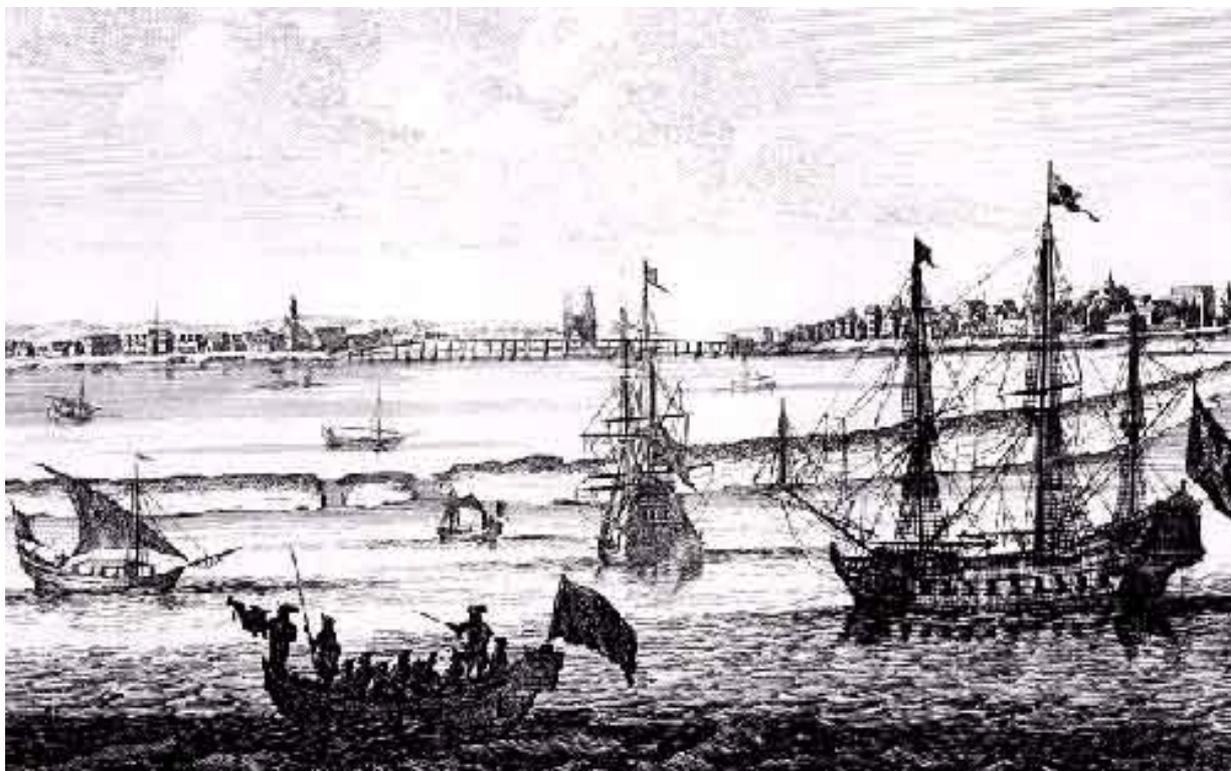


Figura 03: Vista de Mauritsstat (Cidade Maurícia atual Recife) em 1645.

Fonte: Petrus Schenck (1660-1711); *Rerum in Brasilia et alibi gestarum* – Gaspar Barlaeus

Essa busca inicial de um “novo” local ao longo do litoral Luso e Espanhol (do Brasil). Contribuiu para que os povos “expulsos” passem a investir no ausente domínio espanhol da América do Sul e a tranquila colônia holandesa em Nova Amsterdã. O sul do Novo Mundo, diga-se de passagem, navegado mais ainda não ocupado de forma plena pela coroa espanhola, passa a ser alvo da vingança holandesa, uma vez que a Holanda foi colônia espanhola.

Cabe salientar que foi por meio das narrativas espanholas acerca das navegações e outras investidas na Amazônia, que as primeiras informações sobre a riqueza da região ganharam o imaginário do Antigo Mundo (muitas delas em virtude das narrativas fantástica). Isso ativou o interesse nos produtos dessa grande floresta, suas especiarias, minério preciosos e suas gentes. As coroas inglesas, francesas e holandesas perceberam a ausência dos espanhóis ante o vasto

<sup>22</sup> Documento digitalizado de compra está a disposição do público no site <<https://www.thirteen.org/dutchny/interactives/manhattan-island/>> .

território, incluindo a floresta amazônica e dessa forma estabeleceram-se as primeiras colônias ao norte da grande floresta, na parte que tinha o litoral da Amazônia, região desbravada inicialmente por Vicente Pinzón, em 1500, mas que na verdade abriu o caminho para que outras tentativas europeias tivessem êxito como as três coroas citadas. Essas colônias alternadamente dividiam-se entre ascensões de reis e rainhas católicos e protestantes, mas não chegaram a impactar religiosamente suas colônias americanas que hoje formam as atuais Nova York; Guiana Inglesa, Guiana Francesa e Suriname. Essas colônias serviriam como centros de refúgios das perseguições jesuítas europeias, dando a impressão de um paraíso perdido na Amazônia para os estabelecidos, mas um inferno para os escravos da África ou os europeus deportados como prisioneiros, nos campos de trabalhos forçado nessas terras de *plantation*, na Amazônia Caribenha.



Figura 04A - As Guianas



Figura 5 - Guianas Inglesa, Francesa, Holandesa e Portuguesa.

Fonte: Adaptado de Biblioteca Surinamica. Disponível. bukubooks.wordpress.

Na Amazônia caribenha os franceses em 1624 abriram o centro comercial Sinnamary e em 1637 o centro Cayenne, cujas localidades se revezavam ora pelo domínio holandês, ora pelo domínio francês, sendo legitimado em 1667 como território francês na Amazônia e mais tarde confirmado pelo tratado de Utrecht ao estabelecer os limites com o Brasil, agora sob o nome de Guiana Francesa. Em 1809 D. João com apoio inglês expulsou os franceses do Maranhão e Grão-Pará, ocupa também Cayenne, permanece o domínio português, ou Guiana Portuguesa até 1817<sup>23</sup> e um pequeno território onde hoje conhecemos como Guiana Francesa.

<sup>23</sup> A Guiana Portuguesa é acada dando origem atual Roraima, Norte do Amazonas e Amapá após a cabanagem. Com a derrota dos cabanos são criadas as províncias do Amazonas separada da



Figura 06: Aldeia Aruaque, nação indígena nativa da atual Guiana Francesa e Suriname (esquerda). Estrutura da moradia aruaque (direita). Holanda, 1860-1862, (Litografia).  
Fonte: adaptado por Diogo Gonzaga Torres Neto, de In: G.W.C. Woorduim (domínio público).

Uma outra parte ficaria para os ingleses, a denominada Guiana Inglesa que inicialmente foi reivindicada pela Espanha, mas ocupada pelos holandeses em 1616 com a formação das colônias do Condado Essequibo, Demerara e Berbice. Que foram dominadas pelo governo britânico em 1796, e oficialmente cedidas em 1814 e fundidas como Guiana Inglesa em 1831 que desde o século XVIII já eram produtoras de açúcar, algodão e café no litoral mediante a mão-de-obra escrava advinda da África.

O Suriname separa geograficamente as duas guianas citadas anteriormente, sua ocupação deu-se como os demais territórios estabelecidos inicialmente pelo tratado de Tordesilhas (1496) como terras espanholas, sendo sua ocupação efetivada no século XVI. Todavia estabelecido inicialmente pelo Tratado de Breda (1667), para dar fim à guerra Anglo-Holandesa, em virtude da reconquista holandesa. Os ingleses tomaram posse de Manhattan, rebatizada de Nova York, em troca pela cidade de Suriname em 1674 como acordo de Paz. Uma paz que durou pouco, pois a região foi o palco e o coração de várias batalhas na Guerra da Independência Americana (1775-1783). O século XIX viu o surgimento das colônias nas Américas e Caribe e passam a reorganizar suas fronteiras.

Tais reorganizações e o advento de uma era de mais informações, relações comerciais e coloniais, o século XIX é iniciado com acordos diplomáticos que não de ser concluídos no começo do século XX ante as repúblicas da América Latina. Também nos séculos vindouros ocorreria as abolições das escravaturas em suas

---

Província do Pará. Em 1858 na fazenda Boa Vista, foi instalada a Freguesia de N.Sa.do Carmo sob administração do Amazonas.

respectivas colônias como a Inglaterra (1833); França (1848), Venezuela (1854), Holanda (1863), Brasil (1888) que dava a liberdade a todo e qualquer habitante. A libertação não foi só dos corpos, mas também do intelecto e da religiosidade em destaque a minoria protestantes como os quakers, metodistas e batistas que interpretavam a escravidão como algo incompatível com o princípio de isonomia humana perante Deus, com exceção do Brasil cujo o abolicionismo se deu por razões políticas com discursos humanitários.

São nesses contextos históricos citados anteriormente que diversos escritos amazônicos através de carta, crônicas e outras formas de narrativas contendo as descrições dos viajantes e naturalistas que dão origem de um gênero literário da Amazônia e de seus rios ante a expansão de impérios ultramarinos como Portugal, Espanha, Holanda, França, Inglaterra que passam a demandar mais produtos naturais, terras e domínios sobre as rotas comerciais.

Novas gerações de protestantes surgiram no século XX, advindo de sínteses de correntes filosóficas, e movimentos internos dentro das diversas correntes de interpretações bíblicas, formam assim as novas sociedades evangélicas e uma nova onda de expansão através de instalações de centros missionários.

Tais ocupações ao longo do litoral da Amazônia Caribenha indicam também não só a presença de estrangeiros de nações de matrizes protestantes, mas também de uma tentativa de fixar tais matrizes ante a economia, mediante feitorias como no caso dos holandeses nas regiões antilhanas, venezuelana e como citado anteriormente no litoral guianense e através do rio Amazonas. As bases holandesas calvinistas ao longo do Xingu com os fortes Nassau e Orange, na região de Tocujus (entre Jari e Amapá), na atual Gurupá com o forte Mariocaí (Gurupatuba), formaram as primeiras incursões na região amazônica com a finalidade de colonizar a região, e que foram fortalecidas com a vinda de Maurício de Nassau pra Recife (SILVA, 2012).

Até o fim do século XVII as incursões protestantes estavam em segundo plano, pois primeiro estava a posse da terra e suas benesses e em segundo a fé do colono que vinha ao Brasil, para pagar pena capital longe das metrópoles europeias, desde o litoral brasileiro até as colônias espanholas, francesas, holandesas e inglesas presentes na Amazônia.

Um outra forma de presença protestante na Amazônia, ocorria ora em virtude das rotas comerciais por causa das especiarias, ora por visitas diplomáticas de funcionários em nome dos reinos que abraçaram as reformas religiosas, como os franceses (huguenotes), ingleses (anglicanos), holandeses (calvinistas), mas dessas nenhuma foi com a finalidade de evangelizar ou pregar alguma mensagem denominacional em nome de alguma religião, salvo os missionários morávios com a Missão Moravia Pilgerhut, fundada em 1738, no rio Essequibo, para evangelizar os negros e escravos, que mais tarde foram sucedidos pelos anglicanos na Suriname holandesa mesmo após a libertação dos escravos, sendo posteriormente no início do Século XX seguido pelos jesuítas e adventistas em 1911.

Mas uma efetivação de fato da presença protestante na Amazônia ocorreria séculos depois, especificamente após a abertura dos portos por D. João VI<sup>24</sup> por pressão da Inglaterra. Nesse sentido a obra História da Igreja no Brasil, destaca que o tratado de comércio e navegação, concluído com a Inglaterra em 1810, estipulou em seu artigo 12, a liberdade religiosa para os súditos britânicos em território português, de modo que nos anos seguintes vários clérigos anglicanos puderam desembarcar no Brasil, sendo inaugurado em 1820, no Rio de Janeiro, o primeiro templo protestante. Na Amazônia, os primeiros registros de presença oficial, segundo os trabalhos de Dreher (1969, 1992), se dá a partir do ano de 1824, e também marcados por mobilizações populares como a cabanagem, juntos às margens dos rios no Pará. Destaque-se a presença pioneira das igrejas<sup>25</sup> metodista, batista e luterana nos eixos entre Manaus e Belém.

Com o advento do século XX surge uma nova geração de crentes como síntese das igrejas reformadas, essas gerações de crentes são conhecidas generalizadamente no Brasil pelo nome de *evangélicos*. Os evangélicos, essa geração sincrética de *neo*-protestantes, não são extensões dos movimentos reformistas europeus do século XVI, mas das religiões cristãs que possuíam veio protestante e que por hibridismo, sincretismos e divergências teológicas, e até

---

<sup>24</sup> Em 1808 ocorreu a abertura dos Portos brasileiros às nações amigas e em 1810 a liberdade religiosa e tolerância, mediante o *Tratado de Comércio e Navegação*.

<sup>25</sup> Estas denominações e suas atuações na Amazônia já objetos de pesquisas anteriores na forma de dissertações e teses como destacamos trabalhos de Carvalho (2015) *O Povo do Livro: Uma História da Inserção dos protestantismos em Manaus (1888-1944)*. PPG História; UFAM; Manaus, 2015, do PPGH/UFAM; Sousa (2014) *PPGCR/Mackenzie. Mel da Pedreira: Um Quilombo Protestante na Amazônia Brasileira*. PPG Ciências da religião, Mackenzie: São Paulo, 2014.

mesmo reavivamentos redirecionaram as igrejas protestantes tradicionais para além de suas zonas de atuação local, criando as igrejas de missões<sup>26</sup> cujas características já apareciam em meados dos séculos XIX e que no começo do XX. Possuem características deixam as características messiânicas, é esse neo-protestantismo, voltado para conversão das pessoas, acompanhados de instalações de missões e outras estruturas missionárias, que hão de prevalecer na Amazônia.

As presenças protestantes ao longo dos rios da Amazônia cujas cidades e suas populações foram instaladas na região imbuídos de projeto evangelizador, expansionista e civilizador. Segundo Elias (1994) “o conceito de civilização expressa a consciência de que o Ocidente tem de si mesmo”, “se joga superior às sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas mais primitivas”, apresentado ao outro o novo com a ideia de expansão na terra e no espírito (*geist*).

Mendonça (1984) aponta na mesma direção ao definir os *modus operandis* dos protestantismos americano. De início, a ação religiosa caracterizou-se pelo protestantismo de povoamento que teve ideologicamente origem no “Destino Manifesto”, claramente também presente no sul do Brasil com os alemães e pomeranos, maioria de fé luterana. Os norte americanos *a posteriori* serão também característicos com o protestantismos de missão, dentre os quais se destacam os metodistas, presbiterianos, batistas e adventistas, que chegaram implantando clínicas, escolas e igrejas (não nessa ordem necessariamente). Tal missão americana, segundo Weber (2005), está presente no *ethos* formador dos norte americanos, cuja autoimagem religiosa é intrínseca a autoimagem geopolítica. Como parte de um constructo que não se pode mais conter dentro de sua nação e que é agora um instrumento divino, conforme explica Reily (1984, p.19).

Como Deus, por Moisés, libertou os israelitas da escravidão no Egito, pela travessia maravilhosa do Mar Vermelho, os puritanos se libertaram da opressão dos soberanos ingleses Tiago I e Carlos I, atravessando o Atlântico no pequeno navio Mayflower. Deus estabelecera seu pacto com o povo liberto, no Sinai; paralelamente, os puritanos, antes de pôr os pés em terra seca na América, firmaram o Mayflower Pact. Explicitaram que haviam encetado sua viagem de colonização “para a glória de Deus, avanço da fé cristã e honra do nosso rei e país... solene e mutuamente, na presença de Deus, e cada um na presença dos demais, compactuamos e nós combinamos em um corpo político civil.” Finalmente, como Josué

---

<sup>26</sup> Também conhecido como protestantismos de missão.

havia conquistado a terra da promessa, os americanos viam como seu “destino manifesto” conquistar o continente de Oceano a Oceano, espalhando os benefícios de uma civilização republicana e protestante por toda a parte.

O rizoma do protestantismo de missão possui muitas outras linhas (categorias). Conforme Mesquita (1994), as características dos metodistas e presbiterianos ao instalarem suas escolas, fizeram-nas em localizações bem privilegiadas, com carteiras individuais, proximidades do aluno junto ao professor, material laboratorial, instrumentos musicais, material didático próprio ligados ao *American Way Life* que ia formando o pensamento liberal, e mudanças nos padrões culturais.

A conversão para as religiões protestantes no entanto era mais lenta via processo educacional, (todavia mais eficaz), mas as conversões mais rápidas dar-se-iam através de um modelo que não só instalava escola onde não existia mas tratava a saúde física, já presente com sucesso nas Santas Casas católicas desde 1498 em Lisboa, e no Brasil em 1543. Como nos lugares mais remotos do Brasil, na Amazônia não havia educação, saúde e qualidade de vida. Os tratamentos de saúde missionários, agora singram os rios da Amazônia, com destaque segundo Kettle (2016), para a metodologia adventista que ficou conhecida como *obra médico-missionária*. Uma das fundadoras do adventismo Sra. Ellen G. White, que afirma ter recebido orientação divina acerca do assunto revela o seguinte:

A obra médico-missionária traz à humanidade o evangelho de libertação do sofrimento. É a obra pioneira do evangelho. É o evangelho praticado, a compaixão de Cristo revelada. Há grande necessidade desta obra, e o mundo está aberto para ela. Deus queira que a importância da obra médico-missionária seja compreendida, e que novos campos possam ser imediatamente penetrados. Então a obra do ministério será conforme a ordem do Senhor: os enfermos serão curados, e a pobre e sofredora humanidade será abençoada.” White, 2010; p.239 [Medicina e Salvação]

Motivados pelo *Chamado* a evangelizar ao longo dos rios da Amazônia, viram que era necessário tratar primeiro o corpo. Tais tratamentos eram realizados pelo casal Jessie e Leo Halliwell<sup>27</sup>, conforme ficou registrado em seus dois livros que

---

<sup>27</sup> Memórias contidas nas histórias de algumas famílias do Amazonas, como os Michiles, os Albuquerque, os Muniz, os Kettle, os Maciel, e indígenas do Rio Andirá que formam a base da igreja adventista no Estado do Amazonas.

fundamentam essa tese e nas memórias dos primeiros membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) na Amazônia.

## 1.2 As primeiras embarcações: do rio Mississippi ao rio Amazonas

Os adventistas, como já mencionados anteriormente, não foram os primeiros neo-protestantes na Amazônia. Os metodistas e batistas, salvo melhor juízo, possuem os registros mais antigos que se têm pesquisados. O jornal batista *A Paz* de 1898 destaca as pesquisas de Carvalho (2015), além do hinário produzido por Carver em 1899. Os trabalhos pioneiros de pesquisa protestantes na Amazônia de Dreher (1992) sugerem que após a aberturas dos portos, outras formas de cristianismo saíram da clandestinidade, e outras chegaram à Amazônia como os barbadianos em Manaus (AM) e Porto Velho (RO)<sup>28</sup>, enquanto outras formas de sociedades filosóficas de caráter humanitário permaneceram discretas<sup>29</sup>. Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) surge em meados do século XIX no contexto dos movimentos de reavivamentos messiânicos norte americanos. Esses movimentos, conforme Oliveira Filho (2004) e Desroche (1969)<sup>30</sup> caracterizam-se por:

- a) Uma nova iluminação de origem divina;
- b) Profetas ou ungidos, ou representante divino entre seus seguidores;
- c) organizar uma nova igreja sem ligações político estatais;
- d) Economia própria.

Inicialmente por se separarem de igrejas tradicionais caracterizam-se como seitas<sup>31</sup> e posteriormente, segundo Weber (2005, p.81) sugiram de quatro tipos de protestantismos ascético, organizam-se como igreja e estabeleceram suas missões, diferentemente do protestantismo europeu. De acordo com esse autor,

Os portadores históricos do protestantismo ascético (no sentido em que a expressão é usada aqui) são essencialmente de quatro espécies: 1. o calvinismo, na forma que assumiu nas principais

---

<sup>28</sup> Em Porto velho chegou a existir uma vila dos barbadianos (The Barbadians Town), conforme registrado em HARDDMAN, Foot Francisco. Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva. São Paulo: Cia das Letras, 2005

<sup>29</sup> Hardman, 2005.

<sup>30</sup> Desroche, Henri. *Dieux d'hommes. Dictionnaire des messianismes et millénarismes de L'ere Chrétienne*. Mouton, Paris : La Haya. 1969.

<sup>31</sup> Seita, latim *secta* (seccionar ,dividir, separar) aquele que estabelece doutrina, ideologia ou política do grupo dominante. A categoria de seita aqui é utilizada por Max Weber para grupo religioso recém-formado para protestar contra sua religião (ou igreja) anterior e que defendem um retorno à verdadeira fé.

regiões [da Europa ocidental] sob sua dominação, particularmente no decorrer do século XVII; 2. o pietismo; 3. o metodismo; 4. as seitas nascidas do movimento anabatista.

Amaral (1968, p.81) acrescenta uma diferença nas categorias, a saber:

Reforma protestante são termos que não devem ser confundidos. O primeiro representa uma revolução que irrompeu em 1517 e se prolongou por algumas décadas. O segundo um movimento histórico decorrente daquela revolução.

O ascetismo aproximava o praticante da experiência mística seguida da finalidade social de preparar os cristãos para o segundo advento de Cristo daí o nome que os identificam como os seguidores desse movimento religioso, o que não ocorreu no dia e hora marcados pelos adventistas milleritas<sup>32</sup>. Após o desapontamento apocalíptico referente à data do juízo divino estabelecida pelos adventistas ante as pregações de William Miller, surgiram as primeiras organizações e estruturas daquela que viria a ser a atual a Igreja Adventista do Sétimo Dia<sup>33</sup>, uma síntese de várias religiões de matrizes protestantes das mais diferentes. Algumas com dogmas bastantes contraditórios à atual IASD, tais como os metodistas de onde herdaram método de estudo bíblico e os Batistas do Sétimo Dia, que aprenderam acerca da guarda do Sábado, característica mais forte na identidade adventista contemporânea. Nessa visão Prestes Filho (2006), em sua tese, salienta que a igreja adventista não participa dessa herança protestante, mas é resultante de outras manifestações cristãs de reavivamentos, ou seja, de grupos religiosos ascéticos como por exemplo os anabatistas do século XIX. O autor destaca ainda que

Para uma exposição geral sobre o adventismo, é importante uma análise de suas raízes teológicas, sobretudo no contexto do século XIX. O protestantismo estadunidense desse período era herdeiro da Reforma do século XVI, mas o adventismo está mais ligado ao anabatismo que os princípios reformistas de Martinho Lutero ou João Calvino. Enquanto estes mantiveram crenças como o batismo infantil e o patrocínio estatal da igreja, os anabatistas rejeitaram ambas as doutrinas. Em vez disso, pregavam que o batismo deveria ser posterior a uma aceitação pela fé da mensagem cristã em que o Estado e Igreja deveriam ser separados. Geralmente os anabatistas rejeitavam a formulação de credos, e pregavam dos ideais da igreja

---

<sup>32</sup> Milleritas, termo que classificava os seguidores dos ensinamentos de William Miller.

<sup>33</sup> OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. *Estudos Avançados (USP)*. 2004, vol.18, n.52, pp.157-179.

primitiva do Novo Testamento. Esse retorno à igreja primitiva reafirmava uma representação desta como pura e submissa à influência de Cristo.” (PRESTES FILHO, 2006, p. 34)

A formação ética protestante adventista do sétimo dia, consiste segundo Cavalcanti (2010), em pregar o evangelho a todo o mundo, tendo como missão o cumprimento de Apocalipse 14. Segundo o autor<sup>34</sup>, a relação dos adventistas com os rios remontam ao final do século XIX com o missionário James Edson White que seguiu o conselho de sua mãe Ellen G. White<sup>35</sup>, de realizar um trabalho evangelístico entre os negros. Foi o ano de 1895 que o barco missionário *Morning Star* navegou pelo rio Mississippi rumo aos estados do Sul dos Estados Unidos da América.

Foi através de uma sala de aula improvisada no *Morning Star*, que nasceu o primeiro trabalho religioso que se preocupou em dar qualidade de vida com os escravos nos Estados Unidos, (depois de 30 anos da abolição da escravatura). Sob a direção do *Morning Star*, surgiu em Vicksburg surgiu a primeira igreja negra da América do Norte além do empoderamento através do conhecimento formal e oficial.

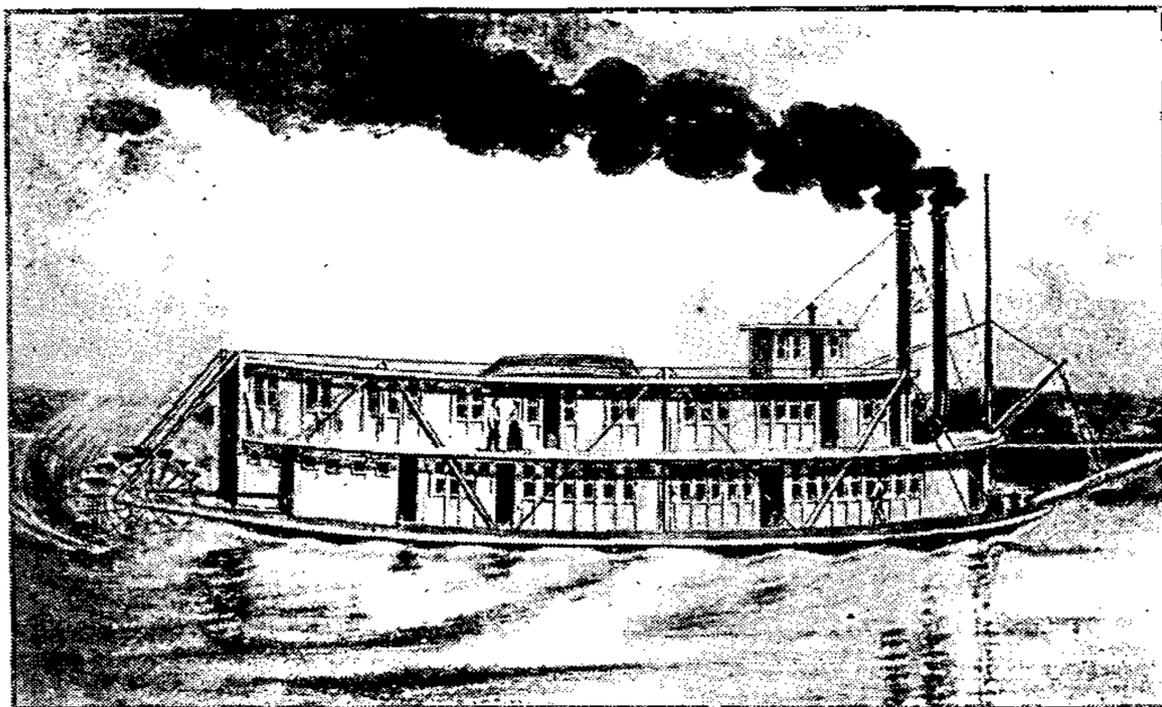


Figura 07: Barco missionário “The Mornig Star” no Rio Mississippi, pilotado por James Edson White. Fonte: Adventist History Library, June 2008.

<sup>34</sup> Ver Cavalcanti (2011),p.19-23.

<sup>35</sup> Co-fundadora do adventismo do sétimo dia contemporâneo . Oriunda da igreja metodista, juntou-se ao movimento millerita e posteriormente esteve na formação do adventismo do sétimo dia. Considerada uma profetisa segundo os adventistas.

Em Morin (2000) percebemos que somente o pensamento complexo pode englobar uma gama de conhecimento e suas variedades, construindo o verdadeiro conhecimento que livra das cegueiras da opressão de outrora sofrida pelos escravos a ponto de um ser humano reconhecer o Outro. Para o autor, o ser humano é um ser multidimensional precisa estar conectado com os saberes tradicionais, com os saberes que ajudem as pessoas a enfrentarem a complexidades de viver.

As missões protestantes no início do século XX partiam *a priori* do esforço pessoal de membros dedicados a fé e não sob a responsabilidade da administração da denominação propriamente dita. Nascia deste *modus operandis* as Sociedades Missionárias em sua maioria Interdenominacional, que ordenavam pastores e missionários voluntários para ir além da congregação local, até mesmo “nos confins da terra” (como a Amazônia era vista). De acordo com Santos (2007a), o que aconteceu com as comunidades negras pode ser explicado através do que ele denomina de *sociologia das ausências*, ou seja, problematizar a ciência moderna – cartesiana que desconsidera certos temas como não críveis, descartáveis, invisíveis. O protestantismo de missão ao se instalar na Amazônia, traz consigo uma inovação no âmbito da assistência social. Aos povos tradicionais, que se diferencia de outras denominações religiosas (Cavalcanti, 2011, p.20), revela que Edson White,

fundou uma escola agrícola, ensinou os negros a usar as máquinas na agricultura, cultivar abelhas, amendoim, morangos, tomates, criar galinhas, etc. Pelos feitos revolucionários realizados por Edson naquela época constatou-se que estava 50 anos adiante do seu tempo. [...] por onde o Morning Star passava, escolas profissionalizantes eram fundadas. Chegou a fundar 50 delas.



Figura 08A. Morning Star, 1905. Fonte: A.W. Spaulding, 1900.



Figura 08B. Morning Star Pintura de Harry Anderson (1906-1996).



Figura 09 – Chegada do vapor *Morning Star*, o mesmo tornou-se centro da igreja. of church work for Blacks. Here it is (c. 1905) docked on the Yazoo River in Mississippi. Fonte: *Gospel Herald*, May 1905.



Figura 10 - Morning Star (Estrela D'Alva) – 1895, primeiro barco missionário adventista e também primeira escola adventista em 1895.  
Fonte: Dr. Milton Hook Collection, AC—EGWRC *Apud* Centro de Pesquisa Ellen G. White, UNASP (Brasil).

*Morning Star* naufragou no rio Mississippi em 1905, mas o modelo de evangelismo através da educação e melhoria da qualidade de vida dos povos subalternizados ou daqueles à margem da sociedade, fora estabelecido. O modelo adventista de missão através de lanchas serviu de inspiração para missionários de outros países. O ex-capitão do *Morning Star* e também missionário, o Pr. James

Edson White, morre em 30 de maio de 1928, período em que havia colportores<sup>36</sup> utilizando uma lancha missionária em funcionamento no rio Amazonas e afluentes, e no mesmo ano chegou no Brasil o casal Halliwell.

A presença adventista na Amazônia, contou com iniciativas particulares extraoficiais e não ocorreu só pelas águas, como no caso do Pastor O. E. Davis (doravante Pr. Davis), cuja influência foi estudada por Prestes Filhos (2006) em sua tese doutoral acerca da mensagem do advento entre os indígenas no século XX. Ele pesquisou os modelos de missão desenvolvidos pelos adventistas no Peru entre os Aymarás e os Ashaninka. Um segundo modelo é constatado entre os indígenas da região do Pemon que envolve Roraima (Brasil) nas fronteiras com a Guiana Inglesa, excluiu Halliwell por este ter desenvolvido uma característica peculiar na Amazônia se comparado com os indígenas de seu estudo no Araguaya (Brasil).

Na Amazônia venezuelana e a atual Roraima, houve uma tentativa particular em fixar as bases de uma missão adventista mais antiga, no tocante aos registros do diário do Pastor Davis, em algumas aldeias indígenas da região do Monte Roraima (área indígena Pemom<sup>37</sup>). Os primeiros indígenas tiveram interesse, Davis escreve em seu diário que *“Many indians came to Brother’s place and I had meeting with them after which we considered the mission question. All expressed an earnest desire to have a mission and declared their believe in the true Sabbath”*<sup>38</sup>. No dia 25 de junho foi estabelecida a missão adventista Visão do Monte entre os índios, acerca disso Davis registrou: *“I held meeting at 8:30 a.m., after which we went to look a spot for a mission building. A mission was stablished and named the Montain View Mission of Seventh-day Adventists. The latter part of the day was spent in naming the people”*. (Diário de O.E. Davis)<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> Termo de origem francesa (*colo + portare*) vendedor que levava consigo suas mercadorias, em português passou a ser um sinônimo de mascate. A divulgação de literatura protestante no Brasil deu-se pelo mesmo método, por carregar consigo as literaturas muitas vezes em bolsas (FONTAINE, 1993, p.59).

<sup>37</sup> ABREU, Stela Azevedo de. *Aleluia: o banco de luz*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995, p.24.

<sup>38</sup> “Muitos indígenas chegavam ao local do Irmão e eu tinha reunido com eles depois que condideramos a questão da missão. Todos expressaram um forte desejo de ter uma missão e declarar sua crença ao verdadeiro Sábado.” Diário de O. E. Davis. (Tradução livre).

<sup>39</sup> Renimos as 8:30., depois que fomos olhar um prédio de missão. A missão foi estabelecida e chamada de Missão da Vista da Montanha dos Adventistas do Sétimo Dia. Depois uma parte do dia foi gasta em convidar as pessoas”. Diário O.E.Davis (id.op.cit).

Davis morreu poucos meses depois, provavelmente no início de 1912, sua influência entre alguns índios Tualipang de Roraima foi registrada por Koch-Grumberg que escreveu:

Con los benedictinos del Surumú, Selemená [Jeremiah] no quiere tener trato alguno. Parece que el difunto inglés es culpable de esta aversión. Los Tualipang cuentan por los menos extrañas estórias de él. Cuando supo, por intermedio de los índios, de mi permanencia e mis trabajos en Koimélemong, les dijo que yo iba entregar las fotos que tomava dellos a los Padres de la misión. Entonces que toda la gente que yo había retratado tendría que irse donde los Padres y éstos se la llevarían a su país para usarlos allá como soldados. Bueno, él también ha recolectado artículos etnográficos, cestas, arcos, flechas y cosas semejantes. Tal vez era una especie de competidor. Paz a sus restos.

Los Taulipang pronunciaram su nombre “Pasing” o “Fasing”. Dicen que había lhegado desde el Norte, más allá del Roraima, del “fin del cielo”, com un Makuschi como serviente y ya estaba enfermo al llegar. Había estado aquí sólo um mes. Más tarde llegó um “mekoró” y se lhevó sus pertencias. Los índios lo enterraron en la sabana abierta, al lado de un espumante riachuelo, cerca de la gigantesca roca Tselaúrayapiapo y levantaron un pequeño techo de protección sobre su tumba. En estos grandiosos alrededores descansa él, de todas las fatigas de la vida (KOCH-GRUMBERG, p.1923).

Na década de 1920 mais dois missionários colportores que eram adventistas do Sétimo Dia chegaram voluntariamente também à Amazônia. Desde o ano de 1927, o colportor e missionário alemão Hans G. Mayr e o escocês Andrew Gedrath foram os primeiros adventistas a adentrarem os rios da Amazônia. A motivação de deixar sua nação, sua cultura de origem mistura-se ao senso religioso de fórum íntimo do missionário. O filósofo romano Cícero revela o seguinte:

E, todavía, como o declara aquele pagão, não há nenhuma nação tão bárbara, nenhum povo tão selvagem, no qual não esteja profundamente arraigada esta convicção: Deus existe! E mesmo aqueles que em outros aspectos da vida parecem diferir bem pouco dos seres brutos, ainda assim retêm sempre certa semente de religião. Tão profundamente penetrou ela às mentes de todos, que este pressuposto comum se apegou tão tenazmente às entranhas de todos! (CÍCERO, *apud* CARVALHO, 2016, p.31)



Figura 11 - Uma tumba solitária. In Del Roraima al Orinoco. Vol.1 p.121. 1923  
Fotografia: Theodor Koch-Grumberg, (1911-1913)

Como destaca Carvalho (2016), a *semens religionis* (semente da religião), faz do missionário o *homo religiosus* (homem religioso). É esse *homo religiosus* que através de *sensu divinitas* passa a enxergar o mundo a partir de sua visão, ressignificando sua noção de pátria, lar, família e local de missão. Todos esses traços e /ou elementos culturais neo-protestantes, bem como suas categorias de sagrado e missão, ou suas representações simbólicas, acompanharam esse homem religioso em suas ações sociais na Amazônia.

Deve-se reconhecer que o fenômeno religioso cristão protestante, como explicar Weber (2005), não é fácil de se verificar empiricamente. No entanto é possível observar isso os efeitos sociais e as construções teóricas, como vários *ethos protestantes* que contribuem no caso norte americano, para o acúmulo de bens cujo excedente era fruto do trabalho diário como vocação sagrada ou benção divina. Há aqui uma visão aproximativa com os estudos de Norbert Elias (Os estabelecidos e os outsiders) que o encontro do missionário com as pessoas no campo missionário, dar-se-á um encontro de dois mundos que formar-se-á uma relação de poder, ainda que não haja violência física ou simbólica. Em Elias (2000) podemos afirmar que os protestantes que vieram para a América tornaram-se os estabelecidos e o seu *ethos* protestante estrutura-se em relações de poder pela

construção e disputa de espaço religioso na Amazônia, isto, outrossim, com o uso de estratégia de ação social.

Ao se chegar a Amazônia norte brasileira os norte americanos encontraram as bem feitorias missionárias católicas, os traços culturais religiosos cristãos, algumas demarcando. Os estabelecidos que residiam nas ribeiras do Amazonas, os povos tradicionais, eram de matriz católica estudavam nos colégios de freira ou de padres, e com a chegada dos protestantes com as suas novas formas de ensino, língua inglesa, ensino de música, tratamento de saúde impactam-nos porque é uma grande novidade, principalmente entre aqueles que n não tinham acesso a educação.

Os adventistas do século XX, por serem missionários protestantes, enfrentam duas vezes mais dificuldades para se estabelecerem, a saber: 1) por serem considerados seita (no sentido pejorativo) entre os evangélicos brasileiros e os protestantes de missão norte americanos como os batistas, metodistas e presbiterianos considerados “párias” entre as demais tradições evangélicas ou neo-protestantes; 2) Eram considerados hereges (herege material), por não crerem nas verdades do catolicismo formal. Atualmente, após João Paulo II, os adventistas são considerados “irmãos” separados, cujo batismo é válido. Quando acontece de algum adventista se converter ao catolicismo e o trabalho social admirado venha cooperar em campanhas de solidariedade e assistência social.

A vinda dos colportores adventistas na década de 1920 acrescentam um novo elemento ao *modus operandis* ou estratégia de evangelização na Amazônia, a venda de literatura denominacional. Aos 17 anos de idade Hans G. Mayr Brachert chega em março de 1924 no Rio de Janeiro, chegou ao norte do Brasil em 1927, realiza seu ofício de colportor ao espalhar literatura de Manaus até a cidade de Belém. Cavalcanti (2011) salienta que Hans Mayr fora inspirado pelas histórias das experiências vividas pelos pioneiros nos campos africanos, embora seus trabalhos de inserção de literatura adventista sejam desconhecidos da igreja adventista da atualidade. Cabe destacar que foram essas literaturas que preparam os caminhos para diversas conversões nos rios do Amazonas e Pará, mas seu sonho era abrir uma missão para trabalhar com os índios no Amazonas.



Figura 12 - Hans Mayr e Mercedes (Johana Luise Bräuer), Recém casados.  
Fonte: Adaptado de Streithrost, 1979.p. 11.

Hans na Amazônia passou muita dificuldade sem ter o que comer e onde morar, mas não desistiu de ficar no Brasil, o que lhe trouxe prestígio junto à administração da IASD o colocando, juntamente com o colportor experiente o escocês André Gedrath, para trabalhar na Amazônia. O próprio missionário Leo B. Halliwell ouvira falar de Hans Mayr e fez o registro dele nos seguintes termos:

Era o ano de 1929 quando Leo Halliwell chegava ao Norte do Brasil. Mas, desde 1927, o Amazonas já conhecia e admirava o trabalho altruísta de outro estrangeiro – o jovem Hans G. Mayr, nascido na Alemanha, Hans sempre demonstrava grande interesse pelas fotos e informações dos campos missionários (VALLE,1977. p.22) .

Segundo Kettle (2016) e Cavalcanti (2010) Hans Mayr e André Gedrath chegam em 1927, a Belém. Após juntar todas as economias que tinham feitos no campo missionário resultantes da venda de ovos, aventais confeccionados pela esposa de Hans e também do dinheiro advindo da venda de literaturas, foi a primeira lancha missionária do Brasil, movida a motor de um carro que fora comprado somente para a retirada do motor. A lancha recebeu o nome de “*Ulm am Donau*” (à margem do Danúbio) que “trabalhou durante 7 anos em Maués, Parintins, Mucajá e Fazenda Centenário onde preparou o primeiro grupo de batizados na Amazônia”.

A vida de André Gedrath não foi fácil na Amazônia, sua aparência de estrangeira em Belém do Pará, gerava desconforto entre as pessoas que sempre desconfiavam dos estrangeiros de língua inglesa e sua respectiva literatura<sup>40</sup>. Halliwell explica o contexto da prisão de André Gedrath e da desconfiança acirrada contra os estrangeiros, pois

[...] In 1930, just a year after our arrival in Belém, Dr. Getúlio Vargas and his followers staged a revolution and overthrew the government, establishing Vargas as dictator over all Brazil. During this period there was great agitation to keep down communism, which had already begun infiltrating some areas of Brasil (HALLIWELL, 1959, p.81).<sup>41</sup>

Certa vez ao tentar vender um livro intitulado *Twelve Great Signs of Our Lord's Return*<sup>42</sup>, explicando um dos capítulos que sugeriam que o capital e o trabalho deveriam trabalhar de formas harmônicas como forma de cumprimento da Lei de Deus, foi quando um policial saiu de trás dos arbustos dando-lhe voz de prisão acusando-o de ser comunista. Foi conduzido, preso e posteriormente confinado na solitária. As condições de prisão hoje já não são adequadas à recuperação ao encarceramento humano, em 1930 o processo penal e as condições eram bem piores. Halliwell (1959) registra o acontecimento, salientando que o encarceramento do missionário sem o devido processo penal foi totalmente desumano, a saber:

Without formal trial, he was hurried off to jail and placed in solitary confinement. He had only a hard bench on which to sleep, no fresh air, and no sanitary facilities. The food was very coarse, and as he already suffering from stomach disorder he nearly died of starvation (HALLIWELL, 1959, p.81)<sup>43</sup>.

---

<sup>40</sup> Em virtude da revolta no Grão-Pará conhecida como Cabanagem (1835- 1840), quando o governo regencial de Pe. Diogo Feijó (regência provisória), sufoca com ajuda inglesa a população. Documentos recentes demonstram que os ingleses não se intrometeram em respeito a constituição brasileira, todavia em virtude da contratação de mercenários estrangeiros para compor a tropa brasileira, ficou a o na memória popular que todo estrangeiro era um apoiador do império brasileiro.

<sup>41</sup> “[...] Em 1930, apenas um ano depois da nossa chegada a Belém, o Dr. Getúlio Vargas e seus seguidores fizeram uma revolução e derrubaram o governo, estabelecendo Vargas como ditador sobre todo o Brasil. Durante este período houve grande agitação para deter o avanço do comunismo, que já havia começado a se infiltrar em algumas áreas do Brasil.” (Tradução livre).

<sup>42</sup> “Doze grandes sinais do Retorno de Nosso Senhor” (Tradução livre).

<sup>43</sup> “Sem qualquer julgamento formal, ele foi levado para a prisão e colocado em confinamento na solitária. Ele tinha apenas um banco duro para dormir, não havia ar fresco e nem instalações sanitárias. A comida era muito rude, e como ele já sofria de distúrbios estomacais ele quase morreu de inanição.” (Tradução Livre)

Um pastor da igreja presbiteriana ficou sabendo da situação de André, e passou a ajudá-lo, levando uma rede para que pudesse dormir de forma mais confortável e diariamente levava leite e comida. Assim foi por muito tempo, chegou o período de Natal e um indulto que dava anistia aos presos acusados de comunismo foram libertados como um gesto de “Perdão Cristão”, mas o perdão não se estendera aos estrangeiros e Além de não liberto foi ainda informado que seria fuzilado no dia de Ano Novo. No dia marcado para morrer, foi levado ao tribunal para leitura do processo e da condenação, todavia nesse instante entra um advogado que estava tratando de outro caso e reconheceu o vendedor de livro que lhe havia deixado uma literatura religiosa, passando a tomar a causa de André e esclarecido o equívoco que quase custou a vida, o missionário, foi liberto no mesmo dia.

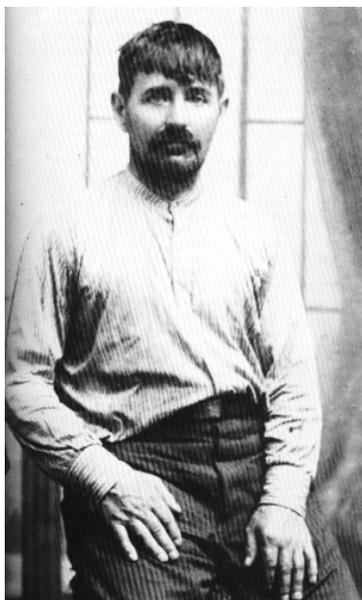


Figura 13. André Gedrath, no dia em que foi solto, 1931.  
Fonte: Streithorst, p.110.

André quando viajava pelos afluentes do Rio Amazonas fazia uso de canoas movidas a remos e com recursos próprios somados a ajuda da Administração de Halliwell, fora construída a segunda lancha missionaria, a mensageira.



Figura 14: o 2ª barco missionário adventista construída em 1930: O mensageiro. Acesso do Museu Leo B. Halliwell. In Faculdade Adventista da Amazônia – FAAMA; Benevides-PA. 2018 Acesso: o autor, Outubro, 2018. Usado com permissão.

O barco *O mensageiro*, foi utilizada na primeira viagem oficial de Halliwell, que se iniciara num grande barco a vapor do tipo “gaiola”, até a cidade de Parintins, situada no Amazonas, de onde continuaram na embarcação de André como piloto e dois pastores/administradores da IASD advindos do Rio de Janeiro, e o Leo Halliwell, como presidente da missão no Baixo Amazonas (Pará-Amazonas). Vivenciaram a administração de Halliwell e os dois representantes da IASD, sentiram as dificuldades de viver e de se locomover na Amazônia da década de 1930. Halliwell explica como foi perigoso o percurso ao passar por lamaçais e lugares rasos onde barco tinha que ser puxado nas costas pelo experiente André Gedrath. Vejamos:

Since was Andre’s boat, to be used in delivering his books, we had accepted him as the captain, and in this crisis he proved his stamina. Our only chance was for all of us to get out of the boat and push, Andre stated firmly. There was danger in the mud and the tall grass-snakes and other creatures that could bring destruction. “And anybody who doesn’t get out, I’ll throw out,” the old man added for extra emphasis.

We did as the gnarled veteran of the Amazon Valley ordered. We sank into mud and slime that held peril at every step, and together we strained and pushed and hauled the boat across the shallow areas. It was a grueling, sweating, hazardous business but somehow we kept at it, goaded and coaxed and badgered by that white-haired man who would not give up (HALLIWELL, 1959, p.92)<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> “Como o barco de André era usado para entregar seus livros, o aceitamos como capitão e, nessa crise, ele provou sua resistência. Nossa única chance era se todos nós saíssemos do barco e o

Em cada lugar por onde passaram os missionários colportores, através de seus livros causaram mudanças chamadas sociologicamente e eclesiasticamente de conversões. Tais conversões tanto nas capitais quanto nas comunidades tradicionais da Amazônia foram acompanhadas de mudanças nas relações de poder. Os indígenas são alfabetizados, fazendeiros como o Cel. Michiles torna-se o primeiro batizado na Amazônia e sua fazenda passa a ser posteriormente a 1ª. Igreja, encontra-se localizada em Maués, Amazonas.

Por intermédio das conversões e batismos, conforme Oliveira (2014), ocorre uma espécie de motivação metafísica<sup>45</sup> aos missionários protestantes, aos quais as distâncias de seus países de origem, de suas famílias, e condições adversas onde uma pessoa culturalmente normal não enfrentariam. Introduziram novo nas culturas (ainda que sejam categorias coloniais) e foram bem recepcionados pelos povos da Amazônia, sobretudo porque foram assistidos por eles nos aspectos educacionais e de saúde.

O avanço do pensamento científico também é um fator histórico influente na motivação desses missionários, pois o avanço do progresso humano e do bem estar social contribuía para uma convivência pacífica da modernidade e da religião, fazendo com que a religião protestante saísse de dentro de quatro paredes do templo e se expandisse frente ao bem estar população e conviva pacificamente com a ciência tradicional. Nas sociedades onde houve liberdade religiosa e liberdade

---

empurrássemos, afirmou André explicou com firmeza que havia perigo na lama e nas vegetações altas como cobras e outras criaturas que poderiam ser mortais. "E qualquer um que saísse, eu vou deixá-lo fora", acrescentou o ancião com forte ênfase.

Fizemos como ordenou o experiente veterano do Vale do Amazonas. Nós afundamos na lama e ficamos presos no lodo que escondia diversos perigos a cada passo, e junto nós planejamos, empurramos e arrastamos o barco pelas áreas rasas. "Era um negócio sofrido, suado e arriscado, mas de alguma forma nós confiávamos nele, éramos motivados, persuadidos e orientados por aquele homem de cabelos brancos que nunca desiste". (Tradução livre).

<sup>45</sup> Muitos norte americanos acreditam que a América possui uma formação mitológica no qual os peregrinos ou pais fundadores foram eleitos por Deus tiveram que fazer um novo êxodo da Europa para a América para fundar uma comunidade dos escolhidos. Como já são escolhidos muitos deles sacrificam-se para levar a "salvação espiritual" para o resto do mundo, numa forma de providência para os nativos, iletrados e ou marginalizados. Para maiores detalhes da corrente providencialista recomenda-se o texto de Oliveira (2014), Guilherme F. que trata do Pensamento Missionário Estadunidense e Evangelização para o Brasil em fins do século XIX. IN Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 7, n. 2, jul./dez. 2014, p. 97-117.

de pesquisa, as pessoas avançaram em seus indicadores de qualidade de vida; onde houve perseguição, escravização e monopólio da religião, ou uma estreita relação da igreja-Estado, houve marginalizações e atrasos.

Nesse sentido o processo civilizador em Elias (2000), não pode explicar na sua totalidade o fenômeno das incursões missionárias protestantes estadunidenses, é óbvio que superficialmente é possível ver à maneira weberiana o excedente de produção sob *ética protestante*. Mas como explicar o indivíduo protestante que rejeita tais bens materiais e vem para uma Amazônia apresentada teoricamente como um inferno verde?

Uma possível resposta encontro em Kant (2008) segundo o qual homem (*homo religiosus*) utiliza-se da caridade para com o próximo, na busca de Deus. Bem verdade que o metafísico não pode ser compreendido, pois o metafísico não pode ser compreendido dentro dos limites da simples razão. A maneira kantiana, propomos que o mal é feito por aqueles que se apropriam do poder e excluem os demais, enquanto que o bem é a capacidade humana de enxergar Deus no próximo e que segue as riscas as boas máximas ou na esperança de um céu e no temor de um inferno capitados pela categoria de igreja (ou religião). A igreja passa a ser uma organização com ou sem fins lucrativos, o que de fato aconteceu em muitas tradições cristãs ao virarem por força da lei em pessoas jurídicas, com seus estatutos, leis internas, regras e práticas, mas o fenômeno religioso muda e a ideia de pertencer a uma organização religiosa no século XX,

O adventismo passa a se expandir no Brasil e na Amazônia, principalmente com a ideia de produção em massa das indústrias Ford que salienta em 1928 “Não vamos à América do Sul para Ganhar dinheiro, mas ajudar a desenvolver essa terra maravilhosa e fértil”. De fato, a instalação da Fordlandia, com moradias gratuitas, escolas e bons salários, ou seja, a implantação de uma cidade americana na Amazônia causou inicialmente uma boa impressão na região, mas a ética protestante e o espírito capitalista, o seu *homo economicus* não seriam fortes o suficiente para o espírito da Amazônia e do *homo amazonicus*.

Com o batismo dos primeiros adventistas na Amazônia mediante o acesso pelas vias fluviais nos trabalhos de colportagem de André Gedrath e Hans

Mayr, um posto missionário foi estabelecido e novos americanos como o Casal Halliwell passariam 30 anos na Amazônia.

### **1.3 Luzeiro I: Uma síntese do saber naval amazônico**

Entre muitos autores como Gondim (2007), Benchimol (1995), Loureiro (2007), Santos (2007), Ugarte (2009) que escreveram sobre fatos, narrativas, economia, arte e demais aspectos de se viver na Amazônia, não haveria cidades e integração social urbana, rural, comunitária e societal sem as tecnologias de navegações pelos rios, que sem o transporte fluvial muitas localidades e populações não existiriam. Com a navegação as distâncias são diminuídas, mas lembre-se que é quando os barcos singram os rios que as pessoas são levadas a pensar em vida e morte. Os rios são perigosos e navegar requer destreza e conhecimento do lugar onde se navega. A Amazônia, neste aspecto, apresenta sérios perigos e evoca cuidado em redobrado.

A lancha mais conhecida na história da IASD é a Luzeiro I, que foi projetada para navegar especialmente nos rios na Amazônia pelo Engenheiro Leo Blair Halliwell. O engenheiro foi também o primeiro missionário oficial da Igreja Adventista para trabalhar nos rios da Amazônia e através de sua Luzeiro I, construída levando em conta o conhecimento tradicional de mestres de embarcação da Amazônia, combinado com a engenharia naval, pesquisada por Halliwell. Navegou de 1931 a 1958 atendendo a regiões distantes e sem recursos médicos e educacionais.

Pelo fato de totalmente as madeiras e as técnicas necessárias para a construção na Amazônia o missionário contratou construtores locais para o trabalho. Halliwell nessa decisão deixa de lado o seu saber especializado em engenharia tendo em vista que o universo científico não comporta todas as formas de saber como ele mesmo pode presenciar. Halliwell (re)conheceu nos construtores de embarcações em Belém, uma harmonia entre o conhecimento tradicional associado à biodiversidade e da construção naval tradicional da Amazônia.

As construções de embarcações tradicionais na Amazônia possuem características únicas tanto o layout quanto o tipo genuinamente regional. Outros colportores como o casal Kettle (Figura 15), já utilizavam uma dessas embarcações e que também servia de moradia provisória quando encontrava-se longe de casa. As fontes acerca dos adventistas na Amazônia misturam-se à história oral desses missionários não oficiais. Foi somente com a vinda do Pr. Leo Blair Halliwell, que os primeiros registros escritos e fotográficos oficiais começaram a serem feitos. Nesse período pós primeira guerra mundial não podemos deixar de assinalar o interesse internacional pela Amazônia<sup>46</sup> e recursos naturais, cobiça mais foram ficando mais acentuados em 1866 quando muitos contrabandistas e especuladores econômicos que consideravam a região o celeiro do mundo em virtude da produção de látex e maior reserva de água doce do mundo, em virtude da produção de látex e maior reserva de água doce do mundo.



Figura 15 - Colportor Pedro Kettle e sua esposa Nair em viagem de Colportagem pelo rio Purus. In Halliwell 1945, p. 128. Nessa embarcação conhecida como igarité<sup>47</sup>, onde dormiam, cozinham e muitas vezes moravam enquanto faziam as incursões missionárias.

<sup>46</sup> Em 1866, pouco tempo após ser criada a província do Amazonas, o governo brasileiro abriu os portos à navegação estrangeira, o que facilitou acesso à borracha e o desenvolvimento econômico na região ante a agropecuária do sul e sudeste.

<sup>47</sup> O termo *igarité* significa canoa larga, é uma forma superlativa de *igara*, a canoa. Maiores detalhes ver a WALLACE, Alfred R. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro with an Account of the*

Fonte: Foto de Halliwell (1945). p.128.

De acordo com Piedra (2006, p.23-26), é imperativo pensar que os missionários protestantes, principalmente os que recebiam verbas governamentais, estariam trabalhando de forma indireta para o governo norte americano, pois quando prestavam contas em seus relatórios acabavam destacando seus feitos e avanços no campo missionário, pois os novos convertidos acabavam demandando a posteriori os excedentes de produção, ou seja, para garantir as demandas de seus produtos e aumentar a potencialização comercial em pontos estratégicos pela América Latina.

No ano de 1930, Halliwell começa a projetar o que seria a maior e até então única embarcação médico-missionária na Amazônia em sua época. Após regressarem dos Estados Unidos e lá terem feito uma campanha de arrecadação, foi possível com os USD\$ 5.400 dólares fora suficiente dar início ao barco. Com 11 metros de comprimento por 3,5m de largura o barco foi projetado conforme o mais avançado conhecimento científico náutico de sua época, estudando os maiores manuais e livros disponibilizados nos Estados Unidos, além da experiência de usuário de barcos na Amazônia.

A experiência prévia de Leo Halliwell nos rios Negro, Solimões, e seus rios afluentes, acrescentados com os períodos de cheia e de baixas não tinha conhecimento científico que abarcasse toda essa sazonalidade da região. Levar já não era mais uma opção, pois a peça que faltava para o barco flutuar, seria a própria madeira da região e as mãos e o saber passado de ofício dos mestres navais da região amazônica, ou seja, toda a engenharia de Halliwell não seria suficiente para materializar a embarcação. Era necessário outras engenharias de saberes, exclusivos daqueles que vivem na Amazônia, saberes estes necessários vindo dos ofícios de artesão da construção e o especialista em madeira da Amazônia. Halliwell procura o construtor naval Mestre Afonso pois o mesmo já trabalhara em outra lancha missionária de colportagem (*A mensageira*), utilizado por André Gedrath e o Mestre Afonso Melo que após ver a planta e as inovações já descreu que flutuaria ou se conseguiria navegar e teve que pedir ajuda a “expert” no conhecimento de madeiras para que o projeto fosse concluído a contento. Segundo Streithorst (1979),

---

*native tribes and Observation on the climate, Geology and natural history of the Amazon Valley*, London: Reeve, 1853, Appendix on “Vocabularies of Amazonian Languages”, p. 523.

o conhecimento à época acerca da diversidade de madeiras da Amazônia utilizáveis para fins navais, ressaltando as incontáveis espécies, conforme últimos estudos em mais de 3.000 espécies registrados conhecidas<sup>48</sup>.

Com a finalidade de ir cada vez mais além e inspirado pelo *design* e ideias das canoas improvisadas da região amazônica como os batelões, igarités e montarias, embarcações estas que predominaram em virtude de suas construções totalmente originadas de uma síntese de dois mundos (ou dois saberes), dos nativos que as faziam dos troncos dos troncos que davam origem as ubás<sup>49</sup> e os colonos e seus barcos lusitanos a vela, conforme descreve Kidder (1951, p.170-171):

Pouca coisa no Pará atrai tanto a atenção do estranho como as empetecadas embarcações fluviais. A todas as variedades de barcos, desde a corveta até a chalupa, dão a designação comum de canoas. Entretanto, poucas são as canoas, propriamente ditas, em tráfego. A montaria que tivemos ocasião de observar no Maranhão, é muito comum em Belém.

As grandes canoas que fazem o tráfego fluvial parecem ter sido construídas para qualquer outro fim, menos para aquele ao qual realmente se destinam. O casco eleva-se da água qual o de um junco chinês. A cerca de meia nau, há uma espécie de toldo, geralmente de palha, para proteger o navegador contra os raios do sol, ou contra o orvalho noturno. Às vezes, há também sobre a armação uma cobertura semelhante, que dá uma certa homogeneidade à aparência do barco. Esse arranjo exige, por seu turno, a construção de um passadiço ou tombadilho, sobre o qual trabalham os encarregados da navegação. O timoneiro fica, geralmente, sentado sobre o toldo de ré. Quando contemplávamos essas embarcações tínhamos a impressão de que, sendo tão pesadas na parte de cima, poderiam virar com facilidade, como inevitavelmente aconteceria se expostas a uma ventania forte. Ao que parece, porém, flutuam com muita facilidade. A grande vantagem da cobertura acima descrita é proporcionar aos barqueiros acomodação onde pendurar suas redes, evitando assim que tenham de desembarcar, para instalá-las em árvores.

---

<sup>48</sup> Xiloteca do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, 1978.

<sup>49</sup> Canoa de um só tronco (geralmente de itaúbas), cuja construção seguem um rito ancestral além das ferramentas (machado, enxó, e fogo) para esculpir eram consagradas dando-lhes um ar místico e religioso. Para maiores detalhes recomendamos a obra de GALVÃO, Eduardo. Encontro de sociedades: Índios e brancos do Brasil. Prefácio de Darci Ribeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.



Figura 16. Embarcações do Amazonas e do Rio Madeira coberta, batelão, igarité, montaria.  
Fonte: Franz Keller-Leuzinger. Voyage d'exploration sur l'Amazonie et le Madeira. 1874.

Tais cenários navais amazônicos com as embarcações ficaram intocados até meados do século XIX, e foram eternizados através dos poetas, pintores, missionários como o padre João Daniel e pesquisadores como Eduardo Galvão.

As empresas estrangeiras exportadoras e importadoras se estabeleceram em Manaus e Belém, passando a explorar a comercialização da borracha, cujo processo logístico só foi possível através dos navios a vapores ingleses e norte americanos conhecidos na região como gaiolas, e foi no navio gaiola Moacyr<sup>50</sup> que em 1930 navegou Leo Halliwell, acompanhado de dois dirigentes de Belém a Parintins<sup>51</sup> onde visitou uma comunidade de adventistas no Paraná do Limão e posteriormente os adventistas de Maués, dentre os quais o primeiro batizado do Amazonas o Sr. José Batista Michiles<sup>52</sup> e sua família tornar-se-iam um baluarte para que o adventismo tivesse êxito.

Os navios gaiolas constituíam-se na maior tecnologia da engenharia naval nos idos de 1930, pois já havia nesse período conhecimento sobre os rios e rotas navegáveis e com a abertura de novos seringais. Segundo Benchimol (1995) e

---

<sup>50</sup> Esse mesmo navio naufragou em 18 de junho de 1943, morreram 75 passageiros, As causas apontadas foram o excesso de peso carregava quase 400 toneladas de borracha.

<sup>51</sup> Após muito levantamento em campo que em Belém, que o Halliwell foi acompanhado pelo presidente da IASD Pr. Elmer H. Wilcox e o missionário Manoel Pereira.

<sup>52</sup> Era conhecido como Donga Michiles, tornou-se o primeiro prefeito de Maués(AM). O nome Donga Michiles também é homenageado como um bairro da mesma cidade. Era uma pessoa de grande prestígio, tratava seus empregados como uma pessoa de sua família.

Loureiro (2007), foi possível que o Barão de Mauá tivesse o monopólio da navegação da Amazônia, introduzindo os Grandes navios de ferro que viajavam sete vezes mais rápido que os barcos tradicionais, pois ainda transportavam pessoas. Foi o comércio nacional e internacional os propulsores para a navegabilidade nos rios da Amazônia, até porque em virtude da própria geografia da região os rios tem uma vantagem competitiva se comparados a estradas e rodovias que precisam de manutenção constantes, pelas vias que transportavam as riquezas da Amazônia.

Os rios da Amazônia são poematizantes, sua beleza contrasta, as vezes, com cenários de cinema como no filme de W. Herzog<sup>53</sup>, aos postais do rio Mississipi no norte da América, quando de longe se avistava a fumaça fazendo brotar sua silhueta acima das margens, lá estavam esses barcos carregados de toneladas de mercadorias e borracha. Como sinaliza Tocantins (2001, p.148) “com destino aos altos rios partiam as gaiolas carregados de mercadorias e gêneros, regressando com os porões repletos de ouro negro da melhor qualidade produzida na Amazônia”.

Ainda é possível ter um vislumbre desse período ao andarmos pela orla da feira Manaus Moderna, de longe avista-se atracado no antigo estaleiro São João do Educandos (Ilha do Caxangá), atual avenida Lourenço Braga. Lá está o casco e grande parte da estrutura do Benjamim<sup>54</sup>, construído em 1905 (Figura 17). Mais a frente ainda flutuando nas águas amazônicas, encontramos outra relíquia o Justo Chermont (Fig.18).

---

<sup>53</sup> Recomenda-se o filme *Fitzcarraldo: a conquista do inútil* (Deust.1982) de Werner Herzog para uma experiência dos sentidos. O diretor alemão filmou na Amazônia um filme acerca do período da borracha, para isso filmou na Amazônia sem nenhum efeito especial, recriando um gaiola inclusive com um motor a vapor. Herzog foi considerado um gênio pelo seu cinema realista.

<sup>54</sup> Nota de campo do autor: O empresário do estaleiro, Sr. Daniel Coutinho informou-nos que muitos tentaram comprar o Benjamim, mas nunca houve um acordo entre os herdeiros. Um outro empresário Sr. Dahilton Cabral pretende que o Benjamim volte a flutuar em forma de um restaurante.



Figura 17. Benjamim, fabricado em 1905 (USA), aguarda desde 1995 o retorno às águas como restaurante flutuante. Cidade de Manaus, 2019.  
Foto: Diogo Gonzaga Torres Neto, Fevereiro/2019.

Após unir a experiência de viajar num gaiola e posteriormente num barco menor para acessar as regiões mais distantes nos canais igarapés, Halliwell sentiu na própria pele o que era navegar em águas profundas, rasas e bancos de areias cheios de plantas do tipo canaranas, mas também encontrando serpentes e outros perigos naturais da selva. Como já conhecia os motores a diesel dos Estados Unidos, resolveu planejar uma embarcação inspirada em todas as outras que vira na Amazônia. O layout do casco em duplo V permitia que o barco não virasse quando no seco, além de suas dimensões e inovações que causaram um espanto no experiente mestre construtor que só aceitou construir com a condição de que não seria responsável, caso acontecesse um naufrágio dessa lancha<sup>55</sup>.

Halliwell durante suas férias nos Estados Unidos adquiriu recursos suficientes para a construção de uma lancha missionária que seria denominada Luzeiro. Foi no dia 4 de julho de 1931, aproximadamente 3 meses após a chegada da madeira de *itaúba* e *pau D'arco* que a Sra. Jessie Halliwell, batizou a lancha quebrando uma garrafa de guaraná no lugar de champagne, quando a lancha Luzeiro foi descendo e flutuou.

---

<sup>55</sup> Halliwell, 1959, §3º. p.97.



Figura: 18. Navio a vapor Justo Chermont. Fabricado em 1895 na Inglaterra, conduziu Ferreira de Castro (A Selva) em sua viagem pela Amazônia em 1911 e participou de filmes, miniséries e documentários. Cidade de Manaus, Estado do Amazonas, 2019.  
Foto: Diogo Gonzaga Torres Neto, Fevereiro/2019.



Figura 19: Inauguração da Lancha Luzeiro, 4 de julho de 1931.  
Fonte: Diogo Gonzaga Torres Neto. Tirada com permissão do acervo do Museu Leo Halliwell,

A ação de quebrar uma garrafa de champanhe próximo ao nome da embarcação remonta a diversos mitos ancestrais e tradições navais pelo mundo. Segundo McNamara (2018), a mais antiga vem da Grécia quando o barco era inaugurado com vinho para se pedir a benção a Poseidon. Tal tradição foi adaptada e adotada pela marinha britânica no século XVI onde se bebia numa taça de metal e parte da bebida era jogada no convés e no mar como forma de pedir proteção divina. Durante a lei seca norte americana (1920-1933), chegou-se a usar água de rio, suco de uva e suco de maçã, sem contar a água do próprio mar e água benta em algumas localidades.

Aparentemente o rito ancestral foi aceito pelos Céus, pois além da dedicação da embarcação para ajudar o próximo a mesma ocorreu no dia da independência estadunidense, além de receber as bênçãos do *Shabbat* porque era um sábado ensolarado, (dia sagrado para os adventistas) e a lancha navegou ao longo do Rio Amazonas por 68 anos.



Figura 20: viagem inaugural da Luzeiro, 4 de julho de 1931.  
Foto: Leo B. Halliwell, 1945.

A lancha Luzeiro foi aposentada em 1998, ficando atracada nos anos que se seguiram numa marina de propriedade denominada Manjadinho que serve para acampamentos e recreações oficiais da IASD situada no igarapé do Tarumã Açu tributário do Rio Negro. Para ser conservada foi submergida até 2009, ocasião quando foi retirada para fazer parte do Museu Leo B. Halliwell, da Faculdade Adventista da Amazônia.

Segundo Murray<sup>56</sup>(1954), o trabalho da lancha Luzeiro durante os primeiros 25 anos atendera cerca de 130.000 contando com outras lanchas Luzeiros que se sucederam ao longo da história assistencialista adventista, que culminou no estabelecimento de escolas, igrejas, missões, duas clínicas<sup>57</sup>. Uma publicação de Hall (1956) de outubro do ano de 1956 na Reader's Digest após analisar suas fontes jornalísticas, apontam que o casal Halliwell juntos ao se aposentarem atenderam mais de 250.000 entre Belém e Manaus, totalizando ao fim de seus trabalhos 22 igrejas implantadas com mais de 3.000 membros batizados, com 56 escolas sabáticas, 15 pastores, e várias equipes de professores e médicos.

No período abarcado por Halliwell (1928-1958) estimava-se, segundo dados levantados por Hall (1956), que ao longo do rio Amazonas havia cerca de dois milhões de pessoas. Inclusive o autor com sua visão colonial, conseguiu apenas classificar entre brasileiros e índios (conforme suas etnias), sendo que os brasileiros ele denominou de amálgama racial de português, negro e índio. Tais ideias de classificação étnicas encontram suas raízes nos termos gregos “*demos*” e “*ethnos*”, o que já indicam que os helenos já classificavam os “seus” dos “outros”. Dessa forma “*demo*” teve a finalidade de criar um “povo”, i.e. “[...] um povo inventado com o propósito de revogar ao mesmo tempo o “velho” poder do nascimento e o que se oferece com toda a naturalidade a sucedê-lo”. De maneira análoga ao termo “amálgama racial” do autor americano, as classificações em “etnia” tentou revogar a ideia oposta ao *demos*, o conceito de *ethnos*. O *ethnos* ao longo da história vem prevalecendo em reposta à lógica das classificações, pois o *ethnos* supostamente apresenta um “povo unido por laços de sangue e pela lei dos ancestrais, ainda que

---

<sup>56</sup> MURRAY, W.E. “The South American Division”, Review and Herald, 28 de maio de 1954 (revista oficial da IASD).

<sup>57</sup> Atuais Hospital Adventista de Manaus e Hospital Adventista de Belém.

míticos.” Independente das classificações coloniais, o *ethnos* na Amazônia permaneceu<sup>58</sup>.

A dicotomia entre infernismo e paraisismo vem da percepção daqueles que estiveram e também dos que não estiveram na Amazônia. A palavra escrita dos religiosos da Amazônia eram carregadas de categorias míticas de diversos povos, as descrições da natureza, dos povos, dos recursos naturais da Amazônia, eram destacadas e supervalorizadas nas narrativas a ponto das mentes intelectualizadas europeias, através de tratados científicos e contos literários, criarem cenários a partir de duas categorias metafísicas da religião, a saber: o Céu e o Inferno. Essas duas categorias da religião são também, como salienta Kant (2001), formas do entendimento através da razão, pois são categorias a priori da humanidade sendo a religião o fenômeno mais antigo, duradouro e resistente e que tenta manifestar o número, logo não existe sociedade e ou comunidades antrópicas sem religião<sup>59</sup> e cultura. Conforme explica Bobbio (1988, p.169) que [...] *l'uomo rimane un essere religioso, nonostante tutti i processi di dismitizzazione, di secolarizzazione, tutte le affermazioni della morte de Dio, che caratterizzano l'età moderna e ancor più quella contemporanea*<sup>60</sup>.

As categorias de *inferno* nas literaturas amazônicas representam todos as representações de dificuldades, sofrimento, esquecimento e morte enfrentadas pelo homem na Amazônia, enquanto que a categoria de *paraíso*, é o ideal de descanso, prazer, gozo e felicidade que toda a humanidade almeja. Gondin (2007) salienta que nem é paraíso perdido e nem é inferno verde, pois a despeito dos mitos europeus da Idade Média<sup>61</sup>, baseados em interpretações bíblicas, salientarem a existência de um paraíso em uma terra desconhecida<sup>62</sup>.

---

<sup>58</sup> Ranciere, 1996.

<sup>59</sup> Religião: do latim *religare* (unir, atar novamente), no caso das categorias missiológicas abordadas dessa tese, com Deus (judaico-cristão). O filósofo Bergson (1978), salienta: “*Houve, no passado e há ainda hoje, sociedades humanas que não tem ciência, arte, nem filosofia. Mas não existe nenhuma sociedade sem religião*” (tradução nossa).

<sup>60</sup> “O homem continua sendo um ser religioso, apesar de todos os processos de demitização, de secularização, e de todas as afirmações da morte de Deus, características da idade moderna e, sobretudo, da idade contemporânea”. (Tradução livre)

<sup>61</sup> Como por exemplo o poema épico *Paraíso Perdido* de John Milton, publicado 1667.

<sup>62</sup> São inúmeras as categorizações de Paraíso ou Inferno para a Amazônia algumas delas até antagônicas a nossa abordagem como por exemplo a concebida por Euclides da Cunha e Alberto Rangel. Para Cunha (2011) “paraíso perdido” como um lugar atrasado, esquecido, deserto, cujo os habitantes viviam às margens da história, mas que tinha um grande potencial político e econômico. A definição de Inferno Verde restringia-se a presença humana, pois a terra era boa, os recursos

Assim, a Amazônia foi inventada e vendida a ideia como paraíso em virtude das possibilidades de recursos minerais e vegetais (madeira e especiarias), encontrados na região como o local da origem da narrativa de Adão e Eva, o El dourado e as míticas guerreiras Amazonas.

A Amazônia foge a qualquer esquema de interpretação, ela é fugidia, rizomática, cada pesquisa e abordagem feitas junto as sociedades e culturas na Amazônia não são excludentes, mas entradas diferentes no mesmo rizoma, cuja a soma dos estudos e abordagens nunca será superior ou igual a Amazônia. Abordá-la somente no inferno ou somente no paraíso, é silenciar as manifestações poéticas, musicais, política, e religiosa que tomam formas locais e ao mesmo tempo são percebidas como globais. A Amazônia não deve mais sujeitar-se às categorias coloniais equivocadas fundamentadas em preconceitos e estereótipos positivistas.

Em 1931 a Luzeiro saiu para sua primeira missão, evento registrado pelo na abertura do primeiro livro de Halliwell (1945), *A light Bearer to the Amazon*, e hoje está exposta no Museu Leo B. Halliwell, em prédio da Faculdade Adventista da Amazônia – FAAMA

---

naturais eram ótimos. Rangel é quase um sinônimo de Cunha, não se quem influenciou quem, pois Cunha prefaciou a obra de Rangel e posteriormente escreveu após sua viagem ao Acre sua obra póstuma “À margem da história”. Nessa tese, optou-se pela categorização de Neide Gondim (2007), Iraídes Torres (2011), que os outsiders demoníacos trouxeram da Europa o inferno e a lógica das classificações para a Terra das Icamiabas.



Figura 21: Luzeiro I no Museu Leo Halliwell / Centro de Preservação da Memória Adventista. / Faculdade adventista da Amazônia – FAAMA. Benevides – PA, 2018  
Foto: o autor, novembro 2018.

A dimensão dessa viagem será detalhada no próximo capítulo, por encontrar-se entrelaçada com a vida de Leo B. Halliwell, o qual nessa ocasião, segundo Hall (1956), nada sabia de medicina e nem de navegação em 1931, mas que décadas depois, registra a Reader's Digest, que ninguém conheceu melhor os rios da Amazônia do que Halliwell. Sua experiência foi respaldada pelo Departamento de Saúde Pública dos Estados Unidos e as Secretarias Estaduais de Saúde dos Estados do Pará e Amazonas.

Casal missionário Leo e Jessie Halliwell, assim como muitos outros missionários protestantes adentraram a Amazônia num período não muito convidativo, mas o desafio de pregar o evangelho era de uma motivação sobrenatural. O cenário era de um labirinto misto de selva e água, a malária e outras epidemias devastava vilas inteiras, tribos inteiras de índios eram dizimadas, e Halliwell agora, com uma lancha irá praticar o que ele sempre ouvia nos sermões missionários: que a obra médica é o braço direito da pregação. Portanto, chegara a hora de exercitar esse braço. Halliwell enfrentaria “a dama da noite” que matava as pessoas silenciosamente.

Agora todos os envolvidos na construção contemplam a grande embarcação branca, ao redor o som dos pássaros, o barulhar dos banzeiros. Orações são levantadas aos Céus em agradecimento, Halliwell para um instante e toda sua vida

desde a infância vem em sua mente, quando era ainda um garotinho que ouvia as histórias de seus antepassados que enfrentavam os índios nas terras ao Oeste, para ali se estabelecerem. Veio parar na Amazônia com um barco que nunca pilotara e nem tinha formação médica para salvar vidas ao longo do rio Amazonas e seus afluentes.

## CAPÍTULO II

### LEO B. HALLIWELL: UM MISSIONÁRIO DO SÉCULO XX

*Nós aprendemos sua língua, costumes e tradições;  
nos tornamos brasileiros de verdade. Pensávamos,  
falávamos, sempre sonhávamos em português,  
a língua oficial da terra.*

Leo B. Halliwell, 1959 in *Light in the Jungle*.

#### 2.1 Leo Blair Halliwell: Um norte americano na Amazônia

Leo B. Halliwell nasceu em 15 de outubro de 1892, em Odessa, no Estado de Nebraska, considerada a última fronteira do mundo. Quando criança ouvia a história de seus antepassados acerca da conquista do Oeste, quando seu pai veio pra Nebraska testemunhou a caça indiscriminada dos búfalos, o que irritava os índios sioux que atravessavam muitas vezes Platte River e queimavam as casas dos colonos, ataques como estes eram comuns e as baixas tanto de colonos e indígenas eram frequentes.

O jovem Halliwell dividia seu tempo no trabalho do campo e nos estudos, guardou dinheiro para cursar o ensino superior na Nebraska University, em Lincoln. Foi num baile de Kearney sua cidade que conheceu Jesssie Rowleys, e bastou uma dança para trocarem juras de amor e ambos passaram junto os últimos dias antes da partida de Halliwell e Jessie esperou por quatro anos até Halliwell retornar e oficializar o noivado. Durante os anos de espera, Jessie Rowleys foi a Lincoln College onde graduou-se em enfermagem no hospital adventista e onde acabou tendo contado com as pregações e assistência social da IASD. Halliwell reencontrou sua noiva agora uma adventista do sétimo dia e que seria muito importante para ela que seu lar fosse cristão. Os noivos agora passavam seu tempo juntos nas tendas e conferências sobre saúde e temas cristãos, Halliwell teria que ser batizado na mesma fé de Jessie para ambos casarem-se.

Ele e sua noiva, Jessie Rowleys, convertem-se ao adventismo entre os anos de 1915 e 1916, após assistirem a várias conferências sobre o retorno de Cristo a Terra, e resolvem deste então dedicar-se, pelo resto de suas vidas, a ajudar

as pessoas que precisavam da cura física e da alma, ainda que fosse em campo missionário distante. Escreveu Halliwell (1959), que a inspiração veio através da leitura das histórias de grandes missionários, a saber:

Two books made a impression on me: On the trail of Livinstone, written by a missionary about his work in Africa, and In the Land of Incas, the story of a missionary's life in Bolivia and Peru. The achievements of these men in salvaging human souls convinced me that we too, must play a greater part in this work. You cannot we felt, work part time for faith (HALLIWELL, 1959, p. 30)<sup>63</sup>.

Com a aprovação de Jessie de servirem juntos, o casal estava decidido a ir até os confins da Terra, os Halliwells desejava contribuir com todos os conhecimentos adquiridos por longos anos de estudos. Halliwell aspirava ajudar com sua experiência em construções de motores para trazer água e energias às comunidades necessitadas, Jessie, na condição de enfermeira desejava trabalhar com a assistência à saúde, mediante o que denominamos hoje de medicina preventiva. O casal voluntariou-se e foram chamados a trabalhar no Brasil, na recém formada União Este Brasileira<sup>64</sup>.

As experiências de conversões religiosas dos Halliwells não é um fenômeno novo, é tão antigo quanto o próprio fenômeno religioso cristão. Mas devemos separar nesse estudo duas experiências comuns à maioria dos cristãos evangélicos, os que nascem na fé, dos que renascem na fé. Segundo James (2017), os nascidos na fé possuem uma experiência religiosa extra-sensorial, na qual o mundo deve personificar a bondade e a majestade de Deus, o mundo é visto de forma romântica porque o sofrimento humano mal lhes desperta a ternura. Os que renascem, ou nasceram duas vezes, destaca o filósofo, suspende muita coisa do elemento do mal, chega a ser uma síntese do primeiro nascimento para o novo mundo que se abre, para o qual agora, encontra-se divinamente chamado e empoderado para cumprir sua missão em relação ao próximo. Tais fenômenos psíquicos são visíveis em todas

---

<sup>63</sup> “Dois livros causaram uma impressão em mim: *Na trilha de Livinstone*, escrito por um missionário acerca de seus trabalhos na África, e *Terra dos Incas: a vida e história missionária na Bolívia e Peru*. Os feitos desses homens na salvação de almas convenceram-me que devíamos também, tomar parte nessa grande obra. Você não entenderia, experimente trabalhar pela fé por meio período”. (Halliwell, 1959, p. 30) (Tradução livre)

<sup>64</sup> Nota do autor: Terminologia da IASD para designar o espaço geográfico da missão que iria abranger a Região Nordeste, Norte e Centro Oeste do Brasil.

as pessoas que professam alguma forma de crença, tratam-se de novos posicionamentos ante às novas descobertas não importando se herdaram a religião por tradição familiar, ou por converterem-se à um novo credo. De fato, encontramos também pessoas que nascem duas vezes sem trocar de fé, e pessoas que nascem uma vez ainda que troque de religião constantemente.

O casal Halliwell, teve que deixar para trás seus familiares, seu lar e seu país, mas os dois estavam muito felizes com a decisão em atender ao *chamado*<sup>65</sup> para servirem, como missionários no Brasil, na Região Noroeste (atualmente regiões Norte e parte de Nordeste), onde havia apenas três membros de sua confissão, permanecendo por sete anos na Bahia.



Figura 22: Mapa da América do Sul dividido segundo a ótica missiológica da IASD, indicando a geografia de atuação para implantação da Igreja Adventista na América do Sul, ou a Divisão Sulamericana .

Fonte: The Advent Review and Sabbath Herald, Vol.106, no.1

Halliwell (1959) salienta em seu livro que a rápida vinda deles trouxe desafios e situações embaraçosas que não podiam prever, pois estavam dispostos a servir numa terra nova e estranha onde as pessoas falam uma língua que eles não

<sup>65</sup> Nome dado, no âmbito administrativo dos adventistas, a um convite para trabalhar para a organização, passando o mesmo a possuir *status* de missionário (ou obreiro) e posteriormente de aspirante ao ministério (nome dado aos missionários que não eram ordenados como pastores).

conheciam, onde os costumes, ideias e estilos de vida eram totalmente diferente pois ao tentar apresentar suas crenças, ensino ou ideias poderiam ser hostilizados, sem contar que ainda não sabiam qual seria de fato seus trabalhos e como desenvolvê-los, sem ferir o primeiro princípio do missionário adventista, a saber; “[...] *that it is not the role of a missionary in a foreign land to impose his culture on the people he has been sent to serve.*”<sup>66</sup>

No final do século XIX o servir ao próximo era consolidado numa espécie de consciência missionária ultramar e de alcance até os confins da Terra (alcance mundial). Os relatos missionários disponibilizados na forma de relatórios ou livros traziam as histórias reais de homens e mulheres que se dispuseram a apregoar. No começo século XX as igrejas que possuíam teologias de missões fortaleciam os relatos apresentando as dificuldades, perigos e privações na implantação de novas igrejas para pregar o evangelho à maneira protestante. Esses relatos circulavam de várias maneiras nas grandes igrejas adventistas dos Estados Unidos e Europa.

Apesar da alegria para servir em terras estrangeiras, o desconhecido e o tipo de o serviço que seria feito e como seria a relação com os brasileiros causava uma certa apreensão e receio. De acordo com o próprio Halliwell (1959, p.34)<sup>67</sup>.

O missionário registra o que se passou na sua consciência ante a missão,

Coming into a world we did not know, to begin a life we could not fully foresee, our excitement ran high. It was to be a life of service, but in a new and strange land, where the people spoke a language we did not yet know, where the customs and ideas and ways of doing differed entirely from ours, where almost certainly some people would be hostile to our ideas and beliefs and our teachings. We had to come to help, not to take; to advise and guide and uplift where we could, but not to impose our will, our belief, or our language. We had come only to bring a message of love and to give love in terms of help.

---

<sup>66</sup> “Não é esta a primeira regra de um missionário em terras estrangeiras, não impor sua cultura sobre o povo no qual fora enviado para servir” Halliwell, 1959; p. 41, §3. (tradução livre).

<sup>67</sup> “*Estávamos indo para um mundo que não conhecíamos e iniciar uma vida sem previsão, nossa excitação estava em alta. Era pra ser uma vida de serviço, mas em uma terra nova e estranha, onde desconhecíamos a língua falada, onde os costumes, ideias e o jeito de fazer as coisas eram totalmente diferente dos nossos, que quase certamente seriam hostis em relação as nossas ideias, crenças e nossos ensinamentos. Chegamos para ajudar, não tirar algo; orientar, guiar e inspirar no que pudermos, mas não impor nossas crenças, nossa fé, ou nossa linguagem. Chegamos para trazer uma mensagem de amor e dar amor na forma de ajuda*” (Halliwell, 1959, p.34) [tradução livre]

Por volta do ano de 1928, o casal Halliwell recebe a incumbência de iniciar a base de uma Missão<sup>68</sup> na região Norte do Brasil. Em uma viagem à Bacia Amazônica, com a finalidade de exploração missionária. Ele ficou consternado com tamanha pobreza, “superstições”<sup>69</sup> e doenças que dizimavam populações inteiras, desde os índios e ribeirinhos ao longo do rio Amazonas. Logo de início, o missionário também percebeu que a dinâmica na Amazônia seguia o fluxo dos rios, as viagens eram muito difíceis e precisavam sempre de ajuda para deslocamento de canoas com remadores para levar a comunidades onde os grandes barcos não chegavam.

A inserção da obra dos Halliwells no Brasil só foi possível graça às ações assistenciais de Jessie que trabalhava todas as horas quando solicitada, não tendo dia ou noite percorria pelas complicadas ruas sinuosas de Salvador para socorrer outras mulheres. O missionário cansou de ver sua esposa fazendo trabalho de partos em condições precárias, muitas vezes os partos com a ajuda de Jessie ocorria com as mulheres deitadas diretamente nas terras ou dentro das igarités ao longo dos rios da Amazônia. Registra Halliwell (1959) que centenas de meninas que nasciam recebiam o nome de Jessie como gratidão.

Halliwell e Jessie sentiram um certo estranhamento frente as práticas androcêntricas ancoradas num patriarcado exacerbado no Brasil da década de 1920, fato este causou uma das primeiras divergências culturais, pois causava espanto um homem ainda que gringo, comprando gêneros alimentícios nas feiras. No tocante ao papel das mulheres a diferença era abissal, pois Jessie possuía grande conhecimento técnico e científico, tinha voz ativa nas decisões familiares e tomava decisões junto com seu esposo, sendo ambos norte americanos ao se depararem com os costumes sociais brasileiros. Como destaca Torres (2005, p.118) que “As mulheres sentem mais as mudanças operadas em suas vidas, Mas do que

---

<sup>68</sup> Missão é o nome dado à estrutura administrativa de pequeno porte, no âmbito da Igreja Adventista, que serve de suporte aos missionários e pastores. É a representação da pessoa jurídica da igreja nos países onde necessitam de registro das atividades. O termo missão pode também ser usado para representar um lugar de moradia para missionário e como sinônimo de uma base de apoio para os interessados na missão.

<sup>69</sup> Ao se referir aos hábitos e costumes derivados dos ensinamentos dos pajés e outras formas de curandeirismo muito comuns nas descrições entre os diversos relatos missionários na região.

os homens, elas são arraigadas aos seus hábitos comuns, elas são arraigadas aos seus hábitos e costumes”.

Halliwell percebeu que as mulheres brasileiras eram isoladas do mundo a ponto de não poderem ir ao centro comercial comprar seus próprios sapatos. Essa ação de comprar vestuário ou acessórios eram feitos por seus maridos que levavam as compras para seus lares. Muitas esposas não sabiam o valor que seus maridos auferiam e nem o que faziam para trazer o sustento da casa. Jessie teve que se adaptar para fazer amizades com as mulheres de sua denominação no Brasil, aprendendo a cozinhar pratos brasileiros até que ganhou aceitação, respeito e admiração pelo rápido aprendizado.

As mulheres norte americanas desde o fim da Guerra Civil em meados ao século XIX nos EUA, foram protagonistas de movimentos por direitos que visavam a igualdade e justiça de gênero que impulsionavam mudanças sociais, políticas e religiosas. As mulheres norte americanas são as protagonistas de transformações religiosas numa teologia inclusiva que abraçava a modernidade que traziam avanços, sem ferir o conservadorismo patriarcal no que se refere em reconhecer a participação feminina tanto quanto a tradicional, desde as políticas internas de uma congregação religiosa até ao campo político e civil (McLOUGHLIN, 1993; BLOOM, 1992, AHLSTROM, 1973.)

Para Bourdieu (2014) o campo político é composto por diversas lutas simbólicas cujos agentes se utilizam de instrumentos desiguais (adquiridos pelos capitais) e relações de poderes (simbólicos) desiguais que são fundamentais para os integrantes do campo político manterem-se reconhecidos pelos seus pares. Dessa forma o espaço social público é visto como um espaço masculinizado, essa ideia é amparada e reforçada de tempos em tempos por uma ideologia patriarcal que exclui as mulheres desde o momento de sua formação educacional ou atuação dentro da sociedade, ainda que amparada legalmente pela formação acadêmica científica e ainda que exerça sua ação para melhorar a vida do seu semelhante. Para Mill (2006,p.19) toda uma ideologia foi construída no patriarcado para sujeitar culturalmente e psiquicamente a mulher, a ponto de não fazer parte do papel político e social. Para ele “[...] quanto à participação política feminina, a submissão das mulheres não é algo que foi firmado na experiência, pois nunca existiu um governo

só de mulheres que ficasse comprovado que as mulheres são incapazes de se envolverem em questões políticas.” Para Souza (2016, p.72), vejamos:

A naturalização do patriarcado nas instâncias de poder político têm tornado cada vez mais forte a opressão de um sexo sobre o outro, sobretudo a mulher que em decorrência das crenças e religiões é vista como ser passível a esse sistema de regras que determina o tipo de comportamento e até a forma como se vestir da mulher.”

Uma destacada adventista brasileira, Eunice Michiles, segundo pesquisa de Michele Souza sob orientação da professora Iraídes Torres, revela que nos espaços formais que se sucederam no Sul, como as escolas e escritórios ainda são de sujeição e supremacia masculina. Em entrevista concedida a essa pesquisadora, a ex-senadora Eunice Michiles (81 anos), expõe o seguinte quadro:

“Eu fui criada num colégio interno, num colégio Adventista onde toda a minha formação foi religiosa, meus pais eram religiosos e tudo que me foi passado durante a minha infância e adolescência era que a mulher tinha que ser boazinha e obediente ao marido, cuidar do lar (SOUSA, 2016)

É notório o silenciamento das mulheres missionárias evangélicas, recomenda-se uma pesquisa exclusiva dos fatos e ações de Jessie Halliwell, embora seu marido dê um destaque para seu papel na missão na Amazônia, era o nome de Halliwell que se vinha primeiramente à mente em seguida a sua esposa. Destaca-se que entre os fundadores do adventismo do sétimo dia encontra-se uma mulher que sofreu muito para cumprir seu papel de profetiza e guiar o movimento do sectarismo numa igreja mundial ainda no começo do século XX. Seu exemplo e respeito adquirido inspirou mulheres para as missões religiosas, já nos movimentos coloniais do século XIX e começo do XX as mulheres e suas ações missionárias em outras culturas já eram consideradas legítimas e honrada. Muitas mulheres que abriram mãos de um casamento, ou ficaram sozinhas dedicaram sua vida no campo religioso era bem vista na sociedade ao contrário das que queriam emancipações sociais, mas sem vínculo alguma com alguma igreja. Para Campos (1992, p. 111) “a história das sociedades até agora existentes constituiria uma história da subordinação das mulheres pelos homens em base aos sistemas gênero-sexo que culturalmente produziram”. Todavia as modificações que vinham ocorrendo, como percebe e reflete Gilberto Freyre (2001, p.96) conforme narra as diferenças de sexo

Intelectualmente como socialmente, nós estamos numa época em que o masculino e o feminino tendem a um tipo único, as diferenças

se mostrando bem menos vivas do que há um século. Então não se compreendia homem sem barba nem mulher sem anquinha.

Segundo Priore (2001, p. 233) “A tarefa da história das mulheres [...] não é a desconstrução dos discursos masculinos sobre as mulheres, mas sim, a ultrapassagem da pobreza dos fatos que tornou a vida dessas atoras sociais tão descarnada”.

É na cultura da sociedade que as relações culturais acabam formando grupos sociais com suas respectivas estratégias de manutenção do poder e identidades de pessoas e de grupos. É dentro das reuniões religiosas, do sermão que é ouvido, dos estudos e homiléticas bíblicas que a identidade religiosa estabelece e reforça os padrões culturais de homens e mulheres no cotidiano, nos lugares, nas hierarquias dentro e fora da igreja, nas atitudes e reações no mundo, construindo visões de mundo ou representações simbólicas. É na identidade religiosa que os papéis e as relações de gênero são as vezes reforçadas ou criadas, no primeiro caso quando a religião já é uma prática de família, e no segundo, quando a religião juntamente com a congregação torna-se uma família. São nas relações das pessoas da família nuclear com a família da fé que os papéis de cada uma são distribuídos, motivados pela cultura organizacional que ao transcenderem em outras relações na sociedade são guiadas pela mão invisível, quer seja do mercado ou de Deus, adquirindo forma, intenção e o sentido da vida.

A necessidade nos campos missionários eram maiores que as relações de gênero na sociedade. As igrejas com o intuito de pregar o evangelho fizeram uma opção legítima de empoderamento feminino religioso. Com o suporte financeiro, material e institucional através de redes educacionais, as igrejas incluíram as associações femininas, as literaturas e escolas profissionalizantes e as missionárias do século XX eram socialmente reconhecidas pelas suas profissões. Eram elas as professoras, enfermeiras, médicas, engenheiras, profissões estas de domínio masculino, mas que abriam espaço para implantação da religião na nova localidade sendo pois internamente nas igrejas vistas como missionárias e na sociedade como grandes mulheres profissionais no começo do século XX.

Tal advento do século XX trouxe reavivamentos ou movimentos de expansão religiosas com o envolvimento de uma imensidão de missionários de

todas as religiões cristãs nos países anglófonos que saíram com a missão de fundar novas igrejas em novos países. É nesse cenário que o casal Halliwell em 1928 partiu para o Estado mais evangélico do norte do Brasil, nesse caso o Estado do Pará, pois as relações comerciais com nações anglófonas permitiram às instalações de benfeitorias comerciais na região, e conseqüente de estruturas para manifestação da fé protestante adventista e de outras matrizes protestantes já existentes antes mesmo da abertura dos portos.

Segundo Dreher (1992) convencionou-se a chamar no Brasil Imperial, a falar a expressão “presença protestante” no país a partir de 1824, para o advento de imigrantes de origem germânica no Rio Grande do Sul, em sua maioria Luteranos ou de matrizes protestantes. De acordo com Mafra (2001) esses imigrantes teriam como destino as cidades de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro, e São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul. Na Amazônia, particularmente no Pará, as primeiras penetrações de protestantes datam do século XIX. No entanto, há relatos de que nos anos de 1766 e 1768, através da política de reorganização do império português por Marquês de Pombal, após a separação entre Portugal e Espanha, em 1640, imigraram para a Amazônia 87 alemães: 85 homens e 2 mulheres. Esses imigrantes eram mercenários desertados das tropas espanholas, fugiram para Portugal e, casados com moças recolhidas às Casas de Correção, foram despachados para a Amazônia, fixando moradia na “Vila Viçosa da Madre de Deus”, entre Nova Mazagão e Macapá-AP (OBERACKER JR., 1996 apud DREHER, 1992, p. 322). Dreher assinala que a vila desapareceu devido às adversidades climáticas, dispersando, assim, seus moradores. Ele se pergunta também se os imigrantes eram protestantes, mas arremata que, caso fossem, não nos deixaram vestígios.

## **2.2 Leo B. Halliwell e as viagens missionárias assistencialistas pelos rios**

O casal Halliwell, que falava apenas o inglês norte-americano, chegou ao Brasil em 1921 e ficou sete anos na Bahia, onde pôde familiarizar-se com a língua portuguesa. Anteriormente, como todo missionário, acercou-se de toda a literatura disponível sobre a Amazônia. Assim percebemos não somente uma, mas uma

multiplicidade de vozes que ecoam da literatura anglófona, até de obras que fazem referência aos primeiros navegantes e exploradores do rio das Amazonas e da Amazônia em si, descritas por missionários como Samuel Fritz e João Daniel, outras referências indiretas à obra de outro engenheiro, o de Alberto Rangel (*Inferno Verde*, 1908), que retrata as relações do homem amazônico com a floresta e as dificuldades, chamadas de aspectos infernais.

Tais aspectos do inferno verde contribuíram para que Halliwell entendesse e interpretasse alguns costumes e aspectos culturais das populações da Amazônia, fazendo *a posteriori* em seu livro de 1959 a descrição de sua percepção e interpretação da Amazônia. Observa-se que interpretar mediante um método hermenêutico é dialogar com as representações de escritores e narradores, buscando a essência da originalidade da literatura, neste caso de Halliwell, de distanciar da mera reprodução dos discursos literários sobre a Amazônia. Ao realizar a exegese do texto, é feita antes a exegese das coisas, e essas coisas são as manifestações da Amazônia em sua complexidade, que estão explicitadas na escrita, diferentemente do falar, pois “enquanto o falar remete ao homem falante, o dizer remete às coisas ditas” – neste *paper*, ditas e escritas para Halliwell e *a posteriori* por Halliwell (RICOEUR, 2008, p. 41).

Encontram-se nos discursos e escritos de Leo Halliwell alguns termos derivados de diversos escritores, narradores, pesquisadores, antropólogos e cronistas, o que demonstra que ele se preparou para adentrar a região amazônica, já que ele só conhecia a vasta literatura tida por universal sobre a região. Os conhecimentos técnicos tributários de sua formação superior em Engenharia Elétrica, além de vasto conhecimento naval adquirido *ad hoc* para a navegação dos rios da Amazônia, o ajudaram na projeção e execução da embarcação médico-missionária chamada de LUZEIRO I. Fez curso básico para tratamento de doenças tropicais e, mesmo sem formação médica, juntamente com sua esposa, a enfermeira Jessie Halliwell, salvou a vida de milhares de pessoas que habitavam os labirintos verdes do organismo complexo e vivo da Amazônia. Na Amazônia tudo está intrinsecamente ligado, “[...] fazendo parte desse organismo complexo. Entendê-lo é perceber a ciência como um conjunto interdisciplinar e interativo, que busca na

biologia, na físico-química, na antropologia e, assim por diante, uma voz única para a compreensão do homem e de seu *habitat*.” (PEDROSA, 2013, p.12).

O uso de conhecimento da engenharia não é nenhuma novidade na Amazônia. Segunda Silva (2012, p.108) os primeiros missionários católicos também utilizaram técnicas aprendidas na Europa, combinadas com o conhecimento indígena, para cultivar grãos e levar água aonde bem quisessem, dando origem às cidades da Amazônia. Foi nessas cidades, vilas ou comunidades que Halliwell desenvolveu seu trabalho missionário, navegando pelos rios da Amazônia e mostrando ainda a ideologia protestante de prosperidade, crescimento econômico e liberdade, conforme indicada por (PINTO,2008, p.40):

“Na América do Norte vemos uma grande prosperidade baseada no crescimento da indústria e da população, na ordem civil e na liberdade Toda a federação constitui um só Estado e tem um centro político. Em compensação as repúblicas sul-americanas se baseiam no poder militar; sua história é uma contínua revolução. Estados que estavam antes federados se separam, outros que estavam desunidos se reúnem e todas essas mudanças são seguidas de movimentos militares. Se considerarmos mais detidamente as diferenças entre as duas partes da América, encontramos duas direções divergentes na política e na religião. A América do Norte, ainda que cheia de seitas, é em conjunto protestante. Outra diferença é que a América do Sul foi conquistada, enquanto que a do Norte foi colonizada”.

De posse das informações oficiais e literárias repassadas ao casal e cientes da dificuldade que encontrariam ante à resistência católica, no ano de 1928 Halliwell e sua esposa partiram para seu destino. Sua primeira impressão foi que navegar pela Amazônia era como estar num labirinto misto de selva e água. Diante disso, o casal muniu-se de informações geográficas acerca da área de 4.273.689 quilômetros quadrados na qual iria trabalhar. Descobriu que o rio Amazonas, principal rio da região, era um rio poderoso, mas o que o deixou mais perplexo era que ele nascia em um local desconhecido no Peru, com uma pequena vertente que se alimentava do degelo dos Andes, onde recebia o nome de Maranhão. Ao entrar na Amazônia brasileira seu nome mudava para Solimões; em Manaus se encontrava com o rio Negro, provocando um fenômeno conhecido como encontro das águas, e formava um caudaloso rio, o Amazonas, com extensão de 5.904 quilômetros. Quanto à sua profundidade, calculava-se à época que sua variação ficava em 300 metros na região do Solimões e 75 metros no encontro das águas, sendo na foz

do Xingu sua largura chega a 13.000 metros de uma margem a outra (STREITHORST, 1979).

Outros aspectos geográficos da Amazônia passados a Halliwell (1945) diz a respeito da linha do Equador, que passa na região, em Macapá, capital do Estado do Amapá; o clima que se manifesta em duas estações, sendo seis meses de seca e seis meses de chuva; “as chuvas [que] caíam à hora certa cada dia e os encontros eram marcados tomando-se como base a vinda da chuva – antes ou depois dela”; sem contar a umidade intensa e o calor respeitável. A população possui a pele “amorenada” porque foi “tostada pelo sol”; cabelos e olhos negros, estes em formato amendoado, em virtude da mestiçagem com índios de incontáveis tribos indígenas. Costumam usar redes para dormir em vez de cama; por existirem muitos rios, não há necessidade de infraestrutura por parte do Governo. Conforme Streithorst (1979, p.46).

[...] porque a população vive às margens dos rios e usa a canoa como meio de transporte e comunicação. As famílias possuem canoas de tipos e tamanhos diferentes, em lugar de carros e caminhões, as grandes avenidas para transitarem são os rios. As ruas são os paranás, as vielas são os furos, pois não tem saída; os lagos são as praças.

Anos mais tarde, descrições como esta influenciariam compositores da região amazônica, como Paulo André Barata, que as traduziu na canção *Esse Rio é Minha Rua*. Os rios são muitas vezes contaminados pela extração de diversos minérios do solo amazônico, como ouro, ferro, manganês, mercúrio, sal-gema, mica, cristais, petróleo. Todavia, as águas sempre possuem um domínio sobre os modos de vida na Amazônia, como destaca Tocantins (2001, p.78):

O rio, sempre o rio, unido ao homem, em associação quase mística, o que pode comportar a transposição da máxima de Heródoto para os condados amazônicos, onde a vida chega a ser, até certo ponto, uma dádiva do rio, e a água uma espécie de fiador dos destinos humanos. Veias do sangue da planície, caminho natural dos descobridores, farnel do pobre e do rico, determinante das temperaturas e dos fenômenos atmosféricos, amados, odiados, louvados, amaldiçoados, os rios são a fonte perene do progresso, pois sem ele o vale se estiolaria no vazio inexpressivo dos desertos. Esses oásis fabulosos tornaram possível a conquista da terra e asseguraram a presença humana, embelezaram a paisagem, fazem

girar a civilização – comandam a vida no anfiteatro amazônico. (TOCANTINS, 2001, p. 278).

A variedade de fauna, flora e alimentos é enorme, em virtude do ciclo de cheias o solo fica adubado pelo húmus trazido pelas águas. Conforme Streithorst (1979) Halliwell foi informado que a exuberância é de fazer inveja aos países do norte. Árvores gigantes em largura e altura, havendo mais de vinte mil espécies catalogadas. A banana é a fruta mais utilizada na região dos trópicos. É regra haver peixe e farinha à mesa dos povos do interior da Amazônia, e a carne e o leite de origem bovina são de difícil acesso. Apesar da variedade de vegetais, existe subnutrição, pois as frutas e verduras são pouco ingeridas, e “as crianças recém-nascidas já são alimentadas com papa de farinha de mandioca que só contém amido e assim ficam carentes de proteínas tão necessárias ao desenvolvimento” (STREITHORST, 1979, p. 46).

O lado ruim, caso desejassem realmente permanecer na Amazônia, é que teriam que enfrentar a diversidade de mosquitos transmissores de doenças como a malária e a filária, além de febres de causas ainda desconhecidas. Além disso,

[...] teriam ainda que beber água do rio, infestada de impurezas, e comer a farinha de mandioca com peixe, principalmente o pirarucu salgado; possivelmente teria encontros inesperados com animais ferozes e traiçoeiros; trocaria a cama pela rede, onde até agora lhe parecia ser impossível dormir, suportaria o calor escaldante dos trópicos; estaria sujeito a tempestades inclementes durante as travessias em frágeis canoas; encontraria oposição por parte do catolicismo e da pajelança. (STREITHORST, 1979, p. 47).

Diante do cenário descrito ao missionário, só lhe restou dizer: “o que é isto em comparação com o que Jesus sofreu por mim? Os habitantes dessa região também necessitam do Evangelho, porque são filhos de Deus. Alguém deve fazer este trabalho e este alguém sou eu, porque Deus me chamou”. O protestante Halliwell intentava, à maneira dos missionários jesuítas, realizar “um trabalho de civilização e cristianização das populações nativas”. Da mesma forma como há registros nos diários de viagens missionárias dos jesuítas, os protestantes também registram as paisagens e seus elementos típicos, os fenômenos naturais e seus efeitos (danosos, na maioria) nas populações da Amazônia, além das situações de hostilidade e fraternidade entre os índios, e a presença de animais selvagens e outras feras das matas e dos rios, conforme explica Pinto (2008, p.22-23) no caso de

Samuel Fritz e suas anotações de seu diário: “Sua obra constitui, portanto, momento inaugural do pensamento social sobre a Amazônia e em particular sobre o pensamento social antropológico.”. Salientou ainda que tais descrições viraram um constructo na forma de descrever a região como os elementos típicos de passagens, fenômenos naturais, situações de perigo e aventura.

Àquela altura, predominava na Europa a ideia de que a evangelização não era só uma prática de cristianização do mundo, mas, principalmente, parte de um processo civilizacional. Os missionários seguiam um dever civilizatório nos termos de Elias (1994), tinham a incumbência de levar a (sua) civilização aos povos bárbaros. Para isso, os indígenas tinham que abandonar o estágio selvagem e essa transformação só era possível pela mudança religiosa; leia-se, pela conversão dos (primitivos) indígenas ao protestantismo “civilizado” e “civilizador”. Mas, talvez, por causa da, inconstância da alma selvagem (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), este desígnio do protestantismo não se realizou; pelo menos até ao século XIX (MENDONÇA, 1997; GONÇALVES, 2011).

Não distante da realidade vivida por Halliwell e sua esposa foi muito maior que as dificuldades descritas. O casal Halliwell encontrou uma Amazônia como um inferno verde, onde as pessoas disputavam o espaço com a natureza, ao lado de feras e doenças tropicais, que quase sempre viravam epidemias devido à falta de assistência médica, dentre as quais a malária, tracoma, varíola e outras derivadas das condições de vida ribeirinha da época.

As representações simbólicas e práticas religiosas são expressões de modos de vida, a partir dos quais os grupos se orientam, social e culturalmente. Em Bordieu (2011, p.30-32) acerca de Weber, destaca que toda teodicéia é reflexo de uma sociodicéia, explica:

Neste ponto, Weber está de acordo com Marx ao afirmar que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a “legitimação” do poder dos “dominantes” e para a “domesticação dos dominados”. [...] Em outras palavras, a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão

política apresenta-se como estrutura natural-sobrenatural do cosmos (BOURDIEU, 2011, p. 30-31-32)

A religião participa do processo de consagração de estruturas e representações históricas, sociais e culturais de povos e comunidades. No caso deste estudo, de comunidades tradicionais (indígenas e não indígenas caboclas) da Amazônia as mesmas aceita é que decidem os elementos que ficam e os que saem, de forma pacífica sem pressão alguma. A noção protestante da fé, centrada no indivíduo, é interpretada como uma trajetória que implica mudanças radicais no comportamento dos crentes, tendo estes que 'nascer de novo' (*born-again*), através da aceitação de Cristo (pela fé) e pelo batismo nas águas (ALBRECHT; HOWARD, 2014).

A espiritualidade evangélica da Amazônia é recepcionada do xamanismo indígena, pajelança, catolicismo popular, o espiritismo kardecista, dos cultos aos orixás e dos movimentos protestantes de missões e imigrações que se entrelaçaram num sincretismo cultural-religioso e formaram o *ethos* evangélico. É neste cenário que: “O Brasil sincrético dos indígenas, catolicismo e cultos africanos é marcado por uma religiosidade com muita abertura para a manifestação do êxtase e suas variantes, onde o pentecostalismo encontra campo fértil” (ALENCAR, 2013, p. 50).

### **2.3 A lancha Luzeiro e as assistências médico-missionários nos rios da Amazônia**

Os livros escritos por Halliwell (1945 e 1959) e Streithorst (1979) retratam as histórias próprias e testemunhadas por várias pessoas acerca da experiência vivida pelo casal de missionários adventistas norte-americanos Leo e Jessie Halliwell, que fundaram as primeiras missões adventistas e praticamente inauguraram os serviços médicos e as conversões dos primeiros brasileiros da Amazônia, nas cidades construídas próximo aos rios desde o alto rio Negro até a foz do rio Amazonas, no Pará.

Leo B. Halliwell, ao escrever suas experiências em seus dois livros, registra suas intervenções mediante tratamentos médicos contribuindo com a cura do corpo e como pregador, com a cura da alma, além de legar-nos uma descrição do interior da selva Amazônica desse período, principalmente quando se trata de localidades

ao longo do rio Amazonas. Ao isolar os aspectos eclesiásticos contidos nos livros teremos, ao mesmo tempo, um “paraíso perdido” e um “inferno verde”. Seus relatos mostram certa academicidade, mas uma grande dificuldade de classificar a Amazônia em áreas. Em 1945, Halliwell tenta escrever e descrever a realidade amazônica por seções, mas em 1959, um ano após sua jubilação da Amazônia, retrata uma Amazônia na forma de conto e causos vividos, onde se entrelaçam numa espécie de rede as várias lendas (mitos), ciências, costumes e natureza selvagem. Streithorst (1979), por seu turno, escreve um livro em língua portuguesa, para manter viva na literatura e na memória da Igreja Adventista<sup>70</sup> a ação missionária entre os adventistas brasileiros. Trata-se de um livro que ressalta as mais perigosas e cômicas situações vividas pelos Halliwell em virtude do “choque cultural”, na visão da autora, que ele mesmo costumava relembrar nas rodas de conversa.

Ao se proceder a uma exegese dos dois escritos de Halliwell e do de Streithorst, seguida de uma hermenêutica desses três livros à maneira de Ricoeur (2008), percebe-se que o pano de fundo é a indomável floresta, majestosa, de pássaros pipilantes e aves multicores, cujos rios são os maiores desafios, porque eles teriam que beber da água do rio infestada de impurezas. Também enfrentaram revoadas de mosquitos transmissores de doenças tropicais, rios esses que formam diversos labirintos de ilhotas, muitas delas ainda inabitáveis pelo homem, as quais se misturavam com diversos paranás e igarapés que formam o grande Rio Amazonas.

Halliwell escreve seu primeiro livro durante o último ano da II Guerra Mundial e o publica ainda em 1945 sob o título *Light Bearer to the Amazon* (Luzeiro para Amazônia) pela editora adventista norte-americana, com a finalidade de incentivar novas doações para os serviços missionários na Amazônia. O autor escreve à maneira dos antropólogos e darwinistas, descrevendo em capítulos as suas percepções acerca da flora, fauna, rios, economia, pessoas e costumes. O autor dá voz aos esquecidos pela historiografia que são os povos tradicionais (agricultores, pescadores, seringueiros, mateiros, pra sabermos, juteiros entre outros.

---

<sup>70</sup> O livro de Streithorst (1979) não é mais publicado.

nessa região denominada em muitas literaturas e que também fora descrita a ele como um “paraíso perdido”, mas vivida na intensidade de um “inferno verde”. Cabe salientar que ambas as realidades mencionadas foram vividas pelos autores a partir da embarcação batizada de Luzeiro I. Esta foi projetada após o casal Halliwell ser indicado para administrar a Região Norte do Brasil no âmbito eclesiástico de sua denominação, o que aceitaram de bom grado. Halliwell fez uma viagem para conhecer a realidade das pessoas que habitavam ao longo do Rio Amazonas e afluentes.

A lancha Luzeiro, como vimos anteriormente foi projetada para servir de transporte para as ações de Halliwell na Amazônia no âmbito eclesiástico de sua denominação. Halliwell inaugura a lancha fazendo uma viagem para conhecer a realidade das pessoas que habitavam ao longo do rio Amazonas e afluentes.

Suas primeiras viagens ao interior da Amazônia eram feitas em pequenos navios a vapor, num desconforto total não possuíam camarotes, os passageiros deviam levar suas redes, podendo armá-las onde lhes conviesse, por isso às vezes essas embarcações eram chamadas de gaiolas. Não havia segurança, e todos os passageiros, não importando sua índole ou classe social, viajavam sob a mesma condição. Os navios gaiolas não iam a todos os lugares por isso Halliwell tinha que contratar o serviço dos canoeiros para levá-lo pelos afluentes e caminhos que pareciam não ter fim. Streithorst (1979) ressalta que certa noite, em meio aos rios, Halliwell teve um *insight* que sua esposa achou extravagante e inviável, que consistia em construir uma lancha exclusivamente capaz de viajar tanto pelos grandes rios quanto pelos pequenos. Assim poderiam levar a pregação do Evangelho de forma espiritual, e os medicamentos, para tratar as doenças do corpo de forma gratuita a quem precisasse.

Halliwell era engenheiro e com seu conhecimento científico desenhou e projetou cada detalhe da embarcação. Em 1930 viajou para os Estados Unidos, onde proferiu diversas conferências e palestras, angariando fundos suficientes para a construção da Luzeiro I, que possui 11 metros de comprimento por 3,5 metros de largura, e um calado de 85 centímetros; a parte externa do fundo possui um formato de VV, o que lhe permitia na baixa das marés ficar firme e fazer os devidos reparos no casco quando necessário. A descrição da embarcação é feita, aqui, por meio da

pesquisa de campo, estivermos no museu da Faculdade Adventista da Amazônia, especificamente no Centro de Preservação da Memória Adventista da Amazônia, onde constatamos que mesmo após 88 anos, a Luzeiro continua intacta desde sua viagem inaugural. Mestre Afonso Melo foi contratado por ser o maior construtor naval da localidade e um *expert* em madeiras da região. As árvores para a construção da lancha foram encomendadas em virtude do transporte, que era feito e trazidos em forma de jangadas, um tronco amarrado ao outro e puxados por um motor até o estaleiro onde eram serradas em tábuas. Para a quilha foi usada *pau-d'arco*; as falcas eram de oito árvores de itaúba; doze árvores de piquiá para o cavername; para o acabamento interno foram encomendadas seis árvores de cedro. A itaúba teve que ser cerrada no local, por ser muito pesada e não flutuar. Cabe destacar que Mestre Afonso nunca tinha construído um barco tão grande e diferente; chegou a duvidar se flutuaria, pois tinha uma proa projetada para cortar as águas, o que conseqüentemente aumentava a velocidade de navegação.



Fig. 2. Luzeiro I, construída em 1931 para serviços médico-missionários na Amazônia.  
Fonte: Strehthorst em 1979.

Foi batizada no dia 4 de julho de 1931, com uma garrafa de guaraná, recebendo o nome de Luzeiro I. Mestre Afonso foi a primeira pessoa a receber as congratulações, irradiava de alegria e todos os quarenta presentes entraram na

embarcação para um passeio ao redor de Belém. A embarcação era “a clínica, consultório, sala pastoral e de aconselhamento, onde as pessoas iriam buscar alívio para os seus sofrimentos físicos e espirituais” (STREITHORST, 1979, p. 55). Era também o meio de transporte pelo qual os Halliwell levariam o Evangelho às longínquas regiões da hileia amazônica.

Na primeira viagem da Luzeiro, Halliwell (1945) descreve que no primeiro sábado, quando descansava sua embarcação às margens do Rio Trombetas, tributário do Rio Amazonas, sob a sombra de uma frondosa árvore eles entoavam um cântico religioso. De repente foram interrompidos quando uma canoa encostou no barco, cujo remador “tinha as faces pálidas demonstrando sinais de dor e sofrimento [...] contou que toda a sua família estava doente de malária. Pediu que fossem até a sua casa, porque os doentes não podiam ir até a lancha para medicar-se porque estavam muito fracos”. Streithorst (1979), ao detalhar esse episódio, enfatiza que o quadro encontrado pelo missionário foi “est arrecedor e comovente” e que, ao adentrar a casa coberta de palha, cujas paredes eram feitas de barro, ele e sua esposa divisaram a seguinte cena:

[...] uma enorme sala tendo ao centro uma grande e forte coluna de madeira, ou seja, um esteio que ia do chão ao teto. Havia várias redes presas a este esteio, no centro, e as outras pontas das redes estavam presas às paredes laterais, dando a ideia de uma roda com seus raios. Dentro de cada rede estava um doente, e algumas delas balançavam, impulsionadas pela febre elevada que fazia os doentes tremerem “como vara verde”, diziam eles. Outros estavam molhados de suor frio que denunciavam estarem livres da febre por aquele dia, ao menos. Porque, se não fossem medicados, ela voltaria com maior veemência no dia seguinte, ou dois dias depois, ou mesmo três dias após. (STREITHORST, 1979, p. 66-67).

Halliwell (1945) ao investigar a origem da malária na Amazônia ressaltou em seu primeiro relato que mais de dois milhões de pessoas viviam ao longo dos rios da região, e parte significativa dessas pessoas seria picada pelo mosquito que transmite a febre malária. Ainda segundo Halliwell, a epidemia de malária na Amazônia adveio da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM)<sup>71</sup>,

---

<sup>71</sup> As obras da EFMM foram executadas entre 1907 e 1912. Estendeu-se por 366 quilômetros na Amazônia, ligando Porto Velho a Guajará-Mirim, cidades fundadas pela EFMM, com a finalidade de escoamento das borrachas boliviana e brasileira. Teve papel estratégico durante a II Guerra Mundial,

que fora construída na foz do rio Madeira: “para cada travessa de madeira colocada ao longo da estrada de ferro, a febre levava uma vida humana”.

Esse era o cenário da malária (também conhecida como impaludismo, maleita ou febre maligna) e era o que mais devastava as gentes das comunidades no interior da Amazônia. Após medicar todas as vinte e duas pessoas daquela família, os missionários passaram a medicar também toda a vizinhança, que ficou sabendo do tratamento e, reunindo-se no mesmo local, passou a receber a injeção dolorida, mas que salvou a todos os daquela família e adjacências. No mesmo sábado, Halliwell dirigiu-se à outra margem do rio, onde havia um templo da igreja Batista que fora transformado provisoriamente numa “clínica”, cujo líder acolhia a todos os doentes, sem ter muito que fazer e diante do quadro de que a doença já havia dizimado grande parte da população daquela localidade. No domingo à noite, às 22 horas, o paciente de número 300 havia sido tratado com o auxílio do Pastor Brown. Durante as injeções, algumas crianças gritavam “doeu, doeu, doeu!” Após esse primeiro fim de semana de trabalho estafante, atravessaram um lago e foram até o outro lado da margem para contemplar a noite e ter um merecido descanso – a temperatura elevada contribuía mais para o cansaço – e assim o fizeram sob uma frondosa castanheira. Tudo estava tranquilo: “os únicos sons que se ouviam eram os dos sapos em seu coral, ao longo da praia ou do jato de água provocado pelos botos, enormes peixes<sup>72</sup> comuns às águas amazônicas (STREITHORST, 1979, p. 68).

Na manhã seguinte, às seis horas, o sol despontava com toda a sua potência. Não puderam manter-se na cama por mais alguns minutos porque foram despertados pelo cantar de um pássaro que gritava “doeu, doeu, doeu”, o que deu um susto no Pastor Brown, que achou que toda a natureza estava com malária e, com medo, pediu para ir embora daquele lago o mais rápido possível, pois toda a natureza clamava contra a febre. Antes de partirem, com cuidado reparou que era uma ave que, antes de voar, cantou mais uma vez “doeu, doeu, doeu”.

---

mas decaiu seu uso com o armistício. Em 25 de maio de 1966 foi desativada, sendo o trajeto substituído por duas rodovias federais, as atuais BR-425 e BR-364.

<sup>72</sup> Por seu formato e *habitat*, o boto é descrito pela autora como um peixe; no entanto, trata-se de um mamífero cetáceo.

Provavelmente um papagaio ouvira o choro das crianças durante a vacinação (HALLIWELL, 1945, p. 13).

Ainda na década de 1930, quando procuravam um ponto de pregação, escolheram uma casa. Na região grassava uma epidemia de varíola vacinaram 250 pessoas, além de tratarem de outros doentes naquele mesmo dia. Atuaram com medicamentos no combate ao tracoma, um tipo de conjuntivite causada por bactéria, que pode levar à cegueira e era tratado à época com *sufatiazol*, medicamento indicado apenas para minorar o sofrimento, mas que na maioria das vezes curava totalmente.

Um dos vegetais em abundância na Amazônia é um tipo de abóbora local. A própria Jessie Halliwell podia preparar diferentes pratos de abóboras para cada dia da semana devido à falta de alimentos de origem animal em certos lugares mais distantes das comunidades, quando os peixes ficavam escassos. Halliwell (1945; 1959) relembra que muitas vezes, em agradecimento, as pessoas tratadas davam provavelmente o único ovo que possuíam; outra vezes, por sorte, eram presenteados com um cacho de banana. Certa vez ganharam um pedaço de carne de veado e, mesmo não comendo carne de caça, aceitaram para não fazer desfeita; mais à frente encontraram uma mulher que trazia em sua canoa um cacho de bananas bem maduras e lhe propuseram a troca; a mulher achou vantajosa a troca da carne pela fruta, pois a carne renderia muitos dias de alimento para seus filhos que estavam passando fome. Assim como os seringueiros, os Halliwell tiveram que se adaptar ao ambiente quente e ao pouco alimento, aprenderam a conhecer as plantas que podiam comer, entre elas a cassava (mandioca), que deveria ser processada para ficar livre das substâncias venenosas e com a qual se podiam depois preparar dois tipos de farinhas (seca e d'água) e uma iguaria deliciosa, a tapioca, cuja goma era misturada com a noz da Amazônia; a castanha-do-brasil (ou castanha-do-pará), que se comia com uma bebida chamada açaí, geralmente em uma tigela de cuia. Halliwell (1945) tomava o açaí misturado com farinha ou açúcar, às vezes misturado com banana.

Acerca da banana, cabe salientar que a Amazônia daquela época já era um lugar onde se podiam encontrar mais de dez variedades desse fruto tropical: banana-ouro, a mais deliciosa delas, segundo Halliwell, e com formato que era

semelhante aos dedos humanos; banana-grande (duas a três frutas por penca), banana-de-são-tomé, banana-roxa (deliciosa quando assada). Outro fruto de ouro na região era o mamão, cujas folhas eram usadas para se fazerem emplastos em feridas e, quando preparadas como chá, eram um bom vermífugo; o fruto propriamente dito era de sabor único, extremamente doce. Nas regiões próximas a Manaus, podia-se servir de laranjas e toranjas (laranja vermelha), que eram pouco apreciadas na cidade nos anos 1940, e do guaraná produzido no município de Maués, muito comum nas cidades de Manaus e Belém e que serve como bebida cinco vezes mais estimulante que a cafeína do café.

Ao descrever as cidades de Manaus e Belém retratou que todos se movem vagarosamente, por estarem próximo à linha do Equador. Dentre as primeiras palavras que aprendeu em português na década de 1920 estavam *paciência* e *amanhã*. Certa vez precisou fazer um reparo no motor e, ao chamar um mecânico, demonstrou, ao velho estilo norte-americano, que queria resolver logo seu problema, ao que o mecânico educadamente replicou: “paciência, senhor; amanhã”. Dessa forma, Halliwell entendeu que, na Amazônia, as pessoas aprenderam a valorizar a vida, elas realmente alegravam-se em viver. Destaca que as cidades fecham seus comércios e lojas das 11 horas da manhã até as 14 horas; é comum ver pessoas tirando uma soneca, chamada de “cochilo” ou também de “*siesta*”. Ao invés de ouvir o “vamos logo, apresse-se” dos Estados Unidos, por todo lugar ouvia-se a palavra “paciência” ou “é hora do descanso”. Em Manaus, alguém até fixou um grande relógio próximo ao porto, quando não os encontravam em todas as paredes das casas da capital do Amazonas, para que ninguém perdesse a hora dos barcos e do descanso (HALLIWELL, 1945).

Em 1931, os Halliwell tiveram seu primeiro contato com os índios da Amazônia. Foi no rio Maués; o tuxaua da tribo de nome idêntico ao do rio informou que os índios estavam muito interessados em adquirir instrução para seus filhos e fez todos os preparativos para iniciar a escola na vila *Cinco Quilos*<sup>73</sup>. Então, a escola teve início e funcionava durante os dias da semana, mas no sábado a escola era

---

<sup>73</sup> Um antigo tuxaua levou o látex extraído da seringueira para vender em uma cidade mais próxima. Ao pesar a mercadoria, o comerciante disse: “Cinco quilos”. O índio, que não tinha noção do peso, ficou feliz ao receber a soma em dinheiro e, ao voltar para casa, por achar bonito o som aos seus ouvidos, mudou o nome da vila para *Cinco Quilos* (STREITHORST, 1979, p. 118, Halliwell, 1959,).

diferente eles estudavam a Bíblia Sagrada. Toda a tribo era convidada para essa aula na Escola Sabatina, para ouvir a história de Jesus, dos anjos, do Céu, da volta de Cristo, dos homens do passado, histórias até então desconhecidas na cosmovisão Sateré-Mawé.



Fig. 24A. Relógio Municipal de Manaus, importado da Suíça e implantado em 1927.  
Fonte: Portal Amazônia.

Em 1958, Leo B. Halliwell e sua esposa, Jessie, passaram o comando do projeto Luzeiro ao casal de missionários Streithorst, com quem o contato remonta a décadas, quando Olga Streithorst ainda era um bebê com poucos meses de vida. Agora Olga e seu esposo assumiriam o projeto, que já contava por essa ocasião com uma frota de lanchas e a que mais tarde chegaria um hidroavião que se chamaria *Halliwell*, em homenagem a esses missionários que deram trinta anos de suas vidas para minorar o sofrimento das pessoas ao longo dos rios entre Manaus e Belém. Boa parte desses e outros mais relatos missionários de Halliwell são encontrados nos livros *Light Bearer to the Amazon* (1945) e *Light in the Jungle* (1959), escritos pelo próprio Halliwell. Algumas das histórias contidas em ambos os livros foram condensadas na obra *Leo Halliwell na Amazônia* (1979), escrita pela missionária Olga Streithorst, acrescidas de outros detalhes, como seção autobiográfica escrita por Halliwell, testemunhos pessoais daqueles que foram

próximos ao casal Halliwell, bem como descrição feita por seus filhos de seus últimos dias nos Estados Unidos.

Na primavera de 1958, relembra Halliwell (1959) e destaca Streithorst (1979), não havia mais possibilidade de continuarem os trabalhos pelos rios, então chegou a hora de deixar o barco Luzeiro I. De acordo com Halliwell que “este barco tinha sido seu lar deixá-lo era como dizer adeus a um amigo de muitos anos, um companheiro de aventuras, pavor, derrotas, triunfos e alegrias.” Ao atracarem naquela manhã de 1958, Walter e Olga Streithorst já os esperavam; o jovem pastor recebeu o quepe do pastor Halliwell e com um beijo paterno em Olga Streithorst desejou-lhes sucesso na missão. O velho casal, ao ver a lancha se distanciando cada vez mais, relembra o que pensou da satisfação de dever cumprido:

O mundo ao nosso redor não era o mesmo como quando Jessie e eu chegamos. Éramos jovens missionários, e isto faz mais de uma terça parte de um século no passado. A diferença não era vista apenas na superfície, porém havia muitas de maior alcance; toda a vida do povo que vivia às margens do rio havia mudado. Não era mais um mundo de lutas e doenças, de pessoas sem esperança e fadadas à morte. (STREITHORST, 1979, p. 160; HALLIWELL, 1959, p. 265).



**Fig. 25. Casal Leo e Jessie Halliwell, na despedida em 1958. Fonte: Streithorst, 1979.**

No ano de 1960, o casal Leo e Jessie Halliwell recebeu a maior condecoração da República Federativa do Brasil, a Comenda da Ordem do Cruzeiro

do Sul. Já havia dois anos que estavam em Oregon, na sede administrativa da Igreja Adventista dessa região dos Estados Unidos, quando lhes chegou à correspondência oficial avisando-lhes a data em que o Dr. Souza Lima, representante do embaixador do Brasil em Portland, realizaria a condecoração. Como coincidiu com a data de um acampamento, a cerimônia aconteceu nesse local. Em dia e hora previamente estabelecidos, os Halliwell receberam a Comenda, na frente de milhares de pessoas, esta foi a primeira vez, na história do Brasil, em que uma mulher foi condecorada com a Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul, em virtude do “relevante trabalho médico e religioso”, conforme registra o telegrama oficial.

Os últimos dias do casal Halliwell são informados por Streithorst (1979). A enfermeira Jessie Halliwell adoeceu alguns anos depois de os missionários terem saído do Brasil. Os médicos não descobriram a causa de início, somente após algum tempo diagnosticaram que se tratava de um câncer, e Jessie veio a descansar definitivamente no dia 27 de setembro de 1962. Leo Halliwell ainda visitou a Amazônia algumas vezes. A saudade da esposa o levou a uma última visita, em 1967, para recordar *in loco* aquele passado vivido ao lado de sua companheira. Halliwell morreu em 19 de abril de 1967, de enfarte, em Vista City, Califórnia. Halliwell, no seu relativo anonimato no meio acadêmico, ajuda a construir, ainda que na margem, o pensamento social da Amazônia, pois como pano de fundo dos relatos de cunho religioso está uma Amazônia complexa, cuja natureza salta a cada página de seus livros; chega-se mesmo a “ouvir” com ouvidos internos os sons da natureza, e com os olhos da memória conseguem-se “visualizar” as imagens (signos) das riquezas das paisagens amazônicas; sente-se o calafrio da ferocidade de onças, jacarés, piranhas e serpentes; compadece-se das pessoas presentes nos cenários devastados pela malária, com comunidades inteiras clamando por socorro e os missionários imergindo-se nos costumes dos brasileiros da região Norte. Sentiram, nos trinta anos de vida na Amazônia, os obstáculos naturais e o impacto dos processos culturais que trouxeram mais mazelas do que benefícios, hoje superados nas atuais metrópoles da Amazônia.



**Fig. 26. Luzeiro I, 1931. Autor: desconhecido.**

Os escritos de Leo B. Halliwell retratam sua experiência vivida na Amazônia nos anos de 1928 a 1958. Ao se fazer uma hermenêutica crítica, conforme proposto por Ricoeur (2008), destaca-se uma Amazônia sob o olhar protestante norte-americano, cujo pano de fundo é o “inferno verde” devido ao calor da febre causada pela epidemia de malária. Tal olhar contribui ao que

Pinto (2011) denomina de “pensamento social” ao registrar uma Amazônia complexa ao descrever com cuidado o relato da natureza e das paisagens. De acordo com Pinto (2011, p.7) exemplifica ao falar,

[...] da descrição de vilas e cidades, da produção extrativa e da multiplicidade dos povos indígenas, observaram, mesmo que de pontos de vistas unilaterais, aspectos relacionados com processos sociais e culturais que pudessem de algum modo contribuir para a compreensão da gênese e desenvolvimento de um novo universo humano na Amazônia.

Ricoeur (2008) salienta que, ao analisar em si mesma a vida, esta comporta o poder de ultrapassar-se em significações, pois trinta anos de vida dedicados à Amazônia não podem caber detalhadamente nas páginas da obra de Halliwell, que, todavia, culmina na página impressa de uma estrutura hermenêutica. A originalidade de Halliwell foi que seus relatos vieram a partir do campo missionário protestante (diferentemente dos jesuítas e outras ordens católicas), cuja finalidade era evangelizar a região amazônica. Para isso tiveram que salvar primeiro o corpo fizeram o que nenhum outro fez: construíram sua própria embarcação e durante trinta anos intervieram na vida de milhares de pessoas nas cidades, comunidades, vilas e tribos de diversas etnias, onde vidas foram salvas das diversas epidemias de malária que se alastravam nos rios da Amazônia com a chegada do “progresso” advindo da extração do látex. Ainda em virtude do ascenso da borracha, o Brasil construiu uma estrada de ferro que deu vazão ao látex boliviano: a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, ao longo da qual milhares sucumbiram à malária. Foi a segunda

grande epidemia amazônica de malária, testemunhada até mesmo pelos ilustres sanitaristas Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (FERREIRA, 1981).

Halliwell não deixa claro, em alguns trechos de seus relatos qual era o povo que o casal trabalhava, se eram só indígenas, mestiços, inadequadamente nomeados de caboclos e reportava a uma categoria de indivíduos distantes dos centros urbanos (moradores da floresta). Tentava dentro da lógica das classificações (muito comuns dos trabalhos de etnologias da época) categorizar ou descrever o que presenciou. É preciso incentivar a busca de mais pesquisas e questionamentos para se observar como os autores estrangeiros, como Halliwell, reforçam categorias coloniais, e ao mesmo tempo podem desconstruir os mitos modernos de um senso comum erudito criado por aqueles que se apropriam da ideia de Amazônia. Muito mais poderia ser dito da Amazônia de Leo B. Halliwell. Por detrás de sua mata fechada e labirintos de rios, e das muitas memórias desse norte-americano convertido em brasileiro, há muito o que descobrir e analisar sobre a Amazônia e sua gente.

informamos que foram limitadas ao tempo, ao espaço e aos recursos os registros de outros aspectos da Amazônia. Muitas dessas memórias e outros detalhes foram sepultados junto com os Halliwell; outras podem ser revividas na oralidade das localidades por onde passou; outras, ainda, estão nos relatórios, cartas e documentos oficiais arquivados há mais de oitenta anos na sede administrativa da Igreja Adventista em Manaus e Belém, bem como nos livros de atas das vinte igrejas que fundou ao longo do Rio Amazonas; também outros missionários que estiveram na Luzeiro I relatam outros aspectos da Amazônia ao lado de Halliwell, além da memória e das histórias passadas adiante pelos filhos e netos das 2.590 pessoas batizadas entre 1928 e 1958. O missionário finaliza que a Amazônia era agora um mundo com novo significado: “em muitos lugares onde não havia nada, agora há igrejas e escolas. Jovens que teriam morrido de alguma doença tropical e que sobreviveram em meio à superstição, violência e crimes, hoje estão indo às nossas escolas” (HALLIWELL, 1959).

Quanto aos aspectos infernais da Amazônia de Halliwell, trata-se na verdade de um discurso etnocêntrico e político, que atravessa o foco narrativo. Além dos traços descritivos, percebe-se mediante exercício hermenêutico que o discurso

sociopolítico se mistura com o discurso missionário presente na obra. Nesse ponto é possível até mesmo fazer uma aproximação com Euclides da Cunha (*À Margem da História*) com o projeto literário de Rangel consultado por Halliwell.

Ao longo do rio Amazonas, segundo Halliwell (1959), o trato com higiene, limpeza, valor da água, novos métodos de viver e cozinhar, bem como novos estilos de alimentação, mudaram a qualidade de vida de muitos. Não mais era um mundo de epidemias de malária; no entanto, a “dama da noite” sangra e tira algumas vidas na região ainda hoje. As doenças mencionadas nos relatos de Halliwell deixaram de ser o terror no interior, ficando relativamente nos anos 1960 sob controle governamental e tratamentos mais acessíveis e com o Estado mais atuante.

Halliwell deixa para a posteridade dois livros nos quais contam suas crônicas e outras narrativas, frutos de décadas de trabalho voluntário. Quanto aos seus feitos administrativos, começou com duas clínicas – uma em Manaus, outra em Belém – que se transformaram em dois grandes hospitais, hoje referência nos Estados do Amazonas e do Pará. Das vinte igrejas implantadas, hoje são mais de três mil templos espalhados na Amazônia; das cinco escolas, hoje são centenas de institutos que incluem o ensino fundamental e médio, sem contar com três internatos e uma faculdade (tais números são somente na Região Norte).



Figura 27: Hospital Adventista de Manaus. 2015  
Fonte: hospitaisadventistas.com.br



Figura 27B: Hospital Adventista de Belém. 2015.  
Fonte: hospitaisadventistas.com.br

Os adventistas até hoje mantêm o projeto Luzeiro. A primeira lancha se encontra no Museu da Memória Adventista da Faculdade Adventista da Amazônia (FAAMA), e a lancha atual – Luzeiro XXVIII – mediante a Agência de

Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA), soma-se às 79% das ONGs presentes no Amazonas e que prestam serviços diretos de assistência médica.



**Figura 28: Luzeiro XXVIII, Parceria do Hospital Adventista de Manaus e Consulado do Japão. Manaus, 2015.**

**Fonte:** Fato Amazônico: A notícia agora. Acesso em 23 nov. 2015; disponível em: <[www.fatoamazonico.com](http://www.fatoamazonico.com)>.

O legado dos Halliwell para a Amazônia e seus habitantes foi talvez irrelevante ante os missionários jesuítas, que desbravaram o interior da floresta, formando cidades, vilas e comunidades. Todavia, não foi insignificante no segundo quartil do século XX, tanto que recebeu a condecoração máxima da República Federativa do Brasil, o que colocou o nome de Leo B. Halliwell e o de sua esposa, Jessy, ao lado dos de grandes personalidades, como o argentino Ernesto Che Guevara e o russo Iuri Gagarin. Quem ouvia a mensagem de Halliwell aprendia um novo significado na vida, um novo começo. Para aqueles que foram socorridos foi uma nova esperança que cresceu, desenvolveu-se rumo aos céus, emergindo do úmido Inferno Verde, labirinto misto de selva e água.

## CAPÍTULO III

### O CORPO, A CORPOREIDADE E A CORPORAÇÃO: UMA VISÃO HOLÍSTICA DA ALMA

*Aqueles que perseveraram na obediência à Suas leis  
ceifarão galardão em saúde de corpo e de alma*

Ellen G. White

#### 3.1 O corpo e a mensagem adventista

Os adventistas do sétimo dia tem no cuidado do corpo um diferencial competitivo no campo religioso. Embora não seja doutrina, parte da ideia que o evangelho envolve mudanças de hábitos e que Deus pode se comunicar através dos nervos do cérebro. Acreditam ainda que a transgressão das leis de saúde cria uma barreira na comunicação, pois um corpo saudável e em pleno uso de suas faculdades é indispensável para o bem estar social. Seguindo nessa perspectiva, a cura e a qualidade de vida do corpo é indispensável na mensagem adventista. Tais enfoques, segundo Zuckowisk (2010), encontram eco na desconfiança nos tratamentos médicos e na profissão médica do século XIX. No campo social foram formadas sociedades de temperança e de tratamentos naturais, bem como a prevenção de saúde para uma compreensão holística<sup>74</sup> do corpo que vai muito além de um conjunto de partes, muito mais que uma visão dicotômica platônica ou tricotômica hegeliana.

O século XIX, além do surgimento dos adventistas no meio cristão estadunidense, registram movimentos em prol da saúde e do bem estar nos Estados Unidos, principalmente em virtude da ascensão das indústrias que transformaram as condições sanitárias da sociedade urbana em um campo fértil, para que diversas doenças, cujas práticas medicinais da época não curavam a maioria dos casos. Acrescentam-se nesse cenário haviam-se ainda nesse cenário as práticas de

---

<sup>74</sup> Categoria filosófica concebida por Jan Christiaan Smuts em 1926, a partir do termo *holos* que vem do grego (*gr. ὅλος*) e significa *todo ou inteiro*, cujo o entendimento indica que o “todo” é maior que a soma das partes. Tal abordagem concebe o homem como um todo completo e indivisível, o homem não pode ser pensado exclusivamente pela soma das partes, ou apenas por uma amostra. Maiores detalhes recomendamos a obra de SMUTS, Jan C. *Holism and Evolution*. Connecticut: Greenwood, 1973, p.61.

prostituição, consumo de tabaco, álcool, ópio e outros entorpecentes, somados a uma péssima dieta a base de alimentos gordurosos, pão branco e massas, frituras e carne<sup>75</sup>. Condições que chamaram a atenção dos reformadores de saúde como Pastor Sylvester Graham<sup>76</sup>; professor William Alcott<sup>77</sup>, os médicos Dr. Jackson e Dr. Austin<sup>78</sup>, Dr. Joel Shew<sup>79</sup>, porque derivaram algumas práticas que seriam denominadas posteriormente de temperança cristã, pois invocavam uma ideia de equilíbrio no trabalho, na vida social para se chegar a uma elevação espiritual conforme destaca ZUCKOWISK(2010, p.96) “A Igreja Adventista do Sétimo Dia espera pelo tempo em que o remanescente iluminará a Terra através dos poderosos efeitos da reforma de saúde na vida dos crentes e seu trabalho missionário”.

Alguns líderes nos primórdios do adventismo, como o capitão marinhaeiro Joseph Bates, havia antes mesmo de sua conversão feito abstinência do álcool, fumo, tornou-se vegetariano e organizou uma sociedade de temperança, mas foram as orientações espirituais de Ellen G. White que construiu a identidade do *modus vivendis* dos adventistas norte americanos após quatro visões<sup>80</sup>. Segundo as visões de Ellen G. White a liderança dos adventistas deveria seguir uma série práticas saudáveis até posteriormente ser praticada também pela membresia e, dessa forma Deus seria honrado através da saúde dos corpos de seus mensageiros e o cuidado da saúde como uma prática de dever religioso.

---

<sup>75</sup> N. do Autor. Os alimentos acima mencionados formavam a alimentação típica dos *saloons* (bar do velho oeste nos USA) servida aos comerciantes de pele, cowboys, soldados, garimpeiros, mineiros, jogadores até o século XIX. O interessante que depois da modernização das cidades norte americanas os saloons ficaram obsoletos, mas o cardápio virou o conceito mundial de *fastfood* acrescentados servidos com antigos elixires proibidos para menores a saber: a coca-cola (que tinha álcool e cocaína) e a Pepsi-cola (a base de pepsina e álcool), mostrando que na lei do mercado, a produção não se perde e os produtos ganham novos significados. (Observação pessoal para pesquisa futura).

<sup>76</sup> Pastor presbiteriano que pregava uma dieta vegetariana e o consumo de grãos integrais entre seus membros. Publicou diversos livros relacionando a boa dieta com a qualidade de vida, como por exemplo *Dietetic Character of Man* (1872)[caráter dietético do homem].

<sup>77</sup> Médico e professor, reformador educacional autor de trabalhos de educação e saúde em destaque *Tea and Coffee: Their Physical, Intellectual and Moral Effects on the Human System* (1844). [Chá e café: Seus efeitos físicos, intelectuais e morais no sistema humano].

<sup>78</sup> Os médicos Jackson e Austin lideraram a clínica *Our home on the Hillside*, onde faziam tratamentos naturais e publicavam e publicavam uma revista mensal “The Laws of Life” [As leis da vida].

<sup>79</sup> Médico que defendia a prevenção e a cura pela água (hidroterapia).

<sup>80</sup> Como já mencionado anteriormente Elle G. White (1827-1915) considerada profetiza entre os adventistas, teve quatro visões para orientar os membros quanto ao tratamento de saúde, a saber a primeira em 1842, a segunda 1854, a terceira em 1863 em Otsego (Michigan), e a quarta em 1865

Foi após a visão de 1863 que Ellen G. White<sup>81</sup> propôs o que são conhecidos entre os adventistas como os remédios naturais de Deus a saber: alimentação saudável; ingestão regular de água; respiração de ar puro; exposição à luz solar; prática de exercício físico; repouso diário e semanal; temperança; confiança em Deus. Tais “remédios” num contexto da revolução industrial que massificava a produção industrial e solapava a dignidade humana e social dentro das fábricas, algumas religiões protestantes longe de serem o “ópio da sociedade”, comparadas às matrizes europeias, traziam não só uma alternativa para o bem estar social como também incentivavam a não dependência dos meios de produção da burguesia industrial.

A religiosidade em relação ao corpo provoca uma mudança social que traz benefícios à saúde. Segundo Taylor (1989) trata-se de um efeito placebo que é produzido pela vivência religiosa que gera pensamentos de esperança e otimismo frente as diversidades da vida e que acaba desencadeando efeitos na fisiologia do corpo. Para Weil (1988), as crenças profundas podem causar alterações imunológicas, hormonais e bioquímicas, onde muitas vezes a realidade social não afeta diretamente. Segundo pesquisa de Froes (2014) a visão adventista é que o ser humano bem como seu corpo não poder ser concebidos em caráter dual, mas numa visão holística em que não há onde não há separação do corpo e uma entidade extracorpórea, sendo alma e corpo quase sinônimos, concepção esta semelhante ao judaísmo primitivo (pré-babilônico) e também algumas sociedades indígenas que tinham no cuidado do corpo o entendimento da alma. Apoiados em Maus (2011) percebemos que o estilo de vida criado pelos adventistas remete para uma construção sociocultural saudável, que está sujeito a um conjunto de normas práticas que trarão uma fonte de outros elementos culturais ao adentrar em contato com novas culturas.

A concepção adventista de corpo corresponde à concepção de pessoa, por esse ângulo, não centra-se na noção de indivíduo (que é maior que a pessoa ou ser) no contexto da modernidade, mas como um processo em constante transformação e podendo ser moldado pelo meio para ser possível as ações, como salienta Merleau-Ponty (2006, p.122) que o corpo é o “*veículo do ser no mundo*”, a maneira e a

---

<sup>81</sup> Robinson, *The Story of Our Health Message*, p. 77.

condição pelo qual toda a experiência humana é possível e pela qual percebe sua existência e projeta o futuro. Daí a explicação do ethos adventista de cuidar do corpo como um veículo para se chegar à alma e a *Parousia* (retorno corpóreo de Cristo).

A obra médico missionária na Amazônia brasileira inaugurada por Halliwell quando olhada pelo legado de saúde (de hospitais, igrejas e escolas que são observados na contemporaneidade) – através de seus serviços pioneiros, assim como os missionários em diversas localidades do mundo, constatamos um aparato religioso tradicional nas sociedades tribais ou de clãs, nas quais concebiam que a doença era vinda de uma dimensão espiritual. Um xamã<sup>82</sup> adentra nessa dimensão espiritual com a finalidade de buscar a cura, em tese encontrar a alma do enfermo, vence os inimigos (doenças) e a faz voltar para esse mundo curando das enfermidades por meio do poder de controlar o seu corpo. De acordo com Eliade, 1998<sup>a</sup>, p.551),

A doença nas tradições animistas é sempre de caráter espiritual, é a alma que adocece e por isso se perde na imensidão do cosmo. E diante da enfermidade é que o transe xamânico possibilita resgatar a alma moribunda. Na cura do enfermo, o xamã veste sua indumentária, pega o tambor e sai em busca da alma dando volta ao redor da tenda. Em transe ele viaja ao mundo espiritual em busca da alma doente. Tendo encontrado, recebe permissão dos mortos para trazê-la de volta. Durante esse tempo, dança e conta dificuldades do caminho que leva aos Infernos. Finalmente captura a alma e traz para dentro de casa.

De maneira análoga ao pajé, os missionários adventistas oram sobre o enfermo acessando a dimensão espiritual, enquanto que no plano físico aplica-se o remédio por via oral ou por injeção e o paciente melhora gradativamente e é salvo (figura 29), sendo em seguida convidado a ouvir palestras de como melhorar a qualidade de vida, prevenir doenças e como se preparar para a volta de Cristo.

---

<sup>82</sup> Xamã “aquele que enxerga no escuro” (Tungus siberiano) o termo possui dupla ocupação social, é ao mesmo tempo um sacerdote (advinho, mágico) e médico (curandeiro). Na língua inglesa tem como sinônimo o termo “Medicine-man” que Halliwell relaciona como equivalente a categoria de *pajé* na Amazônia. O estudo do xamanismo é pertinente tanto na antropologia da religião quanto na antropologia médica, para maiores detalhes ver LAPLANTINE, François. Antropologia da doença. SP, Martins Fontes, 1991



Figura 29: Primeira injeção aplicada na Luzeiro. A paciente ficou em pé na canoa e Jessie Halliwell aplicou junto a janela da Luzeiro I.

Fonte: adaptado por Diogo Gonzaga Torres Neto, de Halliwell (1959, p.54).

Nas comunidades tradicionais ao longo dos rios as crenças de cura do corpo e suas respectivas práticas tradicionais foram os maiores entraves para a atuação dos Halliwells na Amazônia, pois ambos eram formados por uma tradição científica cartesiana e encontraram um ambiente que facilitava as mortes das pessoas. Conforme Halliwell (1945, 1959) registrou em seus livros, alguns tratamentos prestados e utilizados na Amazônia que pioravam ainda mais o estado do paciente do que de fato curavam o corpo, no quadro a seguir resumimos alguns diagnósticos e procedimentos populares adotados na Amazônia por alguns pajés, benzedeiros e parteiras:

#### Quadro I – Principais doenças e procedimentos tradicionais registrados por Halliwell

Quadro clínico	Tratamento ou procedimento
Partos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Corte do cordão umbilical com tesoura (não esterilizada). Um pedaço do cordão deve ser colocado debaixo da cama da mãe e da criança.</li> <li>• Chá de barata para secar o umbigo mais rápido.</li> </ul>
Asma	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sugar saliva de cavalo ofegante.</li> </ul>
Sarampo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Chá de excremento de cachorro.</li> </ul>
Picada de cobra	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Queimar a área picada pela serpente até chamuscar (carbonizar).</li> <li>• Elixires para picada de cobra.</li> </ul>
Malária	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encantamentos, garrafadas, “benzeções”</li> </ul>
Verminoses	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elixires e “benzeções”.</li> </ul>

Fonte: Quadro elaborado Diogo Gonzaga Torres Neto, 2019. Informações qualitativas de Halliwell, 1959, p.117-123.

As doenças tropicais principalmente a malária destruíam muitas comunidades, algumas vezes os Halliwells chegavam tarde para salvar as pessoas, ou seus recursos médicos eram limitados ante à variedade de doenças tropicais encontradas. Para combater os tipos *Plamodium Vivax* ou *P. Falciparum* disponibilizavam apenas do quinino que eram encapsulados pelos jovens adventistas<sup>83</sup> nas “Noites de encapsulamentos de remédios”, mas muitas vezes a doença dizimava vilas inteiras. Em certa ocasião durante suas primeiras viagens com a Luzeiro I, avistaram a “Vila dos mortos”, (porque tudo estava fechado naquela localidade, o autor descreve de forma análogo a roteiros de filmes de apocalipse zumbi), a saber:

Dogs were barking and somewhere in this straw-roofed world I could hear a baby crying. We found the house from which the sound was coming and called but got no answer. When we pushed back the straw mat that hung over the door, we saw a terrible sight. The hammocks were filled, and other people were lying on the floor. They were all dead.

The only living thing in this house was a five-month-old baby; it lay in a hammock at the side of its dead mother. We got it out of the house and into the care of a good family, and the youngster has grown up without knowing anything of that tragedy or how close death was c in that terrible hours of epidemic.

Another child in the same village, a ten-year-old girl who was suffering from malaria, told us how mother, father, and older brother had died. There was no one left to burry them, so the girl, weak as she was, had a dug shallow graves and dragged the bodies of her family into them. She had scarcely crawled back to the house when a dog had come, rooted up the bodies, and began dragging them back and forth in front of the hut. (HALLIWELL, 1959, p.120, 121)<sup>84</sup>.

---

<sup>83</sup> Os jovens adventistas se organizavam em sociedades semelhantes aos escoteiros, eram conhecidos na ocasião como Sociedade MV (Missionários Voluntários), atualmente é mais conhecido como o clube de desbravadores,

<sup>84</sup> “Os Cachorros estavam latindo e em algum lugar, dentre as várias casas de palhas, eu pude ouvir um choro de bebê. Encontramos a casa de onde vinha o choro e anunciamos nossa chegada, mas não houve resposta. Quando empurramos a trava de madeira que fechava a porta, vimos uma terrível cena. As redes estavam armadas e cheias de pessoas deitadas e outras estavam arriadas ao chão. Todos estavam mortos.

O único ser vivo nesta casa tinha aproximadamente cinco meses, era uma criança que havia sido deixado numa rede e ao lado estava sua mãe sem vida. Nós tiramos a criança da casa e deixamos aos cuidados de uma boa família. A jovem cresceu sem saber nada da tragédia ou quão próximo esteve da morte naquelas terríveis horas da epidemia. (Cont...)



Figura 32: Bebê de cinco meses no colo da Sra. Jessie Halliwell, único sobrevivente na casa dos mortos. Fonte: Adaptado pelo autor Halliwell (1949, p.80)



Figura 31 : No canto inferior direito, criança de 10 anos como única sobrevivente da epidemia malária, dentro a família estava morta. Fonte: Adaptado pelo autor de Halliwell (1945, p.80).

---

Uma outra criança da mesma vila, de dez anos de idade que estava sofrendo de malária, contou-nos como sua mãe, pai e irmão mais velho haviam morrido. Não havia ninguém para enterrá-los, então a menina, fraca como estava, fez uma cova rasa e arrastou os corpos de sua família para dentro. Ela mal havia retornado para a casa quando apareceu o cachorro, o animal havia desenterrado os corpos, e trouxe algumas partes para a frente da cabana”. (HALLIWELL, 1959, p.120, 121) [Tradução Livre].

A impotência sentida pelos Halliwells ante os corpos sem vida e as duas crianças sobreviventes na “vila dos mortos” em 1931 mexeu com a religiosidade e o senso de missão pretendidos, rapidamente mudaram o enfoque missionário de evangelista para estudante das doenças tropicais. Halliwell (1959, p.121) salienta que sua esposa Jessie era quem fazia todo o trabalho médico em virtude do seu treinamento e formação acadêmica de enfermagem e um curso de medicina básica, enquanto ele era um “eletricista” que tornara-se pastor. Assim que chegou a Belém, após sua primeira viagem passou a estudar e deu início ao seu “curso médico”, procurando estudar cada livro disponível de medicina tropical. O livro que mais o ajudou foi um exemplar publicado na África chamado “Manual Médico para doenças tropicais” que disponibilizava de forma direta e precisa diversos tratamentos. A epidemia de malária e outras doenças que dizimavam vilas inteiras não saíram de sua mente, ainda em Belém enquanto não estudavam passou a adquirir equipamentos e suprimentos médicos em larga escala. Estavam dispostos a levar o máximo de medicamento possível em sua próxima viagem com a lancha Luzeiro junto aos doentes ao longo dos rios, pois “sabíamos que não poderíamos ajudá-los ou salvá-los espiritualmente enquanto não pudermos ajudá-los fisicamente” (Halliwell, 1959, p.121).

Leo Halliwell (1959) registrou os principais medicamentos utilizados por ele e sua esposa Jessie, além das práticas de prevenção e esterilização na década de 1930.

**Quadro 2 – Medicamentos e procedimentos utilizados no início do projeto Luzeiro**

Medicamentos / serviços	Indicações
Quinino	Malária e outras doenças transmitidas por mosquitos;
Camequim, Aralem, Daraprein	
Azul de metileno (cloreto de metiltionínio)	
Sal de Epsom (sulfato de magnésio)	Gota, infecções e dores.
Sulfathiazol	Tracoma (Conjuntivite granulosa)

Penicilina	Bouba ( <i>Polypapiloma tropicum</i> ), mordidas de jacarés e infecções em geral.
Vacinas	Para combater a varíola, sarampo e catapora.
Óleo Castor	Tênia ou solitária
Construção de fossa séptica	Previne a ancilostomose (amarelão)

Fonte: Quadro elaborado por Diogo Gonzaga Torres Neto. Dados qualitativos de Halliwell, 1959, p.122-134.

Sem dúvida a Malária foi historicamente o maior desafio para a população Amazônia e as principais vítimas da “dama da noite” eram as gentes da floresta. A doença de parasitose humana possui origem na Ásia e África dentre as quatro variações do *plasmodium*, três espécies foram trazidas para a Amazônia com a colonização, a saber: *Plasmodium Vivax*; *P. facilparum*, *P. Malariae*. Diante do contato a população indígena acabou sendo dizimadas pelas doenças, sem contar também o estrangeiros e colonizadores, pois os mosquitos *aedes* (carapanã) acabaram sendo os maiores vetores dessas doenças, que é ainda hoje a principal doença de causa de mortes nas sociedades contemporâneas, junto a zonas tropicais e temperadas, e também historicamente bem registrada em pleno período áureo da economia gomífera. Peixoto (1938, p.295) apresenta por exemplo o coeficiente de mortalidade de 1936 em Manaus 545, 2 e Belém 162, 9 num período que 1/7 da população brasileira contraia a doença.

Por trás desses coeficientes Halliwell (1945, p.19) descreve como era o cenário encontrado muitas vezes durante a incursão de sua lancha, e de longe já era visível o sinal de pedido de ajuda. Halliwell havia combinado com a população que toda vez que eles ouvissem o barulho da lancha, podiam acenar com pano branco, desde então tornou-se comum por muito tempo as pessoas acenarem dessa forma, pois a cor branca contrastava de longe com verde da floresta. O missionário relata que num sábado havia ancorado às margens do Rio Trombetas para iniciar um culto sabático<sup>85</sup> e quando cantava a primeira música para iniciar viu de longe um homem,

<sup>85</sup> Os adventistas do Sétimo Dia no *Shabbat* (período que vai do por do sol de sexta até o por do sol de sábado), fazem tradicionalmente um culto e um estudo da bíblia (escola sabatina) pela parte da manhã, e um último culto no crepúsculo no dia de sábado.

seu corpo mostrava muita magreza e seu rosto denunciava os sinais da doença e muito sofrimento, explicou que era o mais inteiro para pedir ajuda e juntou suas forças para chegar na Luzeiro. Pouco tempo depois chegou-se em sua casa e ali infelizmente não havia pessoas acenando com toalhas ou panos brancos, somente quando entrou pode ver o porquê, vejamos:

I shall never forget what we saw when entered that home. It was one large room with a pole in the center to support the attached roof. The walls were made of poles stuck in the ground and plastered over with mud. And stretching out from the center pole to the side walls, like spoke in a great wheel, were hanging 22 hammocks, in each of which lay a sick person. Some were shaking, as the ill came on them, until it seemed that the whole structure was quaking. Others were burning with high fever, and still others had broken out in cold sweats, showing that the fever had started down, for that day at least (HALLIWELL, 1945, p.19)<sup>86</sup>.

Na mesma comunidade passou o restante do dia tratando e cuidando das pessoas, a intervenção com a Luzeiro era a única alternativa para aquelas pessoas distantes dos grandes centros urbanos. Diferenças religiosas eram deixadas de lado, igrejas batista e católicas eram muitas vezes transformadas em clínicas temporárias para o tratamento trazido pela igreja adventista, mediante o projeto Luzeiro, as condições eram precárias, mas a epidemia foi controlada nessa localidade.

Halliwell (1945) explica que a prática de dormir em rede teria sido o diferencial como prática sanitária saudável, pois no calor amazônico a rede é preferível que a cama na hora do descanso. É comum encontrar ganchos conhecidos como armadores nas construções de alvenarias, pois é comum uma pessoa sempre levar consigo uma rede, pois evitaria de se deitar onde uma pessoa doente esteve e facilitaria também na remoção do corpo da pessoa, ainda em vida para um tratamento ou após a morte, servindo de mortalha.

Algumas vezes nem sempre chegava-se a tempo, muitas casas de ribeirinhos acabavam virando seus próprios jazigos, outras cenas eram terríveis de se registrar.

---

<sup>86</sup> “Jamais esquecerei o que vimos quando entramos naquela moradia. Era uma sala grande com uma viga central. As paredes eram feitas de galhos fincados ao chão e cobertos de lama. Contamos 22 redes atadas da parede até viga central e em cada uma delas uma pessoa tremia de frio como se um friagem estivesse baixado. Outros estavam queimando em febre alta, outros pingava de suor frio, mostrando que a febre havia passado, pelo menos naquele dia” Halliwell, 1945, p.19. (Tradução Livre).

Muitas vezes as crianças eram as únicas que sobreviviam, meninas na sua maioria, e infelizmente acabavam vendo seus pais mortos serem decompostos dentro de casa ou sendo devorados gradativamente pelos cães (HALLIWELL, 1945; p.20).

É preciso compreender que corpos doentes, curados e mortos se materializam em nossa psique, de repente sua dor e seus sentimentos passam a existir e a interagir com o leitor dessas memórias escrita e contidas em seus livros. Nas palavras de Foucault (1979, p.22), conforme assinala:

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissolução do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia (...) está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo.

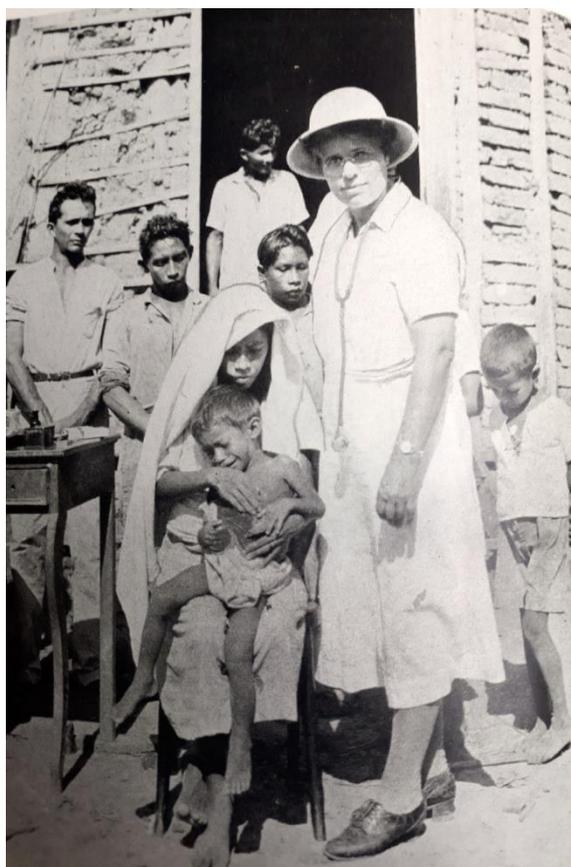


Figura 32. Jessie Halliwell ao lado da última de seis crianças da casa. Cinco morreram da febre decorrente da malária, a criança foi atendida a tempo para receber medicamento. Fonte: Adaptado pelo autor de Halliwell (1945, p.32).

Essa descrição acerca da disposição e fala dos corpos dos mortos, a dor dos corpos que sofrem da doença e a vinda do alívio dos corpos medicados se coadunam com a filosofia do corpo como fonte mais “próxima” do fato social, mesmo que acontecido há quase 90 anos atrás quando da chegada de Halliwell, corporeidade esta denominada por Foucault como “história efetiva” cuja propositura fala além das letras dos livros, e dos registros das lentes fotográficas (Foucault, 2007,p.29.), “[...] lança seus olhares ao que está mais próximo: o corpo, o sistema nervoso, os alimentos e a digestão, as energias; ela perscruta as decadências” continuam a falar quando acessado seus registros ora pelo texto, ora pela imagem, ainda que materialmente os corpos não mais existem, a corporeidade ainda fala e a corporação (igreja) se estabelece.

Tais prática assistencialistas pode dividir opiniões, pois para alguns caracterizam a generosidade de ajudar o aflito em meio a extrema necessidade, para superação de seu *status quo*. Para outros trata-se de uma forma de dominação da fé que está se instaurando, como uma forma de controle social. Não existe unanimidade nessas vertentes e nem consenso quanto a intensidade, não há uma causa motivacional perfeita. Na Idade Média por exemplo São Francisco de Assis decidiu não só praticar a caridade, mas também viver dela. Com o advento da revolução industrial no século XIX e XX os pobres chegam as praças, jardins igrejas, tornam-se campo fértil para religiosos praticarem a caridade cujos assistidos vivenciam a dádiva. Explica Mauss (2011, p.53) que a dádiva é uma espécie de contrato social de caráter moral em dar, receber, restituir, como explica: “que esta moral e esta economia funcionam de maneira constante e por assim dizer subjacente”, afirma ainda “temos encontrado aqui um dos pilares sobre os quais estão construídas as nossas sociedades.”

A mensagem adventista da salvação não comunga apenas no combate à doença, mas que a doença pode ser prevenida cuidando do corpo como templo do Espírito Santo, e cuidando das condições sanitárias. Nesse aspecto vai na direção dos programas sanitaristas da Amazônia, e o casal Halliwell estabelece um *modus operandis* para levar a saúde universal através de frotas de pequenos barcos e diversas equipes multiespecialistas. Segundo Batista (1972), considera que houve

tentativas de sanear a Amazônia, na década de 1920 (Serviço de Profilaxia Rural). Na década de 1930 (Serviço Nacional de Malária) Estado errou ao não considerar as orientações dos planos de Oswaldo Cruz, por isso, a longo prazo não trouxeram resultados porque as especificidades da Amazônia denominada por Oswaldo Cruz de “circunstâncias locais” precisavam ser atendidas, sem isso a profilaxia do impaludismo não poderia ser encarada de forma sistemática. Ainda na década de 1940 em parceria com os Estados Unidos cria-se o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) que apresentaram uma dedetização (DDT<sup>87</sup> de Cloroquina<sup>88</sup>). A prática de dedetização demonstraram em meados da década de 1950 que os mosquitos haviam criado resistência às moléculas reaparecendo de forma violenta nas décadas de 1960.

Os serviços de saúde preventiva adventista progrediam a passos lentos na Amazônia e conseqüentemente o casal Halliwell e sua equipe tornavam-se os melhores conhecedores das comunidades tradicionais da Amazônia. Seus serviços serviram de modelo, sendo adotado pelo para o controle da malária. Segundo uma reportagem publicada em 1956 na *Reader's Digest*, um médico norte americano trabalhando pelo SESP registrou: “*If it hadn't been for the Halliwells, it is not likely that this or any other agency would have been set up. They proved what could be done*”<sup>89</sup> (HALL, 1956. p.108).

As ações dos Halliwells em atender as pessoas durante a epidemia de malária, e também a ajudar em outras situações que demandavam tratamento clínico é uma tentativa moderna de ofuscar a ação da morte do corpo. Os corpos curados passam por transformações, são os melhores registros do encontro de corporeidades, de um lado uma cultura metódica norte americana, do outro, um corpo enraizado na vida amazônica. Dessas corporeidades surgem uma nova

---

<sup>87</sup> Sigla para o diclorodifeniltricloetano o primeiro pesticida moderno, utilizado na segunda guerra mundial. A longo prazo mostrou-se tóxico a saúde humana, a cadeia alimentar conforme demonstrado pela bióloga Rachel Carson (*Silent Spring*) que relacionou a morte dos pássaros e aumento de câncer, uma vez contaminado retém a substância por 50 anos. Atualmente está banido desde a década de 1970 em vários países e no caso do Brasil sua proibição aconteceu em 2009.

<sup>88</sup> Antimalarial sintético de baixa toxidez como alternativa à quinino de origem natural retirada da casca da quina (*C. ledgeriana*) na ilha de Java.

<sup>89</sup> “Se não fosse pelos Halliwells, não é provável que esta ou qualquer outra ação social pudesse ser realizada. Eles provaram que era possível fazer” (HALL, 1956, p.108) [Tradução livre].

religiosidade, uma fé ligada a saúde preventiva e no cuidado do corpo buscando de uma vida saudável para aguardar o retorno de Cristo.



Fig.33. Os novos missionários e a Luzeiro II ao lado da Luzeiro I.  
Fonte : Adaptado pelo autor do acervo de Sônila Michiles in Kettle (2016).



Fig.34. Parada das lanchas Luzeiros I a IV com os novos missionários.  
Fonte: Museu Leo Halliwell/Faculdade Adventista da Amazônia – FAAMA (Usado com permissão). Também faz parte do acervo missionário de Halliwell (1945).

Religião no seu étimo *religare* significa religação. A mensagem adventista encontrou um ponto de religação no terreno fértil das cosmovisões indígenas como

um todo que não enxerga separação entre o corpo e a alma, mas como elementos e extensões do ser. Nesse sentido religião e saúde são categorias modernamente separadas, mas nas sociedades indígenas são indissociáveis (SEEGER *et al* ,1979), O corpo corresponde à concepção de pessoa, um ser, que está em constante transformação. A visão de Seeger encontra correspondência na visão adventista, na qual o corpo não é visto isolado da alma, pois ao se curar o corpo estabelece-se o *religare* com Deus e a igreja enraíza na realidade. Pelo testemunho dado pelos corpos, eles passam a comunicar e conduzir uma igreja adventista amazônica. O biologismo da doença é duplamente enfrentado, primeiramente pelas corporações farmacêuticas internacionais<sup>90</sup>, e posteriormente e preventivamente pela igreja como corporação (organização).

Na cosmovisão adventista o ser humano não tem alma, ele é uma alma, o que na fenomenologia da percepção é uma resposta ao pensamento moderno cartesiano do “penso, logo existo”, pois se pensa é porque tem corpo, se existe é porque é percebido per si e pelo o outro. As pessoas doentes ao longo dos rios da Amazônia fazem parte do mundo, possuem sonhos, desejos e carregam uma história, com a ajuda dos medicamentos tornam-se visíveis, são tocados pelos missionários, ganham notoriedade e atenção, O corpo é ele próprio a percepção de si. O pensamento adventista é análogo ao pensamento de Merleau-Ponty (2006) que salientava que não há separação de corpo e alma, consciência e mundo, “somos consciência encarnada no corpo”, somos seres temporais e espaciais. Os tratamentos feitos pelos Halliwells juntos aos povos tradicionais, motiva uma potência de vida aqui nesse mundo para um porvir, e ao registrar por escrito os mortos e suas disposições espaciais, dão voz e eterniza na escrita a dor e o horror que devem ter passado perante agonia e morte, não da forma poética literária como da obra de Conrad<sup>91</sup>, mas que no livro de Halliwell dá pra se ouvir os gemidos de dor e de lamentos, mesmo depois de quase noventa anos. Onde os corpos jazem

---

<sup>90</sup> Laboratórios corporativos como Basf, Bayer, Agfa e Hoechst e, na Suíça, Geigy, Ciba e Sandoz. (TRAVIS, 2007)

<sup>91</sup> Referência à obra de prima de Joseph Conrad (O Coração das Trevas) cujo personagem Kurtz havia enlouquecido (ou ficado lúcido demais ) juntos aos “selvagens” do rio Congo, ficou imortalizado na literatura pela célebre frase “O horror, o horror” ao se referir a colonização africana pelos europeus, deixando ao leitor a interpretação do que seria esse horror que o leva a morte. Para conosco trata-se da incapacidade de traduzir em palavras o que testemunhou.

decompostos à molécula do carbono, mas a sua corporeidade é literatura na Amazônia.

No processo de examinação, Jessie e Leo Halliwell tocam pessoas, a pele do Norte toca na pele do Sul, segundo Merleau-Ponty (2006, p.280) aquele que toca é tocado também, a tal ponto de não se saber filosoficamente quem está tocando quem? Seria o missionário com amor em salvar o próximo? Seria o paciente que anseia pela cura? Pode ser tocado e é tocante porque comunica através do livro do corpo que fora curado. Vejamos:

Se eu sou capaz de sentir por um tipo de entrelaçamento de meu corpo próprio e do sensível, eu sou capaz também de ver e de reconhecer outros corpos e outros homens. O esquema do corpo próprio, pois eu me vejo, é participável para todos os outros corpos que eu vejo, é um léxico da corporeidade em geral, um sistema de equivalências entre o dentro e o fora, que prescreve para um se aperfeiçoar no outro (MERLEAU-PONTY, 1995, p.380). (tradução livre)



Figura 37. Jessie Halliwell aplicando injeção em paciente. Estado do Pará (1940?)  
Fonte: Museu Leo B. Halliwell / Acervo da Faculdade Adventista da Amazônia – FAAMA, 2018. (Usado com Permissão).

A corporação adventista é identificada historicamente pelos dogmas, doutrinas, crenças, logomarcas, liturgia dos cultos, hinários e literatura confessional, campanhas de saúde e propagandas de suas escolas. A cultura amazônica, componente do espírito da Amazônia, estabelece uma IASD com ligação mundial e religação com a natureza (meio ambiente). Seus conversos são advindos das escolas estabelecidas, oriundas das palestras de saúde, os principais conversos

tiveram seus primeiros contatos quando seus corpos foram curados. Além do tratamento medicamentoso está a perspectiva da corporeidade adventista, segundo a qual para se ter boa saúde precisa seguir oito elementos como remédios naturais de Deus: água, ar puro, boa alimentação, exercícios, descanso, luz solar, temperança, confiança em Deus.

Halliwell (1959, p.161) registra no último capítulo intitulado “Epílogo no Amazonas” o seu sentimento de saudade pois, vejamos:

Era um mundo com novo significado. E em muitos lugares onde não havia nada, agora há igrejas e escolas. Jovens que teriam morrido de alguma doença tropical e que sobreviveram em meio à superstição, violência e crimes, hoje estão indo às nossas escolas, para aprenderem a ler e escrever. Outros já foram além à procura de uma educação mais elevada e estão em Colégios [Faculdades] e Universidades no Sul.

Ao longo do rio existem agora novas idéias a respeito de limpeza e higiene e do valor da água, e novos métodos de viver, cozinhar e de se alimentar-se.

O missionário observa que os conversos passaram a incorporar um *habitus*, nos termos de Bordieu (2011), a roupa antes guardada para ocasiões especiais, agora era vestida todos os sábados. Vejamos:

Aos sábados de manhã, podem-se ver em muitas vilas, às margens do rio, grupos de pessoas, às vezes mais de 100, em seu caminho para a igreja. Famílias inteiras, trajando suas roupas brancas de sábado[...].

Trabalhamos com as ferramentas que nos foram dadas; não pedimos nenhuma glória, nenhuma vantagem. Nosso interesse era servir. Tentamos ensinar os adultos e instruir os jovens a melhorar suas vidas e a aproveitar as chances para o futuro.

Agora, pois, temos o corpo, a corporeidade e a corporação (IASD). Quando o casal Halliwell se instala na Amazônia, contribuíram para a melhoria de vida dos povos tradicionais. Suas visões de mundo são registradas nas páginas impressas, suas crenças e corporeidades amazônicas entram em contato com a corporeidade norte americana missionária. Esta primeira gerada após a conversão mediante o batismo voluntário, reforçou ainda mais o estabelecimento da igreja, da pessoa jurídica, a corporação adventista se ajusta às leis brasileiras.

A corporação é identificada visivelmente pelas suas doutrinas, liturgias dos cultos, hinódia, livros denominacionais e o dia de sábado (*Shabbat*). Foi, pois, no dia a dia da vida na Amazônia que se estabeleceu uma IASD amalgamada com o espírito (*geist*) amazônico. Seus conversos vêm das palestras de saúde, das escolas bíblicas, ou da clínica na lancha luzeiro. Quando os corpos são medicados, e em seguidas as pessoas são orientadas a manter a saúde recém estabelecido cuidado com a higiene corporal; alimentação saudável; água pura e ar fresco; descanso semanal e diário.



Figura 36. Comunidade de adventista da Amazônia. Benevides, Pará, 1940?  
Fonte: Museu Leo B. Halliwell/ Faculdade Adventista da Amazônia - FAAMA 2018. (Usado com permissão).

O uso dos recursos naturais como uma medicina preventiva é um retorno a religião primeira, em que a humanidade era concebida como parte da *physis*, ou seja, uma “espiritualidade que retoma as paixões primitivas como uma forma de responder ao êxtase da cura da doença” (LIBÂNEO, 1998, p.72). A cura do corpo não seria suficiente para manter a nova religiosidade que se enraíza, essa corporeidade religiosa como traço da cultura torna-se um elemento de vantagem competitiva em relação à outras propostas religiosas e do outro o fundamento do Ethos protestante, como as doutrinas e crenças na bíblia como um produto da religião revelada.

A síntese do traço cultural amazônico (religião natural) e o adventismo pregado (Religião revelada), compõe um novo adventismo àqueles que se batizam

ou rebatizam nas águas dos rios da Amazônia, tornando a que tornam a religião adventista na região a percursora nos cuidados com o corpo através das clínicas e hospitais, nos cuidados com a mente mediante suas escolas e nos cuidados do espírito através de seus tempos/igrejas. Pilares estes observados e valorizados nas organizações do século XXI que buscam a qualidade total mediante certificações internacionais.

Os gregos platônicos<sup>92</sup> enxergavam uma tricotomia, a saber: a) o corpo, pela tradição médica; b) a mente, pela tradição filosófica; c) o espírito, pela tradição religiosa. Observamos esse *modus operandis* nos primórdios do cristianismo. Nos escritos paulinos no novo testamento, Paulo de Tarso concebia a natureza humana conforme a cultura da localidade para onde dirigia suas cartas; se a cultura era dicotômica, dividia didaticamente o ser em corpo e alma, se tricotômica, à maneira filosófica grega, em mente, corpo e espírito. De forma didática para iniciar a doutrinação valeu-se de um ponto de conexão entre a sua teologia e a cultura da pólis. O final da abordagem dicotômica e tricotômica convergem para uma religião primeira (primitiva) ao seu final com uma abordagem holística do ser.

### **3.2 As gentes da Amazônia**

Nem sempre as gentes da Amazônia são descritas como doentes e carentes de ajuda. Halliwell em seus escritos demonstra uma certa dificuldade em classificar as pessoas conforme suas leituras pré-missionárias, antes de aprender a língua. Podemos dividir a título de análise de seus dois livros em três momentos, a saber: 1) O mundo perdido, ou do preconceito; 2) Inferno, ou do conceito; 3) Paraíso, ou da memória.

O primeiro momento coincide com os primeiros quinze anos que foram formalizados nos escritos contidos no livro de 1945, que denominamos de “mundo perdido”, onde o autor se faz valer de informações da hidrografia, topografia e estatísticas, além de valer-se da lógica de classificações muito comuns nas

---

<sup>92</sup> Segundo Platão, o lado racional representado pela cabeça, governa o coração (irascível, prevalece sobre os sentimentos, para adquirirmos coragem) e governa também o baixo ventre (satisfazer os desejos e os apetites sexuais). Representado no mito do cocheiro e os dois cavalos : o cocheiro (a razão); o cavalo branco (o espírito) e o cavalo preto (o corpo).

colonizações alemãs e franco-belgas. Halliwell nesse período possui conceitos coloniais e enxerga a Amazônia como um campo a ser ocupado, ou um local fora do tempo como na metáfora de Arthur Conan Doyle “o mundo perdido”. Predominava uma visão colonialista, mas ele nunca se mostrou com ar de superioridade antes as gentes, diferenças eram evidentes, mas não excludentes, todos eram bem vindos em sua casa, lancha, e escritórios da igreja.

Halliwell (1945) salienta de início que a população amazônica é de estatura mediana, possui uma pele escura porque fora tostada pelo sol, além dos cabelos negros e olhos amendoados negros como características indígenas. Quase todos que moram na Amazônia são em sua maioria indígena ou mestiços, cuja classificação se reveza ora como nativo ora como caboclo. Caboclo é reconhecidamente uma categoria colonial, a mesma até hoje é de difícil entendimento, historicamente refere-se a uma identidade regional para separar o branco civilizado de classe alta, e a baixa classe (pobre) rural, mestiça, indígena e rústica como cabocla<sup>93</sup>. No caso em estudo, a classe do missionário norte americano e o receptor do serviço missionário (aquele que será doutrinado) parece haver a mesma lógica das classificações comuns aos anglos saxões que chegaram a novas localidades, ainda em formação urbana ou especificamente rural.

O autor sente essa dificuldade uma vez que na formação social na colonização da América Latina, foi incentivada a miscigenação enquanto que a norte americana foi a de segregação. No norte da Amazônia as diferenças são mais econômicas que raciais, no norte da América além de econômica são raciais. Essa dicotomia está presente nos textos e em algumas situações vividas pelo casal missionário quando numa ocasião, menciona Halliwell uma baiana chamada Tubusa veio trabalhar em sua casa e a primeira coisa que destacou ao casal era que eles “... nunca precisassem se preocupar acerca da comida que era feita. Minhas mãos podem ser negras, mas elas estão sempre limpas”. O autor deixa claro que deu a ela liberdade de expressão para que ela falasse o que quisesse, inclusive boa parte do seu português se deve a essa senhora que usava “uma bandana de cor viva e cumprida e uma larga e cumprida saia”. Como já expressamos na seção anterior, o

---

<sup>93</sup> Adota-se a origem cujo o termo refere-se a uma conotação de desprezo, sinônimo de tapuio (índio assentado, “civilizado pelo branco) entre os índios. Seu étimo deriva do tupi *caa-boc* “o que vem da floresta” Geralmente usado de forma pejorativa.

corpo comunica tanto quanto as palavras, Tubusa fez essa leitura e contribuiu com o Halliwell no início da missão (Halliwell, 1959, p.41).

O casal Halliwell seguiu a regra áurea dos missionários de que em terras estrangeiras, não impor sua cultura aos povos no qual vieram servir. Submeteram-se ao patriarcalismo dos anos 1920 e 1930, sendo mais difícil para a Jessie Halliwell que era uma mulher de alta cultura, dominava a enfermagem com muita excelência, improvisava com os recursos que tinha para dar sempre o melhor atendimento à muitas mulheres na Amazônia. Ajudou a dar à luz centenas de crianças ao longo dos rios da Amazônia. A vida foi muito mais difícil para essa mulher porque precisou se submeter ao silenciamento patriarcal da sociedade amazônica, cujas mulheres estavam restritas a vontade dos homens da casa. Embora sua voz quase não é ouvida nos dois livros de Halliwell, é a sua imagem que predomina nas fotografias tratando dos doentes, fato este que não é escondido de Halliwell, tanto que passa a estudar “medicina missionária”<sup>94</sup>.

Halliwell usa a categoria caboclo para denominar o morador quer seja nativo indígena ou outsider estabelecido há anos que constitui família, todos os que vivem em comunidades cujos laços fraternos e consanguíneos são as amalgamas invisíveis que não podem ser compreendidos na sua totalidade, pois se modifica a cada geração e cada novo contato com outras culturas e saberes. No interior da Amazônia cujas estradas são os rios e os lagos as praças, a estratificação social é visível no estilo da embarcação em forma de igarités, montarias e canoas, os que possuíam mais recursos usavam motor de popa. Parece-nos interessante a possibilidade de as pessoas da época terem feito o mesmo exercício de classificar o estrangeiro pelo tamanho e estilo de sua embarcação e deduzir que ele tinha muitos recursos, pois se o motor de popa era identificador de classe social abastada, o que dizer de um motor a diesel de 2 cilindros, 20 HP fabricado na Alemanha<sup>95</sup> que era utilizado na Luzeiro.

---

<sup>94</sup> Equivalente a um curso de primeiros socorros avançados e técnico de enfermagem.

<sup>95</sup> O autor deixa claro que utilizou desse motor por 9 anos, e o substituiu por um de engenharia americana. Pelos dados temporais informados por Halliwell, essa troca ocorreu em 1940, no começo da II Guerra Mundial. Coincidentemente essa mudança livra a lancha Luzeiro do confisco do Decreto 4166/42. Cabe salientar que a IASD tem sua origem no Brasil entre as colônias alemãs e pomeranas no Sul, muitos adventistas sofreram confiscos por serem alemães, e possivelmente um

As gentes da Amazônia na percepção de Halliwell estabelecem estreitas interrelações com o meio ambiente, as pessoas estão ligadas aos rios, as plantas, aos animais numa espécie de relação de poder e dominação. O poder entre as relações sociais são visíveis em todas as sociedades amazônicas, Halliwell exemplifica no caso dos Saterés-Mawés há o chefe da tribo, o pajé, o guerreiro e as mulheres que podem ter essas ocupações além de seus afazeres, pois não estão sujeitas a qualquer tipo de patriarcado, mas a uma expressão mítica ancestral. Os povos tradicionais com seus saberes lidam com as doenças através de plantas, seivas e frutos, ou com derivados de animais, “benzições” para invocar o metafísico. Nessa interpelação há os animais que ora servem de alimento para o homem, também podem se alimentar desses, em especial as onças, sucuris, jacarés e feras d’água (HALLIWELL, 1959).

Em Tocantins (2001) percebemos que a expansão, fixação e sobrevivência humana na Amazônia se convencionou ao que ele denomina de crônica das plantas, animais e floresta, que são narrativas que demonstram o esforço de sobrevivência através do homem subordinando-se à floresta, os animais aos homens e estes aos homens, no fim as plantas sendo usadas pelos homens. Assim atuam as gentes na Amazônia, quer seja nativa ou estrangeira, é através da associação de espécies que encontram um equilíbrio biológico, para tirar da natureza seu sustento, sua vida e sua farmácia.

A religiosidade brasileira foi considerada nos livros de Halliwell com duas vertentes não excludentes, uma é a oficial (ideal), a outra é a cultural (real). A religião oficial do Brasil era a Católica Apostólica Romana, mas a praticada é um sincretismo de catolicismo com saberes locais ou importados de outras localidades e continentes. No caso da Amazônia o catolicismo é sincrético, os mesmos membros que participam da missa, mesclam com o protestantismo, espiritismo e pajelança, para alívio dos sofrimentos psíquicos e físicos. É muito comum, destaca Halliwell, crerem em encantamentos e seres encantados que moram em um plano metafísico, mas se manifestam epifanicamente na Amazônia, por essas e outras credências o povo se submete aos rituais de cura tradicionais.

---

barco com uma tecnologia alemã poderia ser alvo de uma hermenêutica eisegética (o contrário da exegese), embora a madeira e a construção fosse brasileira e o design norte americano.

As gentes da Amazônia ao serem comparadas com os padrões urbanos são consideradas subnutridas e carentes de proteínas, segundo Halliwell. Por não se alimentarem de frutas e verduras (apesar de terem em abundâncias), o nativo apresentam quadros de desnutrição elevado, destaca que as crianças recém-nascidas são alimentadas desde cedo com papa de farinha de mandioca, que é fonte pura de amido o que torna o indivíduo fraco e propenso a diversas doenças, como as transmitidas por mosquitos e as deficitárias de nutrientes, como o béri-béri<sup>96</sup> e o escorbuto este último facilmente tratado com a inserção do suco de toranja. As pessoas tinham medo desse fruto em virtude da cor vermelha dessa espécie de laranja e, por isso, era desprezado, o mesmo ganhou novo significado ao ser usado na cura e na falta de nutrientes. Muitas sementes de toranja foram espalhadas na Amazônia por Halliwell e sua esposa, que ensinou muitas famílias a usarem suas folhas como chá e os frutos como suco e alimento, da mesma forma que a laranja (HALLIWELL, 1959). Parece-nos que Halliwell bebe na mesma fonte que apontam que Hegel, segundo o qual abaixo do Equador estão os indolentes, indígenas (como primitivos), atraso e a preguiça.

O segundo momento, denominamos de inferno verde, já é visível no final do livro de 1945 e no começo do livro de 1959, sem contar o livro de memória de Streithrost (1979) que rememora momentos em que autora trabalhou com o casal Halliwell, o qual passa de uma visão colonialista para uma visão humanista. O sofrimento humano em virtude das doenças comovem o autor e idealizador do projeto luzeiro a ponto de, na maioria das vezes, tratarem mais das doenças do que pregação da mensagem adventista propriamente dita. As pessoas estavam doentes seus corpos denotam isso, vemos a sua preocupação com os povos indígenas, ante a exploração dos comerciantes e a inserção de vícios e doenças nas tribos.

Foi no Amazonas, em 1932, que ocorreu o primeiro contato com os indígenas da etnia Maués aqueles que viviam as margens do Rio Andirá, dentre as várias comunidade, uma que era conhecida como “Cinco Quilos” situada no rio Maués, e foi nesta que o tuxaua solicitou a Halliwell que ensinasse sua gente, e uma escola indígena foi instalada. Agora tinha uma escola adventista que funcionava de

---

<sup>96</sup> Béri-béri doença provocada por falta de Tiamina, em virtude de uma dieta a base de amido. Escorbuto doença conhecida como mal dos marinheiros pela falta de vitamina C.

todos os dias, mas no sétimo dia (aos sábados) a aula era sobre a bíblia. Durante um intervalo ou período para novos preparativos, a comunidade recebeu visita de um ajudante religioso de uma outra denominação, este falava mal dos adventistas e alertou os índios acerca dos perigos e fez tanta ameaças à existência da escola que os índios resolveram se mudar para bem longe.

Halliwell resolveu visitar os demais indígenas que moravam no rio Andirá, ao chegar à lancha Luzeiro fugiram com medo por causa do barulho do motor. Nunca haviam visto uma embarcação tão diferente, seu cotidiano e paisagem era de canoas e algumas cobertas com palhas. Para atraí-los Leo Halliwell utilizou uma linguagem universal, a música, colocou sobre um tonel uma Victrola portátil e tocou um disco, cuja voz do cantor ecoava pela floresta ao estilo do Fitzcarraldo<sup>97</sup>. Os indígenas aos poucos saíam para ver a caixa e por um tempo analisaram o aparelho e concluíram que a voz vinha da caixa de madeira e novamente fugiram com medo.



Figura 39. Fitzcarraldo e a Victrola . Adaptado do longa metragem filmado em Tabatinga (AM) e Iquitos (Peru). Fonte: HERZOG, 2004.

Uma segunda tentativa foi feita para atraí-los para perto do barco, desta vez foi utilizado projeções luminosas de slides sobre a vida de Jesus e dali em diante as barreiras e o medo foram deixadas de lado. O próprio chefe queria “a cabeça do homem dentro da caixa”, o que assustou o assistente de Halliwell que preparava uma fuga e tentava convencer o missionário a fazer o mesmo. Foi, então, vendo que

---

<sup>97</sup> O filme *Fitzcarraldo* (idem, 1982, ALE), conta a história real de Brian Sweeney Fitzgerald (Klaus Kinski), megalomaniaco, sonhador e amante de ópera, que pretendia levantar fundos para a construção de um teatro no meio da selva amazônica, em um lugar onde não existia civilização, no começo do século XX.

não era compreendido ele apontou para a Victrola, o que tranquilizou a tripulação e após colocar outros discos na Victrola muitos índios vieram ver “a cabeça do homem” que cantava dentro da caixa. Aproveitaram a ocasião para fazer uma reunião cujo tema era Jesus e seu amor e firmaram propósitos para a comunidade, a saber: Os missionários também colocariam uma escola no Andirá e os indígenas fariam as construções. Alguns meses depois, a Luzeiro retornou a comunidade, desta vez na tripulação estava o professor Honorino, sua esposa e uma criança pequena.

A família do missionário Honorino foi escolhida para ser os professores do Maués do Andirá. Ao chegarem na localidade onde morariam com os índios perceberam que a escola estava pronta, mas preocuparam-se com a casa onde moraria o missionário e família. Enquanto construía ficaram provisoriamente na única casa desocupada na tribo, todavia o morador cujo nome era Querino, havia chegado de viagem e sendo também o pajé e guerreiro da tribo não gostou das mudanças trazidas pelo homem branco e expulsou de sua casa. A família foi se abrigar na escola, só que a mesma não tinha paredes e o clima chuvoso, goteiras do telhado de palha aos poucos foram minando a saúde da criança, infelizmente adoeceu de pneumonia e veio a óbito. O próprio pai da criança preparou o caixão com as ferramentas que possuía, fez a cerimônia fúnebre e enterrou seu filho. Os índios sentiram-se culpados pela morte do infante, pois haviam prometido terminar a casa e a escola, imediatamente retomaram o trabalho após ouvirem o sermão e as palavras ministradas pelo professor durante o velório da criança. Ficaram impressionados como uma família distante poderia ainda ficar com eles depois de tudo que ocorrera, para ser ter uma ideia Halliwell (1945) registra que Querino ao se converter confessou ter matado a vaca, as galinhas e o cachorro do professor. Confessou ainda havia tentado matá-lo três vezes e entendeu que havia um poder maior que o dele. Embora tenham ficado amigos após esses incidentes o indígena carregava uma culpa pelo mal que havia cometido.

Certa vez Leo Halliwell queria conhecer outras tribos para evangelizar e o Querino acompanhou e ao chegar na localidade Halliwell informava ao tuxaua que queria apresentar uma coisa assombrosa, a luz elétrica. Realmente era algo de outro mundo a passagem de slides no meio de toda aquela luz e a história vicária

de Cristo, terminando com uma canção da Sra. Halliwell entoando “Cristo salva, Cristo salva, salva o pecador” e essas palavras não saiam da mente de Querino, o mesmo durante a viagem de retorno, pergunta a Halliwell se Jesus havia morrido pelos índios? Halliwell respondeu que *Tupana* ama a todos os pecadores, inclusive os índios. Querino, confessou que era o pior dos pecadores e que havia matado seis pessoas, pediu perdão à Deus naquela noite entregou o coração a Tupana, mudou o rumo de sua vida e passou a aguardar a volta de Tupana.

A presente história de conversão do índio Querino merece destaque nesse estudo por diversos fatores que são elencados no enredo, a saber: as mortes, o sobrenatural e a conversão e seus efeitos na cultura da etnia evangelizada. Embora a prática da evangelização seja considerada uma forma de dominação sobre os indígenas, pois segundo Associação de Missões Transculturais Brasileiras (AMTB) aponta que 53,5% das etnias da Amazônia têm categorias evangélicas presentes em sua cosmovisão. Pesquisas como a de Miranda (2016), Vale (2016), apontam que as etnias evangelizadas pelos adventistas possuem mais traços e elementos culturais preservados que algumas etnias em reservas indígenas, por utilizarem um modelo missionário cuja a interação é tecida através do diálogo e consensos.

A família de Querino também aceitou a Jesus<sup>98</sup>, foi toda batizada na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Segundo a pesquisa de Miranda (2016), Querino não aceitou ser batizado por se considerar indigno, mas chamou o pastor Halliwell e disse:

[...]Pastor Leo, nunca vou, Deus não me aceita porque eu fiz muitas coisas errada então ele não se batizou, mas ele disse: meus filhos, meus netos, esses daí não quero que nunca deixa da religião e que eles sigam o que tu tá ensinando pra mim. Então hoje todos nós conhecemos a Igreja Adventista e esse Jesus. E quanto ele é

---

<sup>98</sup> Numa primeira leitura Halliwell (1945, 1959) dá a entender pela expressão “[...]aceitou a Jesus como seu salvador[...] que índio Querino havia sido batizado na IASD, graças a pesquisa de sua neta, a Tuxaua Baku (in memorian), o batismo foi apenas para os demais membros de sua família. Ver a citação da entrevista em Miranda (2016, p.48). Na IASD além do batismo, existe a “profissão de fé” como forma alternativa de se tornar um adventista, apenas declarando publicamente suas crenças adventistas.

importante pra nossa vida, ele se sentiu muito feliz por isso né, por ouvir, aprender, [...] (MIRANDA, 2016, p.48)<sup>99</sup>



Figura 38. Querino, o índio que aceitou a Jesus como seu salvador após ouvir a música “Jesus Salva.” Rio Andirá (AM). Adaptado por Diogo Gonzaga Torres Neto de HALLIWELL, 1945. Fonte: Leo Halliwell, acervo da Missão entre os Sateré-Mawé. In (Halliwell, 1945).

Halliwell ajudou muito a etnia Sateré-Mawé a se defender dos abusos dos homens urbanos que negociavam produtos da floresta por cachaças e outros entorpecentes, muitas foram histórias ocorridas com Halliwell e o índio Querino, que estão na oralidade do povo, uma delas por exemplo, foi captada pela USP através do Núcleo de Antropologia Urbana - NAU. Registrou-se na ocasião um episódio envolvendo Halliwell, conforme narrativa de Sra. Tereza Silva<sup>100</sup>, filha de Querino, a qual explica que foi o pastor Leo Halliwell que estabeleceu o Tuxaua na comunidade Ponta Alegre, como forma de preservar a comunidade dos abusos dos brancos que pegavam os índios bêbados e levavam presos para Barreirinha (AM) onde eram espancados muitas vezes, ouçamo-na :

[...] então como meu pai (Querino), uma vez levaram preso, deram nele e tava porre. Índio não sabe beber cachaça. Aí o pastor Leo

<sup>99</sup> Última entrevista da Tuxaua Baku (Zelinda da Silva Freitas), comunidade Sahu-Apé, realizada por Miranda (2016) em 21.abr.2016.

<sup>100</sup> Tereza Ferreira da Silva, matriarca Sateré-Mawé. Fonte: Núcleo de Antropologia Urbana da USP, 2012.

chega naquela hora. Gritou: “Cadê o Quirino?” - Foi pra Barreirinha preso”. Na mesma hora a Luzeiro foi buscar ele. Trouxe ele. Tava preso mesmo. Tinham dado nele, tava preso. Aí o pastor Leo veio e disse assim: “agora Tuxaua Alexandre, Capitão França e Quirino eu vou na América caçar advogado de vocês, que são os índios”. Ninguém tinha advogado não. Só os civilizado batendo nas mulherada, maltratando as índias, jogando por água. Então ele foi procurar, ele foi na América procurar esse advogado para nós. Até hoje, graças a Deus. Ele Trouxe. (*Entrevista com Dn. Tereza F. Silva, Tuxaua Bakú, cedida ao documentário “Sateré-Mawé Trajetórias em Manaus”. Núcleo de Antropologia Urbana da USP*).

A preocupação de Halliwell com a dignidade dos indígenas foi tamanha que ao relembrar sua infância e o período que conhecera o Pr. Halliwell os olhos de Zelinda Freitas (Tuxaua Baku) enchem de lágrimas ao lembrar do homem que a Batizou. Conforme ainda registra Miranda (2016), o amor, carinho e a forma de tratamentos dos missionários para com os indígenas eram de uma maneira nunca experimentada. Segundo a Tuxaua Baku, neta de Querino, “[...], mas nós sabia [pensava] que era o pastor Leo que era Jesus, nossa cabeça era ele [...] (Miranda, 2016)<sup>101</sup>. Em diálogo com Miranda na cidade de Porto-Velho, onde o mesmo exerce funções pastorais na Missão União Amazônia Ocidental<sup>102</sup> situada em Porto Velho-RO, o mesmo contou e apresentou vídeo pessoal onde a tuxaua Baku o estabelece como tuxaua espiritual colocando em seu pescoço um colar confeccionado por ela mesma. Em seus estudos Nascimento (2015), discute a importância do papel de uma tuxaua feminina que conquistou o apreço do seu povo e se tornou a primeira mulher a alcançar o mais alto posto de Tuxaua e Pajé, numa sociedade onde somente aos homens era dado o privilégio. Ela foi considerada entre os outros tuxauas a que mais possuía conhecimento ancestral da língua, das plantas que curam, dos rituais e da religião.

---

<sup>101</sup> O trabalho de Miranda (2016), SMJ, foi a última pesquisa em vida com a Tuxaua Baku e sua comunidade. Na ocasião Miranda foi escolhido como Tuxaua espiritual da comunidade.

<sup>102</sup> Entre os adventistas há uma organização administrativa piramidal, a saber uma Missão, pertence a uma Associação e esta a uma União que forma uma Divisão (em Brasília) que junto com outras Divisões formam a Conferencia Geral (USA) que é uma espécie de Santa Sé dos Adventistas. Mesmo havendo essas divisões todas as sedes administrativas são denominadas de Missão.



Figura 39: Tuxaua Sateré-Mawé que solicitou ao Pr. Leo Halliwell a instalação de uma escola em sua aldeia.

Fonte: Adaptado pelo autor de Halliwell (1945, p.96).

Segundo registro do Núcleo de Antropologia Urbana da USP – NAU, Tereza, mãe de Zelinda, saiu no final dos anos 1960 de Ponta Alegre (região do Rio Andirá) para Manaus. Fundou junto com seus parentes a comunidade *Y'apyrehyt* no Santos Dumont, mudou-se posteriormente para as margens do igarapé do Tiú formando a comunidade *Hywy*, foi uma fundadora de igrejas adventistas indígenas. Sua filha Zelinda, ou Tuxaua Baku, como foi mais conhecida em vida, exerceu por décadas liderança política e espiritual na comunidade Sahu-Apé até 2018, ano de sua morte, a única mulher a exercer a função de Tuxaua maior com reconhecimento de outros tuxauas da reserva Andirá-Marau (MEMORIAL, 2012).

Os adventistas Sateré-Mawé além de serem pesquisados por diversas universidades como UEA<sup>103</sup>, USP<sup>104</sup> e não excetuando a UFAM, em destaque o Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia.

---

<sup>103</sup> Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, Pesquisa de Emanuel de Almeida Farias Júnior In Terras na Comunidade Beija Flor, onde está inserida também uma igreja adventista fundada pelos indígenas.

Uma outra conversão para o adventismo também ocorreu na Terra do guaraná, na margem direita do Rio Maués-Açu, atual município de Maués (AM). Nesta região havia uma fazenda de propriedade do senhor Donga Michiles cuja a família de origem europeia fugira da perseguição ao protestantismo, saindo da Alemanha, permanecendo em Portugal, mas um dos irmãos viera para o Brasil. Em Pernambuco ouvira acerca da exploração da borracha na Amazônia. Segundo Kettle (2016), a cidade de Maués era composta de muitas famílias intelectuais e autodidatas, chegaram até a fundar um clube de Literatura ao qual os Michiles se associaram, o município no auge da borracha gozava dos benefícios de pertencer ao Estado mais rico do País. Em face da perseguição sofrida por seus pais e avós, o Sr. Michiles nunca aceitou o a religião católica e nem permitiu o batismo de seus filhos.

Em 1927 o pastor adventista norte americano John Brow em viagem de reconhecimento do território chega à próspera Maués. Ao adentrar no comércio de um judeu muito comunicativo e simpático com os estrangeiros perguntara se ele conhecia alguém que quisesse ler a bíblia, e de toda a cidade ele tinha certeza que o conhecia uma pessoa que lia a bíblia com muita frequência. O que se sabe desse período deve-se a memória de uma de suas filhas, Sonila Michiles, o relato de Sonila faz parte de um livro escrito por Streithorst (1979)<sup>105</sup> e Kettle (2016). Narra-se que Pr. John Brow deixara com o comerciante judeu da vila de Maués, uma bíblia e vários folhetos contendo toda a mensagem doutrinal adventista, e explicou que daquele dia voltaria em um ano para conhecer o amigo do Judeu. José Batista Michiles, mas conhecido como Seu Donga, por ser conhecido como leitor da bíblia e recebe agora os folhetos adventistas. Após longo estudo do material determinou que ao invés do domingo, em sua casa seria guardado o sábado (a sua maneira)<sup>106</sup>, conforme ordenava as escrituras, e toda família prontamente obedeceu ao patriarca,

---

<sup>104</sup> Como por exemplo as pesquisas como “O indígena e a mensagem do segundo advento: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX, de Ubirajara de Farias Prestes Filho pelo PPG de História Social. PPGHS/USP. Memorial Indígena Sateré-Mawé: Trajetórias em Manaus, Núcleo de Antropologia Urbana – NAU / USP

<sup>105</sup> Livro intitulado “Leo Halliwell na Amazônia” Publicado pela editora adventista Casa Publicadora Brasileira, em 1979.

<sup>106</sup> Seu Donga guardava a partir da meia noite a maneira ocidental de contagem do tempo. Após a chegada dos missionários, o mesmo conheceu a maneira de contar o Shabbat a partir do por do sol.

no mês de março de 1928, já era rotina a escola sabatina na residência dos Michiles, com lições ministradas pelo Seu Donga.

Feito os ajustes, no mês de março de 1929, houve o primeiro batismo, e Michiles foi batizado juntamente com seus primeiros estudantes da bíblia, a família Viana (casal Marcos e Licínia), a matriarca Michiles, a administradora da fazenda Edwirges e daí em diante ao longo dos anos de únicos adventistas de Maués, os Michiles tornaram-se propagadores da mensagem do advento, juntamente com o casal de professores missionários Enoque e Noeme Gnutzman, trazidos por Halliwell, e foram agregados posteriormente ao grupo as famílias Soares, Lima, Rosendo, Bernardes, Verçosa e Albuquerque.

Halliwell percebe a aptidão da família Michiles e convence o patriarca ao enviar seus filhos para São Paulo para que pudesse completar seus estudos no Colégio Adventista Brasileiro – CAB (Atual Universidade Adventista de São Paulo), dos seis filhos, em destaque Erison Michiles tornou-se o primeiro pastor adventista natural da Amazônia, Sonila Michiles casa-se com o Pastor Itanel Ferraz que trabalhava na ocasião com o pastor Halliwell nas Conferências bíblicas de Maués. O desempenho do trabalho missionário de Sonila é tão marcante que a mesma passa a criar e liderar a AFAM – Ala Feminina da Associação Ministerial, trabalho pioneiro para formação de mulheres missionárias e evangelistas, Sonila antes de se aposentar já treinava homens e mulheres para serem missionários na Amazônia. A capacitação de mulheres naqueles idos era quase uma ofensa, mesmo no meio adventista brasileiro. É importante destacar que mesmo a IASD crescendo no Brasil e especificamente na região Amazônica a mesma se adapta ao patriarcalismo comuns dos brasileiros da época, Sonila e suas irmãs mesmo a distância aguardava sempre a autorização dos pais para o namoro, escolha da profissão e cursos profissionalizantes voltados para lar.

O aspecto de submissão feminina da época advém do *ethos* colonial que fazia exigência das mulheres para se ter comportamento caracterizado pelo recato, docilidade e submissão, formando um constructo mental a ponto de serem fiéis ao *ethos* mesmo longe da presença do patriarca. Essas leis morais ficavam incutidas nas mentes e socialmente formou-se um estereótipo ainda existente em nossos dias, aquele que indica o sexo feminino exclusivamente ao âmbito do lar, onde se

podia até estudar (um pouco), mas a sua tarefa seria a de cuidar da casa, dos filhos e do marido e seu senhor (FOLLADOR, 2009, p. 8).

Ainda nos tempos do CAB, o jovem Darcy Michiles conhece Eunice, filha do pastor e missionário Teófilo Berger que havia morrido na Bahia de febre tifoide. De acordo com Souza (2016) a jovem Eunice acabou indo para o colégio adventista após a morte do pai como forma de ajuda que a IASD brasileira proporcionou à sua família enlutada. Nessa escola teve toda formação do curso de magistério além da formação extra para ser bela, recatada e do lar. Darcy e Eunice casam-se em 27 de junho de 1957 com a promessa de Michiles que o mesmo nunca se envolveria na política<sup>107</sup> e que voltaria apenas para administrar os negócios da família e da Fazenda para que o pai (Seu Donga) exercesse a política pois havia sido eleito prefeito de Maués. Eunice Michiles passaria, segundo promessa do esposo, uma pequena temporada na Amazônia e logo voltariam para São Paulo. A chegada na região Amazônica causa uma má impressão a Eunice por diversos motivos, um deles é que a promessa do esposo não durou seis meses, Darci Michiles já estava fazendo política partidária.

Souza (2016), salienta que Eunice Michiles teve que se adaptar a localidade da fazenda que ficava fora da cidade de Maués, levando-se muito tempo para se chegar, a condição rústica e desprovida de conforto, causava na jovem senhora uma preocupação de como naquele lugar afastado da cidade, cujo maior meio de locomoção são os barcos através dos rios, o que torna lento as viagens ao serem comparadas com as rodovias paulistas facilmente percorridas em poucas horas e a velocidade depende do ritmo das águas, o que já era característico e bem destacado dos escritores que tentam explicar a região nessa época, como por exemplo, Euclides da Cunha.

O regionalista Euclides da Cunha, em suas obras-denúncias concebeu a Amazônia sob o aspecto de “paraíso perdido”, cujo atraso de deve ao governo e a falta de acesso rodoviário aos demais Estados da república. Seus escritos sobre a

---

<sup>107</sup> Os adventistas do sétimo dia não compartilham de ideias políticos partidários, não apoiam nenhum político e nem cedem o espaço litúrgico

Amazônia circularam nos meios acadêmicos e escolas da Região Sudeste<sup>108</sup>, muito característico de Euclides da Cunha descrições negativas das paisagens, como o clima, isolamento do povo onde tudo era longe em virtude da geografia que maquinava contra a permanência do homem amazônico que era isolado, pois segundo ele vivia às margens da história. Tal negativismo de Euclides da Cunha era comum entre os intelectuais do sudeste, pois os mesmos acreditavam no determinismo de Taine<sup>109</sup>, que indicava que o homem era fruto de três fatores, a saber: meio ambiente, raça e momento histórico. O meio ambiente amazônico era caluniado por Euclides, o povo era de raça inferior predominância de caboclos mestiços e ribeirinhos uma vez que eram resultantes de sertanejos nordestinos considerados sub-raça que desapareceriam, à medida que crescessem rumo a civilização. Barbosa (2006, p.47) demonstra a descrição feita por Eunice Michiles da seguinte forma:

No final do dia, não podíamos sequer conversar, descreve Eunice, sentindo o gosto da aflição. Um descuido, e um enxame de mosquitos entravam na boca. O jantar era às cinco da tarde e, até dormir, ninguém ousava ficar parado. Quem ditava o ritmo era a floresta. A cama contava com a proteção de mosquiteiros, que também envolviam as redes, por sua vez forradas com jornais, para evitar que o carapanã perfurasse o tecido, rasgando doloridamente e sem tréguas a pele desprotegida. [Entrevista de Eunice Michiles in (Barbosa, 2006, p.47)].

É esse cenário euclidiano que foi ensinado nas classes escolares paulistas que formava o imaginário dos alunos história e geografia dos demais Estados brasileiros concernentes a região Amazônia, é nessa região ainda que projetada de forma negativa, entre os adventistas da Família Michiles que surge Eunice Michiles, aquela que seria a primeira senadora da república aquela que conseguiu

---

<sup>108</sup> A fama de Euclides da Cunha, devera-se graças a sua obra *Os Sertões*, que trata da Guerra de Canudos (1896-1897) no interior da Bahia que testemunhara na condição de correspondente do *Jornal o Estado de São Paulo*.

<sup>109</sup> Hipolite Taine. Historiador e Membro da Academia Francesa do final do século XIX, sustentava a tese que o homem deve ser explicado à luz de três fatores interrelacionados: Meio ambiente, raça e situação histórica. Para aprofundamento nessa escola hermenêutica recomendamos acessar o projeto Gutenberg que possui todos os seus escritos em formato PDF. Disponível também na rede o trabalhos de estudiosos como THIBAUDET, Albert. *Le centenaire de Taine*. Publicado na *La Revue de Paris*, 191?, também recomendamos o pdf Péladan. *Réfutation esthétique de taine*, publicado na *Mercure de France*, no 207, 1er février 1906, p. 321-339 (Bibliothèque nationale de France, Gallica – mode image, format PDF)

harmonizar suas crenças com o papel de esposa de político com os trabalhos de ajuda ao próximo, principalmente entre as mulheres pois fazia partos, medicava e ajudava os necessitados. Seu prestígio aumentava com o passar do tempo, adentrou na política para minorar o sofrimento do seu povo.

Não se pode mensurar a rede de fatos e situações que a vinda da Luzeiro e do casal Halliwell trouxe para o enraizamento da igreja evangélica na Amazônia, sua presença é sentida ainda nos dias atuais através da história de vida dessas mulheres que foram fiéis aos seus princípios adventistas. Pastor Leo Halliwell cuidava dos assuntos espirituais, pilotava a lancha e pregava o evangelho contribuía com os tratamentos quando possível. A norte americana Jessie Halliwell, a brasileira Eunice Michiles, as Sateré-Mawé Teresa Silva e a Tuxaua Baku, são os baluartes da fé adventista da Amazônia. A história do adventismo na Amazônia sem o protagonismo dessas mulheres não seria possível.



Figura 40 – Matriarca Tereza Silva (Esquerda) e Tuxaua Baku (direita), clã Gavião. Manaus, AM.  
Fonte: Núcleo de Antropologia Urbana - NAU/USP.

Nos saberes ancestrais registramos a luta política indigenista de Tereza Silva que virou a matriarca do Clã Gavião e fundadora de igreja e sua filha Zelinda, tornou-se a primeira Tuxaua entre os Sateré-Mawé e fundou a comunidade Sahu-Apé. São exemplos de lideranças protagonistas da fé adventista e da causa social,

cujos programas de pós-graduação endossam a importância dos feitos dessas mulheres de diferentes origens que encontraram no chão amazônico o terreno fértil para uma diversidade de éticas protestantes da Amazônia.

### **3.3 Da cura do corpo a corporação**

O terceiro e último momento coincide com o livro de 1959, cujo texto apresenta um Halliwell experiente e abasileirado na Amazônia que não lembra mais o inferno verde e o paraíso perdido, agora sonha e pensa em língua portuguesa, se autodenomina brasileiro. É visível que já não se utiliza das experiências e escritos de terceiros, seu diário e sua memória são os melhores registros, sentimentos de amor são visíveis ao descrever as paisagens ao detalhar a flora e a fauna. Fala como estabeleceu igrejas, encaminhou vidas para as letras e outros estudos, criou vínculos a ponto de seus melhores amigos serem nativos da Amazônia. Nesse último momento temos um Halliwell que discursa em inglês nas terras americanas, mas que não se vê a vontade com a aposentadoria, pois seu coração está cravado na Amazônia.

Halliwell testemunhou a vinda de inúmeros norte americanos nesse período de guerra para a Amazônia brasileira principalmente nas antigas rotas que passavam pelos seringais, os norte americanos tinham como maior obstáculos para na produção de borracha as doenças que assolavam a região. Por esse motivo os governos do Brasil e Estados Unidos custearam, em 1942, uma espécie de agência de saneamento binacional conhecida por Serviço Especial de Saúde Pública – SESP que procurou promover assistência médica aos seringueiros, treinamento de profissionais de saúde, médicos e enfermeiros e engenheiros sanitários (CAMPOS, 2008).

Os profissionais do SESP vieram aos Halliwells para estudar a lancha Luzeiro e as técnicas de tratamentos utilizadas pelos missionários e chegaram a construir oito lanchas a partir das plantas da Luzeiro<sup>110</sup>. Trouxeram ainda inúmeros médicos brasileiros para trabalhar nos rios. Halliwell explica que os médicos, não

---

<sup>110</sup> As plantas do barco e projetos Luzeiro não foram registrados por Halliwell justamente para que fossem replicados e adaptados para a causa social.

queriam vir para a Amazônia pois o povo não tinha como pagar pelos serviços médicos, e só vieram porque estavam sendo bem pagos pelo governo. A lógica era prover a saúde para que essas centenas pessoas sadias atendidas pelo SESP pudessem sangrar a *hevea* e produzir mais borracha, sem precisar envolver soldados americanos. Os soldados eram os responsáveis por proteger o percurso dos rios dos alemães que tentavam colocar uma base nazista na Amazônia, além de submarinos nazistas já afundados nas costas do território brasileiro (HALLIWELL, 1959, p.144-145).

Foi, pois, nesse período de guerra que o Butantã criou o soro antiofídico graças aos experimentos do Dr. Vital Brasil, esse soro passa a ser utilizado pelos Halliwells. Todavia era prática do projeto Luzeiro levar medicação suficiente para tratar milhares de pessoas ribeirinhas ou indígenas, mas as vezes as situações eram maiores que um tratamento ambulatorial. Os casos de extremas urgências e as pequenas cirurgias eram feitas por Jessie Halliwell, tendo o pastor Leo como assistente. Muitas pessoas que eram picadas por aranhas nos dedos desenvolviam infecções que se espalhavam e gangrenavam, os dedos eram amputados na Luzeiro. Em virtude dessas situações complexas as clínicas adventistas são estabelecidas em Manaus (AM) e em Belém (PA), as mesmas atenderiam situações mais complexas que demandariam uma remoção do paciente para um das capitais mais próximas (HALLIWELL, 1959).

A IASD é uma igreja que se serve da ciência, possui grupos de pesquisas em suas universidades em todo mundo inteiro, porque os adventistas acreditam na harmonização da fé e a ciência, possui um centro de excelência em medicina como a escola médica da Universidade de Loma Linda (USA), cujo o White Memorial Hospital ajudava na formação de Jessie e Leo Halliwell e foi durante num desses cursos de formação no ano 1936 que Jessie ajudou a identificar uma patologia que os médicos não estavam conseguindo diagnosticar numa garotinha mexicana. tratava-se de uma variação tropical da hanseníase, tal rapidez da análise da lâmina proporcionou tratamento a criança com medicação correta. Além desses casos que sobre a perícia de Jessie Halliwell, alguns médicos muitas vezes voluntariavam-se a para acompanhar as viagens da Luzeiro para estudar o diagnóstico e o tratamento das doenças tropicais, mas infelizmente após o aprendizado até hoje não há

médicos ao longo de milhas fluviais entre Belém em Manaus no final dos anos de 1950, mesmo após os 30 anos de trabalho médico dos Halliwells e seu “curso de medicina” (HALLIWELL, 1959, p.138-140).

A IASD se estabelece e finca suas raízes na Amazônia, por meio do trabalho de Halliwell e essa região, deixa de ser considerada na visão corporativa da IASD parte “dos confins da Terra”. Essa experiência foi pioneira para o adventismo que passou a enviar missionários para outros países como Norte da África, Oriente médio e Ásia, conhecida como janela 10/40, a partir da experiência de Halliwell na Amazônia. Vejamos no mapa o alvo para instalações de missões e novas igrejas no mundo; (figura 41 e 42).



Figura 41: Em 1927, Mira-se o coração da Amazônia como alvo missionário da IASD para o século XX.  
Fonte: South America's "Heart Attack". In The advent Review and Sabath Herald, 5, may, 1927.

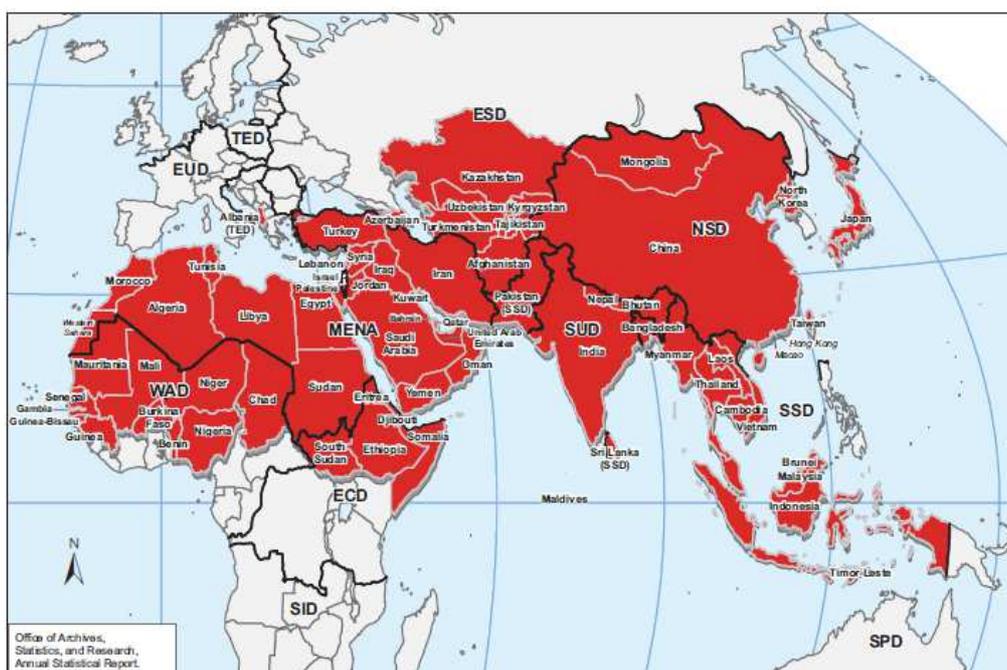


Figura 42: Em 2019 a janela 10/40 (em vermelho) como alvo missionário para século XXI. Fonte: Annual Statistical Report. ASTR Office of Archives, Statistics, and Research, 2018.

O adventismo amazônico ganha cada vez mais pessoas para a sua fé. Oficialmente na Amazônia existia apenas três adventista em 1928 que eram os colportores missionários estrangeiros, não incluindo Leo Halliwell que viera na frente para conhecer a região e para entregas de livros e folhetos. Com a chegada de Halliwell a IASD estabelece seus templos e sua membresia começa a crescer, chegando em 1954 a 2.590 membros batizados e 20 templos/igrejas. Em 2018, noventa anos depois agrega-se a corporação adventista 445.676 membros e 2.530 templos<sup>111</sup>, segundo dados Annual Statistic Report – ASR (ASTR Office, 2018).

**Tabela 1: Crescimento missionário na Amazônia brasileira**

Ano	Membros batizados	Igrejas ou Templos	Interstício (Anos)	Média de batismos (por ano)
1928	3	0	-	-
1954	2.590	20	25	103, 60
2018	445.676	2.530	90	4.952, 956

Fonte: Elaborado por Diogo Gonzaga Torres Neto por meio dos dados oficiais mencionados em Sthreithorst (1979, p.156) e ASTR Office, 2018.

A influência dos Halliwells mesmo passados 90 anos de sua chegada na Amazônia está presente, segundo Veiga (2016), no imaginário dos Sateré-Mawé.

<sup>111</sup> Números obtidos ao somar-se a antiga área de trabalho missionário de Leo B. Halliwe, hoje denominadas de Missão União Norte Brasileira – UNB (em Belém) e a Missão União Noroeste Brasileira - UNOB (em Manaus).

Até mesmo entre os atuais adventistas do Amazonas e Pará não se sabe ao certo o que já foi acrescentado ao Halliwell histórico, misturando-se as memórias de suas famílias.



Figura 43: Líderes do Clube de Desbravadores Pioneiros do Marco, nas ruínas da primeira igreja adventista do Norte do Brasil fundada pelo casal Halliwell.  
Fonte: adaptado por Diogo Gonzaga Torres Neto do Deskgram.

Na condição de pesquisador de campo testemunhei inúmeras palestras e formações missionárias adventistas com histórias atribuídas a Halliwell. Todavia ao aprender os dados para a pesquisa científica percebemos muitos acréscimos e contradições aos fatos narrados e escritos pelo próprio Halliwell, em seus dois livros em inglês. É bom que se diga que passariam vinte anos para que a IASD brasileira dessa importância aos seus escritos. Foi na pessoa de Olga Strehthorst que o primeiro e único livro denominacional brasileiro sobre os Halliwells brasileiro fosse escrito em 1979. Strehthorst (1979), realizou uma pesquisa documental baseada em sua experiência pessoal do período em que ela e seu esposo Pr. Walter Strehthorst, assumiram o projeto Luzeiro em virtude da aposentadoria dos Halliwells, mas desde 1979 jazia-se no esquecimento.

Os dados oficiais são escassos, os relatórios originais estão em arquivos mortos na Conferência Geral (USA), muito se perdeu nas mudanças das sedes de missões no Pará, Amazonas, Acre, Roraima e Maranhão e percebe-se na obra de Kettle (2016), Cavalcanti (2011) e Sthreithors (1979) que os Halliwells tiveram muitos outros feitos que o próprio Halliwell olvidou de seus livros talvez por limitações técnicas de publicação para a época, nunca saberemos ao certo.

Dentre os feitos da administração da IASD no norte durante a gestão de Halliwell olvidados de seus livros, encontram-se a criação de duas clínicas nos polos missionários em Manaus e Belém. Ambas as clínicas deram origem aos dois maiores hospitais particulares do Brasil, o Hospital Adventista de Manaus e o Hospital Adventista de Belém. O hospital de Manaus foi escolhido pela FIFA como sendo o hospital oficial da sede da copa do mundo de 2014. Os hospitais atualmente são empresas (pessoas jurídicas com fins lucrativos), seus valores estão na altura dos mercados de planos de saúde do Brasil, uma boa parte do lucro é revestido para trabalhos assistenciais nas comunidades tradicionais junto aos rios, e no tratamento gratuito de necessitados previamente selecionados.

A educação adventista do Norte do Brasil foi também impactada e atualmente nas cidades da região Norte formam uma rede de escolas particulares de educação infantil, fundamental e médio. Fundada por missionários norte americano estão consta a existência de quatro internatos adventistas, um no Rio Preto da Eva, no Amazonas situa-se o maior campo educacional da IASD no Brasil, está o Instituto Adventista de Agroindustrial – IAAI. Há dois no Estado do Pará o Instituto Adventista Transamazônico Agroindustrial – IATAI no município de Uruará; e a Faculdade Adventista da Amazônia – FAAMA em Benevides (também possui o ensino fundamental e médio). Em Rondônia, na zona rural de Mirante da Serra, está o Instituto Adventista da Amazônia Ocidental.

Com o aumento dos adventistas brasileiros os missionários norte americanos reduziram seus esforços evangelísticos para com o Brasil, suas benfeitorias foram assumidas por brasileiros ou pastores de outro país da América do Sul. Todavia é diferente a cultura organizacional da IASD brasileira para com a IASD norte americana. A IASD da Amazônia possui um fervor e senso missionário diferente do restante do Brasil. Esse fervor e senso de missão no Amazonas é

responsável por trazer adeptos para a IASD até 2018, o total de 108.419 adventistas que congregam em uma das 578 congregações. Toda a região do Norte dos Estados Unidos possui 87.558 membros, no Estado de Michigan que é o berço do adventismo há 26.405 membros, o adventismo da Amazônia tornou-se maior que o adventismo de origem. Os números brasileiros não ficam atrás, atualmente são 1.599.465 membros no total, nos Estados Unidos 1.140.224 membros, ou seja, o Brasil é o país com maior número de adventistas no mundo, e o Amazonas o Estado mais adventista do Brasil (ASTR Office, 2018).

Leo B. Halliwell está como o pioneiro do adventismo. Mas Jessie Halliwell está no pioneirismo das ações sociais na Amazônia. Antes mesmo de se construir a clínica adventista, Jessie já era conhecida em toda a cidade de Belém por intermediar pacientes do interior junto aos hospitais da cidade, conseguindo gratuidades. Ainda em convalescência reunia seus últimos esforços para conseguir dinheiro para ajudar nos estudos dos amazônidas. Ajudou na graduação de centenas de pessoas que serviram as missões em diversas profissões posteriormente.

## CAPÍTULO IV

### AS ENTRELINHAS DO ENCANTO: OS SONS DO CANTO AOS MEANDROS DO CONTO

*Há mais coisa entre o céu e a terra, Horácio,  
do que pode imaginar nossa vã filosofia*  
William Shakespeare<sup>112</sup>,

#### 4.1 Os seres encantados e mistérios: facetas do sobrenatural amazônico

Os escritos de Halliwell derivam de seu diário pessoal e foi deste registro que ele selecionou diversos fatos e casos mencionados em seus dois livros, algumas histórias abordadas se repetem dando alguns detalhes a mais, outras são inéditas até mesmo dentre os seus confrades de fé. Seus escritos possuem uma estrutura elíptica e é dessas entrelinhas que separamos esse último capítulo para abordar uma das veredas percorridas nesse labirinto de selva e água onde o imaginário solta aos olhos e as descrições dos sons, vozes, contos, mitos e também seres sobrenaturais se apresentam entre o homem de fé que prega e da ciência de sua formação. O espírito da Amazônia se amalgama no *modus vivendis* do missionário na Amazônia e não o desencanta, mas o reencanta à maneira das *Yaras* nas águas amazônicas donde não consegue mais ficar longe, mesmo após 30 anos dedicados ao Logos eterno.

É possível imaginarmos que nossos personagens tenham enfrentado alguns dilemas, pois sua formação educacional no começo do século XX foi realizada na escola pragmática americana que guiava até então o pensamento protestante, onde o sobrenatural encontrava na razão, quando possível, as explicações científicas. Dilthey (1990) considerava a explicação<sup>113</sup> uma categoria distinta da compreensão<sup>114</sup>. Nesse aspecto se apresentam duas perspectivas no âmbito dos termos explicação e compreensão: a francesa que diz que é preciso explicar o texto para se chegar ao autor e sua percepção, fazendo assim uma leitura sociológica

---

<sup>112</sup> In Hamlet, ano 1600 .

<sup>113</sup> Do alemão Erklären ou pensar que entende, mas a explicação é aceitável.

<sup>114</sup> Do alemão Verstehen ou

compreensiva, já a perspectiva os alemã que considera o *modus vivendis* sem fazer qualquer tipo de profilaxia textual, a fim de refletir na história das ideias. Desta feita, conforme indicado por Élide e Pinto (2005) ficaremos nas entrelinhas, por serem duas ortodoxias inadequadas, que salvo melhor juízo, se aplicadas aos escritos de Halliwell. Encontramos escritos não datados e ao mesmo tempo dotados de conexão com o pensamento universal.

Halliwell (1959) compara a Amazônia a um labirinto em que cada curva de rio apresenta facetas sobrenaturais O Amazonas é um mundo de estranhos sinais, estranhos momentos e de experiências também estranhas. O Halliwell da juventude vê esses fenômenos e suas auras como superstições, mas o Halliwell depois de décadas enxerga o sobrenatural de várias facetas.

Em certa ocasião, uma missionária norte-americana e seu esposo resolveram passar férias no atendimento aos ribeirinhos no rio Amazonas através da lancha luzeiro, e quando ela e o marido chegaram à Amazônia ficaram conhecendo o interessante mito da Cobra Grande. Carlota Baerg e seu esposo, John, ouviram dos pacientes que elas realmente existem a cada narrativa, o cumprimento e a espessura iam aumentando chegando a até 20 metros e à espessura de um camburão de óleo diesel. Em uma das paradas da lancha, quando visitavam os moradores, perguntaram se já tinham visto a cobra grande; a dona da casa, sem pestanejar nem perder tempo, informou que não só tinha visto, como criava uma e mandou o netinho procurá-la; voltando, este informou que o réptil estava na cozinha. Streithorst (1979) detalha que o desejo do casal em ver a boiuna de prata foi maior que o temor de encarar o mítico animal, então os Baerg e os Halliwell foram até a cozinha. Vejamos:

[...] para grande espanto de todos, viram a cobra enrolada, formando uma enorme pilha como se fossem pneus, um em cima do outro, perto de 60 cm de diâmetro. Ela media mais de três metros. A dona da cobra disse ser ela “o gato da casa”, porque a jiboia pegava e comia todos os ratos que apareciam dentro de casa. O pastor Leo quis pegar um pedaço de madeira para mexer com ela, mas a senhora disse que não a molestasse porque era muito velha e rabugenta. Acrescentou ainda que já tinha nove anos de idade e que quando seus netinhos corriam ou faziam barulho em casa, a jiboia levantava lentamente a cabeça uns 30 cm e emitia um som

semelhante a ‘psiu, psiu, psiu’<sup>115</sup>. Estas cobras são tidas nas casas com muito cuidado e estimação, porque são deveras úteis. E são respeitadas até pelas crianças! (STREITHOSRT, 1979, p. 129, fragmento traduzido de HALLIWELL, 1945, p.33).

Pela linguagem da dona da cobra esses seres domésticos possuem uma função pedagógica de garantir a disciplina das crianças, possui também caráter sanitário, pois come ratos que são transmissores de variedades de doenças, sendo que a principal justificação é a mítica, pois remonta a narrativas em várias etnias amazônicas como por exemplo o mito da cobra-canoa dos Dessanas<sup>116</sup>. A cobra *Sê-pi-ro* dos Tukanos<sup>117</sup> e a cobra-mãe ou de fogo das polifônicas narrativas Sateré-Mawé<sup>118</sup>. Para estas e outras etnias, cada cobra adquire um portal para o rizoma mítico-semiótica que se modifica a cada cantoria ou tentativa de apreendê-lo pela escrita, como salienta Deleuze e Guattari (2012, p.18,19) que esses contos fenomenológicos “atravessam sociedades e não são degradações da ordem mítica, mas dinamismos irreduzíveis traçando linhas de fuga [...]. Os devires-animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são perfeitamente reais”.

A forma natural e diferenciada da narrativa da mulher é um fato testemunhado por Halliwell e há testemunhas oculares norte americanas, entre elas o próprio missionário que é também um homem de ciência. A dona da cobra afirma que não somente já tinha visto a cobra encantada, como criava uma em sua casa, convidou os missionários para conhecê-la, descreveu o seu sibilo e seu movimento. Em seguida Halliwell passa a descrevê-la de forma semiótica, podemos ter noção da criatura que ele testemunhou. Pelo destaque dado em seu livro percebe-se que, de certa forma, ele se encanta.

---

<sup>115</sup> A onomatopeia assinalada no texto original é “Si-si-si” como “... como o som de ar soprado entre os dentes”.

<sup>116</sup> Como descrito nas obras artísticas de Lima e Maisel (2017) a Cobra-Canoa veio da água trazendo a em sua barriga a humanidade.

<sup>117</sup> Apresentada como narrativa similar aos dessanas, uma cobra grande encantadas que salva a humanidade de uma grande enchente servindo de “submarino” e só posteriormente ressignificada como causadoras de males, mas que não devem ser mortas pois trarão mazelas e a presença do encantado Boraró um encantado que traz doenças e mortes, para maiores detalhes consultar o Tomo I do Mito Tukano escrito pelo *Kumu* (pajé) (GENTIL, 2000, 2007).

<sup>118</sup> A serpente Sateré-Mawé é transgressora do tempo, responsável pela feminidade. Para maiores explicações recomendamos o artigo “A serpente e seus simbolismos no universo feminino Sateré-Mawé” da Dra. Solange Pereira do Nascimento. Disponível em: <<https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-5ff667012d04cae51a9dba53dcc63d2208d1760e-arquivo.pdf>>

O mito da cobra grande, ou a boiúna se conecta universalmente ao monomito das serpentes encantadas. A popularidade da cobra grande amazônica deve-se em parte ao poema de Raul Bopp *Cobra Norato* publicado em 1931 que foi inspirado nas lendas indígenas da Amazônia, no qual podemos destacar: a) que a cobra resultado do processo de encantamento de um humano em cobra; b) crença de que a cobra é dotada de atributos extraordinárias, gigantesca e capaz de se transformar em pessoas e embarcações. Conforme Krüger (2009, p.15):

Os mitos são narrativas que possuem um forte componente simbólico. Como os povos da antiguidade não conseguiam explicar os fenômenos da natureza, através de explicações científicas, criavam mitos com este objetivo: dar sentido às coisas do mundo. [...] Deuses, heróis e personagens sobrenaturais se misturam com fatos da realidade para dar sentido à vida e ao mundo.



Figura 44: Manaus: a casa da cobra, 2001.

Fonte: Série Memória. Manaus: Editada pelo Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto. 2001. v.73.



Fig. 45. Cobra-Canoa ou Canoa de Transformação, mito Dessana. Fernando Lara (Kenhiporã), Pintura.

Fonte: Acervo do MUSA – Museu da Amazônia, Manaus, AM. Adaptado pelo autor de Lima e Maisel (2017).

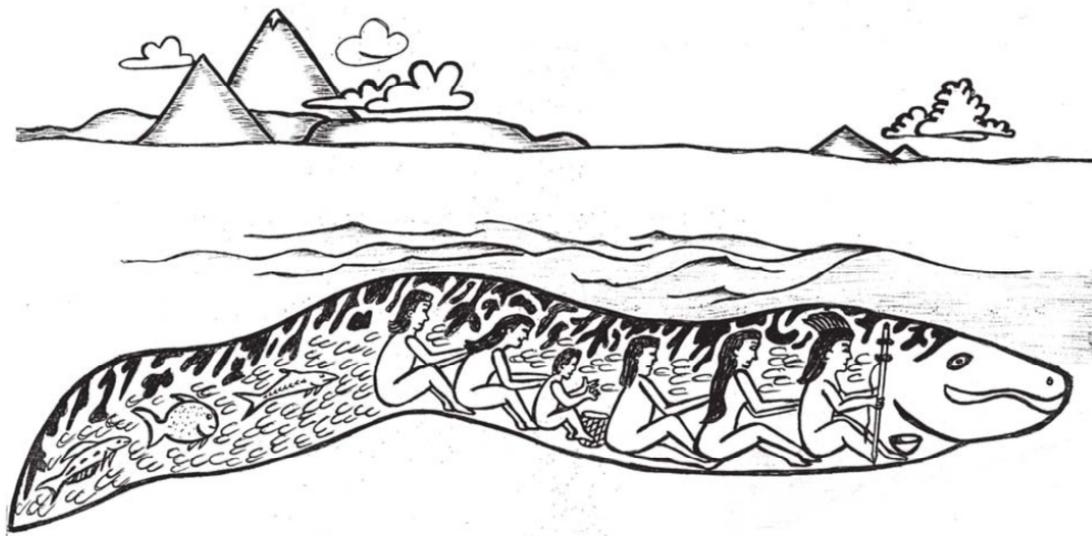


Figura 46: Cobra Canoa na versão Tukano.  
Fonte: Cobra Gentil, 2007



Fig. 47: Representação da Cobra-grande do mito Tukano. Rio Uaupés, Amazonas.  
Fonte: Adaptado pelo autor de (GENTIL, 2000)

Há uma diversidade de cobras na Amazônia, sendo as cobras grandes (constritoras) as mais vistas e faladas que dão vazão à elaboração de vários relatos que se misturam aos mitos da Cobra Grande. A anaconda, que na Amazônia é chamada de sucuri, vive nos rios, próximo aos locais onde há raízes submersas das árvores que crescem nos leitos escuros desses rios juntamente com outra constritora, a jiboia forma a dupla de cobras grandes da Amazônia (HALLIWELL, 1945).



Figura 48: Casal Halliwell em palestra mostrando a pele da sucuri (*Eunectes murinus*). EUA, 1955.

Fonte: Diogo Gonzaga Torres Neto, 2019.

Uma das práticas observadas por Halliwell (1945) diz respeito ao costume de comerciantes ao longo dos rios, que acreditam que, para atrair os clientes, devem manter em seus estabelecimentos uma caixa de madeira com uma tela, posta sobre uma prateleira no canto do recinto, com uma jiboia viva dentro, pois seu encanto atrairá as pessoas para comprarem seus produtos. Para se proteger de picadas de cobras ou de qualquer outra fera, costumam fazer colares ou pulseiras com dentes

de jacaré, sob a justificativa de que a maioria daqueles picados por uma cobra o fora porque não estava usando os dentes de jacaré como amuleto. O autor compara que o poder contido nos amuletos de dentes equivale também a crenças norte americana nos pés de coelhos (HALLIWELL, 1945, p. 29; HALLIWELL, 1959). A prática de usar amuletos em forma de colares remontam às sociedades tribais, refere-se a uma forma de distinção das pessoas comuns daquelas que fizeram proezas, conforme explica Kariri-Xocó (2007, p.1) “Numa caçada pela floresta um guerreiro caçou uma onça, todos podem comer o animal, mas somente ele quem pegou a caça pode usar o dente canino da fera, como prova de sua bravura”, servindo de aviso para o animal que há um guerreiro caçador nas proximidades e por isso deve-se manter longe deste para não virar amuleto.

A Luzeiro foi uma lancha que permitiu ao casal Halliwell adentrar em diversas localidades, e justamente em um desses meandros que o capitão da Luzeiro narra outro episódio que demonstra a uma crença regional, a presença das *yaras* em um canal entre o rio Tocantins e o estuário do Pará, onde os rios se estreitavam tanto que as árvores cresciam fazendo coberturas. Foi, pois numa curva bem estreita do rio que perceberam na margem esquerda uma estranha árvore que estava literalmente coberta de roupas e trapos de panos pendurados. Ficaram curiosos para saber o que significava, pois não existiam moradias nas proximidades e as mulheres [lavadeiras] não secam as roupas sobre as árvores, mas na beira dos rios colocando-as sobre a grama que nasce nas proximidades das margens.

A imagem da estranha árvore cheia de roupas e panos pendurados muito impressionou, até que na primeira casa que avistou de tão impressionado parou a lancha para perguntar, obtendo o seguinte relato:

We were told that one night a large canoe was slowly making its way up the stream in this channel, and when it passed under this tree something seemed to stop the boat. It appeared to be grounded, for it would not move either up or down stream. The men got their long poles and thrust them into the water, and found that they were not grounded, for they could not reach the bottom even with them. It was a beautiful, moonlight night, according to the tale .They looked under the trees, and there they saw several *yaras* (Amazon mermaids) begging for clothes. The men awakened the owner of the canoe and told him what had happened . Opening his trunk, the took out some old clothes for the *yaras*. And then, according to the story, the canoe

glided smoothly forward up the canal. Now nearly every native who goes up that stream throws some piece of old clothing upon that tree. They say that if one does not have anything to throw, he must take off some article of clothing and turn it inside out so the boat will go past the place. The name of the place is “Volta da Vira Saia” (The Curve Where You Turn Your Skirt) (HALLIWELL, 1946, p.47)<sup>119</sup>

As águas e seus seres encantados são mencionados em narrativas míticas mundiais, parece-nos haver uma mitopoética ancestral que se ressignifica e se enraíza na cultura e no inconsciente coletivo das pessoas. Na Amazônia algumas narrativas míticas possuem um *religare* com a água. Uma hipótese é que os hidromitos desmembram-se de um monomito<sup>120</sup> ou religião primitiva (Dürkheim, 2003), por isso as similaridades de narrativas acerca das divas das águas pela humanidade. A água é um recurso indispensável à vida de todos os seres, e de todos os ciclos ecológicos de todos os biomas. Os mitos contribuem para o surgimento de diversas civilizações dentre as mais conhecidas as civilizações mesopotâmicas no oriente, civilizações nilóticas, entre os povos indígenas das margens do Pirapitinga ou Opará (rio São Francisco); os rios da América como o Mississippi, Orinoco e o maior do mundo o Amazonas. Neide Gondim defende que a Amazônia é um conceito inventado pelos europeus:

A Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelos relatos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes (GONDIN, 1994, p.9)

Gondin discorre sobre o encontro do novo com o antigo:

---

<sup>119</sup> [...]Foi-nos contado que numa certa noite uma larga canoa estava vagarosamente navegando pelas correntes neste canal, e quando ao passar por essa árvore algo de repente parecia parar o barco. Pareceu que tinha atolado, pois não se movia nem contra ou a favor da correnteza. Os homens usaram seus remos para dar um forte impulso na água, e perceberam que não estavam atolados, pois eles não conseguiam alcançar o fundo de jeito maneira. Era uma linda noite de luar, de acordo com o conto. Eles avistaram algumas árvores e lá de baixo viram várias *yaras* (sereias da Amazônia) pedindo roupas. Os homens acordaram o dono da canoa e contou o que tinha acontecido. Abrindo seu baú [caixa], ele tirou algumas roupas velhas para as *yaras*. E então, segundo a narrativa, a canoa deslizou suavemente correnteza acima. Agora então quase todo nativo que passa subindo a correnteza joga uma roupa velha na árvore. Eles dizem que se alguém não tiver algum pano para jogar, ele deve tirar alguma peça da própria roupa desvirá-la ou então o barco poderá passar pelo lugar. O nome do lugar é “Volta da Vira Saia”. [Tradução livre]

<sup>120</sup> Joseph Campbell foi um pesquisador de mitos que escreveu livros como *As Máscaras de Deus* (em quatro volumes: *Mitologia Primitiva*, *Mitologia Ocidental*, *Mitologia Oriental* e *Mitologia Criativa*) que trata da mitologia antiga e moderna de todo mundo

O olhar para aquilo que seria novo poderá produzir a similitude, a diversidade e ainda a permanência das maravilhas e monstruosidades índicas transladadas com matizes mais atenuados. [...] O novo é filtrado pelo antigo, assegurando a este sua supremacia. [...] utilizar a analogia é familiarizar o exótico (Ibid., p.38).



Figura 49. Iara. A Amazônia no fabulário e na arte. Arte de Gastão de Bettencourt, 1946.  
Fonte: Adaptado pelo autor de RESQUE, 2013 apud BETTENCOURT, 1946.

Tais contos das belas yaras ouvidas e recontadas por Halliwell na língua inglesa em 1945, encontra descrição semelhante na pena de Leandro Tocantins em 1952 em *O Rio Comanda a Vida*, o qual descreve a natureza como protagonista das crenças nos Estreitos de Breves. De acordo com esse autor (1973, p.46):

[...]. E outro distintivo curioso, de fundo sociológico, ilustra o espírito regional cheio de visões fantásticas de crédulas narrativas de duendes, que se avivam e se estimulam no ermo terrível daquelas paragens misteriosamente recobertas da selva mais densa e pujante do vale. A natureza, ali, em tudo contribui para a credence. É no furo Aturiá, um dos mais soturnos e solitários do complicado labirinto. Há uma volta chamada Vira-Saia onde a gente local costuma dedicar as divindades autóctones todo o sortimento de roupas e trapos jogados na vegetação ribeirinha. A estranha oferenda secular tem sua história contada através de gerações: uma

canoa subia o furo nos primitivos tempos da conquista, e ao dobrar a volta da Vira-Saia surgiu pela proa, em ronda sinistra, centenas de botos, fungando e ameaçando a pequena embarcação, que ficou paralisada, sem poder prosseguir a derrota ou retroceder. Um coro de vozes se fez ouvir, entoado por jovens desnudas e provocantes que afloravam das águas. As lindas iaras pediam roupas para cobrir a sua nudez, e tão logo as peças eram jogadas pelos caboclos atemorizados as estonteantes visões desapareceram e a canoa pode continuar a viagem.

Halliwell ao traduzir o significado de *yara*<sup>121</sup> para o inglês utilizou o termo inglês “*mermaid*<sup>122</sup>” (*sereia-peixe*) da Amazônia que é sempre traduzido pela ideia sereia ao invés de *siren*<sup>123</sup> (*sereia-hárpia*). Embora se trate etimologicamente de dois mitos distantes e distintos em língua, ethos e geografia, encontramos nas no inconsciente coletivo dos moradores da Amazônia, é uma maneira pedagógica de ensinar a criança dos perigos dos rios da Amazônia. É nas águas do rio Amazonas e seus afluentes que os mitos se amalgamam e se conectam às narrativas do mundo todo, pois as yaras são belas e sedutoras e possuem cânticos encantadores além de nadarem com os botos, igual as suas primas míticas Afrodite (gregas) e Atargatis (assírias), Yemanjá ou Janaina (africana), e Niniane (saxões). As yaras recebem as oferendas de roupas e assim deixam a embarcação passar, demonstrando seu senhorio acerca da vida poupada

Embora distintas existem pontos de conexões mitopoéticas nessas narrativas que embora diferentes nas línguas, hidrografias e arché; assemelham-se no gênero, *modus operandis et vivendis*. Acima de tudo elas expressam facetas distintas da mulher como a sensualidade, a sonoridade da voz e do canto, da

---

<sup>121</sup> Do tupi “Senhora das Águas ou Mãe d’água”. São descritas como sendo peixe da cintura para baixo, mas as descrições e narrativas não são unânimes podendo ser uma mulher cuja beleza vai dos negros cabelos aos pés.

<sup>122</sup> Deriva do inglês arcaico *merewif*, redefinido tardiamente em *mermaid* onde *mere* (água) e a palavra *maid* (menina), ou seja “menina da água”, como a mítica Niniane dos contos arturianos também conhecida como a Dama do lago (Avalon).

<sup>123</sup> O termo deriva do grego Σειρήν [seiren] (a de canto doce) para retratar as mitológicas ninfas que tinham busto de mulher e corpo de aves, como descrito no poema épico Odisséia, de Homero, nos argonautas. Um mito mais antigo que o grego vem da antiga Assíria, que explica que Síria (ou Atargatis), deusa do céu e das águas, do mar, da chuva e vegetação. No céu era descrita se movendo numa nuvem cercada de águias, nos mares como deusa serpente ou peixe, teria descido definitivamente para o mar na forma de um ovo, do qual saiu a deusa das águas.

maternidade ao procriar e proteger as crias, vivendo na água que é essencial para gerar vida como uma indicação que o rio não só comanda a vida e para a construção de ideias imaginárias. Bachelard (2013, p.22), considera que

certas formas nascidas das águas têm mais atrativos, mais insistência, mais consistência: é que intervém devaneios mais materiais e mais profundos, e nosso ser interno se envolve mais a fundo, e nossa imaginação sonha, mais de peito, com os atos criadores.

Maus (2017, p. 221), parece-nos explicar as oferendas de roupas que tanto Halliwell e Tocantins registraram que “trata-se no fundo, de misturas. Misturam-se alma nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual da sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca”. Trata-se de um inconsciente coletivo que aponta uma árvore sagrada que na ausência de templos a natureza providenciou o mito e local sagrado, as trocas embora simbólicas, adquirem dimensões materiais e também espirituais em ambas as narrativas porque descrevem a relação entre as gentes e os encantados(as).

Hoje ao passar pelos Rio Amazonas, as “oferendas” aos seres das florestas continuam, ao invés da árvore sagrada usa-se seu tronco ou sua madeira em forma de canoas, e delas acenam com as mãos e da embarcação ao longe são atiradas não só roupas, mas gêneros alimentícios aos seres da mata. As narrativas de Halliwell envolvem histórias de pelo menos três tipologias de narrativas sobrenaturais: as que foram narradas para ele; as que ele testemunhou e explicou racionalmente sem desconstruir o mito; e os fenômenos inexplicáveis cuja descrição do mito em si é a explicação mais próximas do fenômenos sobrenaturais que até o momento, não estão dentro dos limites da razão e longe de juízo de valor, porém ressignificado pela experiência religiosa anterior (KANT, 2008).

Todos os anos quando o casal iniciava suas assistências médico-missionárias saindo de Belém até a cidade de Manaus e era obrigatória atravessar a Baía do Marajó, o que dava um trajeto de três horas. Leo Halliwell ainda não tinha experiência náutica embora tivesse licença para pilotar o que o tornava um capitão

segundo as normas da capitania dos portos. Olhando para o mapa decidiu atravessar mais perto da foz do Tocantins em virtude de ser o trecho mais estreito e conseqüentemente o caminho mais curto, mas era um local não recomendado para navegações em virtude das rochas, muitos barcos bateram em pedras nessa travessia e vieram a pique.

Nesse dia estava Jack, o filho do pastor Halliwell, de 15 anos, olhava para a floresta na esperança de encontrar uma onça-pintada. Quando o motor da lancha desacelerou encontrou araras de todas as cores, papagaios e macacos, de repente pai e filho avistam uma cena inusitada, olham de novo e percebem três homens acenando numa canoa, o que tinha de estranho nessa cena, não era o aceno, mas que aqueles homens estavam bem vestidos. Eles se aproximaram do barco e pediram carona jogando a corda para o pastor Leo, o qual sabia que essa prática de rebocar é contra as normas das capitancias dos portos. Era um trecho perigoso que não dominava ainda e seria perigoso para os tripulantes da canoa, mas algo que ele não sabia explicar o impressionou a parar para esses homens e assim cedeu ao pedido de ajuda. O que se segue desse episódio é registrado por alto em Streithrost (1979, p.97), mas encontramos detalhes entre matérias jornalísticas, e dos relatórios de Halliwell na Conferência Geral. Conseguimos o seguinte trecho publicado recentemente na forma de informativo mundial das missões, que trouxe mais detalhes dessa carona após a canoa ser amarrada:

Dois homens subiram a bordo e ficaram junto ao pastor Halliwell, enquanto este conduzia o barco rio acima. De repente, um dos homens segurou o leme e mudou o rumo do barco. O barco estremeceu e foi para longe da margem, em direção ao meio do rio. O movimento brusco quase atirou Jack na água!

O pastor Halliwell olhou para as águas que tinham acabado de cruzar. A menos de 1,80 metro de onde estavam, ele enxergou pontos irregulares com centenas de pedras logo abaixo da superfície da água. Se a lancha tivesse batido naquelas pedras, teria sido destruída. Os missionários poderiam ter perdido a vida naquele dia!

“Maravilha!”, exclamou o pastor Halliwell. “Você salvou nossa lancha e, provavelmente, nossa vida!”

O homem sorriu, mas não disse nada, enquanto conduzia o barco em meio às pedras. Em seguida, devolveu o leme ao pastor Halliwell. “Muito obrigado pela carona, senhor”, o homem agradeceu. “Se você parar, gostaríamos de desembarcar agora.”

“Que estranho!”, pensou o pastor Halliwell. Não há sinais de vilarejo nas proximidades. No entanto, ele parou o barco e os dois homens voltaram para sua canoa, deslizando pela correnteza.

“Observe para onde eles vão”, disse o pastor Leo a Jack.

“Pai, eles desapareceram!”, Jack falou. O pastor Leo olhou para trás. O rio estava vazio. Não havia curvas nem ondas na água. **Os três homens e o barco desapareceram** (INFORMATIVO MUNDIAL DAS MISSÕES, 1º.trimestre, 2016.p.13-14 [destaque nosso])

Tradicionalmente os rios, segundo Torres (2015) possuem caráter mítico e suas correntezas carregam por toda a Amazônia uma espiritualidade que se entrelaça no dia a dia das pessoas, nessas mesmas águas aparecem seres sobrenaturais que podem se manifestar na forma humana para interagir com outras pessoas. Na Amazônia conforme Maués (2004) e Prandi (2004) são seres<sup>124</sup> que habitam noutra dimensão, mas que podem se comunicar por meio de incorporações, de visagens<sup>125</sup> e de sonhos, conforme demonstrado artisticamente na tela a seguir (figura 50). Observa-se que no caso de Halliwell os seres os seres estavam bem vestidos, conheciam os meandros da travessia, o instruíram como localizar as rochas, banco de areias e outros perigos, mas o que se inova nessa narrativa é que o sobrenatural é visto por duas pessoas ao mesmo tempo que tinham a prática de rezar e de invocar proteção (encomendar).

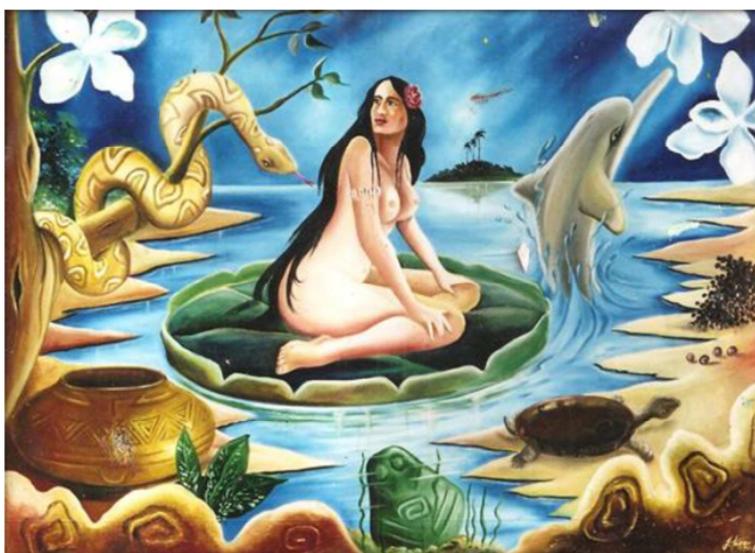


Figura 50. Mística Marajoara. Pintura em tela de J. Tadeu, Breves-PA, 2007. Fonte: Adaptado pelo autor de Leão (2014).

A epifania de Halliwell remete-o a sua matriz religiosa cuja *psiché* busca explicações racionais para intervenções mágicas ou milagrosas como as descritas,

<sup>124</sup> A natureza do encantado é o que menos interessa, o fato é que são seres vivos ou pessoas que morreram e que estão no mundo dos encantos (mato, no ar, ou no rio).

<sup>125</sup> No contexto regional amazônico visagem refere-se ao fenômeno ou acontecimento na vida de uma pessoa e que podem ter causas sobrenaturais.

avistamentos sobrenaturais são comuns na cosmovisão judaico-cristã que pode vir ou não acompanhada por um alcance de uma graça ou de um livramento mediante ação dos *malachim* (mensageiros) de Deus, talvez por isso essa seja a história mais conhecida e recontada no meio adventista contemporâneo. Provavelmente, por ter sido uma experiência tão íntima de livramento se entrelaça numa narrativa fantástica bem longe do trágico, mas perto do limiar do imaginário num entrelace com os dados da experiência sensível, também metafísica. Isso nos remete ao pensador judaico-alemão Martin Buber qual no século XX e no vindouro, o ser humano, em virtude dos fracassos ideológicos voltar-se-ia para uma vida com uma experiência natural racional paralela com uma fé emotiva de tônica religiosa, que caracterizaria o *homo religiosus* pós-moderno, onde já se conhece teoricamente bastante sobre Deus. Todavia a humanidade terá que buscar “uma experiência mais profunda, e a religião é o caminho para suprir essa maior necessidade sensorial/racional, ou seja, ter uma experiência sensorial (se não for possível tocar) o Divino” (BUBER, 1974, p.43).



Figura 51. Leo e Jessie Halliwell em atendimento médico no período de cheia.  
Fonte: Acervo do autor.

É notável o paralelismo entre as mitologias e as narrativas retratadas por Halliwell com o pensamento mítico<sup>126</sup> judaico-cristã, como os constructos mentais de

---

<sup>126</sup> Adotamos nesta tese a perspectiva orientalista quanto ao nascedouro do pensamento filosófico ainda que misturado com o elementos religiosos. Todavia recepciona-se o pensamento grego como

divindades criadoras, mulher transgressora e portadora da vida em seu ventre, serpentes ora boas ou más, o filho da mulher que redime a humanidade, o alimento sagrado, o dilúvio, o livramento do dilúvio dentro da arca (ou serpente) e o repovoamento pelo mundo. Em virtude das lendas de que marinheiro fenícios e hebreus se perderam nessas curvas em busca dos cedros gigantes para o templo de Salomão, cuja raiz de seu nome explica a estranha palavra Solimões<sup>127</sup>.

## 4.2 O canto e o conto da floresta

A cada curva surgem novas experiências sensoriais no labirinto de selva e água, a Amazônia é uma verdadeira polifonia onde cantam os insetos, os pássaros, as feras e as gentes da região que contam os fenômenos inexplicáveis. Nessas margens Halliwell (1959, p.135) reconhece que “no mundo da Amazônia existem mistérios indescritíveis” [destaque nosso], como os poderes dos pajés que curam com ajuda das assombrações da floresta.

Uma certa ocasião nosso personagem avistou luzes estranhas embaixo das águas do Rio Negro, ficando atônito e sem explicação. Os fenômenos que aparecem na natureza geralmente tem explicação na crença ameríndia, as quais compõe um acervo cultural que orientam a vida em sociedade. Há vida sobrenatural debaixo da água que os nativos denominam de encantados. De acordo Galvão (1976, p.66),

o conceito de encantado [...], entremeia as descrições de sobrenaturais de origem indígena, é em muitos casos um empréstimo europeu que não se deve desprezar, porque constitui atualmente parte integrante e ativa da crença. O mesmo se pode dizer de divindades e espíritos malignos

, como os estranhos choros emitidos por alguma criatura, no silêncio repentino que acompanhado de um rápida e profunda escuridão ao anoitecer, o homem de fé e de ciência não tem explicação para as luzes estranhas embaixo das águas do Rio Negro, seriam as forças demoníacas agindo? Mas o fato é “que estão

---

racional (lógói) sem menosprezar o mito (mithói), desta forma mito e logos são portadores da verdade e algumas vezes sinônimo.

<sup>127</sup> Refere-se na verdade aos povos Yurimáguas situados as margens entre Coari e Anamá, a cada cronista a grafia do nome dos povos sofria alterações como: Joriman, Sorimões

além da compreensão do homem branco” e se fossem forças demoníacas, ele estava ali para representar um outro Poder.

Halliwell (1959) descreve os sons da noite no capítulo *Um rio na noite*, faz referência à sua experiência de dormir na Floresta Amazônica, a saber:

[...] a silenciosa escuridão foi quebrada por milhares de sons comuns à noite amazônica, a estranha sinfonia que tinha se tornado tão familiar para nós, geralmente nós não ouvíamos em todo o seu detalhe. Percebemos uma vasta mistura de sons do gigante sapo-boi e barulho de peixe saltando, o som de um macaco ou de pássaro, o grunhido repentino de jacaré que mais parecem roncos ao respirar [...] A melodia da escuridão sobre o rio era uma coisa impressionante [...] Um inseto cessa seu som, um pássaro se agita, o barulho das folhas tropicais. O som alto ou baixo da floresta pode significar vida ou morte. Viver neste grande rio (Amazonas) é aprender a viver pelos sons instintivamente, antes mesmo de ouvi-los. (HALLIWELL, 1959, p. 5, tradução nossa).

O boto é um mamífero cetáceo que demanda que demanda uma atenção especial nos pescadores porque eles espantam o peixe e são capazes de virar a canoa, caso contenha nela uma mulher menstruada. Além da malinesa do boto que é capaz de deixar uma pessoa com mau-olhado e mal estar (Galvao, 1976), ele alimenta a crença no mito de que ele próprio vira gente, se “íngera” sob a forma de homem que se veste em geral de branco, ou cor preferida para as roupas de festas [...].Dança e namora a moça”.

Os sons indicam uma forma de comunicação milenar em que o homem e outros seres não humanos mantinham um diálogo. A mente secular que cresce categorizando que o homem é o único ser racional que existe, estranharia as formas elementares da religiosidade na Amazônia, onde os peixes se comunicam, os pássaros e insetos colaboram entre si, insetos que cantam e árvores que andam e choram, feras e outros animais dos rios e suas moradas encantadas, que interagem com aqueles que singram os rios como descreve Ribeiro da Silva (1949, p.50) no seguinte sentido:

[Eles] aparecem ao redor da canoa os primeiros botos, resfolegando ruidosamente e expelindo a água pelo focinho, em altos jatos. Como o peixe-boi, a baleia e a doninha, o boto é um cetáceo, animal aquático de sangue quente, possuindo pulmões ao invés de

brânquias, de maneira que tem necessidade do ar atmosférico para respirar de espaço a espaço. [...].

Comum na Amazônia, nos mais remotos recantos deste sistema fluvial constata-se a sua presença.

Os caboclos tratam-no como animal sagrado e ninguém o mata, porque a lenda lhe atribui a virtude de proteger os náufragos aos quais empurra com a cabeça para as margens dos rios. Persegue desapiedadamente os peixes com exceção somente dos de elevado porte, e demonstra habilidade extraordinária quando os encurrala nos remansos onde consegue pródigas caçadas. Creio que o privilégio do boto termina unicamente nas garras da onça, que às vezes vence a sua astúcia, pegando-o nos lugares rasos. [...] (RIBEIRO DA SILVA, 1949, p. 50).

As muitas narrativas de comunicação entre seres humanos e a animália amazônica, parece quebrar fronteiras até então bastantes rígidas no proceder científico amazônico. Estudos no campo da bioacústica tem tido resultados promissores cujas gravações de “assinaturas vocais” que caracterizam cada animal vêm sendo implementadas para auxílio nas migrações de alguns animais como o peixe boi, os botos e resultados preliminares tem demonstrado que a poluição sonora provocada pelas alterações antrópicas são responsáveis pela extinção de algumas espécies, ou seu silenciamento (SOUZA-LIMA, 2002).

Dentre as bestas da Amazônia, a mais temida é a onça. Halliwell (1945, p.42. 1959, p.164) descreve que encontrou dois tipos: uma preta e outra vermelha de manchas pretas. Em uma manhã, quando estava numa das margens do Rio Amazonas, um nativo veio ao barco e lhe pediu emprestado o rifle para caçar, pois sua família estava passando fome e precisava de uma arma para derrubar um veado. Passado pouco tempo ouviu-se um disparo; Halliwell esperou certo tempo e quando o “caboclo retornou, ao invés de trazer um veado, carregava uma grande onça”. Ao descrever como pegou o felino, disse que fora avisado pelo canto da cigarra e outros insetos que havia uma onça ao derredor, e passou a descrever os sons da floresta como uma forma de linguagem; percebeu que insetos, pássaros e outros bichos o “informaram” de que ele se aproximava do perigo, então avistou as marcas das unhas nos troncos; e quando a cigarra intensificou o canto ele pôde avistar a onça atrás de um tronco no momento em que está se preparava para o salto, o que lhe deu tempo de atirar na testa do animal. Halliwell (1959) comenta

impressionado o que seus olhos testemunharam que, a despeito da escolaridade do caboclo, “ler” os sons da floresta e seus respectivos alertas, que para nós parecem apenas barulhos da mata, é o diferencial entre a vida e a morte para quem vive no meio da selva.

O simbolismo dos insetos cantantes dentre eles a cigarra está presente entre religiosos, escritores, poetas, escultores, pintores e cientistas que vêm retratando, através dos séculos, as visões ambíguas da vida do inseto: por um lado um ser divino, filósofo e artista; por outro, covarde e imprevidente. Platão descreve um mito que as cigarras foram homens que foram encantados pelas musas e morreram porque esqueceram de comer e beber e vendo as musas o mal que fizeram, transformou-os no inseto cantante. Na Amazônia não foi diferente, o canto da cigarra é atribuído ao cotidiano caboclo que vê a vida passar, sem preocupação alguma come seu peixe e fuma seu tabaco, como demonstra Souza em sua poética do imaginário:

Quando caía a tarde, depois de ter comido a sua lasca de pirarucu assado ou a gorda posta do fresco tambaqui, com pirão de farinha d’água, molho de sal, pimenta e limão, ia sentar-se à soleira da porta, de onde contemplava o magnífico espetáculo do pôr-do-sol entre os animais da margem do rio e ouvia o canto da cigarra, chorando saudades da efêmera existência, que a tananá oculta, em doce estribilho, consolava (SOUSA, 2005, p. 25).



Figura 52: Cigarra (Hemiptera). Impressões da Amazônia.  
Fonte: acervo pessoal do autor.

Na narrativa poética Halliwell a cigarra é agente de salvação de um ser que avisou o ribeirinho do perigo da onça através do canto, e este como conhecedor da linguagem que só nesses últimos anos vem atraindo atenção de alguns pesquisadores, Em Halliwell não há qualquer explicação racional, mas um convite a imersão e uma tradução na língua inglesa que salienta os barulhos aos ouvidos seculares são vozes da floresta, se as entendes você vive, ignorando-as sofrerás punições, o mesmo não compreende, mas conhece seu limite de homem branco como Raul Bopp tenta também explicar o inefável:

Ao chegar na Amazônia, senti que estava ante um cenário completamente diferente de uma violência desconcertante. A linha constante de água e mato era a moldura de um mundo ainda incógnito e confuso. A impressão que me causava o ambiente, na sua estranha brutalidade, escapou das concordâncias. Era uma geografia do mal-acabado. As florestas não tinham fim. A terra se repetia, carregada de alaridos anônimos. Eram vozes indecifráveis (BOPP, 2006).

Dentre as vozes inefáveis estão a polifonia mítica da Amazônia, observamos que existe uma raiz em comum que envolve as narrativas das etnias advindas do tronco tupi. Compartilham semelhanças de narrativas míticas, elementos e complexos culturais e sobreviveram ao contato do homem branco, sua exploração e ressignificações em virtude do processo de cristianização.

O guaraná é uma planta cultivada em grande escala nas proximidades ao Rio Maués, mas ele não cresce em fora dessa localidade, o vinho é feito do seu fruto que é retirado a partir do segundo ano de crescimento, tal fruto assemelha-se um pouco aos olhos de uma criança.



Figura 55. O guaraná. (*Paullinia cupana* (syn. *P. caryan*, *P. sorbilis*)  
Fonte: acervo do autor.

Enquanto evangelizava os Sateré-Mawé Leo B. Halliwell ouviu a seguinte narrativa feita pelos indígenas:

They say that many years ago there lived in the Maues River a little fairy who had power to cure all diseases. She was very beautiful. The *paje* (witch doctor) of the tribe was very jealous of this little fairy, and was always looking for an opportunity to get rid of her. One day she was all alone playing in the garden, and he suddenly jumped out from behind a tree, and stabbed her in the back. The other Indians were very sad, and mourned her death for several days. Then another fairy appeared, and told them to take out the slain one's eyes and plant them. This they did, according to the legend, and there came up two stalks of guarana. The plant is very beautiful, and its fruit, they believe, is a medicine that can cure all ills (HALLIWELL, 1945, p. 91)<sup>128</sup>.

Em 1959 a mesma narrativa ganha uns detalhes adicionais, como por exemplo é contado pelo chefe da tribo, a natureza da entidade como a ideia de ninfa/diva é descrita no primeiro momento como uma menina com poderes de cura, o feiticeiro estava escondido na árvore e deslizava-se [em forma de serpente] até ficar atrás da ninfa-menina e a feriu mortalmente. Sob a orientação de uma deusa plantaram seus olhos que deram origem ao guaraná, a bebida que cura todas as doenças (HALLIWELL, 1959, p.88).

Dentre as várias narrativas do mito do guaraná, todas que foram encontradas informam que quem morre é um garoto cujo nome ora é Kahu'ê (era o filho de uma índia que havia sido encantada por uma serpente e por isso foi expulsa do paraíso), e a divindade que interfere *post-mortem* é Tupã. O marco de gênero masculino deixa bem claro o invisibilamento das ninfas/índia e da Diva e a índia com a função procriadora, podemos deduzir agora que em algum momento dos tempos imemoráveis da oralidade Sateré que o mito ganhou uma versão masculina e sendo está a que mais predominou.

---

<sup>128</sup> “Eles contaram que há muitos anos atrás vivia no Rio Maués uma pequena *ninfa* que tinha o poder de curar todas as doenças. Ela era muito bonita. O *pajé* (feiticeiro) da tribo tinha muita inveja da pequena diva, e estava sempre procurando uma oportunidade de se livrar dela. Um dia ela estava brincando completamente só no jardim, quando de repente saltou de trás de uma árvore, e a esfaqueou nas costas. Os outros indígenas ficaram muito triste, e prantearam sua morte por muitos dias. Então outra diva apareceu, e disse-lhes que arrancasse um dos olhos do corpo da ninfa e plantasse-o. Eles assim procederam, segundo a lenda, surgiu dois troncos de guaraná. A planta é muito bonita, e seu fruto, acreditam, é um remédio que cura todos os males”(Halliwell, 1945, p.91).



Figura 56. Representação carnavalesca do *Sehayporil*: Nessa arte de da lenda do guaraná associando com a narrativa judaica-cristã pela Escola Virtual Amazônica - EVA.  
Fonte: adaptado pelo autor de Gonçalves (2010)

Segundo Torres (2005) que houve uma exclusão da mulher das narrativas e crônicas sobre a Amazônia, e quando são descritas são adjetivadas de forma negativa e empurrada para a margem da história. No entanto observamos que no caso de Halliwell, essa versão feminina do mito, salvo melhor juízo, é única e merece ser aprofundada numa outra oportunidade.

A pesquisa de Torres (2015) sobre a poiesis feminina Sateré-Mawé vai de encontro com o registro de Halliwell, em sua pesquisa explica:

Na etnia Sateré-Mawé é a mulher que possui essa autoridade, e, esta, é uma perspectiva selvagem e trágica, já que a mulher é tida na ordem patriarcal como um ser de “segunda categoria”, esfumada e diluída nos processos históricos. É ela que tem o mapa, a cartografia, que conhece os personagens e que, portanto, é dotada de capacidade para exercer o papel de guardiã da cultura de seu povo. Ela utiliza-se da inscrita por meio do mito para formar a racionalidade ou a visão de mundo dos mawé e, uma vez que o mito é fundante, sempre institui alguma coisa. O mito serve para explicar como uma certa situação surgiu, como que determinada coisa se funda como ideia, razão, comportamento, interdição, enfim, como se impõe como bem ou mal. É um recurso para salvar a imaginação, como anuiu Platão, ao perceber que o excesso de sentido é para salvar o sentido (TORRES, 2015, p. 12)

Torres (2015) destaca ainda que há uma sabedoria ancestral viva no guaraná sendo Kahu'ê está para o masculino, e a mãe está para o feminino sendo esta a que terá o papel principal em ralar e servir o guaraná. Explica a pesquisadora que esse servir trata-se de uma função ancestral e não uma submissão social, na verdade é um protagonismo mítico.

Narrativa acerca da lenda do guaraná descrita por Halliwell é única na literatura, a estrutura mítica tem grandes semelhanças com a narrativa do gênesis, o mito fundador da cultura judaica, em que há um espírito do mal na árvore, há um fruto, há uma mulher, cuja transgressão traz a morte, mas do fruto da mulher viria o messias para a dar vida eterna. Chama-nos a atenção que o Kahu'ê é protótipo messiânico, o que nos parece identificar aqui que o guaraná é equivalente amazônico a árvore da vida cristã/judaica.

A versão da ancestralidade feminina do mito do guaraná em Halliwell aponta para uma masculinidade assassina profemineicídio, pois o pajé sente-se ameaçado pela presença de uma entidade feminina que é bela e promove a cura. Em nossa análise preliminar categorizamos no mito da versão de Halliwell sendo o belo, a cura, a vida e o bem formam o constructo feminino ancestral, e o feio, a inveja, a morte e o mal formam o constructo que representa masculino. A submissão à deusa (ou ao feminino), é a única forma de alcançar os frutos do guaraná que trarão cura para todos os males. Dessa forma o mito parece falar de um passado matriarcal, conforme parece indicar Torres (2015 apud Kruger, 2003)

Kruger (2003) reconhece que as comunidades primitivas possuíam sim uma linha matriarcal em algum momento de sua história. E, o fato de os homens sateré-mawé tratarem bem suas mulheres, especialmente por ocasião da gestação e do resguardo de parto, pode sim estar associado a este vestígio ancestral, mas é mais provável que o homem tenha cuidado com a mulher parida, por exemplo, para evitar que a criança seja atingida pelo espírito mal dos animais (TORRES, 2015, p.33)



Figura 55. Cuia Sagrada contendo o Sakpó feita pela etnia Saterés-Mawé. *In* Epifânias da Amazônia.

Fonte: Adaptado pelo autor de Torres (2016).

Este vestígio ancestral percebido por Torres é confirmado com o registro textual de Halliwell ao protagonizar nas narrativas as deusas e seu lugar de encanto, observa-se o lugar de fala e de autoridade feminina em sua escrita. O que dizer da narrativa em que o ente que é assassinado é um menino que é depois eternizado por Tupã?

Identificamos que em ambas narrativas os olhos são enterrados. Na versão andrológica, a primeira planta deu origem a um tipo de guaraná que não prestava e por isso foi abandonado, do segundo olho surge o guaraná e o primeiro Sateré-Mawé. Halliwell não chega nesse grau de profundidade mítica, ele apenas destaca duas vezes alguns dos mesmos elementos míticos em duas publicações (1945 e 1959), dentre os quais parece-nos indicar que há duas vertentes míticas que se entrelaçam representada pelos “[...]dois troncos de guaraná”, seria plausível deduzir que a versão feminina seja um desses troncos e que foi olvidado.

### 4.3 A conversão de Halliwell e seu legado das águas

Leo B. Halliwell e Jessie Halliwell quando próximo de completar seu tempo de missão na Amazônia adiante já vislumbrando o descanso merecido, ou seja, já próximo de suas aposentadorias explanaram: “Só temos amor pelo povo brasileiro. Hoje, nossos melhores amigos se encontram no Brasil. Estamos nos Estados Unidos, mas nosso coração está no Brasil. Que o SENHOR abençoe a grande nação e o povo brasileiro, é meu desejo.” (Revista Adventista, junho 1960)

Paes Loureiro, em *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*, afirma que:

Percebe-se nas relações estetizantes com o real da Amazônia, que há um maravilhamento do homem, o que é próprio de quem está diante de algo que é imenso e diante do qual a pequenez do homem se evidencia. Pequenez que é superada pelo homem natural através de um imaginário que a transforma e permite uma articulação com a natureza, dentro de uma relação onde estão presentes as categorias perto-longe, convivência-estranhamento. Penetrar na floresta, navegar nos intermináveis e incontáveis rios (aproximadamente 14 mil cursos d'água) provoca a sensação de estar adiante 'do mundo' e não a de estar diante de um mundo delimitado; a de estar diante do próprio universo (PAES LOUREIRO 1995, p. 61).

O missionário Halliwell foi encantado pela imensidão e o espírito do tempo o conduziu a uma terceira conversão, torna-se uma gente da Amazônia, em 1959 escreveu em seu livro que:

[...] we had come to help other human beings. This was our assignment. To do this we had to become a part of the ways and the lives of these people. We learned their language and customs and traditions; we became truly Brazilian. We thought, spoke, even dreamed in Portuguese, the official language of the land (HALLIWELL, 1959, p.22)<sup>129</sup>

---

<sup>129</sup> “... viemos para ajudar outros seres humanos. Esta foi nossa tarefa. Para fazer isto nos tornamos uma parte dos caminhos e das vidas dessa gente. Aprendemos a sua língua, seus costumes e tradições; nos tornamos verdadeiramente brasileiros. Pensávamos, falávamos e sonhávamos sempre em português, a língua oficial da terra (Halliwell, 1959, p.22). [Tradução livre].

Não foi a primeira vez que isso aconteceu com Halliwell, primeiro se converte a Jessie, sua amada, e vira adventista só para se casar com a noiva recém batizada e neófito na fé da mensagem do advento. A segunda vez foi na leitura da vida do inglês David Livingstone, o maior missionário da África. Depois, ele se encantou também com a missão nos Andes sulamericanos entre os incas e índios feitos pelo casal Ana e Fernando Sthal cujas experiências impressionam muito e o motiva a abandonar o cargo de engenheiro numa fábrica de armas, para se tornar um missionário. Agora mais uma vez Leo B. Halliwell, já missionário na Amazônia, é transformado pela contemplação. Contemplação esta que o leva a agir sem pensar em si, mas motivado para levar os evangelhos às etnias, língua e povo à maneira de seus arquétipos Livingstone e Sthal.

Outros pesquisadores da temática IASD na Amazônia<sup>130</sup> consideram que Jessie e Leo Halliwell, além de pioneiros são até hoje os maiores missionários em território brasileiro. Foram responsáveis pelo início do adventismo no norte do Brasil, acompanhado de bem seus feitos sociais como escolas, hospitais e templos há 90 anos no coração da Amazônia (CAVALCANTI, 2011).



Figura 56: Leo e Jessie Halliwell se despedem da Luzeiro. Belém, 1954  
Fonte: Adaptado por Diogo Gonzaga Torres Neto do *NT Repórter* “Luzeiro”, Documentário: 2013.

A aposentadoria dos Halliwell constitui-se um processo difícil para eles, primeira porque deixam o projeto Luzeiro, assim como da administração da missão e de todo o serviço que tinha na Amazônia. seguido da administração da missão e por fim de todo o serviço que tinha na Amazônia e no Brasil. Nunca parou de trabalhar, mesmo após seu merecido descanso. A família Sthreithors dá continuidade ao

---

<sup>130</sup> Ver Cavalcanti (2011) e Kettle(2016).

projeto Luzeiro que, diga-se de passagem, dura até hoje sob o título de diversas ações coletivas missionárias como as realizadas pelos missionários e voluntários à maneira de Halliwell, com apoio do Hospital Adventista de Manaus. Estamos nos referindo às ações de assistência social realizadas Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais – ADRA<sup>131</sup>, e o projeto Missão Salva Vidas em parceria com o projeto A Igreja que Navega<sup>132</sup>.

Ao descrever a passagem do comando da Luzeiro Sreithrost (1979, p.91) registrou remete registrou o sentimento do casal Halliwell em deixar para trás aquele barco que tinha sido seu lar, sua clínica, escritório e igreja flutuante. A Luzeiro pela última vez sob o comando dos Halliwells atracou numa pequena plataforma de madeira, ali estavam os jovens missionários brasileiros Walter e Olga Sthreithrost, foi quando Halliwell tirou seu quepe e entregou a Walter, que com muito respeito coloca em sua cabeça e assume o leme, conduzindo a lancha do casal até sumir numa curva, dando um sentimento de solidão em meio as lágrimas da despedida misturado com o de dever cumprido. Halliwell agora iria administrar todas as lanchas adventistas do Brasil e América do Sul, para isso, em 1955 tornou-se o Almirante da frota de lanchas que se inspiraram no projeto Luzeiro (STHREITHROST, 1979).

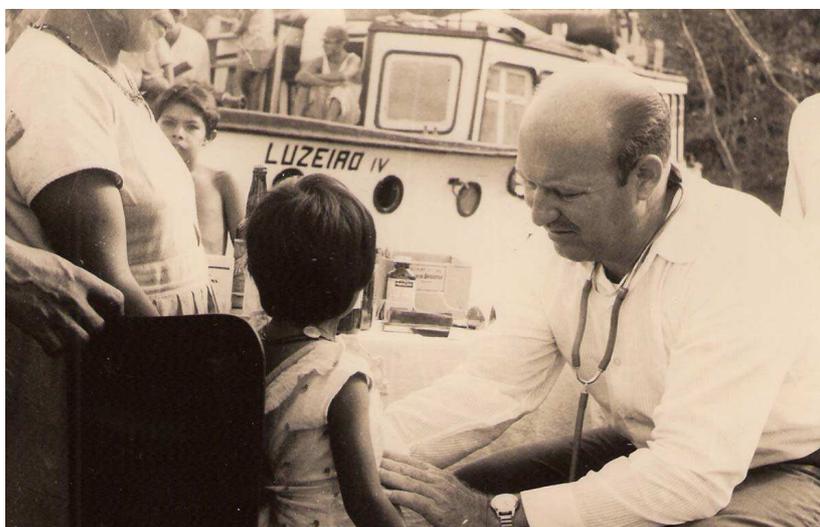


Figura 57: Pastor Walter Streithrost sucessor de Leo B. Halliwell. Belém, 1954.  
Fonte: Acervo do autor.

<sup>131</sup> A ADRA atua como agência humanitária, sempre presente em calamidades públicas no Mundo.

<sup>132</sup> Projeto missionário da Missão União Noroeste Brasileira – UnoB, que disponibiliza por um ano em cada comunidade uma igreja dentro de um navio, acompanhada de missionários e serviços assistenciais.

Inspirados na missiologia de Halliwell, projetos assistenciais adventistas surgem ao longo dos rios do Brasil, a saber:

**Quadro 03– Lanchas médico-missionárias inspiradas na Luzeiro.**

Nome da Lancha	Informações
<p>Figura 58: Luzeiro II</p> 	<p>1951 Nordeste Em 1951 auxiliou na colportagem na costa norte do Ceará</p>
<p>Figura 59: Luzeiro III</p> 	<p>1954 Atendimento no Parnaíba do Piauí e rio São Francisco</p>
<p>Luminar I</p>	<p>1956-1959 Bahia</p>
<p>Figura 60: Luminar II</p> 	<p>1956-1959 Minas Gerais</p>
<p>Luminar III</p>	<p>1960-1963 Bahia</p>
<p>Luminar IV</p>	<p>1960-1963 Furnas, Minas Gerais</p>
<p>Luminar V</p>	<p>1983 Bahia: Bom Jesus da Lapa, Carinhanha, Caratinga, Ibotirama, Santa Maria da Vitória, Novo Pará, Barra e Xique-Xique.</p>
<p>Figura 61: Pioneira</p> 	<p>Região Centro Oeste 1954 realizou atendimentos pelo Rio Araguaia que banha os Estados de Mato Grosso, Goiás, Tocantins e Pará. Trabalhou dando assistência aos Índios Carajás</p>
<p>Pioneira II e III</p>	<p>1951 – Primeira lancha médico-missionário do Rio Araguaia e atuaria</p>

	em apoio assistencialista entre os índios carajás, e posteriormente a implantação de uma missão entre a etnia.
Pioneira III	1962 – lancha médica que atuou entre os Carajás na Ilha do Bananal. A lancha antes de chegar no seu destino passou por Brasília sendo saudada pelo presidente João Goulart sendo apoiada pelo governo federal e estadual. Posteriormente até o presidente militar Marechal Artur da Costa e Silva 1969 navegou na Pioneira Junto a ilha do Bananal.
<p>Figura 62: Luzeiro do Araguaia</p> 	1976 Foi o barco mais moderno da sua época com 4 leitos na enfermaria, com atendimento médico, odontológico e raio-x, além de um laboratório de análises clínicas
Luzeiro do Araguaia II	1991 Atuou entre os Carajás principalmente entre Santa Isabel do Morro, sob a liderança do carajá e pastor adventista João Werreriá.
<p>Figura 63: Luzeiro D'Oeste</p> 	1972 Mato Grosso
Samaritana	1954 Vale do Ribeira (São Paulo)
Luzeiro Paulista	1981 assistência junto aos habitantes do Rio Ribeira do Iguape
<p>Figura 64: Luzeiro do Sul</p> 	1964?, inaugurada a primeira de três lanchas com o mesmo nome de Luzeiro do Sul. 1980 a última inauguração. Atuou junto aos moradores da Baía de Paranaguá e seus afluentes.

Fonte: Elaborada por Diogo Gonzaga Torres Neto a partir de Cavalcanti (2011). Imagens diversas presentes no sites. Centro de Memória Adventista, 2019.

No quadro 4, com base na pesquisa documental e exploratória, organizamos outras Lanchas que sucederam a Luzeiro I na região Norte e que ainda são uma marca do trabalho assistencial adventista nos rios da Amazônia.

**Quadro 4 – Algumas lanchas do Projeto Luzeiro e Projeto Luzeiro da Amazônia.**

Nome da Lancha	Informações
Luzeiro IV	1960 Amaonas e Pará
Figura 65: Luzeiro V 	1977 – Amazonas e Pará
Luzeiro IV, VIII, XX, XXI	1977 - 1986
Luzeiro XXI	1984? José Carlos Bezerra e Dercy Barbosa Bezerra foram os primeiros a trabalhar nessa lancha. 1994 – Naufragou no Rio Madeira, enquanto o missionário Alijofram Brandão estava em lua de mel, quando retornou ficou sabendo que sua “casa” tinha afundado.
Luzeiro XXII	1984-1994
Luzeiro XXV	1994 Além dessas lanchas, as antigas que estava afundadas na marina da IASD junto ao Rio Tarumã foram reformadas: dentre elas a Luzeiro I (construída por Halliwell)
Figura 66: Luzeiro XXVI 	2010 Patrocinada pela União e pelo Hospital Adventista de Manaus.

<p>Figura 67: Luzeiro 2000</p> 	<p>2001 – é um marco, pois substitui as antigas e agora consideradas obsoletas lanchas de madeira, por sofisticadas embarcações de aço naval. Na ocasião o Pr. Antônio Moisés de Almeida destacou que preferiria “pensar numa atualização das ideias de Halliwell, que continuam no coração do povo Amazonense. Ambas lanchas pareciam inaugurar uma nova era na missão junto aos ribeirinhos, mas o projeto foi interrompido pela morte em acidente automobilístico e entraria num período de esquecimento institucional</p>
<p>Figura 68: Luzeiro XXVIII</p> 	<p>2015 – Construída em parceria com recursos do Hospital Adventista de Manaus e o Consulado do Japão<sup>133</sup>.</p>
<p>Figura 69: Luzeiro XXIX</p> 	<p>2017 - Depois de mais de 30 anos ausente do estado do Pará, o projeto Luzeiro voltou com a lancha Luzeiro XXIX, uma parceria entre a Agência Humanitária ADRA e a empresa Camila Navegação, doadora da embarcação<sup>134</sup>.</p>
<p>Figura 70. Luzeiro da Amazônia I &amp; Cataramã- Luzeiro Amazônia II</p> 	<p>2009 - Dirigidas pelo missionário norte americano Bradley Mills que retomam os projetos luzeiros até então interrompidos, atuam em paralelo aos projetos oficiais da IASD brasileira da Amazônia, mediante projetos e ações próprias organizadas com a participação de universitários que atuam junto aos ribeirinhos<sup>135</sup>.</p>
<p>Figura 71: Luzeiro XXX</p> 	<p>2017 – Atende a ADRA e suas ações sociais no Estado do Amazonas.</p>

Fonte: Elaborado por Diogo Gonzaga Torres Neto, Manaus, AM. 2019.

<sup>133</sup> Revista Adventista. *Nova Lancha Luzeiro*. 26.nov.2015.

<sup>134</sup> Projeto da ADRA Luzeiro no Pará. Maiores detalhes consultar: <http://adra.org.br>.

<sup>135</sup> Bradley Mills diretor do Projeto Luzeiro Amazônia, 2009. Maiores detalhes consultar: < <https://projeto-luzeiro.wordpress.com>>. Acesso em: 18.jun.2019.

O Almirante Halliwell permaneceu em Belém até 1955 período em que viajou por toda a América do Sul, por onde houvesse uma missão e um rio realizando serviços de *coaching* em enfermagem missionária, equipamentos de náutico para lanchas médico-missionárias. No ano de 1956 a administração geral quis que ele se mudasse para o Rio de Janeiro. Um pouco antes da mudança o consulado dos Estados Unidos organizou um encontro com os anglófonos no Estado Pará para prestar homenagem ao casal antes de sua mudança para a capital fluminense. Até a revista de variedades e popularização científica *Reader's Digest* (Seleções no Brasil), fez uma matéria em 1956<sup>136</sup>, e a republicou numa coletânea de 1959 intitulada *Adventurers for God* (Aventureiros para Deus).

A saída dos Halliwells da Amazônia para o Rio de Janeiro não passou despercebida do mundo político. Quando ainda estava em Belém o casal recebera em 1955 notificação de que seria indicado para uma condecoração no Congresso Nacional. Em virtude das mudanças e dificuldades naturais de comunicação da ocasião o aviso de indicação caiu no esquecimento tanto do governo quanto dos Halliwells, em virtude das demandas da frota de lanchas sul-americanas. Embora distante dos rios, seus pensamentos voltava-se para conseguir mais recursos financeiros e treinar pessoas para atuar nas lanchas no Brasil. A Amazônia tinha graduado esses especialistas, seus conhecimentos adquiridos eram reconhecidos pela própria medicina às vezes eram chamados para ensinar dentro dos cursos de medicina os futuros médicos, acerca das doenças tropicais, desde o diagnóstico e até o tratamento. Em outras palavras, os Halliwells saíam da Amazônia, mas a Amazônia não saía dos Halliwells, os indivíduos morrem, mas o pouco de verdadeiro que pensaram, o pouco de bom que praticaram, não se perde com eles, pois sua obra de pioneirismo ainda ecoa 90 anos depois (HALLIWELL, 1959).

Ribeiro (2015, p.257), chama a atenção para o fato de que “reunindo impressões pessoais, dados históricos, mitos, lendas e manifestações folclóricas, Tocantins (2001) procura despertar a consciência nacional para os problemas da região”. Problemas que foram minorados pela ação assistencialista de Halliwell.

---

<sup>136</sup> *Reader's Digest*, outubro de 1956 sob o título *Medicine Man on the Amazon* [Curandeiro na Amazônia].



Figura 72: Casal Halliwell à direita, sendo notificado pelo Dr. E.M Berger à esquerda que o Brasil lhe havia outorgado a Ordem do Cruzeiro do Sul, pelos trabalhos humanitários realizados ao longo do rio Amazonas e seus 37 anos de missões no Brasil. Ressaltou que seria a primeira vez que uma mulher seria condecorada. Belém, 1958.

Fonte: Adaptado por Diogo Gonzaga Torres Neto de *Review and Herald*, 1960.

Os Halliwells receberam de fato a condecoração da Ordem do Cruzeiro do Sul já estavam fora do Brasil. O prêmio é o reconhecimento da obra dos Halliwells dos 37 anos de missão no Brasil, sendo destes 30 anos no vale do Amazonas. Após aprovação nas duas casas, a cerimônia ocorreu nos Estados Unidos especificamente em Gladstone, no Oregon, sendo que a data escolhida coincidia com reunião campal<sup>137</sup> de jovem, na ocasião o representante do governo brasileiro destacou o seguinte:

Os adventistas", disse o Dr. Monteiro entre outras coisas, "merecem os parabéns pela obra realizada pelos Halliwells, assim como por todo o auxílio que prestam devotadamente através das missões, em mais de 200 países. [...]Portanto, é de fato uma satisfação e honra para mim, ser o instrumento nesta cerimônia. Será provavelmente minha última comissão neste país, antes de mudar-me para a Inglaterra, para lá assumir meus deveres. Não poderia eu esperar um termo mais compensador aos compensadores anos vividos na Costa Ocidental dos Estados Unidos. Desejando aos Halliwells e a todos vós toda a felicidade imaginável, e renovado êxito em vossas missões, aproveito a oportunidade para despedir-me de vós e agradecer-vos sinceramente. (*Discurso do Dr. Paulo Monteiro de Lima, vice Consul do Brasil em Portland, em 1960*).

---

<sup>137</sup> As campais são grandes reuniões onde os participantes acampam no local por vários dias, trocam experiências, recebem treinamentos e são orientados religiosamente. Seria o equivalente de um woodstock evangélico um retiro espiritual em massa.

A saudade do Brasil era natural naquela ocasião, o casal morava nos Estados Unidos há cerca de dois anos. Após receber a comenda disse Halliwell:

Posso dizer, acentuou o pastor Halliwell, que quando chegámos ao Brasil, faz quase quarenta anos, achámos o povo brasileiro muito bondoso, amável e cortês. Fizeram-nos sentir à vontade, desde o princípio. Ali, em terra estranha, e sem conhecer a língua — e sei que quando começámos a estudar cometíamos muitos erros — nunca, Doutor, vosso povo se riu de nós. Apreciamos isso. Só temos amor e admiração pelo povo brasileiro. Hoje, nossos melhores amigos se encontram no Brasil. Estamos nos Estados Unidos, mas nosso coração está no Brasil. ... Que o Senhor abençoe a grande nação e o povo brasileiro, é meu desejo." (REVISTA ADVENTISTA, Junho de 1960 [resumo da Review and Herald, jun. 1960])

De maneira análoga ao David Livingstone que após sua morte teve seu coração arrancado e enterrado na África, e o restante do corpo foi enviado para a Inglaterra, encontramos Halliwell tentando expressar o quanto de amor que sentia pelo povo brasileiro e em especial na Amazônia.

De acordo com Ribeiro (2015, p.283) “devemos buscar inspiração para o desenvolvimento técnico e científico de padrões de desenvolvimento regional nas sugestões das paisagens, da história, dos valores culturais, do clima, do solo, da hidrografia, para constituírem técnicas e artes aplicáveis ao processo de produção e ao trabalho cotidiano”.

Há claros indícios de que o casal Halliwell, teve a sua ação social circunscrita aos valores culturais do trabalho, uma preocupação voltada para o desenvolvimento social dos povos tradicionais da Amazônia. Veja-se, nesse sentido, que a cura do corpo é fator principal para se obter êxito no trabalho, sem a garantia de um corpo são, saudável, não há bom desempenho no trabalho da roça, do plantio de legumes e frutas, e nem ânimo para a pesca e a caça. Significa, tudo isso, o preparo do corpo para o trabalho e para o desenvolvimento social do homem amazônico.



Figura 73. Jessie e Leo Halliwell usando no peito a medalha da Ordem do Cruzeiro do Sul e recebendo a diplomação das mãos do Dr. Paulo Monteiro de Lima. Oregon, USA. Fonte: Review and Herald, 1960.

Os últimos dias de vida dos Halliwells são descritos por Streithrost (1979) a autora que fora testemunha ocular do casal, inclusive quando ainda bebê fora segurada por Jessie. Jessie é a enfermeira que fez o melhor que podia para salvar o máximo de vidas desde o começo quando chegara ao Brasil, ajudando as mulheres a darem à luz, em gratidão tanto na Bahia, Pará e Amazonas. Muitas meninas foram batizadas com o nome Jessie em homenagem a essa enfermeira. Aqueles que a conheceram nunca a viram reclamar, resignou-se muitas vezes ante o patriarcalismo brasileiro para não prejudicar o avanço da missão, mas as fotografias dos atendimentos da Luzeiro falam por si, é quase unânime a imagem do “anjo branco” com seu uniforme de enfermeira impecável, tratando e aliviando o sofrimento de alguém. Antes da inauguração do Hospital adventista de Belém Jessie já era conhecida em todos os hospitais da cidade por providenciar consultas e internamentos para aqueles que vinham do interior, conseguindo gratuidade para os que não possuíam meios de pagamento. Mesmo após sua “aposentadoria” e retorno aos Estados Unidos era impossível não encontrá-la fazendo provisões para ajudar meninas e meninos carentes no Brasil, cuja fileira juntaram-se aos vários professores, médicos, contadores, pastores e enfermeiros e diversas outras profissões graduados por intermédio de Jessie. Nem mesmo a descoberta de uma séria enfermidade diminui seu ânimo em ajudar.

Jessie mesmo em seu leito de morte escrevia para seus amigos e conhecidos pedindo recursos, mediante recoltas, para ajudar estudantes nativos da Amazônia, mas foi ali em Vista City, Califórnia, já enfraquecida, que jazia uma gigante da Amazônia, subnutrida em virtude do severo câncer que a silenciaria em meio a dor no dia 27 de setembro de 1962, aos 68 anos.

A ideia de levar ajuda médica num barco foi de Jessie, nada mais justo, então, por na sua lápide mortuária a insígnia do barco luzeiro com o seguinte escrito: “Ela cumpriu sua missão de amor”<sup>138</sup>. Entrou também para a história como a primeira mulher a receber a condecoração da Ordem do Cruzeiro do Sul, desde a criação sua criação no período imperial. Levaria outros 20 anos para uma segunda adventista cujos caminhos se cruzaram com os Halliwells fosse condecorada pelo congresso nacional, desta vez pela via eleitoral através da posse da primeira Senadora Eunice Michiles, primeira senadora da república.



Figura 74. Jessie Halliwell cuidando de infecção de ouvido. 1946.  
Fonte: Adaptado por Diogo Gonzaga Torres Neto de Halliwell (1959).

Halliwell foi morar com sua filha Marian. Sofria muito com saudades e lembranças da esposa e, por isso, viajou uma última vez ao rio Amazonas para relembrar *in loco* os momentos de lutas e alegrias que tinha vivido com sua esposa, e de maneira muito natural procurava ainda conseguir mais recursos para ajudar nas obras das lanchas no Amazonas. No dia 19 de abril de 1967 morreu de enfarte

<sup>138</sup> Revista Adventista, abril de 1963, p. 34;

também em Vista, Califórnia, suas últimas palavras no leito foram: “Tirem-me daqui, quero sair daqui porque estão precisando de mim no Brasil” e suspirou.



Figura 75. Última foto de Leo e Jessie Halliwell (de chapéus) no Brasil. Rio de Janeiro 1961. Fonte: Acervo de Diogo Gonzaga Torres Neto, 2018.

Há mais de 50 anos Leo B. Halliwell deixou esta vida para morar no imaginário amazônico das etnias Sateré-Mawé, Munduruku. As histórias desses povos se misturam com as narrativas míticas, muito se fala do casal Halliwell, mas pouco se sabe da extensão real do seu trabalho porque muito ficou sem ser escrito, principalmente os problemas que tivera nos trinta anos de missão na Amazônia. Constatamos que Halliwell viu a Amazônia de forma positiva como a fauna, flora e as pessoas, não aceitou a tese do inferno verde e nem de paraíso perdido. Em vez disso, assumiu a categoria labirinto para descrever os desafios a serem superados a cada curva.

Halliwell deixa um grande legado na Amazônia não só enquanto missionário religioso que converte almas à sua religião<sup>139</sup>, mas sim como um humanista e sanitarista preocupado com a saúde dos povos amazônicos, aqueles da área ribeirinha esquecidos pelos poderes públicos.

---

<sup>139</sup> Diário de Santa Catarina, 28 de janeiro de 1958. o casal Halliwell convertem para suas fileiras 2.590 pessoas, sem contar os mais de 250 mil atendimentos ao longo desse período. Ver Anexo C.

De acordo com Ingold (2015, p.25), caminhar pelo labirinto é perceber que “a cada momento há uma bifurcação, uma decisão que deve ser tomada: ir para a esquerda, ir para a direita, ou possivelmente seguir em frente”. Completa o autor dizem que, “no caminhar pelo labirinto, por outro lado, escolher não é uma questão. O caminho leva, e o caminhante deve ir para onde quer que ele leve. Mas, o caminho nem sempre é fácil de seguir”(Ibid, p.25).

**Tabela 2: Último relatório de Halliwell (1954)**

<b>Categorias registradas</b>	<b>Quantidade (Unidade)</b>
Membros batizados	2.590
Igrejas Organizadas	20
Missionários (professores e colportores)	70
Escolas bíblias	52
Escolas adventistas	15
Professores não missionários	19
Lanchas Médico-Missionários	4

Fonte: adaptado por Diogo Gonzaga Torres Neto de Streithrost (1979). Ano 1954.

Algumas homenagens póstumas foram concedidas aos Halliwells como a realizada pela Missão União Norte Brasileira, que em 1967 recebeu de doação um avião anfíbio modelo Lake LA 4 de 180 HP. A cerimônia de batismo da nave ocorreu em 5 de novembro de 1967 presidida por Miss Janis Joseph que, à maneira das naus aquáticas quebrou uma garrafa de água turva trazida do rio Amazonas, para este rito. Veio a somar ao projeto Luzeiro e a outras atividades da Igreja Adventista da Amazônia, essa aeronave denominada Leo Halliwell.



Figura 76. Avião Leo Halliwell. Rio Amazonas, 1964?  
Fonte: adaptado por Diogo Gonzaga Torres Neto de adra.org

No ano de 2017 o Estado do Pará comemorou 90 anos da passagem dos primeiros adventista no Estado do Pará, a saber: o missionário Jhon Brown, e os colportores André Gedrath e Hans Mayrm , que chegam em Belém (PA) em 1927 na com o intuito de iniciar a missão baixo Amazonas .Nesse mesmo ano de 1927 fundou duas igrejas no município de Curuçá e Belém mas não floresceu. Foi somente com a vinda dos missionários Jessie e Leo Halliwell que o cenário muda para os adventistas. Combinando os saberes locais com a tecnologia, os Halliwells elaboraram a Lancha que fez a diferença entre na assistência à saúde de mais de 250.00 pessoas, por 27 anos de navegação sob seu comando.

Em reconhecimento à Igreja Adventista do Sétimo Dia, a missão fundada por Halliwell em Belém, hoje denominada Associação Adventista no Norte do Pará, a Assembleia Legislativa do Estado do Pará concedeu a Comenda da Ordem do Mérito Cabanagem. Título honorífico conferido a quem tem destacada atuação no Pará. Em 2015 a mesma Assembleia Legislativa do Estado do Pará entrega o título “Honra ao Mérito” e “Cidadão do Pará”, estava Leo B. Halliwell, representado pelo pastor Eduardo Batista, que cuida dos jovens do Pará. Halliwell recebera o título de “Cidadão do Pará Pós-Mortem”, título concedido àqueles que escolheram o Estado do Pará para morar e que tenha prestado serviços relevantes de promoção da qualidade de vida das pessoas.

Jessie e Leo Halliwell dedicaram suas vidas à Amazônia e sua gente, inspiraram centenas de outros missionários em toda a América Latina. Sua Lancha descansa no Museu que carrega seu nome, anexo da Faculdade Adventista da Amazônia, mas seu modelo fez surgir uma frota em vários rios do Brasil e da América de fala hispânica. As escolas e igrejas se multiplicam a cada década, suas clínicas hoje são dois grandes hospitais de referência internacional. Halliwellll deixa para a posteridade seu exemplo de altruísmo nas milhares de vidas que foram salvas, demonstrando uma verdade milenar contida no Talmud: “Quem salva uma vida salvou o mundo inteiro”<sup>140</sup>.

---

<sup>140</sup> Tamude, Sanhedrin 4:5. Essa inscrição também foi entregue a Oscar Schindler num anel pelos judeus salvos em sua fábrica.

O adventismo que se instaura no coração da Amazônia não destrói a cultura, antes soma-se na proteção do indivíduo, fortalecendo e potencializando seus saberes e suas crenças ancestrais. Os conversos ao adventismo como por exemplo o clã Gavião da etnia Sateré-Mawé, mantem suas tradições mescladas com as crenças adventistas. O novo passa a ser ressignificado com as categorias já existentes na própria visão de mundo sem imposição alguma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, conforme censo do IBGE (2010), tem havido um crescimento da presença protestante e evangélica no Brasil. Um levantamento preliminar que fizemos sobre a presença de protestantes na Amazônia, em termos de publicação de artigos, capítulos de livros e livros no Brasil, demonstraram um crescimento gradual em torno da temática junto às ciências humanas e sociais título de pesquisas sociais e literárias.

Há uma lacuna sobre a presença protestante, no âmbito da construção da formação do pensamento social da Amazônia. Mas, isso não se deve por negligência acadêmica ou escolhas arbitrárias do pesquisador, o fato é que historicamente os protestantes ocupam mais o norte da América enquanto que na América latina, especificamente no Brasil preponderou o pioneirismo católico com a criação de vilas e estabelecendo as missões, que deram origem às cidades da Amazônia. Somente em meados do século XIX com a abertura dos portos e a ascensão da exploração da borracha, que os primeiros negociantes protestantes e seitas dos batistas (atuais evangélicos) e também judeus, chegaram a estas paragens em virtude da liberdade religiosa e de culto concedidos pela Constituição imperial.

Há um período de quase 200 anos de crescimento silencioso, os espaços sociais são ocupados com templos, escolas paroquiais, escolas profissionalizantes e de belas artes.

Muito da memória protestante na Amazônia está restrita aos relatórios missionários possivelmente deteriorados pelo tempo e fragmentados nos arquivos mortos de algumas igrejas, muitos desses já avariados pelo tempo e mudanças físicas das instalações. Talvez pela ausência de uma consciência histórica como aquela encontrada na academia, muitos arquivos se perdem, são incinerados para darem novos espaços, sem terem chance de estudados e analisados. As informações dos diários e memórias dos protestantes, ao serem levados a outros países, principalmente onde ficavam as matrizes protestantes norte americanas, ganharam espaço na literatura, na dramaturgia e matérias em periódicos populares

e eclesiásticos de suas denominações. As informações vindas da África e da Amazônia pois eram mais valorizadas em razão do exotismo e das curiosidades. A Amazônia era vista um mundo perdido, região inóspita, a última fronteira na Terra para o homem explorar e ocupar, ou até mesmo a expressão bíblica mais utilizada como sendo os “confins da Terra”.

Os protestantes norte americanos adentraram o Brasil impulsionados pela “revolução do mercado” e pela produção de material impresso no âmbito da cultura de massa nascente, voltada para causas sociais, no caso americano, o *abolicionismo*. No Brasil, os assentamentos imigrantes europeus, principalmente os de origem alemã foram os primeiros a receber o material impresso da religião adventista, e foi no sul do Brasil, que ocorreu a implantação dos primeiros cultos e posteriormente o primeiro templo. Já na Amazônia, duas vertentes sociais eram de extrema delicadeza, a saúde e a educação. A saúde abria a porta para a implantação das escolas que posteriormente seriam também centros missionários, ou simplesmente Missão. O aspecto da saúde foi o caminho mais eficaz utilizado pelos missionários adventistas com a finalidade de conseguir a atenção e o respeito da comunidade visitada, muitas vezes os tratamentos básicos de saúde eram a única alternativa à vida no interior do Amazonas.

Na Amazônia do começo do século XX não existia saúde pública universal, algumas poucas campanhas restringiam-se aos grandes centros urbanos como o Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, as demais regiões do Brasil ficavam à mercê da própria sorte. Justamente em tais áreas, os relatos dos missionários sobre a América do Sul apontavam as zonas de sertão e florestas como lugares inóspitos, que ainda existiam povos e comunidades destituídos de assistência médica e longe dos centros urbanos, como era o caso dos povos indígenas da Amazônia, que necessitavam de tratamento porque foram acometidos com doenças advindas dos contatos com as pessoas que vieram para Amazônia. Os missionários que vieram para essas regiões tornaram-se, muitas vezes, a última esperança para salvar a vida.

A nossa pesquisa constata que o trabalho missionário de Halliwell, desde 1958 a 1958, se estrutura como um braço da religião adventista, que se lança como um raio de evangelização junto aos povos tradicionais na Amazônia, para conquistar

adeptos e converter pessoas ao protestantismo na região. O pensamento protestante é feito mediante doações voluntárias para converter os nativos nas regiões menos civilizadas, numa espécie de relações de poder frente à conquista das últimas fronteiras do mundo.

Esta pesquisa constata que na década de 1970 o Brasil havia se tornado o maior contingente de missionários norte-americanos do mundo. Em 1976 contava 2.170 missionários norte americanos. Dados anteriores do ano de 1973 já indicavam 1.317 missionários independentes que não estavam ligadas as igrejas tradicionais norte americanas, dentre os quais 480 trabalhavam entre os índios (0,5 da população brasileira da época) (Dreher, 1992.p.338) fazendo aumentar em suas fileiras a quantidade de adeptos no caso adventista de 2.590 membros<sup>141</sup> em 1959 para 6.730 pessoas em 1969 que segundo Dreher (1992)<sup>142</sup> apesar da significativa presença a história não era conhecida entre o meio evangélico protestante que em 1969, em toda a Amazônia já possuía 95.845 adeptos<sup>143</sup>

A pesquisa revela que o missionário Leo B. Halliwell, ao ser instrumento de conversão de pessoas na Amazônia, ele próprio é “convertido” ou tomado pela região, nos trinta anos de trabalho social que realizou junto aos povos tradicionais. Ele foi tomado por um sentimento de compaixão por esses povos destituídos de assistência médica, deixados à mercê da própria sorte pelo Estado brasileiro. Essa compaixão é revestida com o nexos da fé e da moral protestante, abrindo espaço ao capital e ao protestantismo na região à maneira adventista. A Amazônia é vista lentes e descritas na pena de Leo B. Halliwell como uma terra caluniada por aqueles, que só intentavam explorá-la.

O adventismo trazido por Halliwell é herdeiro da ética protestante, todavia o espírito vencedor é o da Amazônia. O capital era preciso e sempre convertido em medicamentos, seus conversos da Amazônia fazem um adventismo de assistência e de colaboração. O adventismo junto aos indígenas não destruiu a cultura ancestral desses indígenas, ao contrário, potencializou-a como foi no caso do mito do guaraná dos Sateré-Mawé. Constatamos que suas narrativas míticas sofreram intervenção de

---

<sup>141</sup> Streithorst (1979. p. 156), ao citar o último relatório de Leo B. Halliwell.

<sup>142</sup> Dreher (1992, p. 336) citando o censo da ocasião.

<sup>143</sup> Dreher, *op.cit.* p.336.

outras tradições missionárias ou contato com os brancos, em virtude dos paralelos encontrados com as narrativas judaicas e cristãs encontradas no livro de gênese do pentateuco (Toráh).

A pesquisa revela que o casal Halliwell exerceu um pioneirismo com as lanchas Luzeiros, na prática de assistência médica e social ao longo do rio Amazonas e seus afluentes. Empresários, médicos e governos estaduais e municipais passaram a patrocinar essa iniciativa que, já no final de sua vida, havia se convertido em frotas de lanchas. Até cooperações internacionais como o SESPE foram influenciadas pela tecnologia híbrida (Engenharia Naval e a construção local do barco da Amazônia). Nesse período encontramos secundariamente uma contenda entre os laboratórios de medicamentos que buscavam a cura da malária e outras doenças tropicais, algumas através do método de dedetização, que ao se introduzir o princípio ativo sintético, deu uma aparência de extermínio da malária na Amazônia, mas um estudo mais profundo poderá afirmar que os laboratórios contribuíram para a mutação do *plasmodium* que até hoje continua a ceifar vidas ao longo dos rios.

Ao escrever essas linhas finais, que salientar que é difícil escrever nas ciências humanas e sociais quando se passou toda uma vida pensando que se fazia ciência. Esse curso de doutorado proporcionou-me encontrar minhas raízes, conhecer até mesmo minha fé que perpassa por uma diversidade de tradições da nossa gente. Muitas foram nossas dificuldades, sendo a distância da cidade de Cacoal situada no Sul de RO onde vivo e trabalho na UNIR, o maior obstáculo, a saudade da família, as múltiplas faces da fé adventista e suas adaptações e acima de tudo tentar escrever o máximo possível sem me envolver com o objeto me afastando dele, olhando de fora, vendo seus defeitos e trejeitos, inclusive ao contemplar hoje uma igreja multicultural e pós-moderna, totalmente diferente da trazido por Halliwell.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Stela Azevedo de. **Aleluia: o banco de luz**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995, p.24.

AHLSTROM, S. **A Religious History of the American People**. New Haven and London, Yale University Press, 1973, pp.415-471.

ALBRECHT, Daniel & HOWARD, Evan. **Pentecostal Spirituality**. In: Cecil M. Robeck, Jr., & Amos Yong, **The Cambridge Companion to Pentecostalism**. New York: Cambridge University Press, 2014, p. 235-153.

ALMEIDA, Ronaldo de. **Tradução e Mediação: missões transculturais entre grupos indígenas**. In: Paula Montero (Org.). **Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural**. São Paulo: Editora Globo, 2006. p. 277-304.

AMARAL, Epaminondas Melo do. **O Protestantismo e a Reforma**. Coleção Otoniel Mota – I. São Paulo: Sociedade Cristianismo, 1968.

ANNUAL STATISTICAL REPORT (2015-2018) **ASTR – Office of Archive, Statistics, and Research**. Silver Spring: Pacific Press Publishing Association, 2018.

BACHELAR, Gaston. **A Água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. 2ª.ed. Traduzido por Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BARBOSA, Henrienne. **Eunice Michiles: a primeira senadora do Brasil**. São Paulo: 2006.

BASTOS, Élide Rugai. PINTO, Renan Freitas. (Org.). **Vozes da Amazônia: Investigação sobre o pensamento social brasileiro**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas – EDUA, 2007.

\_\_\_\_\_ (Org.). **Vozes da Amazônia II**. Manaus: Editora Valer e EDUA, 2014.

BENCHIMOL, S. **Navegação e Transporte na Amazônia**. Manaus: Edição reprográfica, 1995.

BÉRGSON, H. **As duas fontes da moral e da religião**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978,

BETTENCOURT, Gastão de. *In* RESQUE, Olímpia Reis. Iara (imagem). **O Amazonas no fabulário e na arte**. Pará:,1946. Pará. [Blog]. Publicado em 8.out.2013. Disponível em: < [http://2.bp.blogspot.com/si6rsSzSNNE/UIStGIFuYNI/AAAAAATI/ImqA0OK2LzM/s1600/Iara\\*.1946.jpg](http://2.bp.blogspot.com/si6rsSzSNNE/UIStGIFuYNI/AAAAAATI/ImqA0OK2LzM/s1600/Iara*.1946.jpg)>, acesso em: 14.Jun.2019.

- BHABHA, Homi. **Signs Taken for Wonders: Questions of Ambivalence and Authority under a Tree Outside Delhi, May 1817.** *Critical Inquiry* 12 (1985): 144-65.
- BLOOM, H. **The American Religion: The Emergence of the Post-Christian Nation.** NY, Simon&Schuster Publishers, 1992.
- BOBBIO, N. In AA.VV. **Che cosa fanno oggi I filosofi?** Milano: Bompiani, 1988. P.169.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Gênese e estrutura do campo religioso.** In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOPP, Raul. **Vida e Morte da Antropofagia.** 2ª.edição. São Cristóvão (RJ): José Olympio Editora, 2006.
- BRETON, D. L. **A sociologia do corpo.** Petrópolis: Vozes, 2006.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu.** 2ª.ed. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Editora Moraes, 1974.
- CAMPOS, A. L. V. **Cooperação internacional em saúde: o Serviço Especial de Saúde Pública e seu programa de Enfermagem.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v.13, n.3, p.879-888, 2008.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. “**Gênero**” In: JOBIM, José Luis (org). *Palavras da crítica. Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura.* Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. (Biblioteca Pierre Menard).
- CAPIBERIBE, Artionka. **Sob o Manto do Cristianismo: o processo de conversões palikur.** In: Paula Montero (Org.). **Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural.** São Paulo: Globo, 2006. p. 305-342,
- CARVAJAL, Gaspar. **Descobrimento do rio de Orellana.** Tradução de C. de Mello Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941.
- CARVALHO, E. A. **Polifônicas ideias: antropologia e universalidade.** São Paulo, Imaginário, 1997.
- CARVALHO, E. A. **Transdisciplinaridade e educação do futuro.** *Jornal APASE.* São Paulo, 2001. ano XII, v. 92, jul., pp. 11-12.
- CARVALHO, S. A. de. **O Povo do Livro: O protestantismo no Amazonas.** 1ª. Ed. Fonte Editorial: São Paulo, 2016.

CAVALCANTI, Abdoval. **Luzeiros: conheça a surpreendente história das lanchas missionárias adventistas no Brasil**. 2.ed. Niterói: Editora Ados, 2011.

CUNHA, Euclides da. **Obra completa**. (Org.) Paulo Roberto Pereira. 2.a ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. v.1 e 2

CUNHA, Euclides. **Amazônia um paraíso perdido**. Organizado por Tenório Telles. 2. ed. Manaus: Valer, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres: as vozes do silêncio**. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

DELEUZE, Gilles. GUATTARRI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2012. v.1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka para uma literatura menor**. Rio de Janeiro. Imago, 2007.

DILTHEY, Wilhelm. **Die geistige Welt. Einleitung in die Philosophie des Lebens**. Gesammelte Schriften, V. Band, 8. unver. Auflage, Stuttgart: Vandenhoeck & Ruprecht. 1990.

DREHER, Martin. **História dos protestantes na Amazônia**. In: HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja na Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

DREHER, Martin N. **A igreja latino-Americana no contexto mundial**. 3ª.ed. Editora Sinodal: São Leopoldo, 1999.

DREHER, Martin N. **Protestantismos na América Meridional**. In. \_\_\_\_ (Org.). **500 anos de Brasil e igreja na América Meridional**. Porto Alegre: EST/CEHILA, 2002, p.115-138.1

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. **O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 1998[a].

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2000.

ENGEL, Günter. **Impressões da Amazônia: Com mais de 1.000 fotos, flora-fauna-arquitetura**. (DVD autoral.) Manaus/Berlim, 2015.

FANON, Frantz. **The Fact of Blackness**. In *Black Skin, White Masks*. London: Mac Gibbon and Klee, 1968.

FARIAS JÚNIOR, Emmanuel de Almeida. **F224 Terras indígenas nas cidades: Lei municipal de desapropriação nº 302 Aldeia Beija-flor**, Rio Preto da Eva, Amazonas / Emmanuel de Almeida Farias Júnior. – Manaus: UEA Edições, 2009

FERREIRA, M. R. **A Ferrovia do Diabo**: História de uma estrada de ferro na Amazônia. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, la généalogie, l’histoire. en Homanage a Jean Hyppolite**, PUF, 1971; reed. *em Dits et écrits*, Gallimard, Paris, 1994.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber** (5a ed., L. F. B. Neves, trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1969), 1997.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda. 1979.

FOLLADOR, kellen Jacobsen. **A mulher na visão do patriarcado brasileiro: herança ocidental**. *Fato & Versões*, v. 1, n. 2, 2009.

FONTAINE, Laurence. **Histoire du colportage**. éditions Albin Michel, Paris, 1993, p. 59.

FREYRE, Gilberto; FONSECA, Edson Nery da (org. e prefácio). **Antecipações**. Recife: EDUPE, 2001.

FRÓES, Everton Ferreira. **A relação entre religião e saúde no discurso de Ellen G. White (1827-1915)**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)/ Faculdade de Humanidade e Direito, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2014.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica da obra de arte**. São Paulo: wmfMartins Fontes, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. 7ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. 7ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GALVÃO, Eduardo. **Encontro de sociedades: Índios e brancos do Brasil**. Prefácio de Darci Ribeiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979..

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo sobre a vida religiosa de Itá**, Baixo Amazonas. 2ª.Ed.Nacional; Brasília: INL, 1976.

GENTIL, Gabriel dos Santos. **Mito Tukano:Quatro tempos de antiguidade – Histórias proibidas do começo do mundo e dos primeiros seres**.Berlin, Waldgut, 2000.

GENTIL, Gabriel dos Santos. **Bahsariwii – A Casa de Danças**. Apresentação de Ana Carla Bruno. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.213-255, dez. 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1978.

GOMES, A. M. de Araújo. **As Representações Sociais do Corpo e da Sexualidade no Protestantismo Brasileiro**. Revista de Estudos da Religião – Rever nº1, ano 06, 2006 pp.1677-1222.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. 2ª Ed. Editora Valer. Manaus, 2007.

GONÇALVES, Carlos Barros. **Até aos Confins da Terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas**. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

HAFFER, J. **Speciation in Amazonian forest birds**. Science 165. 1969. p.131-137.

HALL, Clarence W. **Medicine Man on the Amazon**. Periódico Mensal; Chappaqua-NY: Reader's Digest. October, 1956. p. 103-108.

HALLIWELL, Leo B. **Light Bearer to the Amazon**. Nashville: The Southern Publishing Association, 1945.

\_\_\_\_\_. **Light in the Jungle**. New York: David McKay Company, 1959.

INFORMATIVO Mundial Das Missões. **Anjos no Amazonas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

INGOLD, Tim. **O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção**. In: Revista Horizontes Antropológicos. Ano 2, no. 44. Porto Alegre, 2015.

INPE - INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. Estudo do INPE indica que o rio Amazonas é 140 km mais extenso do que o Nilo. 2008. Disponível em:< [http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod\\_Noticia=1501](http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=1501)> acesso em 20 jun.2019.

JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana**. 2ª.ed. São Paulo: Cutrix, 2017.

KANT, I. **A religião nos limites da simples razão**. Tradução: Arthur Mourão. Lisboa: Edições 70, [1793] 2008.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5ª Edição. Trad.: Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Kariri-Xocó, Nheneti. **O colar é a identificação do guerreiro**.(2007) In Índios online. (site). Disponível em: [https://www.indiosonline.net/avaliando\\_pelo\\_colar/](https://www.indiosonline.net/avaliando_pelo_colar/). Acesso em: 24.Jun.2019.

KELLER-LEUZINGER, Franz. **Voyage d'exploration sur l'Amazone et le madeira**. Castella: Le tour du monde, 1874.

- KETTLE, Loriza. **Uma Igreja na Selva**. 1ª.ed. Campinas: Millenium editora, 2016.
- KIDDER, Daniel P. (1815-1891). **Reminiscências de viagens e permanência no Brasil** (Províncias do Norte). 1951, p. 170-171.
- KOCH-GRUMBERG, Theodor. **Del Roraima al Orinoco**. 1ª.ed. Vol.1. Caracas: Ernesto Armitano Editor, 1923.
- KRUGER, Marcos Frederico. **Amazônia: mito e literatura**. Manaus: Edua, 2003.
- KRÜGER, Thomas. **Panthera Onca**. Disponível em: < [www.1zoo.me](http://www.1zoo.me) > ; acesso em 28. Jan.2016.
- LATOURE, B. **Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica**. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- LEÃO, Dione do Socorro de Souza. **Cosmologias da Encantaria no Marajó – PA**. Eventos Livera (2014). Disponível em: < <http://eventos.livera.com.br/trabalho/98->
- LIMA, Priscila Passos de; MAISEL, Priscila de Oliveira Pinto. **O mito da cobra-canua dessana na obra dos artistas Bernadete Andrade, Turenco Beça e Priscila Pinto**, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. Anais do 26o Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.4375-4389.
- LOUREIRO, A. J. S. **História da navegação no Amazonas**. Manaus: Gráfica Lorena Ltda., 2007.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.
- MACHADO, R. (Org.). FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MAUS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: edições 70, 2011, p.53
- McNAMARA, Robert. **Ships, Champagne, and Superstition**. ThoughtCo, Jun. 14, 2018, [thoughtco.com/ships-champagne-and-superstition-1774054](http://thoughtco.com/ships-champagne-and-superstition-1774054).
- MEMORIAL Indígena Sateré-Mawé: **Trajetória em Manaus**. Direção de Letícia Yumi Shimoda. Produção: Núcleo de Antropologia Urbana – NAU da Universidade de São Paulo - USP. São Paulo: USP, 2012. 1DVD (33 mim).
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes. 1994.

MOHANTY et al., eds. **Third World Women and Politics of Feminism**. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

MORGAN, David. **Protestants and Pictures: Religion, visual culture, and the Age of American Mass production**. New York/Oxford: Oxford University Press, 1999, p.18.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Cortez, 2001.

MATOS, Gláucio C. G. **Ethos e figurações na Hinterlandia Amazônica**. Manaus: Editora Valer/Fapeam, 2015.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 2001.

McLOUGHLIN, W. **Revivals, Awakenings and Reform: An Essay on Religion and Social Change in America, 1607-1977**. Chicago and London, University of Chicago Press, 1993.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984.

MENDONÇA, António Gouveia. **Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

MESQUITA, Zuleica. **Educando a mulher para o século XX: o papel das escolas metodistas**. Revista do COGEIME, São Paulo, ano 3, n. 5, p. 141-149, dez. 1994

MIRANDA, Marcelo N. **A presença da Igreja Adventista do Sétimo Dia na comunidade Sahu-Apé/AM/ Um olhar sobre as relações entre religião e cultura no contexto indígena**. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – PPGCR-UNIDA/ Faculdade Unida de Vitória. Vitória, 2016. (Dissertação Mestrado).

MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres**. São Paulo: Escala, 2006. (Coleção grandes obras do pensamento universal).

NASCIMENTO, Solange Pereira do. **O feminino Sateré-Mawé e suas manifestações simbólicas**. Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA-IFCHS / Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2016. (Tese de doutorado).

OLIVEIRA, David Mesquiati de. **Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária comunicativa**. São Leopoldo, RS: Sinodal, Quito: CLAI, 2011.

OLIVEIRA, Guilherme F. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 7, n. 2, jul./dez. 2014.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. **Formação histórica do movimento adventista**. Estudos Avançados (USP). 2004, vol.18, n.52, pp.157-179.

PACHECO, Agenor Sarraf. **À margem dos “Marajós”: Cotidiano, Memórias e Imagens da “Cidade-Floresta” – Melgaço-Pa**. Belém: Editora Paka-Tatu, 2006.

PANTOJA, Vanda. **Santos e Espíritos Santos, ou católicos e evangélicos na Amazônia Marajoara**. Belém, 2011. 223 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará.

PEDROSA, Tatiana. **A Amazônia e um duplo paradoxo – o inferno verde ou um novo Eldorado**. Revista de História da Arte e Arqueologia, Campinas: UNICAMP, nº. 19, jan-jun. 2013.

PEIXOTO, A. **Clima e saúde**. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1938. 295 p. (Brasiliense. Ser. 5, Biblioteca Pedagógica Brasileira, 129)

PIEDRA, Arturo. **Evangelização protestante na América Latina: análise das razões que justificaram e proveram a expansão protestante (1830-1960)**. Tradução Roseli Schrader Giese. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2006

PINTO, Renan Freitas. **A Amazônia de Euclides da Cunha**. In: CUNHA, Euclides da. **Amazônia: Um paraíso perdido**. TELLES, Tenório (Org.) 2.ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

\_\_\_\_\_. **Viagem das idéias**. 2ª.ed. Manaus: Valer, 2008.

PORRO, A. **“História Indígena do alto e médio Amazonas. Séculos XVI a XVIII”**. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org). *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, Fapesp/SMC. 1992

PORRO, A. **As crônicas do Rio Amazonas: notas etnohistóricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia**. Petrópolis, Vozes. 1993.

\_\_\_\_\_. **O antigo comércio indígena na Amazônia**. *Leitura*. São Paulo, 1987 . 5(56) jan (2-3).

PRESTES FILHO, Ubirajara de Farias. **O Indígena e a Mensagem do Segundo Advento: Missionários Adventistas e Povos Indígenas na Primeira Metade do Século XX**. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **Os ossuários da purificação étnica**. Folha de São Paulo. São Paulo 10 mar. 1996. Caderno Mais, p.3-6.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo**. São Paulo: ASTE, 2003.

RIBEIRO DA SILVA, Hermano. **Nos Sertões do Araguaia. Narrativas das Expedições às Glebas Bárbaras do Brasil Central.** [1935]. São Paulo: Saraiva, 1949.

RIBEIRO, Odenei de Souza. **Tradição e Modernidade no pensamento de Leandro Tocantins.** Manaus : Valer / Fapeam, 2015.

RICOEUR, P. ***Du text à l'action: Essais d'herméneutique II.*** Paris: Éditions du Seuil 1986.

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias.** 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

RIVERA, Paulo Barrera. **Tradição, Transmissão e Emoção Religiosa: Sociologia do Protestantismo na América Latina.** São Paulo: Olho d'água, 2001. p.17

ROIG, Carla de Almeida. **Jogatina geopolítica: o papel da energia no processo de integração regional – da experiência europeia ao desafio sul americano.** - Scientific Figure on ResearchGate. Available from: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-39-La-terre-ferme-et-le-Perou-avec-Le-pays-des-Amazones-et-le-Brsil-1705\\_fig9\\_305904344](https://www.researchgate.net/figure/Figura-39-La-terre-ferme-et-le-Perou-avec-Le-pays-des-Amazones-et-le-Brsil-1705_fig9_305904344) [accessed 19 Jun, 2019]

RUARK, Diane C. **My Church Loyalties.** The Christian Century, 2014. Disponível em: <https://www.christiancentury.org/article/2014-07/my-church-loyalties>; acesso em : 3 ago.2015.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo.** São Paulo, Cia das Letras, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** São Paulo, Boitempo Editorial. (2007).

SANTOS, F. J. dos. **História Geral do Amazonas.** Manaus, 2007.

SCHWARZ, Richard. GREENLEAF, Floyd. **Portadores de Luz.**Tatuí: CPB, 2000.

SEEGER, A. et al. **A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras.** In: SIMPÓSIO A PESQUISA ETNOLÓGICA NO BRASIL, n. 32,1979 Rio de Janeiro, **Boletim do Museu Nacional**, p.2-19, 1979.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paíz do Amazonas.** 3ª.ed. Manaus: Valer, 2012

SMUTS, Jan C. **Holism and Evolution.** Connecticut: Greenwood, 1973, p.61.

SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos.** São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

SOUZA, Marcio. **Breve História do Amazonas.** São Paulo: Marco zero, 1994. pag.24 e 25.

SOUZA, Michele Rabelo de. **Eunice Michiles e a Política.** 1ª.ed. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2016.

SOUZA-LIMA, Renata Santoro. **Bioacústica estuda peixes-boi, botos e tucuxis através do som.** Canal Ciência: Portal de divulgação científica e tecnológica. Publicado em 11.Dez.2002. Disponível em: <<http://www.canalciencia.ibict.br/pesquisa/0081-Bioacustica-mamiferos-aquaticos-comportamento-animal-amazonia.html>>; Acesso em: 16.jun.2019.

STREITHORST, Olga S. **Leo Halliwell na Amazônia.** Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1979.

TAYLOR, S. **Positive illusions: creative self-deception and the healthy mind.** Nova York: Basic Books, 1989.

THE ADVENTIST REVIEW AND SABBATH HERALD. **Jottings from Elder O.E. Davis's Diary.** Vol.88, no.45 9<sup>th</sup> November, [1911]. Takoma Park Station – Washington D.C, 1911. [Diário do missionário Ovid Elbert Davis sobre sua viagem ao Monte Roraima: março a junho de 1911.]

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: Uma interpretação da Amazônia.** 10.ed. Manaus: Editora Valer, 2001.

TORRES, Iraildes Caldas, BARROS, Rooney A. Vasconcelos. TORRES NETO, Diogo Gonzaga. **Epifanias da Amazônia: Relações de poder, trabalho, e sociedade.** 1<sup>a</sup>.edição EUA/Índia, Maharashtra: Laxmi Book Publication, 2016.

TORRES, Iraildes Caldas. **A Experiência Estética da *Poiesis* Feminina Sateré-Mawé, a outra face do canto de gênero.** Université Lumière de Lyon 2:Lyon, 2015. (tese pós-doutorado).

TORRES, Iraildes Caldas. **As novas Amazônidas.**1<sup>a</sup>. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

VALE, Jerry Araujo. **Identidade resignificada: religião e urbanismo no cotidiano dos Sateré-Mawé da comunidade l'apyrehyt.** Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas: Manaus, 2016.

VALLE, Arthur S. **Paraná inaugura nova lancha assistencial. (continuação).** Revista Adventista. São Paulo, Ano 60. n.04, p.22, Abril de 1977.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WALLACE, Alfred R. **A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro with an Account of the native tribes and Observation on the climate, Geology and natural history of the Amazon Valley** , London: Reeve, 1853, Appendix on "Vocabularies of Amazonian Languages", p. 523.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito Capitalista.**[1925]. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

WEIL, A. **Health and healing.** Boston: Houghton Mifflin, 1988.

WETTERBERGER G.B., Pádua, M.T.J., Castro, C.S. & Vasconcellos, J.M.C. 1976. **Uma análise de prioridades em conservação da natureza na Amazônia**. Projeto de Desenvolvimento e Pesquisa Florestal (PRODEPEF)PNUD/FAO/IBDF/BRA-45, Série Técnica vol.8. 1976. p.1-63.

WHITE, Ellen G. **Medicina e Salvação**. Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, 2010.

ZUCKOWISK, Jean. **Reforma de saúde: história e relevância teológica no movimento adventista**. Parousia, 2º.semestre (periódico). São Paulo: UNASPRES, 2010.

# ANEXOS

ANEXO A – REPORTAGEM DA READER'S DIGEST, 1956

OCTOBER 1956

# Reader's Digest

Madame Butterfly in Bobby Sox	James A. Michener	21
Our Tax Laws Make Us Dishonest	Saturday Evening Post	28
"How Wonderful You Are . . ."	Woman's Day	33
Are We Too Soft on Young Criminals?	Dr. Ruth Alexander	37
Britain's Indestructible "Old Man"	N. Y. Times Magazine	40
Out Where the Jet Planes Are Born	Life	43
What Happens When We Prey?	Dr. Robert J. McCracken	48
A New Deal in the Old Firehouse	Karl Doster	51
Veneral Disease: New Threat to Youth	N. Y. Herald Tribune	55
Your Brain's Unrealized Powers	Bruce Bliven	58
College Two Years Sooner	National Parent-Teacher	63
Harry Holt and a Heartful of Children	American Mercury	67
Foreign-Aid Mania	Newsweek	71
My Last Best Days on Earth	Farm Journal	73
Trading Stamps—Bonus or Bunkum?	Albert Q. Matzel	77
Seven Economic Fallacies		83
Secretary Benson's Path in the Farmer	Farm and Ranch	84
Doctors Should Tell the Truth	Saturday Evening Post	89
What the Meas in Moscow Means	Life	100
Medicine Man on the Amazon	Clarence W. Hall	103
The Sub That Wouldn't Stay Down	Saga	109
Why Not a Foreign Service Career?	The Diplomat	118
Crazy Man on Crazy Horse	Denver Post	121
How to Make Peace at the Pentagon	Collier's	125
Their Business Is Dynamite!	National Safety News	129
Admiral of the Greek Oil Fleet	Time	133
Marter Bridge-Builer	Popular Science Monthly	138
His Best Customers Are Babies	American Business	145
Man's Most Playful Friend	Minneapolis Sunday Tribune	151
Living Memorials Instead of Flowers	Howard Whitman	152
Medicine's Animal Pioneers	Today's Health	165
Smokey Mountain Magic	Wilma Dykeman	170
Are Juris Giving Away Too Much Money?	Kiwans	176
The Great Plildown Hoax	Popular Science Monthly	179
Call for Mr. Emergency!	N. Y. World-Telegram & Sun	187
Norfolk's Friend to Troubled Teen-Agers	Town Journal	197
What Your Sense of Humor Reveals	Jnl. of Lifetime Living	203
Beauty by the Mile	The Rotarian	208
Creatures in the Night	"The World of Night"	212
BOOK SECTION: High, Wide and Lonesome	Hal Borland	92
European vs. U. S. Beauties	81—Life in These United States	116—
Humor in Uniform	143—Word Power	149—Sharpen Your Judgment
155—My Most Unforgettable Character	157—Laughter	196

*In contrast to the Halliwells what humdrum lives most of us live! For 25 years they have been operating a floating clinic to bring medicine to inhabitants of Brazilian jungles.*

## Medicine Man on the Amazon

By Clarence W. Hall

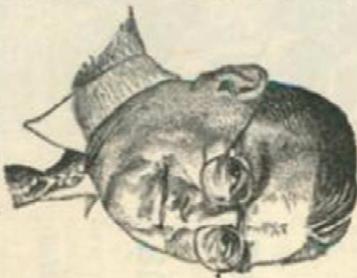
ONE DAY last February, a little white launch swerved out of the Amazon mainstream and headed up a narrow tributary. Bravely flying a pennant depicting a hand holding a torch aloft, it brushed jungle growth on both sides. At the helm sat a stocky man whose keen eyes searched the occasional clearings along the banks. Suddenly, from a thatched hut a woman ran out, frantically waving a towel. The helmsman nosed the boat's prow into the bank, grabbed a black bag and leaped ashore.

In the hut a man lay screaming in agony. He had just been bitten in the foot by a dreaded bushmaster, deadliest of all Amazonia's snakes. Neighbors were hastily building a



fire, preparing to burn the foot until it was completely charred—usual treatment for snakebite in that remote region. The man from the boat hastily loaded a syringe with antivenin, made an injection—and saved another life.

This was Leo Halliwell, an American missionary with a unique ministry. He has no medical degree, not even a pharmacist's certificate, yet for 25 years he has been carrying modern medicine to the Amazon Valley's neglected inhabitants. Securing his aquatic clinic up and down the 1000-mile stretch of river between Belém and Manaus, covering some 12,000 miles a year, Halliwell has treated more than a quarter of a million Brazilians and Indians for a host of tropical and other diseases. Best of all, he has helped awaken the Brazilian Government to the fact that of the region's many rich resources



Leo Halliwell

their health may well decide whether Amazonia's fabulous potential is to be developed or left dormant.

During his youth in Kearney, Neb., the notion of being a missionary never crossed Leo Halliwell's mind. With a talent for mechanical tinkering, he studied electrical engineering at the state university. But

one day, four years after graduation, he heard exciting stories told by a missionary to Peru. On impulse he applied to the Seventh-day Adventist mission board. In short order he and his graduate nurse bride, Jessie, were on their way to Bahia, Brazil.

In Bahia the mission leaders soon found they had a recruit steaming with energy, imagination, ingenuity. "Just looking for latitude," he would say when asked why he so restlessly sought new fields. Ample latitude was provided when, in 1929, he was asked to pioneer the mission's work in north Brazil.

The Halliwells realized how huge was their new field when they reached Belém, near the Amazon's 207-mile-wide mouth. Their parish included the whole Amazon basin, almost as big as the continent of Europe.

The Amazon itself was awesome: so deep that transatlantic steamers can go up it for 2300 miles, so wide that one must go 400 miles farther before it narrows to the width of the Mississippi at its mouth. And feeding into it is a mesh of more than 500 tributaries, many of them more than 1000 miles long. Strung out along these endless waterways live two million people: an estimated 300,000

are Stone Age Indians, the rest a racial amalgam of Portuguese, Negro, Indian.

After a few months in Belém, Halliwell went up the Amazon by river boat and canoe to see his outlying parishioners.

He was dismayed by the people's poverty and superstition, especially by their disease. Their strength was vitiated by malaria and malnutrition; their lives were shortened by smallpox, syphilis, leprosy; their existence was threatened by poisonous snakes, alligators, jaguars and other beasts; there wasn't a doctor in all the jungle wilderness.

To Jessie he said, "Isn't it one of our Adventist tenets that 'medical work is the right arm of the gospel'?" She nodded, and he vowed, "I'm going to give that arm some exercise!"

He used his 1930 furlough in the United States for a six-months course in tropical diseases. Jessie brushed up on midwifery, nutrition, sanitation. They talked before church groups and collected money for their "Amazon adventure."

Back in Brazil, Leo sketched a design for a shallow-draft, 30-foot boat with a 10-foot beam. He hacked out the hull by hand from Amazon

hardwoods and installed the engine and wiring himself. He christened it the *Luzetzo* (Portuguese for "Light Bearer"), stocked it with as much quinine, epsom salts, salves and bandages as he could buy or scrounge—and set out with Jessie.



Jessie Halliwell

The moods of the Indians were equally difficult. Most of the tribes, fleeing the white man's advance, had settled along the headwaters of the Amazon's tributaries. Living a primeval existence, many fiercely resisted with blow guns and poisoned arrows the encroachments of strangers.

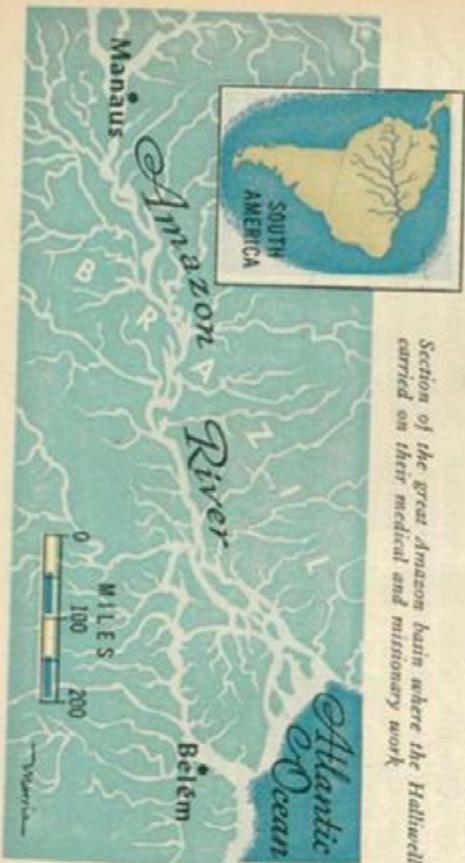
At sight of the *Luzetzo* in the Arára River the Indians of the Maúta tribe fled in terror; they had never seen a "canoe" like this. Halliwell brought out his victrola and put on a band record. Presently the Indians crept out of the woods, crowded around the instrument, chattering among themselves. They were just as amazed by the miraculously quick effects of quinine on malaria fever then raging in the village.

The Halliwells soon learned to begin their annual odyssey upriver early in February, after the river has begun its mighty rise (in some places as high as 60 feet). It reaches full flood stage in May and June and that season supplies the most water for easy access to the people; it also creates the greatest needs. Floodtime is inevitably tragedy-time for Amazon dwellers; the forest is inundated and homes are washed away. On each voyage, Halliwell told the people the approximate time of his return, asked them to hang out a white cloth to signal their need. Soon every mile of his journey was lined with fluttering cloths. For three consecutive years, Mrs. Halliwell delivered the babies of the wife of the mayor of a certain town. How did the blessed events happen to coincide with the *Lazzeiro's* visits? "I planned it that way," said the wife. The most serious menace to health in the Amazon was malaria. At ev-

ery stop Halliwell was greeted by listless, half-alive people aflame with fever. At one place the Halliwells were flagged by a man in a canoe who led them to a home that was one large room with a center pole supporting the thatched roof. From the pole to the side walls, like spokes in a wheel, were stretched 22 hammocks. In each lay a victim burning with high fever. By the time Leo had treated them, word had spread and canoes by the score were arriving. Some bore sick, others carried messengers begging him to come to relatives or friends.

When leaving medicines with the people, Halliwell learned to make crystal clear his instructions for their use. Once he returned after three days to be told by the wife of a patient that her husband had taken all 67 grains of quinine in one gulp. Halliwell inquired anxiously, "Did he die?" The woman replied, "Oh, no. His ears rang a little, but it cured

Section of the great Amazon basin where the Halliwells carried on their medical and missionary work.



him. He's out in the field working!"

At first the Halliwells had to purchase medicines from their slender mission resources, then enlist young people of the Belém church to put them in capsules and bottles. Today their medicine chest is kept supplied by doctors and pharmaceutical houses in the United States, and by the public health departments of the states of Pará and Amazonas. During World War II, when quinine was almost unobtainable, an American wholesale drug dealer in Argentina called Halliwell to his office. He unlocked a large depository, pointed to stacked piles of quinine and said, "Look closely." On every wrapper Halliwell's name was written. "That's our entire stock," he said. "But I want you to have it!"

Governors of several Brazilian states now make generous personal contributions to Halliwell. One said, "No one is doing so much for my people. Please let me help."

As a rule, the Halliwells have avoided treating complicated diseases, making arrangements to send severe cases to the nearest town. But jungle life is full of emergencies. One day while passing down a river, they heard screams. An alligator had seized a girl while she was washing clothes in the river. Her brother hammered the beast over the head until it let go, but the girl was horribly mangled. Halliwell bandaged her wounds and saved her life. Today the girl is an Adventist worker.

Only rarely has Halliwell met opposition from the medical profession

and never from Brazilian doctors. Despite his lack of a medical degree, his aid and counsel is frequently sought by medical societies.

Some Indians, however, did oppose him. The chief of the Maúes, Caetano, was willing to assign land for a school which Halliwell started with the help of a Brazilian teacher, but he disdained gringo medicine and religion for himself. Then a smallpox epidemic ravaged the village. Caetano allowed Halliwell to vaccinate every survivor—except himself. He refused to let the white man "puncture my arm." On the Halliwells' next visit, months later, they found the old chief in his hut, covered with smallpox. He gasped through parched lips, "I wrong. When disease come, I only man to get it. Please puncture me now."

Last year Caetano accepted Christianity, quickly became a help in spreading it among other tribes. Today the school and church at the Maúes village are thriving—as are many others started in Amazonia by the Halliwells.

In order to reach still more people Leo equipped the *Lazzeiro* with a generator that would provide power and illumination for a sound projector. Using colored slides and films with a Portuguese sound track, the Halliwells held classes regularly in river-bank clearings. Immense crowds came to look and listen, many people paddling in canoes for hours to reach the jungle classroom, where they learned, among other things, about nutrition and were en-

couraged to plant gardens to supplement their vitamin-poor diet.

One day Halliwell noted several children with bleeding gums — scurvy. Near their hut were lime trees; he picked some of the limes, juiced them in tea, wheedled the mother into promising to give it to her children regularly. Returning weeks later, he found the children's gums healed and a local fad started for "lime tea."

From an American friend in Manaus, Jessie collected choice grapefruit seeds and distributed them. Today, all along the river grapefruit trees abound and vitamin C deficiency has notably decreased. Along the Amazon, too, there are healthy babies, many of them named "Jessie" and "Leo."

Stimulated by the example of Leo and Jessie Halliwell, other missionaries have come to the Amazon and volunteered for launch duty. Today a fleet of eight carbon copies of the *Luzero* are plying the river and its tributaries; during the past year 27,000 major medical cases were treated. Proving Leo's thesis that "medical work is the right arm of the gospel," there are today along the Amazon 22 Adventist churches and 56 Sabbath Schools and 15 elementary schools teaching 1000 youngsters. In the vast territory once tilled only by himself and Jessie, his church today has 15 ministers, a score of teachers and doctors.

The Halliwells' long battle against the ravages of malaria has also borne

fruit. Today, through SESP (*Serrico Especial de Saúde Pública*), a mutual aid program of public health jointly sponsored by the United States and Brazil, a huge malaria control program is under way. An American doctor working with SESP told me, "If it hadn't been for the Halliwells, it is not likely that this or any other agency would have been set up. They proved what could be done."

Only recently Halliwell saw a long dream come true. In 1942, completely on faith and without funds, he opened a tiny clinic in Belém and called a Brazilian doctor to run it. Now that clinic has metamorphosed into a fully equipped 40-bed hospital.

One day early this year, Leo Halliwell got word that he was needed in Rio de Janeiro to supervise the work of all Adventist medical launches throughout South America. Obliquely Halliwell put the matter to Jessie. "Want it getting crowded on the Amazon, with so many launches and all these workers and churches? Besides, now that they were along in years, wouldn't the climate be a little easier in some place like, say, Rio de Janeiro?" Jessie smiled knowingly. "When do we leave, Leo?"

In July they turned the *Luzero* over to another missionary, and headed south. Thus, at 65, when most people are ready to retire, the Halliwells are starting all over again.

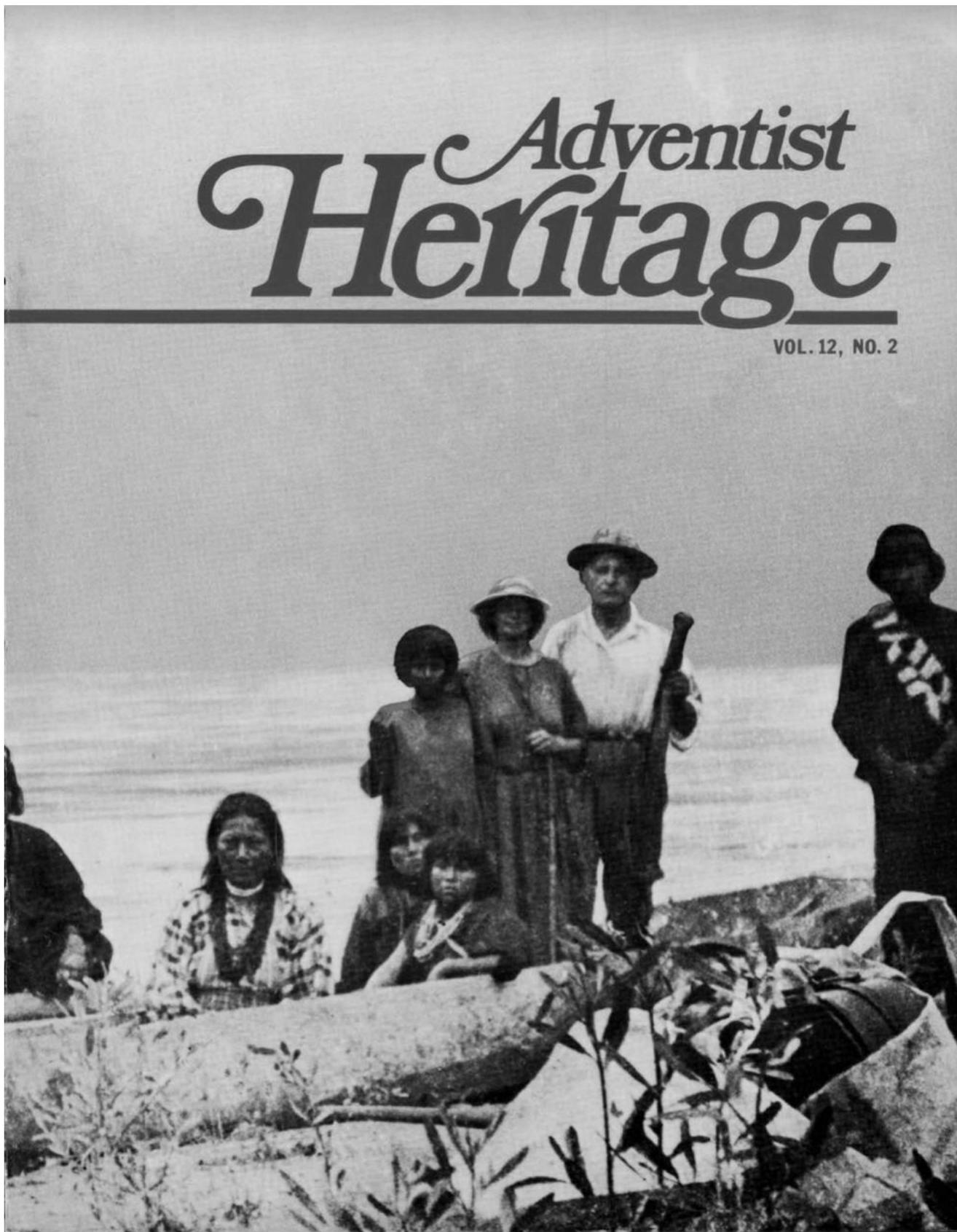
"Leo," said a colleague seeing them off, "is still looking for latitude!"



ANEXO B – REPORTAGEM DA ADVENTIST HERITAGE, 1988

# Adventist Heritage

VOL. 12, NO. 2



Summer, 1988  
Volume 12  
Number 2

ISSN 0360-389X

EDITORS

Ronald D. Graybill  
*Loma Linda University*  
Gary Land  
*Andrews University*  
Dorothy Minchin-Comm  
*Loma Linda University*

ISSUE EDITOR

Ronald D. Graybill

MANAGING EDITOR

James R. Nix  
*Loma Linda University*

ASSISTANT MANAGING EDITOR

Shirley M. Chipman  
*Loma Linda University*

DESIGN AND LAYOUT EDITOR

Judy Larson  
*Lake Elstmore*

MANAGING BOARD

Helen Ward Thompson, *Chairperson*  
Delmer Ross, *Secretary*  
Ronald D. Graybill  
James Greene  
Maurice Hodgen  
Judy Larson  
Dorothy Minchin-Comm  
James R. Nix  
Kenneth L. Vine  
Norman J. Woods

EDITORIAL BOARD

Delmer Ross, *Chairman*  
James R. Nix, *Secretary*  
Shirley M. Chipman  
Ronald D. Graybill  
Gary Land  
Judy Larson  
Dorothy Minchin-Comm

PROMOTIONAL BOARD

James Greene, *Chairman*  
James R. Nix, *Secretary*  
Randall R. Butler  
Victor Christensen  
Ronald D. Graybill  
Delmer Ross  
R. Dale McCune  
Richard Weismeyer  
Norman J. Woods

# Adventist Heritage

<b>Editor's Stump</b>	2
<b>Missionaries, Visionaries, and Revolutionaries</b>	3
Logging a Passage in Search of Fernando and Ana Stahl <i>Charles Teel, Jr.</i>	
<b>Ferdinand Stahl, Missionary to Peru</b>	15
<i>Robert G. Wearer</i>	
<b>Andes to Amazon</b>	27
The Indians as the Stahls Knew Them <i>Shirley M. Chipman</i>	
<b>Luzeiro I</b>	38
<i>Ronald L. Wearer</i>	

*ADVENTIST HERITAGE* is published by the Department of Archives and Special Collections with the Department of History and the School of Religion, Loma Linda University, Loma Linda, CA 92350. Bulk postage rates paid at Loma Linda, CA. Copyright 1988 by Loma Linda University, Department of Archives and Special Collections, Loma Linda, CA 92350.

Subscription rates: \$8.00 per year (additional postage outside U.S.) Available back issues are sold at \$5.00 each.

Subscription orders, change of address notices, editorial correspondence and manuscripts should be sent to: *Adventist Heritage*, Loma Linda University, Loma Linda, CA 92350.

*ADVENTIST HERITAGE* invites manuscripts. Each will be considered, but no responsibility will be assumed for unsolicited materials.

*ADVENTIST HERITAGE* is indexed in the S.D.A. Periodical Index, and is available from *University Microfilms International*.



*Leo and Jessie Halliwell spent the major part of their adult lives in mission service in Brazil. At the time of their retirement, the Brazilian Government awarded them each the coveted Brazilian Cross in appreciation for the work they had done.*

# LUZEIRO I

## *Ronald L. Wearner*

"Halliwell and missions," to many Adventists, seem to go together like the words "bride and groom." Love, dedication, excitement were all bundled up in this unique electrical engineer turned preacher, pilot, dentist and doctor.

Few projects have caught the imagination of God's unique people like the idea of making a little wooden craft and churning the brown waters of a massive maze of rivers, lakes, and flooded jungles to bear the Light of the World. Such a venture meant facing mosquitoes and malaria, piranhas and parasites, snakes and skin disorders of many types. But this man with a mission, with his dedicated wife, spent decades leaving an ever-widening wake of hope, health, and happiness.

Pastor Leo, as he was known, hired a new boatboy for one of his trips. After dark the young helmsman wondered how to find his direction on the black water. "Do you see that star?" questioned the senior man. "Steer the launch in that direction."

A bit later came the question, "Pastor, where do we go now? We have passed that star!"

Imperceptibly, the lad had turned the craft around and was heading in the opposite direction. Although the waters were at times choppy and dangerous due to logs, rocks, and

sandbanks, God's jungle prophet never lost sight of the Morning Star. But where and how did this story begin?

### **The World's Greatest River**

Only 85 miles from the Pacific Ocean, a tiny little trickle bubbles up out of the side of the Andes Mountains beginning a 4,000-mile trip toward the Atlantic. Adventurous Vicente Pinson discovered this mighty waterway in 1500. Forty-one years later, Francisco de Orellana added a footnote to history as the first white man to sail down the Amazon.

Legend claims that his forces met the savage Tapuy women warriors on his way down stream, so he gave the river the name of the Greek women warriors, Amazonas. One tenth of the running water of our globe surges down this water system and pours five million cubic feet of fresh water into the Atlantic Ocean every second. Its 207 mile-wide mouth holds an island the size of Vermont and New Hampshire together.

Until airplanes provided a second option, boats were the only way to reach the deep jungles. In 1973 a masterpiece of engineering, the Manaus-Cuiabá highway, for the first time linked the state capital Manaus with the rest of the country.

In spite of modern transportation, the 40,000 miles of navigable rivers flow on, providing the vital paths for communication, commerce, and travel.

### Early Efforts

In 1918 the deep tones of howler monkeys still rolled through the trees and tangled undergrowth, but nowhere in city or interior hut could the Three Angel's Messages be heard.

President Oliver Montgomery and Secretary/Treasurer W.H. Williams of the South American Division decided it was time for action. Their gospel exploration adventure took them first to Lima, Peru, up over the Andes and down the Amazon all the way to Belém, Brazil. Here was a distance equivalent to that of New York to San Francisco, and not a single Adventist missionary!

An American missionary family working in the Minas Gerais Mission topped the list of prospective pioneers for the task, but due to the wife's poor health they declined the invitation. Elder and Mrs. John Brown, working in the same mission, accepted the challenge. The calendar the Browns unpacked and hung in their little apartment in Belém read 1927. The courageous couple faced the unknown with André Gedrath and Hans Mayr, two of Brazil's best colporteurs.

Down at the docks they found a wood-burning riverboat named *A Gaiola* (The Cage) being loaded for Manaus. With tickets in hand, they waited for the departure whistle to blow. Days later the steamer gently nudged the beach at Maués.



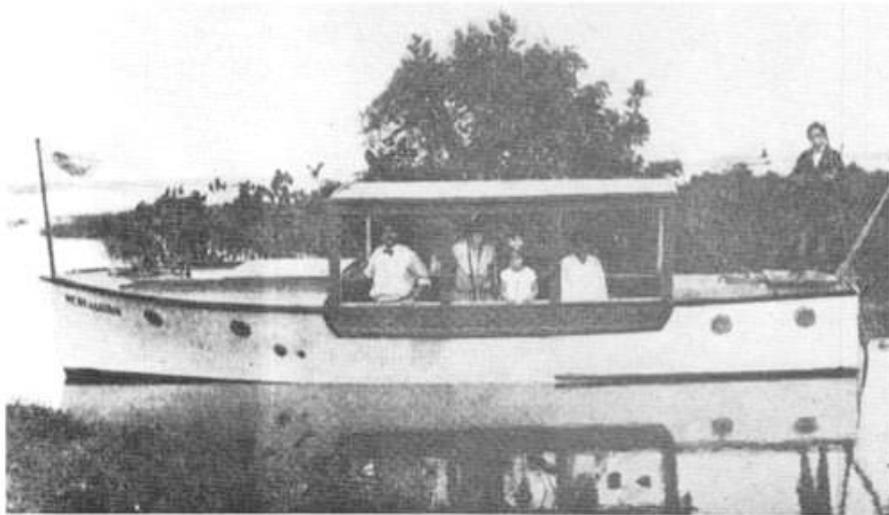
*(Above) Hans Mayr and André Gedrath, the first two Amazonian colporteurs, sold about \$1,650 worth of literature in their first two weeks of labor.*

*(Left) In 1918 South American Division President Oliver Montgomery determined to expand the work of Seventh-day Adventists to the interior of the continent.*



*Sites of native dwellings similar to this one along the Amazon caused the Halliwells to dream of the day when they could have their own mission launch to reach the people.*

*The first Adventist mission boat in South America, named A Mensageira (The Messenger), served on the Amazon River.*





On July 4, 1931, the first Luzeiro (Lightbearer) mission launch on the Amazon River in Brazil was christened by Mrs. Jessie Halliwell.

While visiting with a local resident, Elder Brown heard about a José Batista Michiles who was studying the Bible.

In a matter of time Mr. Michiles' name appeared on one of the first three baptismal certificates prepared in the State of Amazonas. Sadly a sunstroke cut short Elder Brown's ministry in the North and soon he and his family returned to the United States.

When the Munson liner *Aeolus* sailed from New York in 1921, Mr. and Mrs. Leo B. Halliwell and their son waved good-bye to friends from her deck. Interestingly, their sailing date, October 15, was Mr. Halliwell's thirtieth birthday. The Halliwells spent their early years of mission service in the Brazilian state of Baía and in Sao Paulo. Then they were called to take up the work begun by the Browns.

The Halliwells, now with two children, Jack, 10, and Marian, six, arrived at their post on the Amazon in January of 1929. The Brazilian colporteurs faithfully carried on their work, but public transportation along the rivers inadequately filled their special needs.

The idea of a mission boat thrilled the small team and before long the very first Seventh-day Adventist mission vessel in South America proudly awaited its name. Seventeen feet measured this canoe from stem to stern, but it was enough to carry her rather long name: *A Mensageira* (The Messenger). Halliwell made arrangements to put the new canoe on the deck of a riverboat for the ride up to Parintins, where he put it in the water for the trip up to Cinco Kilos, Maués, and Fazenda Centenário where Mr. Michiles lived.

Furlough time for the Halliwells in 1930 provided many opportunities to tell about the need of a launch for medical-missionary work on the Amazon and its tributaries.

The appeals sparked the interest of Sabbath School members and soon the project had \$5,400 to make a little white launch a reality.

#### A Dream Comes True

Although an electrical engineer and not a boat-builder, Halliwell designed the first medical-missionary launch from the hull up. On his drafting paper, he drew to scale a 33 foot long craft with a 10 foot beam. It would draw two and a half feet of water to make the shallow areas accessible. The keel called for a hardwood known as *pau de arco*; the ribs, *piquiá*; and the planking *itaúba*.

The engine compartment housed a 20 h.p. German marine diesel. The box on the plans labeled "displacement" read seven tons and the "projected speed" promised to be nine knots.

On July 4, 1931, Mrs. Jessie Halliwell broke a bottle of soda water on the bow of the new boat, christening her the *Luzeiro* (Lightbearer).

The rays of a new day began to stream across the vast Amazon basin as a new chapter in Adventist missions opened. Very soon the eager missionaries started loading the sparkling new vessel with provisions for their first trip. The bedding went into the large forward room which would serve as a living area, a dining room and navigation room. Their bunks hung from ceiling and wall anchors at night, but during the day chains kept them up out of the way. Necessary tools took up what little space there was near the engine. Sanitary installations and the galley neatly fit at the stern. The roster of passengers and crew for the first trip upriver simply read: Four Halliwells and Andre Godrath, the faith colporteur.



*(Above) After the 1937 remodeling, sufficient additional space was made available on the Luzero to hold a refrigerator for medical supplies.*



*(Right) Five children had already died of malaria in this family before medical treatments of the Halliwells helped save the life of this child.*

*(Below) At this stop on one of their trips on the Amazon in 1934, Leo Halliwell treated 168 people.*



### To Make Man Whole

The Halliwells soon discovered men and women, boys and girls hungering not only for the Bread of Life, but also suffering malaria, skin diseases, parasites, and many other diseases. They realized that sick people care little about preaching no matter how good. Wouldn't it be better to prevent sickness than to treat sick people? Why not vaccinate?

The government could provide the vaccines, but the little *Luzeiro* did not have any type of refrigeration. When a group of doctors and nurses in the United States learned of the problem, they provided the funds for the needed refrigerator. Remodeling in 1937 provided just enough space for the new equipment and the boat was shipshape again.

A 1935 report typifies the work of the early years. Halliwell worked the Belém to Manaus stretch. Upon his return his log recorded 7,000 kms (4,200 miles), 25 baptized, 500 treatments given, and \$500 worth of Bibles sold. To the accompaniment of a million mosquitoes, Halliwell preached every night on the basic Christian gospel as well as on the law, the judgment and the Second Coming.

Every Thursday night the meeting featured ways to better take care of one's health. This work of love attracted the attention of the authorities. While in Manaus in 1937, the Governor of the State of Amazonas, Dr. Alvaro Maia, accepted an invitation to visit the launch. In 1944 the mayor of Maués brought his family to the boat to be treated. As a result of contacts like these, the government, over the years, has given large quantities of medicines to assist Adventist workers in caring for the sick.

The mission boat came in handy for other purposes, too. As the membership grew, the believers built little chapels and churches. On occasion the *Luzeiro* hauled wood or other building materials. If the limited space on the *Luzeiro* proved insufficient for boards or bricks, the empty hull became a barge and the launch a tug.

The *Luzeiro* linked the church organization and the scattered jungle people. The members gave the launchman their tithes and sometimes chickens, *farinha* (cassava meal), or the like as offerings. The captain, in turn, brought along Sabbath School supplies, and denominational publications for the groups and churches.

*The Halliwells practiced the best medicine they could considering the conditions, a fact greatly appreciated by both the people and authorities.*





*The Luzeiro was often piled high with supplies during its travels on the Amazon.* Courtesy of Fred Pritchard

#### **Groups and Schools Established**

John Brown and the two colporteurs were the first to work in Manaus, the largest city in the jungle. As soon as the *Luzeiro* began plying the muddy Amazonian waters, Halliwell also took an interest in the work in the Amazonas state capital.

The colporteurs had continued to visit the area from the time Elder Brown made his first trip there. The ground lay ready for the evangelistic series conducted by Halliwell in 1932. The work in Manaus, which today includes the offices for the Central Amazon Mission, a small hospital, plus some 30 churches, 20 groups, and many elementary schools, owes its beginning in part to the launch work. In the early years, the fastest growth of interest occurred in the Maués area when Elder Brown baptized "Velho Donga" as Mr. José Batista Michiles was affectionately known.

This rancher lived out in the country three hours downriver from Maués. The ranch is still known as the Fazenda Centenário. Every year the folk at the *Pazenda* eagerly looked forward to the visit of the pretty white launch from Belém. The Adventists there wanted a teacher, someone to teach them more than they could learn during the missionary's brief visits.

In February, 1934, João Gnutzmann came to Centenário. Willing hands helped erect a palm branch house and school, and soon the teacher had 42 students to keep him busy. Captain Halliwell and his nurse/wife left some medicines for Professor Gnutzmann, but these were rarely enough to meet

*John Brown and his travelling companion were not the only ones who found travel conditions very difficult.*





*Jessie Halliwell examines a patient on board the Luzeiro.*

the demand. The school continued to grow until students had to be turned away.

Interest mushroomed around the Fazenda Centenário so in 1939 the union conference voted to purchase an outboard motor for the school. Naval carpenters built a small boat to be known as *Monte Azul* (Blue Mountain). The group in Maués also prospered and in time reached 200 Sabbath School members.

Excitement ran high at campmeeting time each year as speakers came from the city for the spiritual feast. Free medical treatment drew crowds of non-Adventists as well. The people loved these special occasions, some rowing for many hours or even days to attend the meetings. At times as many as 400 attended the five-day series.

The large Sataré Indian tribe lives some five hours upriver from Maués. Their domain reaches the Andirá River further north. Halliwell made early contacts with these people. Although not the most savage tribe, they at times gave him less than a warm welcome. In time an interest developed and the chief requested a teacher. None was available at first.

When the *Luzeiro* came into sight on the 1934 trip, Honorino Tavares, his wife, and little daughter stood on the deck anxious to start a new school at Ponta Alegre among these Indians on the Andir. By this time the chief had changed his mind, so the little white launch moved on up the river with the Tavares to see if others there might want a teacher and a school.



*Though he could neither read nor write, Old Chief Antonico listened intently as Jessie Halliwell read Bible stories on board the Luzeiro.*



*Leo Halliwell greets an Indian chief who had come requesting that a school be established in his village.*

When the chief saw what was happening, he decided he wanted a school after all, so the Tavares unloaded their belongings which included a cow, a bull, a calf, and some chickens. Ponta Alegre village did not have a single house available for its new inhabitants so the chief put them up in the *pajé's* (witch doctor's) house because he was out of town. When the local spirits man returned, he furiously commanded the little family expelled from his house!

A partially covered house frame offered some protection from sun and rain. The indignant *pajé* immediately started a campaign to drive the teachers away. The Tavares grieved when they found their livestock dead.

One night a storm came up and the wind drove the rain under their shelter wetting everything and chilling the family. The little girl got sick and soon the heartbroken parents dug a little grave. This tragedy won the hearts of the Indians, and hatred melted into toleration and even admiration. The patience of these saints began to change attitudes and before long the Indians helped them to build a house and a school building.

Three years passed before anyone declared himself a follower of Christ, but by 1940 Professor Tavares reported 35

church members and 58 Sabbath School members. One by one lights were lit across the jungle basin as the Lightbearer churned up and down the watery highways. The Adventist message brought hope to people in Manaus, Maués, Fazenda Centenário, Ponta Alegre, Santarém, Paran da Eva, Novo Remanso, Curupira and Matupiri.

#### **The First Mate**

Rearing children and keeping house in a small boat proved to be a real challenge to the missionary wife and mother; however, Jessie Halliwell did far more. While her husband organized evangelistic meetings, she took the Brazilian sisters aside and taught them how to sell *Atalaias* (Watchman). Her training as a nurse proved invaluable as she gave physical examinations and treated the sick. One elderly man who remembered the caring launch nurse, came later to the *Luzeiro* asking for a physical examination just like "Dona Jessie" used to give. At campmeeting time, "Dona Jessie" provided special programs for children.

This brave lady's duties were not limited to nurturing. Often she took a turn at the helm navigating the winding rivers, even at night. To cover greater distances at their slow

speed, the Halliwells frequently sailed all night. Mrs. Halliwell would take the wheel at 8:00 p.m. and run till midnight!

#### The Captain

Leo B. Halliwell's training as an electrical engineer served him well in wiring the launches and churches he built. He also served as mechanic, navigator, painter, engineer, and administrator. His talents enabled him to minister as mission and union president, preacher, doctor, and even as a musician. After many years on the launch, Elder Halliwell was called to Rio de Janeiro to direct the launch work in all the territory of the South American Division.

Brazilian government officials, recognizing the unique contribution made by this fearless missionary pioneer, honored him with the Southern Cross medal. By the time Halliwell left for his homeland in 1958, he had completed 37 years of mission service. No one since has ever come close to this record of service on mission launches.

#### Later Workers

When Halliwell constructed the *Luzeiro II* in 1941, he took charge of the larger, new boat. The *Luzeiro I*'s new captain, Fred C. Pritchard, took the added responsibility of organizing the newly-formed Central Amazon Mission. Both Elder Pritchard and his wife offered ideal qualities for medical work along the rivers as they were registered nurses with additional training in tropical diseases. Downriver from Manaus, the Pritchards worked on the Paraná da Eva and established new groups at Varre Vento, Careiro, and Terra Nova. Upriver they held a series of meetings at Manacapuru and along the Purús River.

Their efforts resulted in new groups and companies as well as many new friends for the Adventist Church. When the Pritchards left on furlough in 1945, Walter Streithorst became the captain of the valued little vessel as well as mission president. Streithorst labored for nine years, ministering to the needs of the jungle dwellers as a launchman. Benito Kalbermatter then took charge.

The next *Luzeiro* captain was Eduardo Gutierrez, who was on the boat by June of 1955. Another Argentinian, Carlos Boock, succeeded Gutierrez as captain. Through the 1960s, the *Luzeiro I* passed from one worker to another. Dates are difficult to fix with certainty, but Carlos Boock's period ran from 1959 through 1961. Next, Joao Pinheiro had her for two or three years. He was followed by Diógenes S. Melo who concurrently led the departments in the mission in Manaus. Cipriano M. da Silva apparently had the boat for a short time.

When Anibal Pittau arrived in Manaus from Argentina, he found a badly deteriorated launch whose motor, in parts and pieces, sat in various boxes. With great mechanical expertise he fit it all together and got it to run. Pittau then made the *Luzeiro I* his home, pulpit and clinic until the *Luzeiro V* became available.



*Jessie Halliwell not only christened the Luzeiro I, but she spent many hours at the wheel piloting it on the Amazon.*

*In 1941, the second Advent mission launch was built for service on the Amazon. Appropriately, it was named Luzeiro II.*





*Several vessels built after the Luzeiro I are shown here coming to port for supplies.*

Parintins, near the eastern Amazonas state line, became the next home port for the first medical-missionary launch. Pastor Mário Matos headed this district during this period. The hot tropical sun, the frequent rains, and high humidity took their toll on the *Luzeiro's* wooden hull and superstructure. Due to the extensive work needed and to the lack of mission funds, she was dry docked for two or three years before being put back into service. The engine had also seen better days.

When Anibal Pittau started an Adventist colony in the early 1970s, he needed a boat to haul bricks, so off she went to Mamiá near Coari. After a year or two of service there, the colony failed and the launch was neglected. Some folk at Mamiá thought the mission had abandoned the once-pretty white mission launch, so they sold her for Cr\$2,000 (US\$350). When Mission President Luis Fuckner found out about the sale, he made a quick trip up to the site and was able to repossess what was left of the boat. He made arrangements for it to be towed back to Manaus for repairs.

In 1975 the mission bought a brand-new Brazilian-made MWM 61 H.P. marine diesel engine for the "One." Remodel-

ing, repainting, and replacing the engine got the small ship in shape for a new period of service which began under Pastor Natan Tavares de Araújo in his Baixo Amazonas district. This period of service ran from 1975 through 1976. The mission board next assigned her to the upriver district of Coari for the 1977 to 1981. Fábio Pimenta and Luiz Carlos Pereira worked from her decks two years each. From 1982 up to the present the *Luzeiro I* continues to faithfully navigate the waters of the Carauari district which is under the direction of Natércio de Melo Uchoa.

For a time the leadership of the Central Amazon Mission toyed with the idea of shipping the little *Luzeiro* to the United States. The plan called for her use as a monument to the brave missionary pioneers who so lovingly and caringly traveled thousands of miles in her cabins and on her decks to bring health and hope to Amazonian shores. But since this plan has not gotten out of the water, she continues to ply the muddy rivers far upstream from Manaus, bearing the Light of the gospel. Halliwell's missionary spirit lives on, and so far, so does the little, white, wooden launch he built in 1931.



*The spirit of Leo and Jessie Halliwell is carried on today by the crews of the various Luzeiro mission launches that still operate on the Amazon River.*

# O Brasil acompanha o progresso do mundo

— "Ou nós caminhamos à frente do impeto do Brasil ou seremos superados por ele — disse o sr. Juscelino Kubitschek, Presidente da República na inauguração do reator atômico da Universidade de São Paulo, quando pronunciou longo discurso de improviso, referindo-se aos esforços que o Brasil está empregando para acompanhar o progresso técnico que neste instante avassala o mundo!"

## Sr. Nerêu Ramos

— Deverá passar, amanhã, por Itajaí, o senador Nerêu Ramos, que será esperado por seus amigos e admiradores, às 11 horas, no aeroporto. A seguir, ser-lhe-á oferecido um almoço na Sociedade Guarany, prosseguindo sua viagem via Blumenau.

O eminente parlamentar, que tem relevantes serviços prestados à Nação, nos diversos postos que tem ocupado, merece a súplica de quantos sabem que, embora distante, o senador Nerêu Ramos não esquece sua terra natal nem sua gente, acompanhando uma prestigiosa carreira.

Daí a razão por que, equidistante da política, sempre insuspeito para proclamar magníficos detes de seu caráter.

Não é favor nem ilusão afirmar que o sr. Nerêu Ramos é um grande-estarinense, que tem sabido imprimir, pelo seu valor, no cenário político nacional, fazendo do seu título de grande brasileiro.

Dar-lhe uma prova de amizade, e testemunhar-lhe o apreço, é fazer-lhe justiça.

(De "O Libertador" de 23 do corrente)

## Trinta e cinco anos de assistência aos índios e caboclos abandonados

Os milhões de espanhóis que passaram a aceitar com as bandeiras — Urucacique. Mas se torna o maior colaborador — Exatidão da assistência ao Araguaia, São Francisco, Alto Paraguai e literal Sul — O casal Halliwell est-

de imensidão, habilita por suas intervenções cirúrgicas. Batizou a lancha com o nome de "Luzleiro". Abandonados de mal a mal, quinimo, posada, são analfabéticos e vários medicamentos para atender aos doentes.

do ano passado foram medicados mais de vinte e sete mil doentes e matriculados nas dezenas de escolas construídas.



Casal Léo e Jessie Halliwell

ha em diversos lugares um filme sobre seus e costumes da Amazônia.

há 35 anos, o engenheiro-cirurgião Léo Halliwell veio das Estados Unidos para o Brasil para executar obra semelhante à de Albert Schweitzer na África, promovendo assistência médica e social às populações ribeirinhas do Amazonas, do Araguaia, São Francisco e, mais recentemente no Litoral Sul. Paulista. Depois de passar oito anos na Bahia, percorreu, durante os 27 anos seguintes mais de 19.000 quilômetros por ano, nas águas do Amazonas. Sem ser médico ou farmacêutico, aplicava inseticidas, fazia curativas e requeria intervenções cirúrgicas, prestando ainda informações aos médicos sobre várias enfermidades da região.

de intervenções cirúrgicas. Batizou a lancha com o nome de "Luzleiro". Abandonados de mal a mal, quinimo, posada, são analfabéticos e vários medicamentos para atender aos doentes.



Lancha Luzleiro no Amazonas

Halliwell deliberou então construir um barco. Construiu-o com as madeiras da região, colocou um motor e fez instalação elétrica. Para o trabalho tornou necessária de luz para aplicar injeções, dar remédios, fazer curativos ou pequi-

zere de lanchas, pois as 24 horas do dia eram poucas para atender a todos, pois centenas de bandeiras brancas lhe eram acenadas... ESCOLAS E CIVILIZAÇÃO

Arduos os primeiros meses. No início, de sua obra social, Halliwell encontrou forte oposição entre os índios. Entretanto, conseguindo salvar vários habitantes da aldeia dos Maubé, diminuídos pela varíola, o "Homem Branco da Lancha" ganhou a amizade e a confiança dos selvagens.

O cativeiro Castano, salvo o cristianismo e transferiu-se para os seus melhores auxiliares de Halliwell.

COMBATE A MALÁRIA Hoje a Assistência Social das Adventistas do Sétimo Dia, tendo à frente o Pastor eng. Léo Halliwell, possui lanchas que singram as águas do Amazonas e suas afluentes. Hoje estão sendo cultivadas verduras, frutas, legumes e outros frutos, pois os índios aprenderam a plantar e a colher frutas para dar combate à deficiência de Vitamina C.

A batalha contra a malária, iniciada pelo casal Halliwell, é quase vitoriosa pelo Serviço Especial de Saúde Pública, alertado pela obra desse casal, está controlando esse mal, com auxílio da assistência médica Brasil-Estados Unidos.

O exemplo de Halliwell frutificou. Hoje diversas missões médicas, usando suas lanchas, percorrem o Amazonas em todos os sentidos.



Sra. Jessie Halliwell presta assistência no Amazonas

uma obra ao litoral Catarinense, Curitiba, São Paulo, Rio e Alto Paraguai.

Já visitou há pouco dias Laguna com o objetivo de lançar ali uma destas lanchas de assistência social.

Water Strouthair, está no Amazonas, como auxiliar competente, que foi e é auxiliado por Léo Halliwell na direção dos serviços de assistência no Amazonas.

Agora, nos sessenta e cinco anos de assistência social a população de 16 tipos de aldeias no plano FEDERAL, o setor ESTADUAL recebe apenas 4 pontos e MUNICIPAL fica reduzida a 1.

Parce, assim, que o esquema é mais nacional do que regional.

Interessante, ainda, registrar que das quatro lanchas dedicadas ao plano estadual, a primeira e a última são especificamente políticas, enquanto as 16 números federais são administrativas, de saúde.

E essa, duas lanchas políticas, no âmbito estadual, a um governo forte oposição entre os índios. Entretanto, conseguindo salvar vários habitantes da aldeia dos Maubé, diminuídos pela varíola, o "Homem Branco da Lancha" ganhou a amizade e a confiança dos selvagens.

O cativeiro Castano, salvo o cristianismo e transferiu-se para os seus melhores auxiliares de Halliwell.

COMBATE A MALÁRIA Hoje a Assistência Social das Adventistas do Sétimo Dia, tendo à frente o Pastor eng. Léo Halliwell, possui lanchas que singram as águas do Amazonas e suas afluentes. Hoje estão sendo cultivadas verduras, frutas, legumes e outros frutos, pois os índios aprenderam a plantar e a colher frutas para dar combate à deficiência de Vitamina C.

A batalha contra a malária, iniciada pelo casal Halliwell, é quase vitoriosa pelo Serviço Especial de Saúde Pública, alertado pela obra desse casal, está controlando esse mal, com auxílio da assistência médica Brasil-Estados Unidos.

O exemplo de Halliwell frutificou. Hoje diversas missões médicas, usando suas lanchas, percorrem o Amazonas em todos os sentidos.

do ano passado foram medicados mais de vinte e sete mil doentes e matriculados nas dezenas de escolas construídas.

de intervenções cirúrgicas. Batizou a lancha com o nome de "Luzleiro". Abandonados de mal a mal, quinimo, posada, são analfabéticos e vários medicamentos para atender aos doentes.

do ano passado foram medicados mais de vinte e sete mil doentes e matriculados nas dezenas de escolas construídas.

do ano passado foram medicados mais de vinte e sete mil doentes e matriculados nas dezenas de escolas construídas.

do ano passado foram medicados mais de vinte e sete mil doentes e matriculados nas dezenas de escolas construídas.

do ano passado foram medicados mais de vinte e sete mil doentes e matriculados nas dezenas de escolas construídas.

do ano passado foram medicados mais de vinte e sete mil doentes e matriculados nas dezenas de escolas construídas.

do ano passado foram medicados mais de vinte e sete mil doentes e matriculados nas dezenas de escolas construídas.

## QUE HA' COM O VEREADOR?

Dilermando Brito

Tem de tudo o jornal pedicador cristão por atacar e a vereda, em gotas de pilulas. Acontece aqui, ali e acolá. Sociais: corrigidorários circulando em repugnância. De quando em vez um outro anzinho.

Tudo conforme manda o figurino. "Nihil obstat". Muito bem. Sem dúvida, um bom jornal. Mas... com uma singularidade, um traço "misterioso", uma característica, e usando-se uma expressão bem em voga: uma cortina de silêncio em torno de alguém...

Vamos trocar emolduras... Preliminarmente: há um vereador do PDC chamado Carmelo Mario Faraco. Para compreendermos melhor o "misterio" direi em suma sobre o mesmo: não é muito nem nada. Ao contrário, fábulo e vivacidade são-lhe faltam. Sendo um dos fundadores do PDC nesta capital, chegou até a varrer a sede. Nas sessões da Câmara Municipal ele vale por uma bancada, sempre proferindo o Partido, honrando dignamente o mandato da "veredagem". No entanto, "isto é interesse" não obstante todo seu passado partidário, toda sua dedicação atual, até agora o sr. Faraco não mereceu da folha "Democracia Cristã" a mínima referência. Tão babs com os demais, tão maternal com seus pupilos, revela-se, contudo, madránta com este modo. No ato, não se emburra, todos os filios, no momento o sr. Faraco é filho de Deus e faz jus a um logarinho no selo da publicididade pedicadora. Claro está que tem os seus senões, pois humano é, porém lhe sobram predileções.

E assim na qualidade de simpático amante de "Democracia Cristã" e estruturado no amizade que o liga ao seu diretor de redação, o articulista, pede venia e mal humildemente se permite perguntar: o que há com o vereador Faraco para que o órgão oficial do PDC faça "boca de sino" a seu respeito? Esquecimento? Falta de contato?

Não sei porque, talvez por similitude, predispondo-me a crer que há algo no reino da Dinamarca... Que coisa esquisita! — Equanto as radios "Amita" e "Diário da Manhã", alguns jornais, nos apresentam um vereador "vivo", bem falante, cheio de iniciativas, PDC até debate dentro e fólia oficial do Partido, por seu turno, queda-se murcha, mudo, mirrada, de uma sorte silenciosa de todo. Todos falam no vereador, só "Democracia Cristã" olímpicamente o ignora, quando deveria fazer o contrário, por um simples dever político. Ele não "abandona" pedicador de almas mar, mas "mitiga" o correlográfico que mora ali na São Jorge. Nas suas páginas há rumores, há novidades, por pedicador já falecidos... Minguam-lhe a sensibilidade, porém, à vista de um cristão de carne e osso, mais irrequieto, com bossas a João Quadros, qual seja o sr. focallidando.

Como explicar tamanha "avareza" mamão "Democracia Cristã" não lhe dá bom filho essa "cria silenciosa"? Ah, por Jupiter! Dever ter sido medonhos, escabrosos, horríveis os "ceticos" praticados por esse tal vereador Faraco... Que santarinho não violou esse "infeliz" cuja pena agora é a de agulhas nas memórias do silêncio e da omissão...

Que faz a nossa "ovelha negra"? Apenas isto: um notas publicadas, candidatas, pelo aberto, desarmado irregularidade, administrativas. Como político está no seu diócesis. Exerce uma função pública. Exerce um mandato. Pois bem: Ele anuncia: "Contestaram" Neza. Se ele está errado porque não o demonstram? Neza. A única coisa demonstrada ali aqui é a cortina do silêncio... Nada de debates, debates, combates! "Solamente ovidio"...

Que meúdo, ô! O "impertinente obediência", o "vereador barba" e "monstruosa da moralização" são passas, "mamãe, Democracia", de um rapaz sem maiores recursos materiais, sem fardal, sem posições elevadas, sem atividade de rádio.

Nesse pequeno Davi só possui mesmo, a fundação de seu Hissidano.

Mãe... que pensaria, não?

Que o filio de filios filios fatalmente atenciosos rancorosos, poderosos...

Que há com o vereador? Qual o "aberrico" que nos convenceu de que não há algo no Reino da Dinamarca pedicador?

## Peles Municipios

Quando se Halliwell chegou ao Amazonas, chegou a malária, e a sub-aliqüença, sofrendo as consequências da varíola, tifo e lepra, com as vítimas açoitadas pelas cobras venenosas, onças, e jacarés. Nenhum médico nem enfermeiro em toda a região.

Halliwell deliberou então construir um barco. Construiu-o com as madeiras da região, colocou um motor e fez instalação elétrica. Para o trabalho tornou necessária de luz para aplicar injeções, dar remédios, fazer curativos ou pequi-

zere de lanchas, pois as 24 horas do dia eram poucas para atender a todos, pois centenas de bandeiras brancas lhe eram acenadas... ESCOLAS E CIVILIZAÇÃO

Arduos os primeiros meses. No início, de sua obra social, Halliwell encontrou forte oposição entre os índios. Entretanto, conseguindo salvar vários habitantes da aldeia dos Maubé, diminuídos pela varíola, o "Homem Branco da Lancha" ganhou a amizade e a confiança dos selvagens.

O cativeiro Castano, salvo o cristianismo e transferiu-se para os seus melhores auxiliares de Halliwell.

COMBATE A MALÁRIA Hoje a Assistência Social das Adventistas do Sétimo Dia, tendo à frente o Pastor eng. Léo Halliwell, possui lanchas que singram as águas do Amazonas e suas afluentes. Hoje estão sendo cultivadas verduras, frutas, legumes e outros frutos, pois os índios aprenderam a plantar e a colher frutas para dar combate à deficiência de Vitamina C.

A batalha contra a malária, iniciada pelo casal Halliwell, é quase vitoriosa pelo Serviço Especial de Saúde Pública, alertado pela obra desse casal, está controlando esse mal, com auxílio da assistência médica Brasil-Estados Unidos.

## Um abuso e um perigo para a saúde do povo

Já estão novamente em uso as bombas de má qualidade. Como se sabe, esse meio de distribuição está virtualmente condenado em outras capitais e cidades de todo o país, publicando as autoridades competentes na imprensa e efetuando irregularidades em emissoras locais, visando a proibição desse sistema que afronta os princípios higienicos.

Além disso, tanto há para sua imediata contenção, ainda há os "curiosos" que se lançam de água, colocam nosas bombas, repetidas de toda a sorte e até assemos como já aconteceu quando alguns "tarifados" não perderam oportunidade para darem visão a seus instintos perveros.

Dequi apelamos para as nossas dignas autoridades no sentido de proibirem terminantemente o uso desta contumeliosa dessas bombas.

## DESABARA'!

RIO, 25 (UP) — Números inúmeros de obras de edificação do lado do prédio São Luis Reis, de dois andares que ameaça cair, já se multiplicam. Os engenheiros da Prefeitura confirmaram que é real o perigo de desabamento do prédio em construção, à rua Ruyter de Magalhães 161 que inclinou cerca de quarenta centímetros.